A PEDRA ENCANTADA

Mariza Bandarra

1º CAPÍTULO:

- Mãe!... Não é justo!!! Vocês prometeram que eu iria assistir ao filme antes de viajar!!! reclama Tiago para Helena enquanto esta vai retirando as suas roupas do armário.
- Filho... Por favor, compreenda de uma vez por todas que se viajarmos com o tio Humberto, será melhor para todos nós!
- Pois aposto que as primas também estão revoltadas com isso! Nós combinamos de assistirmos juntos a estréia do Senhor dos Anéis!...
- Eu sei, meu filho... Eu sei!... Mas surgiu um negócio importante para o tio na semana que vem... E ele tem que estar de volta ao Rio, uns três dias antes! Por isso antecipou a viagem!
- Mas por que não viajamos separados...? Fernanda e Bianca iriam conosco e ficava tudo resolvido!!! sugere Tiago, fazendo uma expressão de pedinte, tentando convencer a mãe

Helena olha impaciente para ele, retrucando: - Não adianta arregalar esses olhos azuis e fazer cara de anjo!... Vamos deixar de criancice!!! — e passando da impaciência para a irritação, reclama - Não é possível que um menino tão inteligente como você, não entenda que o dinheiro anda difícil para todo mundo!... É muito chão até Cuiabá... Portanto viajarmos juntos na caminhonete da firma do tio é uma excelente economia! Rachamos as despesas e assim alivia o bolso de todos! Além de ser uma viagem mais distraída!

- *Droga!*...Eu não acho! O Arnaldo fica o tempo todo implicando comigo e as primas! continua Tiago reclamando mal humorado.
- Ai... Ai... Vamos parar com este mau-humor!- suspira Helena irritada Seu primo é agora um adolescente... É natural que as brincadeiras de vocês o aborreçam!...
- Fala sério, mãe... Ele podia pelo menos deixar a gente assistir aos ensaios do grupo de teatro que ele está fazendo!
- Ai, meu Deus... Hoje você está de amargar! Uma turma de 15/16 anos, não quer uma platéia barulhenta de 12/13, meu filho... Quando você tiver a idade dele, vai entender isso! e, sorrindo mais compreensiva, Helena afaga os cabelos louros de Tiago à guisa de consolo. E com voz mais amena, ordena Agora vamos deixar de tanta conversa e arrumar a mala! Coloca-a aqui em cima da cama!... E veja se quer levar mais alguma coisa!

Tiago obedece e se dirige para a estante, retirando o grosso volume do "Senhor dos Anéis", entregando-o para Helena: - Só mais isso, mãe!

- Vai levá-lo...? Pra quê, meu filho...? Você já o leu duas vezes!!!
- Pra garantir as minhas férias, mãe! *Sacou...*? Se não tiver nada de interessante pra fazer naquela solidão, pelo menos eu tenho o meu livro pra ler!
- Solidão...???! Agora você acabou de vez com a minha paciência!... exclama Helena aborrecida Não estou lhe reconhecendo, Tiago! Um menino sempre interessado em

lugares novos, se comportando dessa maneira! Ainda ontem estava animadíssimo em conhecer a Chapada dos Guimarães e hoje, *torrando* minha paciência por causa de um filme! É demais!!!

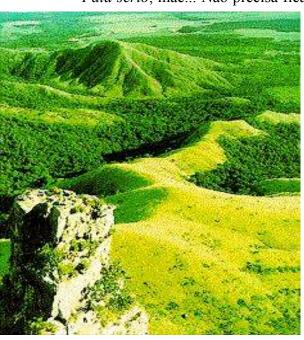
- Fala sério, mãe... Não precisa ficar tão zangada! É claro que eu estou achando irado passar as férias lá... Eu só queria

ver...

A mãe o interrompe irritada: - Não toque mais neste assunto! Quando você voltar, esse filme deverá estar ainda em cartaz... Caso isso não aconteça, já terá vídeo para alugar. Assunto encerrado!!!

- O que não é a mesma coisa!... Mas falou... Fazer o quê...? – resmunga desanimado o menino.

Helena agora, condoída pela frustração deste, tenta animá-lo: - Olha o lado mais positivo, filho! Não é qualquer criança que tem a oportunidade de passar as férias na Chapada dos Guimarães... Ainda mais na companhia de um avô geólogo e de uma tia espeleologista! Tenho certeza de que você vai *adorar!!!*



(Chapada dos Guimarães)

- Eu sei... Eu sei! Mas, é que o filme...

Retornando a irritação, Helena o repreende: - De novo este assunto, não, Tiago! Já que você não desiste, o melhor é arrumar a sua mala sozinho! Eu tenho mais o que fazer do que ouvir lamúrias! - e juntando o gesto à palavra, ela vai se retirando do quarto dando uma última recomendação - E não se esqueça de colocar na valise de mão os três tubos de protetor solar que estão no banheiro! O sol em Mato Grosso é muito forte e essa sua pele branca não pode prescindir dele em nenhum momento!

A grande caminhonete de doze lugares proporcionava um excelente conforto aos oito passageiros... E o tempo firme de sol ameno, colaborava para que a viagem transcorresse em clima agradável.

O dia recém despertara quando eles iniciaram a viagem. Sendo assim, passaram por São Paulo bem antes do almoço e ao cair da noite chegaram em Presidente Prudente, onde pernoitaram.

Na manhã seguinte, conhecendo novas paisagens e passando por cidades diferentes, o interesse das crianças pelas férias incomuns foi aumentando. E a estréia do filme caindo no esquecimento...

Bem acomodados nos últimos bancos da caminhonete, eles conversavam animados: - Como será a granja do vô Ernesto...?!

- Será que tem vaca leiteira...?! interessa-se Fernanda Eu gostaria de ver tirar leite bem de perto!
- Fala sério, Fê... Onde já se viu granja sem vaca...?! diz Tiago rindo Mas eu não estou interessado em bicho nenhum... Já estou bolando umas brincadeiras novas para nós!...- e, abaixando a voz, conclui Sem o Arnaldo por perto a zoação é livre!
- *Fala sério*, primo!... Ainda bem que ele não vai ficar conosco! Mas será que nossos avós vão nos deixar *zoar*...?! preocupa-se Bianca, falando também em tom baixo.
- Com eles eu acho que vai ser moleza... afirma a irmã Mas com a tia Margarete, sei não!!! Ela parece ser meio *chata!*
- Mais *chata* que o Arnaldo, impossível!!! fala Tiago, elevando a voz sem querer.

O primo mais velho, que se achava sentado bem no meio da caminhonete, isolado dos demais passageiros, ao ouvir o seu nome é despertado do devaneio em que se encontrava.

- O que faz o meu nome no meio desse *papo camuflado?!*
- Nada não, abelhudo! exclama Bianca Nada que lhe diga respeito!
- Alguma coisa vocês estão bolando! Conforme for, eu denuncio pra chefia!
- Deixa de ser *metido*, Arnaldo!... Fique aí pensando no seu teatro que é melhor! acrescenta Fernanda.
 - Só no teatro não, Fê!... E a Carminha, já se esqueceu...?! lembra a irmã. Irritado, Alfredo pergunta: Esqueceu do quê, *fedelha*...?

Rindo, ela continua: - Pensa que nós não vimos vocês dois se beijando na saída do colégio...?!

Os outros dois caem na risada também e o adolescente irritadíssimo começa a se exaltar. As mães, percebendo que o assunto entre eles estava explosivo, resolvem intervir: - Vamos parar com essa conversa tola! Ainda temos muita estrada pela frente e não dá para agüentar tanto tumulto!

- Melhor vocês apreciarem a viagem!... Já estamos nos aproximando de Campo Grande! Um panorama bem diferente do que vocês estão habituados a ver!

E assim, entre risos, comentários, resmungos e cochichos, as horas como que passaram mais ligeiro... Já caíra a noite quando eles chegaram em Cuiabá... A visão da cidade iluminada encantou os turistas. Mas estes não quiseram parar, nem para lanchar, apesar de se encontrarem famintos. Queriam chegar logo na granja onde eram esperados, ansiosamente, com um farto lanche preparado pela avó Kátia.

Através de um telefonema celular, Ernesto já havia dado instruções ao filho de como encontrar a granja. Esta se localizava há menos de trinta quilômetros pela estrada asfaltada que ligava Cuiabá a Chapada dos Guimarães.

Nada podia se divisar da paisagem oculta pela noite fechada, sem lua... Mas um céu exuberantemente estrelado parecia acolher num grande abraço os cansados viajantes. E com extrema alegria foram recebidos, entre beijos e abraços cheios de saudade, tão logo chegaram ao seu destino...

- Mãe... falou Helena Seis meses que vocês estão aqui e só agora pudemos visitá-los!
- Incrível, dona Kátia, como a vida na cidade grande é tão absorvente que nos mantém afastados de quem amamos! diz Júlia abraçando a sogra.

Ernesto, apertando as duas netas num mesmo abraço, se admira: - Como as minhas bonequinhas cresceram desde o Natal! E estão cada vez mais parecidas com a minha mãe! - e sorrindo para as meninas, afirma - Vocês são a miniatura em duplicata da bisa Giovana! O mesmo tom ruivo dos cabelos e o verde esmeralda dos olhos! Se a bisa ainda fosse viva, se encheria de orgulho ao ver o seu sangue italiano duplicado em vocês!...

- Mas vamos deixar de conversa, Ernesto... Nossa turminha precisa se instalar! - diz Kátia – Vai com a Margarete mostrar os quartos, enquanto eu vou esquentar a comida!

E após um banho reparador, a família reunida na grande mesa de refeições, degustou um apetitoso lanche. Satisfeitos, tentaram colocar os assuntos em dia.

- Então, Margarete... O que está achando do seu trabalho...? interessa-se Pedro.
- Maravilhoso, cunhado!... Testar meus recentes conhecimentos num local tão fantástico como este é simplesmente uma experiência incrível!
- E você pai, o que está achando de trabalhar junto com a sua caçulinha querida...? pergunta Helena, mexendo com Ernesto.
- Ora, sua ciumenta!... responde este rindo \acute{E} claro que \acute{e} muito gratificante ter uma filha seguindo os meus passos!

A conversa se estendeu por mais de meia-hora... Mas, apesar da alegria, o cansaço predominou.

- Amanhã pai, eu quero percorrer os arredores com vocês três... Porém agora, depois desse seu maravilhoso lanche, mãe, o que eu mais quero é dormir! diz Humberto, bocejando ruidosamente.
- E o silêncio da noite campesina, mergulhada em uma paz profunda, proporcionou um longo sono reparador aos cansados visitantes.

Os dois dias que se seguiram foram insuficientes para que eles apreciassem tudo o que a natureza expunha aos seus encantados olhos. Na madrugada do terceiro dia, os dois casais e o neto mais velho partiram, com a promessa de permanecerem mais tempo na granja, quando retornassem para buscar as crianças.



(Chapada dos Guimarães)

A primeira semana de férias transcorreu animada para os três primos. Contudo, habituados à vida na cidade grande e esgotadas as novidades e as brincadeiras, começaram a sentir falta de movimento. Percebendo isso, a tia resolveu levá-los a passear em Cuiabá.

A visão noturna que eles tiveram quando por lá passaram, não lhes permitira uma noção exata do tamanho da capital. Admiraram-se por encontrar uma cidade com população superior a 500.000 habitantes. Altos e modernos edifícios misturando-se aos prédios antigos num belo contraste... Os monumentos, os locais turísticos de beleza natural, as bem traçadas avenidas e seus viadutos. O Porto antigo, com o mercado do peixe contrastando com a moderna obra de engenharia da ponte pênsil, Sergio Mota, sobre o rio Cuiabá.

- Caraca, tia... arrisca um palpite o Tiago Essa ponte não parece uma miniatura da Golden Gate...?!
- Realmente, querido... Apesar de bem menor, ela tem o mesmo projeto arrojado da ponte americana. Foi construída por um engenheiro italiano e inaugurada em março desse mesmo ano 2002, pelo presidente Fernando Henrique. É a mais nova atração turística da cidade.



(Cuiabá – Mato Grosso)

- E aqui em Cuiabá também tem shopping...?! quer saber Bianca, mais interessada na vida da cidade.
- Sim... Tem três bem modernos, onde funcionam dez salas de cinema ao todo...e sorrindo para a sobrinha, comenta – Está com saudade de passear num shopping... É isso...?!
 - Falou, tia... Eu adoro andar em gualguer um deles!
 - Pois vou satisfazer a sua vontade. Vamos almoçar no mais novo da cidade!
- Valeu, tia... Eu também sou gamada em passeio desse tipo! exclama Fernanda igualmente entusiasmada. Após o almoço, as crianças começaram a circular pelas galerias em busca de novidades...

De repente se depararam com uma loja de tamanho médio, especializada em venda de pedras semipreciosas, oriundas de várias partes do Brasil. Atraídas pela beleza destas, expostas na vitrine, resolvem entrar para vê-las de perto e se encantaram com a grande variedade existente.

- Fala sério... É demais!
- Que lindos!!!
- Carácolis!... Tem um monte!!!



E, na medida em que passavam defronte às prateleiras onde estas estavam à venda, Margarete ia relatando seus nomes e suas características.

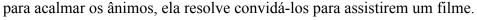
Admirada com o interesse demonstrado pelos sobrinhos, ela acaba por fazer uma promessa: - Já que vocês estão se mostrando interessados na formação das rochas, eu posso levá-los para conhecer uma gruta ou uma caverna. O que acham...?!

Surpresos com o inesperado convite, eles não cabem em si de tão animados.

- Caraca!... Irado demais!!!
- Quando, tia...?!
- Amanhã...?!

Rindo, Margarete explica: - Vamos com calma!... Não sei ainda qual o dia que terei livre. Tenho que verificar primeiro a minha agenda de trabalho. Mas prometo que levo vocês!

Tal promessa deixou os sobrinhos excitadíssimos, falando alto, tecendo planos, perturbando o sossego da loja. Como tentativa



- Ainda é cedo para voltarmos à granja. Que tal irmos a um cinema...?! Vocês já viram o Harry Potter?

Tiago responde sem vacilar: - Já vimos sim, tia... Mas eu *topo* ver de novo! É adrenalina pura!

Imediatamente ele recebe o apoio das primas.

- Bem... Pela cara que vocês estão fazendo, o filme deve ser bom mesmo. Com certeza eu também vou gostar! - sorri Margarete aliviada com a perspectiva de conquistar sossego e, bem depressa, vai se encaminhando para a saída da loja.

Já estavam do lado de fora, quando o menino enxerga através da vitrine, meio escondido no fundo da loja, um grande cristal fumê que mais parecia um almofadão. E não resiste à tentação de vê-lo de perto.



- Espera só um minutinho, tia! - ele exclama entrando novamente no estabelecimento e, num ímpeto, se atira sobre a pedra. Porém, imediatamente é tomado de um estranho torpor envolvendo suas pernas, enquanto um calafrio percorre todo o corpo.

Assustado pelo inesperado, não consegue se mover. Mas, felizmente é retirado desta sensação estranha por uma das vendedoras que, colocando a mão em seu ombro, pede para que ele se levante: - Por favor, menino... Sai daí que este cristal é uma encomenda de um turista americano. E ele está para chegar a qualquer momento!

Foi como se esta interrompesse uma corrente elétrica. Tiago, voltando ao seu normal, levanta-se ligeiro, já interessado pelo novo assunto: - *Caraca*... Encomenda...? E quanto ele vai pagar por esta pedra tão grande...?

- Vinte mil dólares! responde a moça.
- Fala sério...Tudo isso...?!
- É... Os estrangeiros, principalmente os norte-americanos valorizam muito as nossas pedras. Nós brasileiros é que não damos muito valor a elas! A grande maioria dos nossos compradores é formada de turistas estrangeiros.

Neste momento ele se sente puxado pelo braço. Fernanda voltara para buscá-lo: - *Se liga*, primo... A tia está chamando. Está na hora da sessão!

Impressionado com o valor monetário da pedra e desejoso de rever um filme de que muito gostara, o menino esqueceu-se completamente da esquisita sensação que sentira ao se atirar sobre a pedra. Assim, nada comentou sobre o ocorrido.

O passeio em Cuiabá terminou ao cair da noite, quando chegaram em casa pela hora do jantar.

Entusiasmados com o mesmo, as crianças comentam com os avós sobre tudo o que fizeram e Ernesto, admirado com o interesse dos netos pela formação rochosa do solo brasileiro, corrobora a promessa feita pela filha.

- Na verdade, mostrar uma caverna para vocês, fazia parte dos nossos planos para suas férias... Mas, como são crianças de cidade grande, habituadas com jogos eletrônicos, parques de diversões, shoppings e etc., nós estávamos receosos de que esse tipo de programação não os agradasse.
- Vô... Que *roubada!!!* exclama Tiago Nós três sonhamos com aventuras... Estamos sempre *bolando* algumas, mas nunca conseguimos realizar nenhuma!...
 - Verdade, Vô!!! confirma Bianca.
 - Mas, então, por que não nos pediram isso...? surpreende-se Ernesto.
- Porque nossos pais nos recomendaram, mil vezes, que não perturbássemos o seu trabalho e o da tia! esclarece Fernanda Mas que estávamos torcendo pra acontecer uma coisa assim, é verdade!!!

Soltando uma risada, o avô afirma satisfeito: - Mas então, seus pais imaginaram que eu e a tia não iríamos reservar uns dias para vocês...? Imagina se nós iríamos deixar que passassem dias aqui sem levá-los a uma excursão pela Chapada!!!

- Excursão...??? Tá falando sério, Vô...??? grita Fernanda tomada de extrema alegria.
 - Sim... confirma Margarete também rindo Com acampamento no cerrado!
 - Com barraca e tudo?! *Caraca... É demais!!!* se admira Tiago.

- Mas não com barraca... Levaremos um trailer. Pois uma excursão não é feita em apenas um dia! Vamos ter que dormir uma noite e no trailer é mais seguro!
- Que *agito!*... Nunca entramos em trailer nenhum! e, empolgados, os primos se entreolham felizes, comentando entre eles.
- E nós que pensávamos que essas férias seriam apenas com passeios pela cidade e ao redor da granja!
 - Carácolis!... Dormir no campo!!!
 - Vai ser muito *irado!!!*

Inesperadamente Fernanda vai ao encontro de Margarete, abraçando-a: – Mas, o passeio de hoje também foi muito *legal*, tia!!! – e, após uma pausa, fala encabulada – Quero confessar uma coisa... E pedir desculpas...

A tia se surpreende com a atitude da sobrinha: - Pedir desculpas de quê, minha querida ?!

- É que durante a viagem pra aqui, eu disse que você era *chata*... Foi *bobeira* minha!... Você é *legal...Legal* demais, tia!!!

Comovida, Margarete beija a sobrinha: - Obrigada, meu bem... - e, rindo, desfaz a comoção momentânea: - Mas cuidado... Se não me obedecerem durante a excursão, eu serei muito *chata* mesmo!!!

A avó, acercando-se deles, intervém sorrindo: - Bem... Agora chega de agitação! Tudo está combinado, portanto é hora de ir para a cama! Já é tarde e vocês precisam descansar - e de um jeito carinhoso, arremata – E os velhinhos aqui também!...

O relógio já se aproximava da meia-noite... A casa, silenciosa, indicava que todos já haviam adormecido... Somente Tiago, excitado com a perspectiva de penetrar no mundo desconhecido de uma caverna, com a imaginação fervilhando, se encontrava insone.

Desde a mais tenra idade ele se acostumara a ter em mãos um livro antes de adormecer. Mesmo sem saber ler, ficava admirando as figuras... Agora, perto de completar treze anos, Tiago já lera todos os livros recomendados para a pré-adolescência... Há muito iniciara a leitura para adultos. Sua ânsia de conhecimentos e a imaginação fértil, que o levava a buscar os textos de aventura e ficção, faziam da leitura sua principal fonte de prazer, dividida com o computador que manipulava desde pequeno.

Esta noite, entretanto, a excitação causada pela expectativa da excursão na misteriosa Chapada dos Guimarães, fez com que ele se absorvesse em pensamentos, contrariando seu hábito de leitura. Deixara o livro companheiro esquecido sobre a mesa de cabeceira. Porém, como a insônia se prolongasse demais, ele resolve apanhá-lo, falando para o mesmo: - "Senhor dos Anéis... Hoje eu não *tou ligado* nas suas aventuras... Mas... *Caraca*, não adianta!... Se eu não ler um pouco, não vou conseguir dormir!"

Mas a estória já bem conhecida, não desvia o seu pensamento da excitante aventura programada.

"Preciso mesmo é de algo diferente... Só assim vou parar de pensar no acampamento!... Mas que *droga!*... Por que eu fiz a burrice de não comprar um livro novo...?"

Resolve então procurar algum na estante que vira na sala. Decidido, pé ante pé, ele se encaminha para lá, procurando não fazer nenhum barulho.

Examinando a lombada de vários livros técnicos do avô, da tia, alguns romances e livros de receitas culinárias da avó, ele descobre meio espremido entre estes, um manual com o atraente título "O Poder dos Cristais".

- Fala sério!... Que poder será esse...?!— exclamou para si mesmo — Deve ser algo muito *irado*... Vou levá-lo!

Deitado novamente na cama, com a curiosidade atilada, mergulhou fundo na leitura madrugada adentro. Entre as várias explicações sobre as energias positivas que as pedras irradiam aos seres humanos, uma afirmativa fascinou a imaginação do menino.

"Ao se adquirir um cristal, não é a pessoa interessada na compra que o escolhe. Mas sim a pedra que a atrai!"

Quando finalmente o sono chegou, adormeceu entre sonhos agitados que o seu consciente não registrou ao despertar, mas que o deixaram cansado como se tivesse vivido alguma exaustiva aventura.

Com poucas horas de sono, ele foi despertado por uma das primas, para tomar o café da manhã.

Somente os avós se encontravam na cozinha. Margarete havia saído bem cedo, em função de seu trabalho.

A aparência cansada do menino chamou a atenção de Kátia: - O que foi, Tiago...? Você está abatido!... Está sentindo alguma coisa ou dormiu mal...?

- Nada não, Vó... É que eu li até muito tarde! Aliás, Vó, eu peço desculpa por ter apanhado um livro na estante da sala, sem pedir licença. Mas todos já estavam dormindo...
- Ora, querido... Não tem problema algum!... Eu já esperava por isso, pois a sua mãe nos avisou de que você tem o hábito de ler sempre antes de dormir. Pode apanhar quantos livros quiser!
- Concordo com a sua avó, filho!... A biblioteca está à sua disposição! O que foi que você leu...?!
 - Foi um pequeno, sobre cristais...
- Hum... Cristais e todo tipo de pedra são com a sua tia! O que quiser saber sobre eles, é só perguntar para ela!

Mas o interesse de Ernesto, no momento, não é sobre livros, mas sim sobre o físico do neto, que ele considera pouco desenvolvido: - Eu acho ótimo que você aprecie a leitura, meu filho... Ler é excelente para ampliar os horizontes de nossa mente. Mas, perder horas de sono não é saudável! É muito importante também cuidar do nosso corpo!

- O pai também está sempre me dizendo isso!... Mas, *fazer o quê*, se eu detesto esporte?!... A educação física obrigatória no colégio, *já é de bom tamanho!*
- Mas isto não está certo, meu filho... É pouco para um garoto da sua idade! continua Ernesto Gostaria que você aproveitasse, enquanto estiver aqui, para adquirir o hábito de andar bastante. A caminhada é um excelente exercício!

Tendo terminado o desjejum, Tiago pede licença para se retirar: - *Falou*, Vô... Já vou colocar em prática o que você está dizendo! - e, dirigindo-se às primas, convida - *Como é...Vamos nessa...*?!

Na verdade o que Tiago queria, não era seguir a orientação do avô, mas sim ficar à sós com as primas a fim de falar sobre o livro que muito o impressionara. Saindo da casa em direção ao curral, ele foi repassando o que lera na noite anterior.

- E tem mais!... conta ele entusiasmado Além dos poderes que as pedras possuem, o livro diz que quando se compra um cristal, não somos nós que o escolhemos... Ele é que nos atrai... Que nos escolhe!
 - Fala sério! Será verdade...?! questiona Bianca incrédula.
- Ora... É fácil saber!... intervém Fernanda Vamos a uma loja que venda pedras!
 - Pois era isso exatamente que eu ia propor a vocês!
- Mas aonde??? Em Cuiabá...?! opina a irmã Tia Margarete não vai querer nos levar até lá, só para comprarmos cristais!
- Falou... diz Tiago um tanto desanimado Duvido que ela aceite ir lá novamente!...
- Ainda porque, ela já foi trabalhar!... considera Fernanda Portanto... *Fazer o quê* ?! Temos mais é que esperar por outra oportunidade...

Quase chegando ao curral, meio desanimados, eles avistam o granjeiro cuidando de um bezerro. E o menino se anima com uma idéia que surge: - Quem sabe se o seu Januário não conhece algum lugar na cidade de Chapada...?!

- Pode ser... - responde Bianca, pensativa - Afinal, é uma cidade de turismo ecológico, não é ?! Os minerais não estão ligados à ecologia...?!

Antes que ela possa terminar o que está dizendo, Fernanda a interrompe: - *Fala sério!...*Onde tem turista tem vendedor de tudo!

As crianças estavam certas... O granjeiro não só sabia aonde comprar pedras semipreciosas, como também conhecia o vendedor.

- O Raimundo expõe os cristais na feirinha da cidade, que funciona somente nas manhãs de sábado. explica este atenciosamente Ele não tem uma barraca fixa, porque é vendedor ambulante e também não é sempre que ele aparece.
 - Mas que feirinha é essa...? indaga Tiago.
- É uma pequena feira típica dos produtores da região de Chapada dos Guimarães, onde expõem seus produtos para vender. Eu também tenho uma barraca lá. Vendo tudo o que eu produzo. Por isso conheço o Raimundo.
 - Mas de onde ele vem...?! quer saber Bianca.
- Das bandas de Goiás... Ele sabe que aqui vem muito turista e a maioria se interessa por cristais.
- Eu não falei...?! diz Fernanda orgulhosa Aonde tem turista tem vendedor de tudo!!!
- Se vocês derem sorte, crianças, amanhã poderão encontrar o Raimundo por lá! Sábado passado ele não apareceu, assim talvez ele vá amanhã! Peçam ao seu avô para levar vocês... Eu estarei lá e poderei mostrar o local aonde ele costuma ficar.
 - Valeu, seu Januário!... Muito obrigado!
 - Caraca... O senhor nos ajudou muito!
 - Foi um *lance legal!!!*

E animadíssimos, os primos retornam para a casa, cheios de expectativa.

- Agora só falta o Vô *topar* o nosso plano!
- E tomara que a gente encontre o vendedor de Goiás!!! fala Bianca torcendo os dedos para dar sorte.
 - Assim poderemos comprar nossos cristais!

- Mas será que são muito caros...? preocupa-se Fernanda Nós não temos muito dinheiro!...
 - Fala sério, carinha... Compraremos o que pudermos!

Assim que eles se encontram com o avô, fazem logo o pedido do passeio, falando ao mesmo tempo, cheios de ansiedade.

- Mas é claro que eu levo vocês lá! - concorda Ernesto sorrindo - Eu tinha pensado em fazer esse passeio quando seus pais estivessem aqui. Mas... Satisfazer o desejo dos netos é coisa que mais alegra um avô!!! Portanto, tratem de se levantar cedo amanhã!

Dirigindo a caminhonete rural, Ernesto saiu da granja, bem cedo, levando os pequenos turistas animadíssimos com o novo passeio. A tia e a avó ficaram em casa. Margarete precisava terminar um relatório importante e Kátia estava envolvida com o trabalho caseiro e a preparação do almoço.

O avô seguiu pela estrada de terra até o quilômetro 25 da rodovia Cuiabá-Chapada e de lá, rumou para a pequena e pitoresca cidade de Chapada dos Guimarães, distante uns quarenta e cinco quilômetros.

As crianças já estavam acostumadas com a visão da montanha rochosa, que se fazia ver à distância. Plana na parte de cima, sobressaia-se com suas altas encostas, em meio ao extenso e ondulado planalto coberto pela vegetação típica do cerrado.

Mas, na medida em que iam se aproximavam desta, começaram a divisar as escarpas de pedra, ora vermelhas, ora rosadas, entremeadas nas suas reentrâncias por densa mata. Uma visão que se empunha altaneira, encantando aos viajantes.

O avô foi narrando pelo caminho as características da cidade de Chapada: - Estando situada num território de 6.000 k2, na borda do planalto central, há 860 metros acima do nível do mar, ela tem um clima ameno.

- Ela é muito velha, Vô...?
- Sim... Ela surgiu em 1751. Era um aldeamento onde índios de várias nações eram abrigados e catequizados, com a intenção de escravizá-los no plantio da cana de açúcar.
 - Coitados dos índios! Como devem ter sofrido... lastima Fernanda.
- Realmente, filha... A escravidão é um grande crime! Uma página vergonhosa na nossa História!



- Vô... Chapada também é tombada que nem Ouro Preto...?! indaga Tiago interessado na história da cidade.
- Sim... Foi tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. E ela está situada dentro do Parque Nacional de Chapada, que é zona de preservação do país.
- É *muito irado* tudo isso, Vô! exclama Bianca Essas pontas de montanhas que a gente vê pelo caminho, mais parecem esculturas!
- Realmente... São formações rochosas, esculpidas pelo tempo, querida... Esta estrada, cortando o cerrado, é cheia de atrações diversas. Daqui a pouco vocês poderão ver cachoeiras brotando das escarpas rochosas e

caindo em pequenas praias de areias douradas...Em meio à mata densa. (Chapada dos Guimarães)

E assim, de surpresa em surpresa, os viajantes chegaram na pequena cidade, de apenas 15 mil habitantes, mais



Estacionando a caminhonete, eles saíram

caminhando pela cidade.

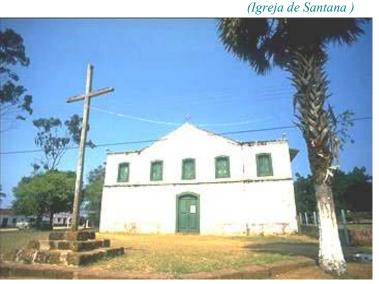
semelhante a uma pitoresca vila.

A rua principal, de traçado reto, delimitada por casas antigas feitas de adobe, com as esquadrias de madeira rústica e pintadas em diversas cores vivas, davam um toque encantador à centenária vila.

Na praça central,

atestando a passagem dos séculos e a religiosidade dos colonizadores portugueses, estava a Igreja de Nossa Senhora de Santana, a padroeira da cidade.

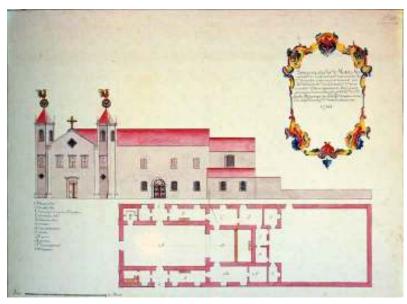
- Esta igreja... explica Ernesto foi fundada em 1778 e construída pelos escravos. Em seu interior existem santos barrocos e o altar de madeira esculpida é todo patinado a ouro.
- Todo de ouro..?! *Caraca!!!* se surpreende Fernanda Vamos olhar...? Apesar dos protestos de Tiago que queria ir logo à procura do vendedor de pedras, o pequeno grupo foi visitar o interior da igreja.
- E agora, Tiago, tu não achas que é interessante podermos andar pelo interior de uma construção com mais de duzentos anos...? indaga o avô, percebendo que o neto começava a olhar à sua volta com o interesse despertado.
- Falou, Vô!.. concorda este, sacudindo a cabeça É um lance legal! Dá pra se pensar quantos milhares de pessoas devem ter rezado por aqui...
 - Fala sério!... -



exclama Fernanda - Um monte de casamentos, batizados e etc, etc...

- Caraca... Que pena que nessa época não existia máquina de retratos... - comenta Bianca - Seria *legal* se nessas paredes, além dos santos, existissem fotos antigas dessas pessoas que frequentaram este local durante todos esses anos!

Mas, ao entrarem na sacristia, eles se surpreendem com um quadro exposto próximo à porta. Uma cópia da planta original para a construção da igreja.



- Galera, que irado!
 exclama Fernanda apontando para o quadro.
- *Caraca!* admirase Tiago Eles não sabiam desenhar com perspectiva naquela época!
- Mas, muito *legal* o desenho, não é Vô ? fala Bianca.
- Certamente minha querida. Com riqueza de detalhes e bonito colorido.

Tiago dirigindo-se para a porta de saída chama pelas primas: - Agora chega de igreja... Vamos atrás do *seu* Raimundo!

Novamente empolgados com o principal motivo da viagem, a compra de cristais, eles se dirigem então para a feirinha.

- Vô... As barracas são todas coloridas! *Que visual!!!* exclama Fernanda.
- Ei, galera!... aponta Bianca Lá está a barraca do seu Januário!

O granjeiro, atrás de uma bancada com uma variedade de legumes e hortaliças expostos, também já os tinha visto. E acenava para eles.

- Bom dia, Januário! fala Ernesto Isto aqui está uma beleza! Até parece um canteiro de horta! e dirigindo-se aos netos, explica É tudo plantado sem agrotóxico, crianças! Somente adubo orgânico. O alimento ideal para uma saúde perfeita!
- É doutor... Eu faço o melhor que posso! concorda este com satisfação, mas ao mesmo tempo percebendo a ansiedade das crianças, dirige-se a estas Meninada de sorte! Não é que o Raimundo veio hoje...?!

Aliviados os primos exclamam atropeladamente: - Onde...???

- Em que barraca?!
- Perto daqui...?!

Rindo, Januário aponta para o final da feira: - Estão vendo aquele guarda-sol listado de vermelho...?! É lá que ele está! E eu já avisei pra ele que vocês iriam procurá-los!

- Ele cobra caro...?! quer saber a Fernanda sempre preocupada com os gastos.
- Não... Além disso, eu prometi umas verduras pra ele, se cobrasse baratinho de vocês! Ele é meu *chapa!*
 - Valeu!!!
 - Brigadão, seu Januário!
 - Então vamos logo, Vô! Vamos de uma vez!!!

Apressados, os netos vão puxando o Ernesto pelo braço que, de bom humor, combina com eles: - Vão indo na frente! Escolham o que desejarem, que eu os encontrarei lá. Vou comprar umas coisas que a avó encomendou!

As crianças disparam enquanto o avô vai escolhendo mel, queijos, temperos e doces caseiros, produtos típicos dos produtores da região.

Raimundo improvisara uma barraca. Um grande tabuleiro, coberto por um

enorme guarda-sol de praia, exibia uma razoável

quantidade de variados cristais. As crianças se entusiasmam.

- Que lindas!!!
- Carácolis...Demais!!!

Após um período de indecisão, Bianca escolhe uma ponta de puro cristal branco que sob a luz solar, refletia em algumas facetas as cores do arco-



íris. Já a Fernanda se decide por um pequeno conglomerado de ametista.

- Galera... Que irado esse aqui! Brilha demais!

Porém Tiago continuava indeciso. Até que de repente uma grossa ponta de cristal fumê bem escuro, luziu mais forte. O menino atraído pelo brilho inesperado, apanha a pedra.

"Caraca!... Acho que encontrei o meu cristal!" – pensa emocionado – "Parece que ele está me chamando!" – e segurando-o com cuidado, o examina atentamente – "Não é dos mais bonitos... Escuro demais... E está riscado de branco... Será que é tinta...?!" – e com o dedo polegar tenta limpá-lo, porém sem conseguir – "Fala sério... Quanto mais eu o esfrego, mais sinto que ele é meu!" – e decido resolve ficar com ele – "Não é bonito mas vou levá-lo assim mesmo. Deve estar sujo... Em casa eu lavo direito!"

Com o coração batendo um pouco mais forte, Tiago não revela para as primas o que sentira em relação ao cristal e, disfarçando a sua emoção, fala com o vendedor: - \acute{E} este aqui que eu quero! Quanto custa...?

Mas antes que ele possa apanhar o dinheiro, o avô, que acabara de chegar carregado de pacotes, o interrompe: - Nada disso, meu filho!... Vocês não vão pagar nada! Escolham mais se quiserem, que é tudo presente meu!

Os netos exultam com a notícia, mas não abusam... Permanecem satisfeitos apenas com o que escolheram. E despedindo-se do Raimundo, dividem entre eles os pacotes, aliviando o peso para o avô.

- Bem, crianças... Se vocês já encontraram tudo o que queriam, podemos voltar! Preciso somente passar na barraca dos peixes, que é a última encomenda da Vó!

Os peixes foram outra atração a despertar o interesse das crianças.

- Que peixes são esses, Vô...?!
- Pacu e Pintado... São deliciosos. Existem em abundância nos rios Casca e Manso. E a sua avó sabe prepará-los muito bem! Uma gostosura!!!

- Esses rios são longe daqui...?! quer saber Tiago sempre querendo saber de tudo.
- Não... Eles correm nos arredores do município. Esta região é banhada por vários cursos d'água! e apanhando o cesto pequeno onde o vendedor havia colocado os peixes, Ernesto chama pelos netos Agora vamos mesmo voltar para casa. Senão chegaremos tarde para o almoco!

Tão logo Tiago entrou em casa, foi direto para a cozinha, à procura de sal grosso.

- Mas pra quê você quer um vidro com sal grosso, menino...?! pergunta a empregada, atendendo ao pedido deste.
 - Ora, porque eu preciso, Dulcinéia... Amanhã eu devolvo o vidro, tá bem ?!
- Olha o que você vai arrumar agora, menino... O almoço vai ser servido dentro de quinze minutos!

Sem nada responder, ele sai ligeiro da cozinha em direção ao quarto.

"Ainda bem que o almoço não está pronto..." – vai pensando pelo caminho – "Assim dá tempo de aproveitar o sol do meio-dia para energizar a minha pedra!"

Já em seu quarto, longe da curiosidade das primas, ele observa melhor o cristal e verifica que os riscos brancos formavam um desenho semelhante a umas tendas indígenas. "Será que alguém pintou isso...? É muito *sinistro*... Mas, se for pintura, certamente ficando de molho vai sair!"

Assim, num canto da janela, bem sob a luz do sol, ele coloca o vidro com o cristal mergulhado em água e sal. Exatamente como o livro ensinara. Somente iria retirar a pedra, no final da tarde.

Durante o almoço as crianças comentam entusiasmadas sobre tudo o que viram no passeio e os presentes que ganharam.

Terminada a refeição, os avós foram sestear e Margarete saiu com os sobrinhos para descansarem na varanda.

Tendo achado estranho o desejo destes em comprar cristais, ela pergunta intrigada: - Não entendo... Se vocês queriam tanto adquirir essas pedras, por que não me pediram para comprá-las na loja de Cuiabá...?!

- É porque eu ainda não tinha lido o livro sobre os cristais... confessa Tiago –
 Depois que eu li, contei pras primas e nós ficamos com vontade de ter alguns!
- Ah... Então foi isso... Você leu O Poder dos Cristais... Hum... Ele é muito interessante mesmo. diz Margarete.
 - Então você acredita, tia, que eles têm poder ?!
 - De certa forma sim... Acredito!

Surpresa com a resposta da tia, Fernanda pergunta espantada: - Mas então quem possui cristal, pode dominar os outros...?!

Sorrindo, esta corrige: - Não, querida... Não se trata de domínio... Mas sim o poder de auxiliar o ser humano a viver em harmonia com a natureza.

- Harmonia com a natureza...?! *Fala sério*... Eu pensei que eles pudessem nos ajudar a desvendar mistérios! exclama Bianca um tanto decepcionada.
 - Mas ele dá energia pra nós...?! se admira a irmã.
 - Sim, querida... De acordo com a cor que eles têm, atuam de várias maneiras.

- Como assim...? Não entendi!
- Eu também não! concorda a irmã.
- Fala sério! interrompe o primo Eu já expliquei isso pra vocês!
- Então quero ver se você entendeu mesmo, Tiago... Conta para mim! pede a tia, querendo avaliar o que o sobrinho aprendera com a leitura.
- Falou... este expõe de um só fôlego o que decorara O quartzo rosa é a pedra que ajuda no equilíbrio emocional... O verde na saúde... O azul na harmonia e sensibilidade... O amarelo ativa a função do cérebro... O violeta desenvolve a percepção sensorial. O fumê transmite energia para o corpo físico. E o branco atua em tudo. Foi mais ou menos assim que eu saquei...
- Parabéns, querido... Vejo que você guarda mesmo o que estuda... admira-se Margarete Mas isso é apenas o básico! São muito mais abrangentes as propriedades dos cristais e seu estudo é muito mais profundo.
 - É... *Mandou bem, cara!* se admira Bianca.
- E tem mais! continua Tiago exibindo orgulhoso os seus conhecimentos As pedras necessitam também de cuidados... Assim está escrito no livro!
- Correto! Elas têm vida e quando estão fora do seu habitat, nas mãos dos humanos, precisam de certa atenção... Devem receber luz, ar e de vez em quando devem ser colocadas na água, em um recipiente de vidro e expostas ao sol. Assim elas se manterão sempre brilhantes, transmitindo muita energia!
- Falou, tia! Foi isso mesmo que eu fiz com a minha! esclarece Tiago Coloquei também sal grosso para retirar energias estranhas... Mandei ver igual ao livro!

Porém ele omitiu o que acontecera com ele em relação ao seu cristal. Quis guardar segredo sobre isso. Ainda não se sentia seguro sobre o que sentira.

A conversa se estendeu por um bom tempo ainda, versando também por outros assuntos.

Ao pôr-do-sol, o menino foi retirar a pequena pedra da janela, ansioso para ver se tinha conseguido limpar os riscos de tinta. Ao lavá-la na água corrente, verificou que os riscos haviam desaparecido. Somente a parte de baixo continuava embranquecida.

"Valeu!" – pensa alegre – "Consegui deixá-la quase limpa!"

Porém, à medida que o cristal foi secando, os riscos foram surgindo cada vez mais nítidos. Não era tinta... Eram veios da pedra. E, admirado, Tiago percebe que formavam mesmo um desenho, agora mais visível. "Que *irado!* Parecem mesmo tendas indígenas..." – e, munido de uma lente, observa-a melhor – "*Caraca!!!* Elas se parecem mais com cavernas cavadas em rochedos!... E com degraus lascados na rocha!..."

- Legal... Legal! exclama em voz alta. E resolve examinar o cristal contra a luz do sol poente. Fica impressionado, maravilhado... A pedra se tornava translúcida e em seu interior existiam facetas que refletiam a luz solar.
 - É muito irado mesmo!!! Que legal!!! volta



a exclamar – A minha pedra é especial! – e apertando-a contra o peito, afirma para esta – De agora em diante, você será meu talismã!!! E não vou contar nem pras primas... Você será o meu misterioso segredo!!!

À noite ao deitar, para que ninguém tocasse na pedra, colocou-a sob o travesseiro. Adormeceu profundamente...

Sem saber como, Tiago surge de pé, na entrada de uma caverna semelhante às impressas no cristal. Apesar de temeroso por estar no meio de um alto rochedo, sua curiosidade é mais forte que qualquer receio. Sente-se compelido a enfrentar o desconhecido...

Cautelosamente vai entrando...

interior se parecia com as grutas de estalactite aue ele conhecera através de uma reportagem da TV. Mas, com uma grande diferenca. Não escuro, pois na medida que caminhava, curiosamente a caverna ia se iluminando...

Maravilhado, observou que o teto era



todo de ametistas. Assimetricamente, elas desciam pelas bordas, passando do violeta escuro ao lilás bem claro, mesclando-se aos conglomerados de cristais brancos. Límpidos e pontiagudos, em tamanhos quase gigantescos, estes brotavam do seio da terra, formando as paredes da caverna.

Por entre uma gramínea de um verde profundo, cobrindo o solo, corria um regato vindo de uma outra galeria. Sua água cristalina deixava visíveis em seu leito, seixos rolados de quartzo rosa e verde.

E a luz ia se intensificando... Não surgia de lugar algum. Apenas existia no ambiente, fazendo reluzir todos os cristais.

Tiago, cada vez mais fascinado com a beleza do local, foi acompanhando o córrego, adentrando outra galeria totalmente de puro cristal branco. A sensação que passa a sentir era como se estivesse no interior de uma imensa pedra. Semelhante às pequenas ametistas partidas ao meio, que conhecera na loja das pedras semipreciosas.

Ao fundo desta galeria brotava entre os cristais uma pequena cascata que dava origem ao regato. O sonoro bater da água sobre as pedras formava uma clara neblina, favorecendo ao local um ar misterioso...

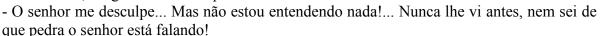
Tão inebriado fica com a maravilha que está descobrindo, que ele não percebe de pronto a presença de um pequeno homem, ao lado de um grande cristal fumê, que se

destacava dos demais brancos. Assusta-se com a voz tranquila falando ao seu lado: - Estava à sua espera, menino Tiago.

- Esperando por mim...?!!! e sua voz soa ligeiramente trêmula Como sabe quem eu sou...?!
- Eu estava próximo de você quando se atirou sobre o grande cristal fumê.

Esta resposta surpreende o menino que só então observa melhor a aparência daquele estranho. Era pouco menor que um anão. Mas não era um deles... Parecia a miniatura de um homem idoso, aparentando uns oitenta anos de idade. Um pontudo gorro cobria parte de sua cabeça, deixando à mostra apenas as grossas sobrancelhas brancas que escondiam brilhantes olhos verdes. O farto bigode caído para os lados, unia-se à longa barba. Usava um blusão de mangas compridas, em tecido rústico cor vermelha, apertado na cintura por um cinturão de palha trançada. A calça comprida era de um marrom escuro e as botas confeccionadas em tecido grosso, tinham solado de corda. Seu aspecto lembrava um camponês.

Confuso com tudo o que está acontecendo, Tiago demora a responder:



Sorrindo com paciência, o estranho homenzinho contesta, batendo levemente no enorme cristal fumê: - Já se esqueceu tão depressa da pedra em que se atirou sentado, na loja em Cuiabá...? Uma bem igual a esta...?!

Tiago arregalando os olhos, pergunta espantado: - *Fala sério...* O senhor estava na loja também...???! Mas eu não percebi!...

- Eu sei que não me viu!... Mas eu estava lá, observando-o... Porém de uma outra dimensão. Na dimensão do mundo paralelo onde eu habito.
 - Caraca!... Mundo paralelo...??!! Numa outra dimensão..?!
 - Exatamente!...
 - Fala sério... diz ansioso de tanta curiosidade Eu não conheço nada disso!
- Bem... Se você não sabe, vou lhe explicar!... Os reinos da natureza têm governantes e protetores, cuja missão é velar por tudo o que neles existe. Nas águas vivem as iaras, as sereias e as ondinas... Nos ares, as sílfides e os elfos. No fogo, as salamandras... Nos mundos vegetal e mineral, os duendes e os gnomos de várias formas e categorias. E eu sou um destes... O meu povo cuida das pedras desde as mais simples às mais preciosas.
 - Que lance legal!... Por que nós não enxergamos vocês...?!



- Porque existimos num plano mais sutil... Uma outra dimensão, que forma um mundo paralelo ao dos humanos. E vocês, por habitarem o plano material, possuem corpos físicos cuja visão, limitada pela matéria, não consegue alcançar o plano sutil.
 - Mas como eu estou vendo o senhor agora...?!
 - Porque eu lhe trouxe ao meu mundo, enquanto dormia.

Cada vez mais espantado Tiago não para de perguntar: - Como assim...?! Fui trazido aqui, dormindo?!

- Não o seu corpo físico... Mas sim o corpo espiritual que existe em seu íntimo e que pode ser libertado durante o sono, viajando para onde quiser.
 - E quando eu acordar, vou me lembrar de tudo isso...?!
 - Sim... Mas, talvez pense que foi apenas um sonho nítido. Nada mais.

Tiago silencia por alguns instantes, tentando assimilar o que ouvira. Paciente, o homenzinho espera... Sabia que o menino iria continuar questionando. E não demorou muito para que este recomeçasse.

- Caraca!... Acho que tudo o que desejo saber vai levar um bom tempo... Posso me sentar...?!
- Sim... É bem melhor e pergunte o que quiser ele concorda sorrindo Com você sentado no chão, fica mais fácil... Estaremos nos olhando "face a face".
- *Valeu...* diz Tiago sentando-se com as pernas cruzadas Como é o seu nome...? Posso saber?!
 - Ita Verá
 - Fala sério... Parece nome de índio...
 - E é mesmo. No idioma guarani quer dizer Pedra Brilhante. Diamante.
 - Mas por que guarani, se o senhor não é índio ?!
- Gostamos de adotar nomes indígenas, como uma forma de agradecimento à única raça humana que sempre respeitou a natureza. Que nunca aniquilou nenhuma pedreira, nunca destruiu nenhuma floresta, nem poluiu as águas.
 - Falou... Isso é verdade! O índio sabe viver sem causar danos à natureza.

Uma sombra de tristeza envolve o rosto de Ita Verá e sua voz soa melancólica: - Infelizmente a humanidade vem arruinando o seu meio ambiente... E agindo desse modo, prejudica também o nosso mundo. Além da tristeza e da dificuldade que nos causa essa destruição, torna o nosso trabalho muito mais árduo.

Sentindo-se envergonhado por reconhecer que o gnomo tinha razão, Tiago consegue apenas balbuciar um pedido de desculpa. Ita Verá, tentando desfazer a mágoa que se apossara de ambos, sorri novamente, dando um tom alegre à sua voz: - Mas não foi para falar sobre isso que eu lhe trouxe aqui!

Tomado de alívio, o menino indaga ligeiro: - Mas então... Por que foi...?!

- Bem... Quando você sentou sobre o grande cristal, eu senti o quanto deseja conhecer a vida de uma forma mais ampla. Senti o anseio que agita a sua mente, querendo desvendar o que é considerado mistério. Todavia, com uma curiosidade sadia, não especulativa... Senti que é aplicado nos estudos, não por obrigação, mas sim pelo prazer em adquirir conhecimentos... Não é assim que você pensa...?

Muito admirado, ele apenas consegue responder: - Falou...

- Pois tendo percebido essa sua maneira de ser, quis conversar com você. E o atraí através da pedra que escolheu.

- Fala sério... Então a minha pedra é mágica...?! indaga entusiasmado.
- Não diria isso. Mas algumas pedras registram a passagem do tempo... Acumulam em sua matéria conhecimentos antigos, atuais e futuros... Pois o tempo no espaço, sendo eterno, vibra de todas as formas e em todas as dimensões, simultaneamente. Passado, presente e futuro.
- Caraca! Isto é irado demais!!! Eu posso aprender o que quiser com o meu cristal talismã...?!
- Não somente aprender, mas, também vivenciar situações, voltando no tempo ou indo à frente... Tudo dependerá do seu desejo.

Empolgado com o leque de possibilidades que Ita Verá lhe mostrava, Tiago pergunta apressado, pleno de ansiedade: - *Caraca*... Como eu consigo fazer isso...?!

Compreensivo, o gnomo explica sorridente: - Calma, meu jovem amigo... Somente com moderação e muita atenção poderá estabelecer uma sintonia adequada. Se houver pressa ou tumulto, nada acontecerá. É preciso concentração.

- Será através de meus sonhos, como agora...?!
- Não necessariamente. Eu explico: Em um canto de jardim isolado, ou em uma mata, um campo, uma fazenda... Porém, sempre resguardado da curiosidade alheia... Em meio ao silêncio, com seriedade, segure firme a sua pedra. Se a sua intenção for de buscar somente a verdade, o Portal do Tempo se abrirá para outras dimensões...

Com os olhos brilhantes, Tiago exclama emocionado: - Que *lance irado!!!* Vou poder viajar pelo tempo e pelo espaço...?!

- Sim...
- Fala sério!!! Tenho até medo de que tudo o que está me acontecendo agora, seja mesmo apenas um sonho!
- Meu jovem amigo... Quando o ser humano vibra em amor e segue pelo caminho da Luz Cósmica, sua consciência se expande, contatando outros mundos... Seja sempre correto, honesto, colocando amor em todas as suas atitudes. Assim os véus que encobrem a verdade da vida levantar-se-ão e os mistérios serão dissipados... e Ita Verá estendendo o braço em direção à testa de Tiago, avisa que o prazo da visita está por terminar, dando-lhe uma última instrução O Portal do Tempo fica aberto para os humanos por apenas três horas, pelo relógio da Terra. Após esse período ele se fecha e será impossível ao ser humano retornar para seu mundo.

Tiago sente um gélido arrepio de medo correr por todo o seu corpo. Mas o desejo de aventura e de adquirir mais conhecimentos levam-no a dissolver seus receios: - Quanto a isto, senhor Ita Verá, tenho certeza de que não terei problemas... Vou prestar muita atenção ao horário! - e, ansioso, faz um pedido - Mas... Eu tenho duas primas gêmeas que estão sempre *ligadas* em todas as minhas *bolações*. Posso deixar que elas participem deste meu segredo ?!

- Ora, jovem amigo... Eu fiquei conhecendo também a Bianca e a Fernanda. Não eram elas que estavam na loja com você...?
 - Ah... É mesmo! Elas estavam comigo... Então eu posso contar tudo pra elas...?!
- Sim... E se elas desejarem, poderão compartilhar também das aventuras que imaginarem... Porém, vocês três terão que obedecer a regras severas para que não *corram* nenhum risco.
 - Caraca!... Então essas viagens são perigosas...?!!!

- Que ingenuidade, Tiago... Qual a aventura que não contém riscos?! Mas, se vocês tomarem todos os cuidados necessários, tudo correrá bem.
 - E que cuidados são esses ?
- Vocês terão que prestar muita atenção ao local aonde chegarem, pois será o mesmo do retorno... Cuidar sempre da hora... Porque se houver um mínimo atraso, não encontrarão mais o Portal e vocês ficarão perdidos no espaço. E, além disso, como estarão viajando pelo tempo e o gnomo com uma entonação de voz mais forte, adverte Nunca poderão, em hipótese alguma, interferir na História... Por maior que seja o desejo de modificarem qualquer situação! Caso isso aconteça, serão impedidos de retornarem ao seu tempo. Portanto, todo cuidado é pouco!... E cuidem bem de suas pedras, pois os minerais também têm vida, à semelhança de toda a criação que existe no Universo.
- Falou... Já aprendi nas aulas de ciência que eles têm vida. Mas... Semelhante a todas as criaturas... Como?
- A Vida é Única... A evolução faz parte de todas as formas que existem sobre a face da Terra, nos diferentes reinos da natureza. Elas nascem, se desenvolvem e se transformam... Nada é estático. Nada permanece para todo o sempre em uma única forma. Nada se extingue, tudo se transforma! e, com um sorriso paternal, Ita Verá se despede Agora Tiago, volte até a entrada da caverna. Daqui a cinco minutos o Portal se abrirá e você não pode se atrasar!

Agradecendo ao gnomo pela fantástica aventura e pelos ensinamentos, o menino se apressa em retornar. Porém, nada de mais enxerga ao sair da caverna. Tudo está tranquilo, exatamente como no momento em que chegara.

"Caraca... Como será esse tal Portal...?" – pensa preocupado, parado de costas para a entrada, aguardando que algo acontecesse. Decorrido alguns minutos, um sentimento de insegurança aperta seu coração.

"Acho que devo voltar e falar com Ita Verá. Algo está errado!... *Droga*, eu não trouxe o meu relógio!" – constata angustiado – "Já devem ter passado os cinco minutos, desde que me despedi" – e vira-se para a caverna, com a intenção de retornar.

Porém, apavorado, Tiago verifica que não há mais entrada. Esta desaparecera...

Com o coração disparado pelo medo, volta-se ligeiro e seu olhar se perde pelo extenso vale, a se estender ao longe, uns setenta metros abaixo do rochedo.

O medo se intensifica e ele ergue os olhos para o infinito...

"E agora, meu Deus...??? O que será de mim??? Estarei perdido para todo o sempre no espaço...?!!!"

Mas, em seguida ele enxerga um ponto de luz intensa.



Qual estrela brilhante a deslizar pelo céu, ele vem surgindo... Aumentando... Aumentando... Com os olhos arregalados num misto de espanto e admiração, Tiago vê a estrela se transformar em um lindo portal de luz. Sentindo-se sugado por este, perde a consciência...



Despertou no meio da noite, em sua cama, porém com a lembrança viva dos últimos acontecimentos... Relembrando tudo o que se passara, em todos os detalhes, fica em dúvida.

"Terá sido um sonho nítido, ou realmente aconteceu...? Ou foi minha imaginação...?!"

Ainda um tanto sonolento, com todas essas lembranças povoando sua mente, Tiago procura a pedra escondida sob o travesseiro, falando para esta.

- Caraca, meu querido talismã... Na

primeira oportunidade vou testar os seus poderes!... Preciso ter certeza de que tudo não passou de um sonho!..."

E, com a esperança de retornar outra vez à maravilhosa caverna, voltou a dormir profundamente.

2º CAPÍTULO:

O sol recém surgira anunciando um domingo iluminado.

Tiago acorda sobressaltado ao ouvir a voz da avó, entrando no quarto: - Acorda, querido! Temos novidade!

- Novidade...??? responde entre dormindo e acordado Algum *lance legal...*?!
- Acho que sim!... Tia Margarete resolveu fazer hoje mesmo o passeio na caverna! Como amanhã é feriado, a Fundação não vai funcionar. Então ela achou que dois dias é o suficiente para uma pequena excursão, próxima daqui.
- Caraca!!!... Valeu Vó... Fui!!! exclama ele já entusiasmado, pulando da cama direto para o banheiro. Precisa tomar uma ducha para espantar a preguiça que ainda está sentindo... Deixando a água correr por seu corpo, fica se lembrando da cascata na gruta de cristal e por alguns momentos se imagina sob aquela água cristalina.

"Será que terei oportunidade de contar tudo para as primas...?! E será que elas vão acreditar... Ou vão pensar que é pura imaginação minha...?"

Na medida em que se veste, seu pensamento voa... "Fazer uma excursão... Visitar uma caverna... *Legal...Que lance mais irado!!!*"

Cada vez mais empolgado com o passeio, apanha o cristal, colocando-o no bolso da jaqueta. E, correndo, vai para a cozinha tomar o desjejum.

Em um grande jipe próprio para excursões, um trailer equipado com todo o material necessário para acampamento e mais um cesto contendo farnel suficiente para dois dias, a família se acomoda entusiasmada dentro dele. Dessa vez a avó resolvera participar também da aventura.

(Estrada Cuiabá – Chapada dos Guimarães)

O sol recém subira além do horizonte quando a viagem foi iniciada. O trajeto até a cidade de Chapada já não oferecia novidade iovens excursionistas, entretanto, este se tornou interessante com explicações do avô e da tia sobre a formação chapada.

- Há quinhentos milhões de anos atrás, toda a região era coberta por grossa camada de gelo... vai contando Ernesto –



Quando o gelo derreteu, após uma grande transformação no planeta, a região virou mar... E novamente, milhões de anos depois, outra transformação aconteceu secando toda a água e um extenso deserto cobriu tudo... Até então não havia vida animal por aqui. Até que a terra

novamente transformada, começou a se revestir de vegetação... E foi aí, há setenta milhões de anos atrás, na era cretácea, que surgiram os dinossauros, já pisando em terra firme e alimentando-se com os vegetais brotados na planície...

- Dinossauros, Vô...?! Sabe que eu sou *gamada* neles?! interrompe Fernanda Desde que eu vi no cinema o "Parque dos Dinossauros"!
- Pois então fique sabendo, querida... Foi aqui em Mato Grosso que viveram os maiores dinossauros até hoje conhecidos.
 - Que irado, Vô!... Eu não sabia disso!
- É *irado* sim, Fê!.. Mas agora que está sabendo, favor não interromper mais o Vô, *sacou...*? repreende a irmã, impaciente Ele tem uma maneira *legal* de contar a história! Até eu que não era muito chegada na pré-história estou *me amarrando!*
 - É isso aí, Vô!... acrescenta Tiago Manda ver!...



Ernesto sorri feliz com a atenção dos netos, continuando a narrar: - Porém, uma transformação nova sacudiu a terra há 15 milhões de anos. fazendo com que a planície afundasse e surgisse a nossa bela chapada rochosa com escarpas e encostas de 300 a 500 metros e montanhas de até 900 metros de altura

(Cidade de Pedra)

- Fala sério, Vô... Como é que se pode saber que tudo isso aconteceu...?! admira-se Fernanda.
- Pelo estudo do solo, querida... Nele encontram-se vestígios das transformações aqui ocorridas, no decorrer dessas eras passadas... continua o avô entusiasmado Fósseis marinhos e marcas deixadas pelo choque das ondas nas pedras... Formações rochosas esculpidas pela ação dos ventos e das chuvas... Fósseis de animais pré-históricos... Assim como inscrições gravadas nos rochedos que atestam a existência de civilizações há 10 mil anos atrás.
- *Carácolis!* Milhões, milhões e muitos milhões de anos é tempo demais!- fala Bianca suspirando.
- Caraca, prima!... Na medida de tempo aqui da Terra... Mas não para a eternidade, sacou...? Para um tempo que não termina nunca, isso não deve ser nada de extraordinário, não é mesmo, Vô...?
- Tem razão, Tiago... O tempo medido na Terra não tem a mesma equivalência do tempo cósmico... E o ser humano, por desconhecer a vida cósmica, tendo somente como compreensível a vida física no planeta que habitava, precisou criar uma medida de tempo que coordenasse a vida da humanidade. Observando o movimento solar e as fases da lua,

que eram os únicos fatores visíveis e imutáveis em seu habitat, passou a registrar dessa maneira, a sua passagem pela Terra.

- Mas já se mede o tempo no cosmos, não é verdade, Vô...?!
- De acordo com a evolução da inteligência e do raciocínio do ser humano, sim... Tendo por base a velocidade da luz, foi estabelecido o "ano luz" para medir a distância entre a Terra e os astros e entre estes mesmos.

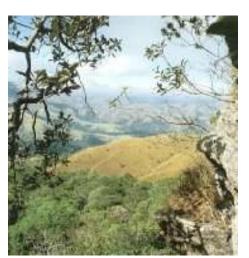
As meninas estavam pensativas... Margarete, achando que o assunto estava se tornando pouco atraente para estas, resolve mudar o rumo da conversa.

- Vocês sabem, crianças... Que nós estamos viajando pelo coração da América do Sul...?!
- Fala sério, tia!... responde de imediato Fernanda, com o interesse pelo passeio novamente despertado Bem no coração mesmo...?!
- Exatamente, querida... E este coração é formado pelas regiões da Chapada e do Pantanal... Onde se encontra a maior concentração de água doce do planeta!
- *Podes crer*... Isso eu já sabia! afirma prontamente Tiago E dizem que é por isso que os olhos do mundo estão sobre esta região e a Amazônia. É a reserva de vida do planeta, não é...?!
- É verdade!... Por isso a ecologia é muito importante... Devemos lutar pela preservação da natureza... O ser humano não pode continuar destruindo impunemente o seu meio-ambiente!
- É uma bandeira que deve ser levantada cada vez mais alta, para que a humanidade desperte para esta conscientização! complementa o avô.

Mas, como eles acabavam de chegar na cidade de Chapada, Ernesto resolve encerrar a conversa e fazer uma parada para descansar.

- Melhor fazermos um lanche por aqui! sugere a avó Assim economizaremos o farnel! Porque daqui para frente, somente ele é que irá nos sustentar!
- Sábia sugestão, dona Kátia! apóia rindo o avô Na verdade eu já estou precisando reabastecer o meu estômago! Não estão ouvindo ele roncar...?!
 - Igual ao meu, Vô!!!... exclama Bianca Eu também estou com fome!

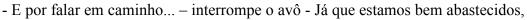
Ernesto tomou então a direção de um pitoresco restaurante, cuja localização panorâmica permitia uma visão ampla sobre a beira dos paredões da Chapada.



- É uma vista soberba! Não canso de admirá-la... comenta Kátia olhando ao longe.
- Muito *irada* mesmo, Vó! concorda Fernanda - Mas sabe que eu não imaginava que fosse assim...?!
 - Por que, querida ?!
- Como eu aprendi que no cerrado as árvores eram retorcidas, imaginei tudo bem feio... Que bom que eu errei... As árvores são bonitas e tem bastante vegetação também.
- Pois fiquem sabendo, crianças... explica Ernesto - Que nesta região está a segunda maior formação vegetal do Brasil. Ocupa 25% do território nacional, com fauna e flora abundantes e uma

infinidade de plantas medicinais.

- E as flores são bonitas...?! pergunta Bianca.
- Sim, querida... A flora da região é muito bonita e variada. Para mim, umas das mais belas é a orquídea *Laelia...* - responde Margarete.
- E, quanto às árvores, tia...? indaga Fernanda Qual a que você mais gosta...?!
- Gosto de todas, mas, a minha paixão é o *Ipê amarelo* responde Margarete, dirigindo-se também aos outros sobrinhos Vocês poderão apreciar toda esta magnífica flora, pelo caminho...



com nossos estômagos satisfeitos, é melhor continuarmos a viagem. Não devemos perder muito tempo!

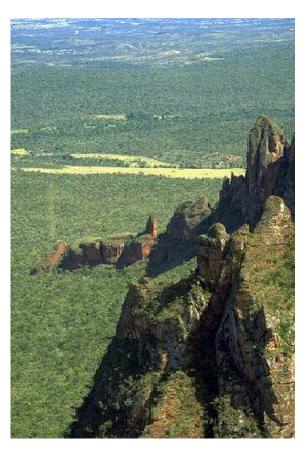


Retomando a estrada, eles vão deixando a cidade para trás. Quilômetros adiante chegam ao marco da Fundação Instituto Brasileiro de Geografía e Estatística (IBGE), com uma vista de 180 graus para todo o vale.

Parando o carro, Eugênio sugere: -Vamos descer um pouco para melhor apreciarmos esta magnífica vista. Este marco, crianças, é muito importante... Registra o centro geodésico da América do Sul. É bem aqui o coração do continente!

A visão magnífica encanta aos pequenos turistas, que não encontram palavras para descrever a emoção que estão sentindo. Uma forte energia paira no ar...

- Estão vendo como o cerrado é coberto de vegetação bem rasteira até mata densa...? fala o avô Olhem que beleza as escarpas e as encostas da chapada!...
- Caraca... Assim de perto é mais lindo ainda! diz Tiago observando todos os detalhes da paisagem Eu nunca tinha visto pedra assim, vermelha e rosa... E, entremeada de vegetação, fica demais!
- E esta mata, meu filho, esconde mais de duzentas cachoeiras!
- *Carácolis!...* Tudo isso...?! assombra-se Fernanda.



- E belíssimas!... afirma a avó Vocês terão oportunidade de conhecer algumas....
 - Vai ser *irado!!!* exclamam as meninas Eu *me amarro* em cachoeira!!!
- Mas... E quanto à fauna... Quais os animais e as aves que vivem aqui ? quer saber Tiago.



- Entre os mais conhecidos estão os lobos guarás, as jaguatiricas, os tamanduás bandeira... - informa a tia - Quanto às aves... As que mais encantam a maioria das pessoas, pelo seu colorido vivo, são os papagaios, as araras,

as seriemas... E entre os répteis, predominam o jacaré-coroa e o cágado. Infelizmente todos eles estão ameaçados de extinção.

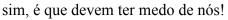


- Tomara que a gente possa enxergar algum desses animais!.

desses animais!... – se entusiasma o menino – Ninguém vai acreditar no colégio quando eu disser que vi uma onça pintada bem de perto!

- Ficou *biruta, cara* ?! Só bem de longe, não é Vô...?! assusta-se Bianca.
- Não tem perigo de nenhum bicho entrar no trailer...?! pergunta Fernanda mais assustada ainda.

Rindo o avô as tranquiliza: - Não precisam ficar com medo... Não existe tal risco! Os animais



- Fala sério... Medo de nós por que...?!
- Por causa das queimadas e do desmatamento criminoso que alguns homens ainda promovem.
 - Mas isso não é proibido...? Não existe fiscalização ?! indaga Tiago.
- Sim, meu filho... Por isso esta região foi transformada, a partir de abril de 1989, em patrimônio natural brasileiro, exatamente para tentar preservar a natureza. Foi criado o Parque Nacional de Chapada dos Guimarães... Mas, com a grande extensão que ele tem, fica muito difícil de se conseguir uma fiscalização cem por cento perfeita.
 - Qual o tamanho dele, vô...?
- Trinta e três mil hectares... Vai desde o rio Mutuca até o morro de São Jerônimo, que é o ponto culminante da chapada, com 836 metros de altitude.
- Caraca... É muita terra mesmo pra ser controlada sempre! impressiona-se Tiago.
- Mas os funcionários florestais se empenham bastante para proteger os 46 sítios arqueológicos cadastrados e o ecossistema, que são de grande interesse científico.



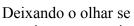
- E é graças a esse trabalho incansável que está se conseguindo preservar o que ainda resta das inscrições rupestres explica Margarete.
- Inscrições rupestres, tia... O que é isso...? – pergunta Fernanda.
- Marcas ou desenhos primitivos gravados na rocha por civilizações antigas. De muita importância para o estudo das mesmas!
- Pois imaginem vocês, crianças, acrescenta Ernesto com tristeza que grande parte dessas inscrições nos rochedos, que existiam aqui até a pouco tempo atrás, foram danificadas e, outras tantas, destruídas pelos visitantes. Perdemos assim, muito da história das civilizações que aqui viveram há milênios atrás.
 - Fala sério, Vô!... Que crime! exclama Tiago indignado.
- Sim... Um grande crime causado por ignorância total dessas pessoas quanto à importância das mesmas... Elas quebravam os pedaços da rocha, onde havia inscrições, para levarem como recordação do passeio... E outros, mais triste ainda, as destruíam por puro vandalismo!
 - Tem fotos de algumas, Vô...? interessa-se Bianca.
 - Muitas, querida... Quando voltarmos para casa eu mostrarei para vocês. São muito

interessantes!

- Valeu. Vô... Já estou muito curioso em conhecê-las!

exclama Tiago bastante animado.





perder ao longe, Fernanda se preocupa mais com o meio ambiente: - Mas agora tudo aqui está protegido, não é...?!

- Dentro do possível, querida... Na verdade, só haverá proteção total na preservação da história e da própria natureza, quando a humanidade evoluir em instrução e educação!



Preocupada com a hora, Margarete resolve interromper a conversa: - Vamos prosseguir viagem para chegarmos ainda cedo no local do acampamento. Porque depois teremos uma boa caminhada a pé até a "Casa de Pedra".

- Casa de pedra...?! admira-se Fernanda Existe uma casa assim no meio do cerrado...?!
- Não, querida... esclarece a tia rindo É a caverna que eu escolhi para visitarmos... É uma das menores, porém é a que fica mais próxima!
 - Mas é bonita, tia...?!

- Muito bonita! Aliás, todas as que aqui existem são lindíssimas... Cada uma com suas características. Essa que vocês vão ver é uma pequena caverna de arenito, formada pelo rio Sete de Setembro. É beco de refúgio de fauna silvestre com muitas espécies de aves.

Eram quase três horas da tarde quando Ernesto estacionou o trailer, no final da estrada para veículos. Dali para frente o grupo teria que continuar a pé.

- Aqui começa o Caminho das Águas anuncia Margarete Tem uma extensão de oito quilômetros, com muitas cachoeiras para serem visitadas... e abaixando a voz para a mãe não escutar, explica Porém, é muito cansativo para a avó de vocês percorrer todo este caminho... Sendo assim, vamos encurtar essa distância visitando somente a caverna e uma ou duas cachoeiras, no máximo.
- O que já é bastante para quem não está habituado a esse tipo de passeio! concorda o avô que se encontrava ao lado Mas acho bom fazermos um pequeno lanche, senão essa turminha não vai agüentar o *repuxo!*
- Falou, Vô!... diz Fernanda Eu já ia perguntar se nós poderíamos comer um sanduíche... Agora quem está com o estômago roncando sou eu!

Terminado o lanche, eles partiram para a caminhada...O trajeto não era difícil... Com facilidade foram andando pela trilha, formada pelos inúmeros turistas que visitam o local, em meio à vegetação bem rasteira.

A natureza intocada deixava as crianças admiradas e as formações de pedra bem intrigantes, que se impunham sobre a paisagem, atiçavam a sua imaginação.



- Vô!... Que *bárbaras* as esculturas do tempo! exclama Bianca
- Olhem aquelas ali!... Não se parecem com patas de dinossauro?! compara Fernanda.
- Você e a sua mania de dinossauros, Fê!... diz Tiago soltando uma risada Quem sabe se não são patas petrificadas de algum deles, tragado pela terra durante a grande transformação...?!
- Lá vem você com as suas piadas bobas! resmunga a prima.
- Ora, Tiago... interfere o avô em socorro da neta De certo ângulo, elas parecem mesmo umas patas! Talvez sejam até de mamute!
- $T\acute{a}$ vendo, $sabich\~{a}o...$? Nessa você dançou!!! fala Fernanda rindo do jeito meio desapontado do primo.
- E, de surpresa em surpresa eles foram se aproximando das encostas, cuja vegetação se adensava, transformando-se em mata.
- *Carácolis*, tia... Bem que você disse que as flores aqui eram bonitas! entusiasma-se Bianca *Galera*, olha só que lindas!

Mais adiante eles alcançam as margens do rio Sete de Setembro... Acompanhando o seu curso, entram na caverna "Casa de Pedra", cujas águas passavam pelo canto direito da entrada, na abertura inferior.

As crianças, emocionadas, ficam observando cada detalhe da enorme cavidade aberta na rocha, pela força das águas e pelo tempo. No seu interior, o rio corria manso sobre a pedra aplainada pela sua própria correnteza, através dos milênios.



(Casa de Pedra)

- Vó!... Por que nós não trouxemos maiô ?! – exclama Fernanda – Deve ser uma delícia entrar nessa água!
- Eu não incluí banho de rio nem de cachoeira nesta nossa primeira programação... explica Margarete -Porque temos apenas hoje para realizarmos este

passeio.

- Então vamos ter outra excursão...?! exclama Bianca com alegria.
- Com certeza, querida!...Ainda há muito para se ver... E quando os pais de vocês vierem, poderemos organizar uma excursão maior, de pelo menos três a quatro dias.
- *Valeu!*... Tomara que eles *topem*... Eu quero voltar aqui! anima-se Tiago, sentindo uma forte vibração ao seu redor.

Olhando a galeria de arenito em silêncio, o pensamento do menino voa para a gruta de seu sonho... Mas, aquela caverna toda de cristal nada tinha a ver com esta real - "Não esperava que fossem exatamente iguais, mas pelo menos que fossem parecidas" – pensa meio frustrado.

Margarete estranhando a falta de comentários do sobrinho, o interpela: - O que foi, querido...?! Está sentindo alguma coisa...?!

- Nada não, tia... É que eu imaginei uma caverna diferente... Eu pensava encontrar paredes de cristal!
- Não... Tiago. As cavernas que aqui existem, são todas de arenito... O que você gostaria de ver então, seria uma mina... Mas, mesmo assim, não teria paredes de cristal. Estes não se encontram totalmente visíveis... Precisam ser escavados na terra ou na rocha. Está decepcionado...?!
- Fala sério, tia Margarete... Nada disso! Estou adorando tudo! É que eu imaginei diferente... Só isso!

Neste momento a avó, com um ar misterioso, se aproxima dos netos: - Queridos... Vou contar uma coisa que talvez vocês desconheçam!

Tiago, ao sentir a possibilidade de algo novo, em seguida se esquece do sonho e, curioso, vai perguntando: - O que é, Vó...?! Diz logo!

- Sabem que esta caverna serviu de cenário para a abertura de uma telenovela ?!
- Verdade, Vó...?!
- Que novela...?! Eu não me lembro!
- Foi a "Fera Ferida", há uns cinco anos atrás.

- Ah... Então é por isso que eu não me lembro... Naquela época, Vó, as novelas não me atraiam. esclarece Bianca rindo.
- Pois eu me lembro! diz Fernanda Apesar de ser pequena e não acompanhar novelas, eu me lembro bem... Porque eu *adorava* ver aquela onça pintada, enorme, entrando na caverna! Então foi filmado aqui...?! Que *bárbaro!!!*



- Eu também me lembro, porque a mãe não perdia essa novela por nada! - diz Tiago - Eu também *me amarrava* na onça...
- Mas se tem onça *grandona* por aqui, eu já *tô* com medo! assusta-se Bianca.
- Fala sério, prima! exclama Tiago Não acredito! Garota como você, habituada ao computador... Não percebe que aquela filmagem só pode ter sido uma montagem computadorizada.?!
- Ora... Montagem por quê ?! Por que não pode ser real...? insiste a menina.
- Podes crer!...Filmar aquela onça entrando na caverna, com toda uma equipe de filmagem à sua volta, já pensou que roubada? Ela jamais ficaria quieta e obediente. Não é tia...?! o primo apressa-se a explicar.
- Realmente, Tiago... Uma onça selvagem não se submete a um grupo de pessoas e rindo, acrescenta Pensa em comê-las!... e novamente em tom sério, continua E, mesmo sendo domesticada, ela atende somente ao seu domador, geralmente longe de todos.

Sentindo-se novamente o menino que sabe de muita coisa, ele mexe com a prima: - *Podes crer!...* Dessa vez quem *dançou* foi você!!!

- E pensa que eu me importo, *seu bobalhão?!* e virando-se para a tia, fala despreocupada Mas então não tem onça por aqui!... Que alívio, tia!!!
- Pode ficar tranquila, querida. Não existe esse perigo. E depois, nós vamos acampar na planície, longe da mata e dentro do trailer...
 - Valeu!... Bendito trailer!!!

Depois de percorrerem bem a caverna, eles foram ver de perto uma cachoeira, que os deixou maravilhados, desejando conhecer outras...



Porém, como o cair da tarde já se aproximava, tomaram o caminho de volta.

A noite desceu qual um manto estrelado... Sem lua e com ausência total de luz elétrica, as crianças puderam admirar e observar um céu como nunca tinham visto antes...

Cedo, os avós se recolheram no trailer para dormir. Kátia ficara muito cansada com a programação. Porém os netos, por demais empolgados com tudo o que viram e com a novidade de dormir em pleno cerrado, ficaram apreciando a noite, conversando com a tia até altas horas.

- Caraca... Que céu mais lindo! - aprecia Bianca.

Mal ela acabara de falar, inesperadamente, surgem luzes brilhantes riscando a escuridão em uma fração de segundos.

- Carácolis!!! O que foi isso...?! exclama Fernanda admiradíssima.
- Fala sério, Fê... Não sabe que é um monte de meteoritos ?! apressa-se a dizer o primo entusiasmado Não é o lixo astronômico, tia ?!



- Exatamente, Tiago... Porém, este fenômeno é chamado poeticamente de "chuva de estrelas"! ela esclarece Maravilhoso, não é ?!
 - Demais, tia! Eu nunca tinha visto isso! fala Bianca extasiada.
 - Vocês tiveram muita sorte em poder observá-lo. Não é comum acontecer isso.
- Eu nunca mais vou me esquecer dessa noite! Parece até que estamos num outro planeta... comenta Fernanda.

Tiago nada comenta... Continuando a olhar fixamente o infinito do céu, ele se deixa envolver pelo estranho sonho da véspera que, neste momento, retornara nítido em sua lembrança, deixando-o pensativo, alheio à conversa da tia com as primas.

Estranhando seu alheamento, Margarete o interpela: - Que foi, Tiago... Está com sono...?!

Ele estremece ligeiramente, como se retornasse de muito longe: - Não, tia... É que eu estou me sentindo como se estivesse num outro plano de vida... Num mundo diferente, paralelo...

As primas se espantam com este conceito: - Mundo paralelo...?! Ficou *biruta*, primo ?!

- Caraca, Tiago... Você tem cada idéia!...

- Mas ele não está totalmente errado, meninas... intervém a tia É muita pretensão do ser humano imaginar que a vida é exclusividade deste nosso diminuto planeta, da forma como a conhecemos... Felizmente, a partir do século passado, os cientistas acordaram para isso... Como vocês bem sabem, atualmente é grande o empenho destes em procurar vida humana em nosso sistema solar.
- Você acredita, tia... interessa-se Bianca pelo assunto Que existam mundos iguais ao nosso...?!
- Sim... A meu ver, quando Jesus disse que "*Na Casa de Meu Pai existem muitas moradas*" ele quis dizer que o Cosmos todo é habitado.
 - Com gente igual a nós...? indaga Fernanda.
- Algumas civilizações, talvez sim... Porém, outras tantas devem ser bem diversificadas... Não posso aceitar que este cosmos imenso seja apenas um cenário para um planeta tão insignificante como é a nossa Terra, em comparação com os demais astros. E que todos os habitantes do universo tenham a mesma forma...

Ouvindo tais conceitos, Tiago se anima para perguntar o que estava ocupando a sua mente: - E você acredita que existam mundos paralelos, aqui mesmo ao redor da Terra, tia...?!

- Bem, querido... ela faz uma pequena pausa ainda indecisa sobre o que responder, com receio de confundir os sobrinhos Esta região aqui, tem uma energia muito forte e diferente...
 - Podes crer, tia... Isso dá pra sentir!... interrompe Tiago.
- Pois é... Esta energia ativa a nossa sensibilidade, despertando a nossa imaginação... Muitas pessoas vêm aqui na Chapada, porque acreditam nisso. Em mundos em uma outra dimensão paralela à terra, cujos habitantes têm como missão de vida, cuidar da natureza.
 - Verdade, tia...?! E como são esses seres ?! exclama o menino entusiasmado.
- Para muitos moradores e turistas a existência desses seres é a pura verdade. São fadas, gnomos, duendes, elfos, sereias, iaras, salamandras e outros tantos.
- Gnomos, tia...??? *Fala sério!!!* e pergunta com o coração acelerado Você já viu algum?!
 - Não, querido... Eu nunca vi!
- Fadas... *Carácolis*... Será que existem mesmo...?! interessa-se Fernanda Eu adoraria ver uma delas... Seria o maior *barato*!!!
- E eu gostaria que todos eles aparecessem para mim, aqui, agora! entusiasma-se Bianca Seria como viver um conto de fadas!!!

Margarete sorri da animação dos sobrinhos, com o interesse por tal assunto misterioso. "O bom da infância é poder se sonhar com o imaginário misturado ao real. Principalmente numa noite dessas, tão linda, neste lugar incrível..." pensa, saudosa de seus tempos de menina.

- E esses *caras* afirmam, de verdade, que viram mesmo essas entidades da natureza...? quer saber Tiago.
- Muitos deles, sim... E não somente habitantes desse mundo paralelo. Mas afirmam também terem visto discos voadores.
- Discos voadores...?! Que bárbaro!!! Carácolis!!! exclamam os três em uníssono.

- Pois é, queridos... Eles dizem que no alto da Chapada, existe um lugar de pouso para os extraterrestres, que vêm de outros planetas do nosso sistema solar e de outros sistemas que existem pelo universo... Só que eu também nunca vi nenhum deles.
- *Caraca!...* Como eu gostaria que um aparecesse agora! exclama Tiago Sabe, tia... Um dos desejos que eu vivo sonhando, é de um dia poder viajar num OVNI.
 - Se um dia isso acontecer, quero estar com você, primo! se anima Fernanda.
- Mas eu também, é claro!... se apressa em dizer a irmã Os nossos pais não estão sempre dizendo que nós três somos inseparáveis...? Portanto, aonde vai um, os outros dois vão atrás! e elevando a voz, abre os braços em direção ao céu Pronto, ETs... Aqui estamos esperando por vocês!

Tiago cai na risada: - *Fala sério...* Até parece que é verdade... Se aparecesse um OVNI agora, aposto que ela seria a primeira a se esconder dentro do trailer!

- Lá vem você com as suas babaquices!... Bobalhão!!!
- Bem, crianças... Acho que vocês estão é precisando de dormir!... interrompe Margarete – Este atrito tolo, demonstra que o cansaço está chegando... Vamos entrar! Eu também estou cansada!



visita na gruta do gnomo...

Pegando de seu cristal, o comprime de encontro ao peito, pensando antes de adormecer profundamente: "Fala sério... Acho que o meu sonho tem algo de real... Que Ita Verá existe e talvez eu tenha mesmo entrado num mundo paralelo!... Amanhã, quando estivermos de volta à granja, tão logo possa, meu talismã, vou invocar os seus poderes!"

Tiago, assim que se acomoda no saco de dormir, começa a imaginar Ovinis surgindo no céu estrelado. Um deles se aproximando e sugando-o para dentro da nave

"Deve ser uma sensação igual à que eu senti no meu sonho, quando se abriu o Portal do Tempo..." – pensa sonolento.

E sua imaginação se expande à



3° CAPÍTULO:

O maravilhoso passeio terminara perto do meio-dia. Os excursionistas chegaram famintos, bem na hora do saboroso almoço que a cozinheira Dulcinéia preparara de acordo com os quitutes prediletos das crianças.

- Vó... A comida da Dul é dez, muito dez!!! Comi tanto que preciso andar quilômetros! - fala Tiago e, em seguida num tom mais baixo, dirige-se às primas - Vamos zoar lá fora! Eu tenho algo fantástico pra contar a vocês!

A avó, percebendo o jeito misterioso do neto, se preocupa: - O que você está arquitetando, menino...?! Acho melhor vocês descansarem um pouco... Pois não acredito que não estejam cansados de tanta caminhada!

O avô intervém ligeiro: - É claro que não, Kátia!... Deixa a gurizada em paz! Aonde já se viu criança ficar cansada?! Cansaço é para nós... E, por falar nisso, vou tirar uma soneca!

- É isso aí, Vô!... Ainda bem que você nos entende, senão a Vó ia nos fazer deitar também! – e, mais que depressa, antes que esta falasse qualquer coisa, as crianças se dirigem para a porta de saída.

Andando em direção ao curral, Tiago começa a contar para as primas o sonho incrível que tivera.

- Tiago... É *irado* demais pra ser verdade!!!... Parece coisa de cinema! Bianca exclama impressionada Pois a minha pedra não me fez sonhar nada, nadinha de nada!
 - Nem a minha!... Jura que não é invenção sua...??? pergunta incrédula a irmã.
- Podes crer! Alguma vez eu menti ???! exclama Tiago irritado Sempre que é imaginação eu vou logo avisando... É verdade ou não é...??! E se os cristais de vocês não têm poderes, a minha pedra é encantada!!!
 - Tá certo!... Não precisa ficar *encanado!*
 - Valeu!... Por mim, eu acredito!
- Mas que é fan-tás-tico... *Podes crer!*... E o gnomo *bate* com o que a tia contou! reconhece Bianca.

Tiago se dá por satisfeito e, novamente entusiasmado, pergunta para as primas se elas gostariam de tentar usar os poderes da pedra, naquele mesmo momento. As irmãs se entreolham pensativas um tanto receosas, enquanto ele aguarda ansiosa a resposta. Teme receber um NÃO.

- E aí...? torna a insistir *Topam* ou não *topam*...?!
- Que deve ser *muito irado*, eu concordo... fala Fernanda indecisa Mas não será perigoso...?!
 - Eu tenho um pouco de medo... confessa Bianca.
- Bem... No fundo... No fundo do meu coração... Eu também sinto um certo receio ele confessa relutante Mas, se seguirmos direito o que Ita Verá explicou, deve sair tudo *legal*. E eu já tive prova disso! O Portal se abriu pra mim na hora exata!
- Que é *maneiro* a gente poder confirmar a história da Humanidade, isso é verdade! diz Bianca começando a se entusiasmar.
- Fala sério, carinhas... Que lance irado aprendermos "ao vivo" as lições de História!!! exclama Tiago animando as primas.

Fernanda já com a imaginação fervilhando, declara convencida: - *Valeu*, primo... Eu *topo!!!*

- Se vocês dois *topam*, eu também *tô nessa!...* Mas com uma condição! diz a irmã.
 - Qual...? perguntam os outros dois ao mesmo tempo.
- Não vamos começar indo pelo passado, ou pelo futuro. Nem muito longe. Eu não quero sair do Brasil, nem da nossa época!... Pelo menos por enquanto.
- *Podes crer, mana...* Acho que você tem razão. Se perdermos o Portal, estaremos em casa. E aí, poderemos usar o celular... Não é isso ?!
 - Falou... Segurança total!
- Carinhas... Celular...?! Piraram?!... Só se tiver sinal aonde formos... mas, com receio de que as primas desistam da aventura, ele aprova sem convicção É... Pode ser que dê certo!... E por onde vocês gostariam de começar?!
- Que tal uma aldeia indígena, bem primitiva...? Acho que seria *um lance legal!* sugere Fernanda.
- Podes crer, Fê! concorda Bianca Acabamos de estudar que, recentemente, foram descobertas algumas tribos no interior da Amazônia. Esses índios desconhecem completamente a civilização. Vivem ainda da mesma maneira de quando o Brasil foi descoberto. Não é uma boa conferir se isso é verdade...?
 - Caraca! exclama Tiago exultante de entusiasmo Vai ser uma aventura

 maneríssima!!! e tirando a sua pedra do bolso,
 exclama Agora vamos ver, meu talismã, se você é
 mesmo uma pedra encantada!...

 Menos, cara! interrompe Bianca -
 - Primeiro temos que buscar alguma coisa útil para uma viagem! Lanterna... Canivete, etc...

 E você acha que eu já não tinha bolado
 - E você acha que eu já não tinha *bolado* isso...? concorda o menino com ares de chefe do grupo Vou apanhar a mochila que o pai me deu no início do ano.
 - Que mochila é essa, Tiago...?
 - Uma que o pai preparou para eu levar na excursão à Pedra do Sino... Aquela excursão do colégio, só para os garotos... Lembra ? Que o professor de educação física programou, mas que o diretor acabou proibindo.

(Floresta Amazônica – Taba indígena) - Porque muitos pais *cortaram o barato*, achando que era um passeio perigoso demais. Não foi isso...? – pergunta Fernanda.

- Isso mesmo!... Pois eu trouxe essa mochila comigo. Está lá no meu armário!
- Então *manda ver*, primo! se anima Bianca Vamos buscar logo esse arsenal da *zoação!!!*
- E não podemos esquecer do celular! É a nossa garantia de retorno! lembra a Fernanda.

E assim eles fizeram... Foram correndo para casa apanhar o material necessário à grande e misteriosa aventura.

Por último Tiago resolve passar pela cozinha a fim de pegar uns pacotes de biscoito: - Pode ser que a fome surja no caminho! – justifica apressado.

- -Cara... Fome em três horas...? Deixa isso pra lá!... Na hora do lanche já estaremos de volta! reclama Bianca E além do mais, se encontrarmos com a tia ou a Vó, a aventura cai numa roubada!
 - Que nada!... Nessa hora *tá* todo mundo descansando, *podes crer!*
- Deixe que ele apanhe o que quiser, mana... intervém rindo Fernanda Guloso é assim mesmo. Precisa de "combustível doce" pra seguir viagem!

Realmente a cozinha estava vazia. Tiago acabava de guardar na mochila três pacotes de recheados, quando eles foram surpreendidos por Margarete que chegara para apanhar um copo d'água.

- Aonde vocês vão com esta mochila tão cheia. Posso saber...?!
- Vamos fazer uma excursão na granja! explica ligeiro Tiago.
- Mas pelo tamanho da bagagem está me parecendo que pretendem ir longe... Onde estão querendo ir? – preocupa-se a tia – Não é bom andarem muito distante daqui!
- Vamos lá pra depois do curral... Queremos fazer uma pesquisa escolar explica Tiago, contando parte da verdade.
- Não precisa se preocupar, tia. Estamos levando o celular... diz Fernanda na tentativa de convencê-la Qualquer coisa estranha nós ligamos pra vocês. Está bem assim?!

Margarete acaba por concordar: - Podem ir, mas tomem muito cuidado!... Não se afastem muito! E não demorem demais!

Antes que ela mudasse de idéia, as crianças se afastam correndo. Passam defronte a casa do granjeiro, que abana para eles sorrindo e seguem em direção de umas ondulações rochosas bem além do curral.

- Caraca!... Por pouco tia Margarete não fura o nosso programa!!! diz Tiago, aliviado, se atirando no chão e encostando-se na rocha. Cansadas, as primas fazem o mesmo.
 - E aí, carinhas... Tudo em cima pra enfrentarmos o desconhecido...?!
 - Fala sério, primo! respondem as meninas Não viemos até aqui pra nada!!!
- Mas vamos descansar primeiro antes de iniciarmos a concentração. Tem que ser como o Ita Verá me ensinou... Precisamos ficar bem relaxados.

Tão logo se refazem da corrida, normalizando a respiração, eles se sentam com o corpo ereto e as pernas cruzadas. E dão início à preparação da grande aventura.

Segurando com firmeza o cristal, Tiago vai comandando: - Vamos fechar os olhos e nos concentrarmos... Fixar o pensamento no lugar que queremos conhecer... Selva amazônica!... Uma tribo de índios selvagens, bem longe da civilização.

Tão concentrados estavam, que não perceberam a presença de um garoto, aparentemente também na faixa dos doze/treze anos de idade, se aproximando por trás deles.

Este menino tomara a direção do local aonde eles se encontravam, por indicação do granjeiro. Ia chamá-los quando percebeu que eles estavam concentrados.

"Que *lance sinistro*... Do jeito como estão sentados, parece até que estão rezando... É melhor dar um tempo!" – e silenciosamente ficou observando-os, à curta

distância. Não conseguiu ouvir o que diziam, não só porque Tiago estava falando baixo, mas porque repentinamente um vento morno soprou forte, agitando a vegetação.

Assustado, o menino viu uma intensa luz violeta formar à frente deles um belo portal, que se abriu num túnel profundo. E os três primos, levantando-se com rapidez, exclamaram vibrando de emoção:

- Caraca!... Deu certo!!!
- É o Portal!...
- E ele está nos sugando!!!

Sem ter tempo para analisar o que acontecia, o menino desconhecido sentiu-se igualmente sugado para aquela passagem de luz, que se fechou imediatamente atrás deles. Foi como se girassem em uma espiral até uma saída iluminada.

Aturdidos, os quatro tiveram a sensação de estarem saltando de algum veículo, sobre a margem arenosa de um caudaloso rio, em meio à mata virgem. E o local completamente deserto, causou-lhes uma sensação de perigo, deixando-os temerosos.



- Caramba!... Como viemos parar aqui...? - perguntou abismado o novo integrante do grupo.

Além de admirados por terem sido levados ao lugar planejado com tanta rapidez, os primos se assustam também com a presença daquele menino que nunca tinham visto antes. Este, com os olhos tão abertos que pareciam querer saltar das órbitas, olhava para eles aguardando uma explicação. Sua pele de um negro luzidio achava-se acinzentada na face, denotando o temor que sentia.

- Só explicaremos tudo, depois que você nos disser quem é e de onde surgiu! afirma Tiago analisando o intruso, de alto a baixo, que bem mais alto e muito mais forte que ele, aparentava ser um pouco mais velho.
- Eu sou filho de amigos dos avós de vocês... Moro em Cuiabá... Aproveitando o feriado, meus pais resolveram visitar a sua família. Meu nome é Gustavo. E o de vocês...?!

Feitas as apresentações, Tiago volta a perguntar: - Mas o que você fazia junto a nós...?! Não percebemos a sua presença!

- Nós chegamos na granja logo depois que vocês vieram para cá... Foi o que sua tia Margarete falou. E ela disse que eu deveria procurá-los. Passando pela casa do granjeiro, ele me indicou a direção que vocês tomaram. Foi assim, que cheguei até aqui...
- Fala sério, cara.. Por que você não nos chamou...?! pergunta Tiago desconfiado.
- Eu ia chamar, porém, quando me aproximei, achei que vocês estavam rezando e resolvi esperar que acabassem... Aí aconteceu o vento, a luz e tudo o mais. Por favor... Podem me explicar isso que está *rolando* aqui ?!!!

Tiago e as primas não tiveram outro jeito senão o de colocar Gustavo a par de todos os acontecimentos. Este, impressionadíssimo, jurou guardar segredo absoluto. E, empolgado com a possibilidade de participar das aventuras, pediu para fazer parte do grupo.

- Cara... Eu teria que pedir permissão a Ita Verá... - explica Tiago um tanto apreensivo - Mas... Como tudo aconteceu independente da nossa vontade, penso que não vai embolar! Você tá na parada!!!

Feliz por ter sido aceito, Gustavo faz um breve relato de sua vida. Que ele era carioca e que estava morando em Cuiabá há pouco mais de um ano.

- Meu pai é médico e foi convidado para dirigir o Hospital Regional do Estado. Por isso nos mudamos para aqui. E minha mãe, que é professora, está lecionando no Colégio Estadual, onde eu estudo.
 - Você tem irmãos...?! quer saber a Fernanda.
 - Não... Sou filho único.
- Que nem eu... se apressa a informar o Tiago O que às vezes é uma *roubada...* Concorda comigo...?
- Podes crer!... Eu sinto falta de irmãos... E às vezes também me sinto muito só, porque estou afastado de meus primos e dos meus amigos... Ainda não tenho amizades aqui, somente colegas.
- Pois eu não... diz Tiago rindo Tenho essa *dupla apimentada* pra me incomodar!
- Caraca!... Ele é que não larga do nosso pé!!! fala rindo também a prima Mas, Gustavo, quantos anos você tem...?!
 - Vou fazer treze em setembro!.
- Só isso...?! espanta-se Bianca Você parece bem mais velho que o primo! Ele também faz treze anos em agosto, mas você é muito mais alto e forte que ele!
 - Falou... concorda Fernanda Você não parece ser da nossa idade. É maior!
- É que na minha família todos são altos... E, além disso, eu *malho* bastante. Lá no Rio eu fazia parte do time de basquete do meu colégio e competia na natação.

Tiago olha meio de lado para ele, comentando: - *Cara*, é bem assim que o meu pai gostaria que eu fizesse... Mas eu odeio ginástica! Prefiro lidar com o computador.

- Fala sério, cara!... Disso eu também gosto!
- Falou... Mas vamos deixar pra combinar isso depois! diz Tiago, preocupado, olhando ao redor O papo tá rolando legal, mas nós não podemos dar mole! O tempo está correndo e parece que vai chover...

- E afinal nós viemos aqui pra procurar uma aldeia de índios! - diz Bianca olhando para o relógio - *Carácolis!...* Já perdemos quinze minutos!!!

Cauteloso, Tiago comanda novamente: - Vamos marcar este lugar, porque é aqui que o Portal irá se abrir! - e apanhando na mochila um triângulo sinalizador de carro, ele o coloca armado, bem fincado na areia, à margem do rio - Assim poderemos vê-lo de longe!

- Pô, cara!... Você pensou em tudo! admira-se Gustavo.
- Eu não... O pai! A mochila completa foi presente dele.



- Maneiro cara...
Muito maneiro!

E mais que depressa, "os viajantes do tempo" vão se embrenhando mata adentro, cheios de expectativa... Felizmente esta não era muito espessa naquela região. O que facilitou o trajeto... E não demorou muito para que avistassem, em meio a uma grande clareira, uma aldeia indígena.

Esgueiraram-se por entre as árvores, fazendo

o mínimo de barulho possível. Com receio de não serem bem recebidos, resolveram ficar por ali apenas observando, até a hora de voltar. Já era

por ali apenas observando, até a hora de voltar. Ja era suficiente constatarem que tais índios ainda existiam... Não precisavam correr riscos desnecessários. Com bastante atenção ficaram observando todos os detalhes da taba indígena.

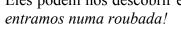
As palhoças eram construídas afastadas umas das outras, um tanto desalinhadas, formando um enorme círculo. Pelo espaço entre estas, eles podiam enxergar os índios que, com os corpos totalmente pintados, dançavam e cantavam ao redor de um possível pajé. Este brandia uma longa lança toda enfeitada de penas e contas, apontando-a para o céu.

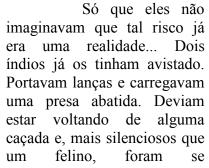
Defronte a uma oca que se destacava entre as demais, um índio velho se achava sentado sobre uma grande pedra redonda. Com postura imponente, levava à cabeça um enorme cocar de penas coloridas, denotando ser o cacique da tribo. Atento, apreciava o que parecia ser um ritual. Ladeavam-no crianças e mulheres, sentadas ao chão.



- Que *lance maneiro* poder ver todo esse espetáculo na *real!...* – exclama Fernanda entusiasmada.

- Psiuuu!... – alerta Tiago em voz baixa - Não devemos fazer barulho algum! Eles podem nos descobrir e aí,







aproximando por trás deles.

As crianças não perceberam sua presença. Levaram um tremendo susto quando se viram rodeadas por aqueles índios de aparência nada amigável, apontando suas lanças para elas. Tão forte foi o medo que sentiram, que não se deram conta de que os índios estavam igualmente temerosos.





Estes, no seu idioma incompreensível, foram empurrando levemente com suas lanças os assustados visitantes ao encontro do chefe da tribo. E esta, terrivelmente impressionada com aparição tão estranha, permaneceu estática, silenciosa. Até mesmo o cacique, com uma expressão mista de temor e admiração, ficou calado, analisando detidamente as crianças.

O grupo do ritual se desfez em silêncio enquanto o pajé foi se posicionar junto ao cacique, apoiando a lança no chão, em uma postura altiva. Os demais índios se aproximaram cautelosamente, mantendo certa distância. Formaram um meio círculo, observando atentamente os visitantes.

Nunca eles tinham visto criaturas tão estranhas e com tantas diferenças marcantes entre si... E, aos poucos, começaram a apontar ora para um, ora para o outro, fazendo comentários que as crianças não entendiam. Mas, pela expressão que faziam, dava para

estas compreenderem que os índios buscavam uma explicação para a sua origem.

"Só podem ser criaturas trazidas pelo vento!..."

"A pele branca como as nuvens, os cabelos dourados e olhos da cor do céu... Este só pode ser filho do sol...!!!" – apontavam para Tiago.

Gustavo começou a sorrir para eles na tentativa de conquistá-los e seu sorriso exibindo os dentes brancos, perfeitos e brilhantes, confirmou o que os índios suspeitavam.

"Pele negra como o manto que desce do céu, para proteger o nosso sono... Dentes de estrelas... É filho de nossa Mãe Noite!!!..."

Os meninos causavam-lhes respeito. Mas as meninas os deixavam temerosos... Eram misteriosas demais para eles.

"Uma dividida em duas, exatamente iguais... Os olhos são do mar... A pele clara, toda salpicada de pontinhos... E os cabelos da cor do céu, quando o sol se esconde...De quem serão filhas...?!"

O vento lhes trouxera um grande mistério... Que não compreendiam... Que não tinham condições de desvendar.

"E seus corpos são cobertos tão estranhamente... De que serão feitas essas cobertas...? E o que será aquilo que esconde os pés...?"

Tudo era um tremendo tabu para eles... Que os deixava confusos... E o medo do desconhecido apertava seus corações.

Tiago, percebendo isso, num relance se lembrou da história de Caramurú e teve uma idéia: "Acho que poderei dar um bom susto neles! Assim poderemos fugir."

E colocando o máximo de firmeza na voz, falou para os companheiros: - Vamos imitar Caramuru... Agora vamos nos aproximar, formando um bloco bem compacto!... Gustavo, atrás de mim... E vocês, primas, fiquem de costas, uma para outra, bem junto a nós dois... Quero que escondam a minha mochila.

O tom firme da voz de Tiago, num idioma desconhecido, causou um impacto nos selvagens. Ficaram imediatamente imóveis, num silêncio absoluto. Pareciam em estado de choque.

Tal reação às suas palavras, deixou o menino mais confiante para prosseguir no seu plano. Assim, em voz alta, continuou comandando: - Gustavo, disfarçadamente abre a mochila e retire uma pistola sinalizadora, bem no fundo e coloque-a em minha mão direita.

Com a maior destreza, Gustavo fez exatamente o que ele pediu.

- Agora rezem para que tudo dê certo! - exclamou Tiago, com o coração acelerado, enquanto colocava o dedo no gatilho. Direcionando a pistola para o alto, disparou-a com firmeza.

Os índios, quando viram a bola de luz vermelha sair velozmente em direção ao céu, se jogaram no chão em atitude de veneração... Somente o pajé e o cacique, que se levantara ligeiro, permaneceram de pé, seguindo com o olhar estupefato o trajeto luminoso da bola de fogo.

O escuro do céu, prenunciando chuva, facilitara sobressair a luminosidade do sinalizador.

- Grande papai!!! Deu certo! exclamou Tiago, aliviado.
- Mas... E se eles acharem que somos enviados poderosos dos deuses... Como iremos sair dessa...?! sussurrou Gustavo ao ouvido dele.
- Com presentes sugere baixinho, a Bianca Podemos dar os biscoitos para eles!

- Fala sério... É pouco! diz Gustavo Tem que ser algo que os deixe ligadões! O que mais podemos tirar dessa mochila milagrosa...?!
- A lanterna! decide-se Tiago, desfazendo a formação e soltando a mochila das costas.

Imediatamente os quatro se voltam de frente uns para os outros e Fernanda, arrisca um palpite: - *Cara*, não tem aí um toca-fitas de pilha...?!

- Podes crer, prima! responde entusiasmado o Tiago E tem uma fita já colocada nele... Não sei de quê, porque foi o pai quem colocou! e, decidido, afirma Ambas as coisas deixarão os índios *ligadões* e nós poderemos fugir.
 - Grande tio Pedro!!! fala Fernanda sentindo-se mais aliviada.

Porém Bianca, olhando o relógio, comenta amedrontada: - Acho muito bom mesmo... Pois temos pouco mais de uma hora para voltarmos ao Portal!

- Vamos nessa! - determina Tiago - Vamos entregar os presentes para o cacique! Vocês, meninas, se encarreguem dos biscoitos... Abram um pacote apenas, ofereçam às mulheres e depois entreguem os outros dois pro chefão!

E os quatro seguem em direção ao cacique. Todos pensando positivo, para o plano dar certo.

Num relance, Tiago vendo no chão, junto à pedra do cacique, um jarro de barro o

agarra ligeiro. Direcionando o foco da lanterna acesa para dentro deste, mostra ao admirado índio que esta acendia e apagava. Exultante de alegria, este bradou: "A luz é minha prisioneira!!! Eu tenho poder sobre a luz!!!"

O que foi dito era intraduzível, porém, fácil de deduzir.



O presente significara poder maior para o chefe.

Agora, com certeza, os quatro viajantes do tempo poderiam partir em paz...

Contudo, o pajé lançou-lhes um olhar carregado de despeito e ódio.

Gustavo,



porém, forçando um sorriso amigo se apressa a entregarlhe o toca-fitas. Por sorte, ao ligá-lo, o som de um samba bem ritmado, deixa o pajé encantado. A satisfação que

brotou em seu rosto, indicou que ele igualmente tinha sido conquistado.

Os biscoitos causaram a maior alegria entre as mulheres. As gêmeas nem puderam entregar os pacotes para o cacique. Estes foram arrebatados de suas mãos.

Todavia, para surpresa dos amigos, ao invés de poderem partir, os índios fecharam mais o cerco à volta deles, desejosos de mais presentes. Uma situação aflitiva, uma vez que eles não tinham mais condições de presenteá-los. Tornou-se assim, mais difícil conquistarem a liberdade...

Chegando à beira do desespero, eles vêm um dos índios que os capturaram, carregando o triângulo sinalizador que havia sido deixado na beira do rio. E se perguntam tomados de angústia:

- Caraca!...Se tivermos sorte de escapar daqui, como encontraremos o Portal...?!
- A margem do rio é interminável!...
- Podes crer... Não vamos saber exatamente em que lugar chegamos!!!

Tiago procurando se acalmar, afirma: - Esse *lance* fica pra depois!... O principal é escaparmos agora daqui!!! Temos que pensar em algo urgentemente!

Num relance, Gustavo lembra-se de Sepé Tiarajú, o valente guerreiro das Missões Jesuíticas. Ele ficara muito impressionado com a figura lendária desse bravo índio guarani, quando estudara essa parte da História do Brasil,. Chegara a decorar o grito de guerra que ele pronunciara ao enfrentar o exército português. E, neste momento, tal brado surgiu à sua mente.

Sem vacilar, ele se aproxima ligeiro do índio, arrebatando o sinalizador de suas mãos. Com uma expressão dominadora, arregalando bem os olhos, ergue o triângulo, o mais alto que pode acima de sua cabeça, gritando em direção ao cacique: - "Co ivi oguerecó yara!!!"

E Tiago, apoiando o amigo na sua atitude guerreira, brada vigorosamente: – Caramurú! Caramurú!!!

Foi como se um raio se abatesse sobre a tribo. Assustados, os índios



emudeceram. Gustavo, continuando a exibir bem alto o triângulo, é seguido pelos companheiros, que se enfileiram atrás dele. Com essa atitude de guerreiro audacioso, vai abrindo caminho por entre os amedrontados selvagens, que vão dando passagem para o pequeno grupo. E, sem correr, em uma marcha ligeira, eles se embrenham novamente na mata, o mais depressa possível.

Quando se acham longe da vista da tribo indígena, os fugitivos param ofegantes. Mas Tiago e as primas, cheios de curiosidade, perguntam logo a Gustavo o significado daquelas palavras, que causaram um efeito tão paralisante entre os índios.

Este, sorrindo, explica: - Quer dizer "Esta terra tem dono", no idioma guarani.

E Tiago, soltando uma gargalhada, completa: - E Caramurú, como nós sabemos, significa "Filho do Trovão". Se eles entenderam ou não, pelo menos ficaram impressionados!

- *Podes crer...* Mas acho que foi a cara aterrorizante de Gustavo que os deixou apavorados.

- fala Bianca também rindo Até eu fiquei com medo!
- *Valeu, cara... Você foi dez!!!* elogia Tiago, guardando o triângulo na mochila Parecia um legítimo feiticeiro!
- E agora, Tiago...??? Como vamos descobrir o caminho de volta...?! questiona Fernanda angustiada A mata é toda igual...
- E o celular, se esqueceram...?! se entusiasma Bianca, puxando pela mochila e retirando-o ligeiro de dentro desta Vamos tentar!!!

Os demais param ao seu redor, esperançosos de um socorro. Porém a esperança do grupo dura pouco.

- Não funciona, galera!!!... Não existe nenhum sinal por aqui!!!
- *Caramba!!!* se assusta Gustavo E não temos a menor idéia de onde estamos!!!

Cheios de medo eles retomam a caminhada... Sem a mínima noção de qual direção devem seguir.

- Galera... Entramos numa roubada! Temos apenas vinte minutos para encontrarmos o rio... – avisa Bianca com um fio de voz.

Andam sem rumo por mais uns cinco minutos... E, apavorados, avistam meio escondida entre os galhos de uma árvore, uma onça pintada à espreita deles.

Fernanda, aterrorizada, mal consegue falar: - Agora estamos mesmo perdidos!!! Com o susto, Bianca tropeça num galho caído ao chão e torce o pé. Chorando de



dor e pavor, exclama:

- Não posso andar!... Oh meu Deus... O que vai acontecer com a gente...???! Vamos virar comida de onça...???!

Gustavo
ligeiro vai em
seu socorro.
Enquanto isso,
Tiago lembra
do seu talismã,
e retira a pedra

do bolso da calça. Sem tirar os olhos da fera, alisa a pedra com firmeza. Cheio de esperança, tenta um pedido de socorro: - Ita Verá!!!... Ajude-nos, pelo amor de Deus!!!

Quase imediatamente um vento morno agita a folhagem e, sob o olhar estupefato das crianças, uns seres alados surgem, agitando as asas defronte da onça. Esta, como que obedecendo a uma ordem, salta da árvore e desaparece mata adentro...

Tomados de um imenso alívio, os quatro não desgrudam os olhos daquelas pequenas criaturas tão lindas. Deviam ter mais ou menos uns cinqüenta centímetros de altura. Todas femininas, com feições e corpos semelhantes aos dos humanos. Porém, incrivelmente delicados. Seus rostos de pele clara, perolada, são emoldurados por fartos cabelos ondulados, brilhando em tons do mel ao dourado e enfeitados com flores silvestres.

As asas transparentes movem-se constantemente, à semelhança de libélulas. As vestes leves, esvoaçantes, são tecidas em finíssimas fibras de cores suaves...

Entretanto, uma das criaturas se sobressai das demais. Tem no centro da testa, como se brotasse do alto do nariz pequeno e bem feito, uma folha semelhante a uma pluma. Ultrapassando a testa, assemelha-se a um adorno real. Tem um brilho próprio, cintilante... Certamente é a líder do grupo.

Sorridente, esta se aproxima de Tiago. Seus grandes olhos cor de mel transmitem uma alegria genuína, oriunda de uma profunda paz interior. Este, fascinado com aquela pequena criatura tão maravilhosa, se acha um tanto confuso. Mal consegue balbuciar: - Ouem são vocês...?

Quando ela responde, sua voz mais parece um trinar de pássaros: - Somos alguns dos protetores da natureza... Pertencemos à falange das Sílfides. Temos como tarefa cuidar da mata, mantendo a harmonia entre todos os seres que nela habitam.

- Mas, como vocês surgiram assim de repente e afastaram a onça que ia nos atacar...?
- Porque esta pedra que você possui, tem também o poder de invocar, em momentos de perigo, quaisquer protetores dos três reinos da Mãe Natureza.
- Mas isso é *bárbaro!!!* Eu não sabia disso! *Caraca!... Valeu!!!* Foi na hora H! E, por falar em hora... ele olha o relógio e se apavora, gritando em seguida para os companheiros *Ei, galera!*... Temos apenas nove minutos para encontrarmos o Portal!

Estes, esquecidos do perigo que corriam, fascinados pelas outras entidades que esvoaçavam ao seu redor, se assustam com o grito de Tiago, sendo retirados repentinamente de tal encantamento.

- Ai, Jesus!... – exclama Bianca apavorada – E eu nem posso andar direito!!!

Gustavo a ampara, procurando se manter calmo: - Eu ajudo!... Pode se apoiar em mim que eu a levarei!

- Mas será que conseguiremos...? É muito pouco tempo! - se angustia Fernanda.

Tiago se dirige à líder, entre receoso e esperançoso: - Será que podemos receber mais um outro auxílio...?!

Esta sorri compreensiva: - Certamente... O que precisam...?!

- Estamos perdidos... Não sabemos como sair daqui, nem aonde encontrar o ponto de encontro com o Portal do Tempo! Você pode nos ajudar nisso...?!
- Sim... ela responde pressurosa Nós levaremos vocês ao local de sua chegada.
 - Mas como irão descobri-lo...? pergunta incrédulo o Gustavo.

As entidades sorriem ao mesmo tempo, com a sonoridade do canto de um canário.

A sílfide líder esclarece: - Tudo o que se passa aqui, é de nosso pleno conhecimento - e dando maior impulso às suas asas, convida - Vamos!... Acompanhem-nos ligeiro.

Imediatamente Gustavo e Tiago levantam Bianca que se apóia em seus ombros, para darem início à caminhada.



Apontando os braços para frente, a pequena fada vai direcionando as crianças por entre as árvores. Suas delicadas mãos irradiam luzes, qual uma leve chuva de estrelinhas a indicar o caminho, tranquilizando os assustados viajantes... E, em poucos minutos, o grupo enxerga à distância as margens arenosas do rio.

Fechando as asas, as sílfides pousam em uns galhos de uma frondosa árvore, na divisa da floresta com o areal.

- É aqui diz a líder Vamos nos despedir agora.
- Mas, como...??? questiona Tiago aflito Não sabemos o local exato para o encontro! Este rio é imenso!
- *Podes crer!...* Será difícil achá-lo! Não nos lembramos em que ponto da margem nós chegamos! explica Gustavo.
- Nós somente podemos indicar... responde a sílfide Não podemos sair de dentro da mata!
 - E se não acertarmos...? pergunta Fernanda apavorada É tudo igual!!!
- Caraca!... Faltam somente dois minutos!!! choraminga Bianca, olhando o relógio, cheia de dores no tornozelo.
- Calma, crianças!... Não se assustem! Apenas estávamos nos despedindo. Nossos mensageiros os levarão até o ponto certo.

Nem bem ela acaba de falar, surgem de dentro da mata belos pássaros que, batendo vigorosamente suas asas, se posicionam à frente dos temerosos viajantes.

- Eis os nossos mensageiros! Podem acompanhá-los sem susto. E tenham uma ótima viagem de volta ao seu tempo!

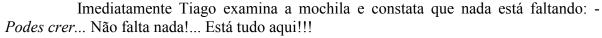
As crianças admiradas com o revoar inesperado dos pássaros, agradecem às sílfides afirmando agradecidas que jamais se esquecerão delas. E firmam sério compromisso de respeitarem sempre a natureza.

Acompanhando os pássaros, alguns segundos depois eles vêm a brilhante luz violeta se aproximando. Aliviados, sentem-se sugados pelo Portal, descendo em seguida, no lugar de onde partiram.

Ainda sob forte emoção, com o coração descompassado, eles se entreolham entre assustados e felizes.

- *Carácolis!...* Parece um sonho!... fala Fernanda encantada.
- E será que não foi mesmo... ?! diz Bianca espantada -

Galera... O meu pé está perfeito! E não sinto dor alguma!



Gustavo, após a surpresa inicial, exclama: - Pô... Cara!... Quem sabe se nós não fomos lá, em uma outra época, que não a nossa ?! Afinal eu não ouvi você falar em data alguma.

- Fala sério, primo!... Você não mencionou uma data precisa.
- E o Portal, então nos levou a uma aldeia indígena, na floresta amazônica, sem se deter na época! O que para mim, aliás, foi ótimo! conclui Fernanda aliviada Perdi o medo de viajar pelo tempo e pelo espaço!
- *Podes crer*... Acho que estão certos!... concorda Tiago O que aconteceu num outro tempo, em uma outra dimensão, certamente não pode existir aqui, no nosso presente!

E Bianca, examinando o relógio se espanta mais ainda: - Não é possível!... Que doideira!!!

- O quê, prima..? Diz logo o que é!
- Lembra aquele *papo irado* sobre o tempo...?! Pois é.... O tempo é diferente mesmo no espaço!
 - Por quê...? Como assim???
 - Porque ficamos fora daqui, somente dez minutos!!!

Os quatro, impressionados, permanecem calados por alguns instantes entreolhando-se muito admirados, até que Tiago quebra o silêncio: - *Caraca!!!* Nós nos tornamos realmente viajantes do espaço!... E acho que devemos guardar silêncio absoluto sobre isso!

- Falou, cara! Pois ninguém vai acreditar se contarmos. Vão achar que tudo não passa de imaginação nossa! diz Gustavo com ar de preocupação.
- Ou... O que é pior, vão pensar que *piramos!!!* O que vocês acham, meninas...?! pergunta Tiago para as primas que ainda se encontravam aturdidas.



- *Podes crer...* O Gustavo tem razão!... Acho difícil alguém acreditar que vivemos esta aventura!!! concorda Bianca *Periga* sermos levados para um psiquiatra!
- Além do quê... pondera Fernanda É um fato tão espantoso que, se acreditarem, vamos acabar sendo motivo de estudo da NASA!!!
 - Caramba... Sabe que eu não tinha pensado nisso...?!- admira-se Gustavo.
 - Fala sério! exclama Tiago, com ares de chefe Vamos ficar de bico calado!
- Será o nosso grande segredo!!! diz Bianca, já se sentindo uma misteriosa heroína.
- Falou, prima!...E um grande segredo tem que ter um juramento solene!!! Vamos lá!!! concorda Tiago, entusiasmado, levantando a mão direita Vamos colocar nossas mãos, uma sobre a outra, e jurarmos como os Quatro Mosqueteiros!

Mãos cruzadas e cabeças erguidas em atitude majestosa, eles declaram solenemente: "TODOS POR UM E UM POR TODOS NESTE GRANDE SEGRÊDO!"

Satisfeitos com o juramento, retornam à sede da granja, ainda *pisando em nuvens*, porém com uma nova idéia na cabeça.

- Cara... Já que estamos em férias, Gustavo... Será que seus pais deixariam você passar uns dias aqui ?!
- Caramba!...Seria bárbaro!!! se alegra o menino Mas será que seus avós irão deixar...?
 - *Fala sério*... Se eles são tão amigos uns dos outros... Por que não ?! E, animadíssimos, vão correndo para casa.

A idéia teve boa acolhida por ambas as famílias. Porém Regina se sente receosa dos amigos terem concordado, apenas por constrangimento, ao pedido das crianças: - Por favor, Dona Kátia, seja sincera comigo. O Gustavo não vai incomodá-los...? Ele não é lá muito sossegado!

- Francamente, minha amiga... Sinto-me muito feliz com a presença dele aqui... De certa forma, é uma oportunidade que tenho de retribuir a atenção tão carinhosa com que me distinguiram por ocasião em que fiquei hospitalizada, logo que cheguei aqui. E vocês nem me conheciam ainda!
- Ora... Não poderia ter sido diferente... Vocês eram estranhos na cidade... Como nós poderíamos deixá-los sozinhos...?!
- Além de competente, Humberto, você foi um médico muito dedicado! E eu até bendigo o acidente que sofri, pois foi através dele que nos tornamos amigos! afirma Kátia sorrindo.
- Fico feliz das nossas crianças terem se entendido tão bem. Nas férias Gustavo se sente muito só... Agora poderá gozar de excelentes dias!

Os quatro novos amigos se entreolham sorrindo misteriosamente. Num murmúrio, Tiago fala junto ao ouvido de Gustavo: - Imagina se eles soubessem da nossa aventura!!!

4º CAPÍTULO:

Conforme o combinado, Gustavo chegou de Cuiabá dois dias depois, por volta das onze horas, com bagagem suficiente para permanecer com os novos amigos até o final das férias.

Logo após o almoço, os quatro viajantes do espaço seguiram em direção ao local já determinado para o ponto de partida. Atrás das pedras, ao fundo da granja. Até aquele momento eles não tinham tido oportunidade de conversarem a sós.

Assim ansiosos, caminhavam apressados, trocando idéias... Apesar de animados com a perspectiva de uma nova aventura, ainda se encontravam indecisos quanto à escolha do roteiro.

- E aí, *galera*... Já planejaram aonde vamos...?!
- Nada certo ainda... responde Tiago Deixamos pra *trocar idéia* com você! Tem alguma *bolação...*?
 - Nada sério... Mas, o que vocês quiserem fazer eu topo! Já estou pronto!
- *Carácolis...* Temos equipamento novo! observa Fernanda admirando a mochila que o amigo levava às costas.
- *Falou*... Comprei umas coisas ontem no shopping... responde este sorrindo Pra ficarmos mais preparados pro que der e vier!...
 - O que foi...? Conta logo! pede Bianca, cheia de curiosidade.
- Só quando chegarmos na nossa "base de lançamento"!... Não é nada demais! diz Gustavo tentando aparentar indiferença. Mas tão logo chega ao local ele vai abrindo ligeiro a mochila, exibindo orgulhoso o seu conteúdo.
- Um estojo de primeiros socorros... Uma bússola... Uma caixa de bombinhas de São João... Três cabeças de negro e dois foguetes...
- Caraca!...Que idéia genial! Com esse arsenal junino, afastamos qualquer índio, por mais fera que seja!— se admira Bianca.
 - Tem até um gravador pequenino! exclama a irmã encantada.
- E agora a novidade maior!!! exclama o amigo retirando do fundo da mochila duas latas de *spray* Vejam o que eu consegui!
- Latas de tinta! *Fala sério, cara.....* Novidade só porque são americanas...? critica Fernanda examinando uma delas, sem ler as explicações em inglês.
- Não... Não é uma tinta comum!... É tinta pra marcação que se dissolve depois de algum tempo!... Como é proibido interferirmos no passado, deixando marcas, elas são muito especiais para nós!

Tiago, apanhando a outra lata, vibra de entusiasmo: - *Cara,* isso aqui é *dez!!!...* Eu vi a propaganda na Internet... Especial para marcar cenários, terrenos e etc... É tinta brilhante, de secagem instantânea e com duração de apenas três horas... Não é isso?!

- *Podes crer!...* Eu também vi o anúncio no *site* de compras. Por isso procurei na loja de importados e tive a sorte de encontrar essas duas!... Não é incrível a coincidência do tempo de duração ser o mesmo permitido para as nossas aventuras...? Depois de três horas a tinta desaparece por completo, sem deixar vestígio algum!
- Retiro o que eu disse!... *Maneríssimo!!!* se desculpa Fernanda Assim não perderemos mais o caminho de volta para o Portal!

- Muita sorte mesmo!... Mas, *cara*, você deve ter *detonado* a mesada de uns dois meses nessa compra! No mínimo! espanta-se Bianca.
- Negativo!... Os fogos são baratos... O estojo de primeiros socorros, em casa de médico, sempre se arranja... O gravador eu já tinha... E, além disso, aconteceu *um lance* inesperado. Advinhem!!! fala atiçando a curiosidade dos amigos.
 - Seu pai engordou a mesada pra você ficar com grana aqui, não é...?!
 - E você *detonou* tudo!
- Não, *cara*... Claro que o pai me deu mais dinheiro pra eu gastar aqui... Mas o *lance legal* é que meu padrinho chegou do Rio para nos visitar e me deu de presente uma nota novinha de cem *pratas!*... Sendo assim... Corri para o shopping e, aí sim, *detonei a grana* extra com a bússola e as tintas!
- *Cara sortudo!...* Quando eu ganho dinheiro de presente, no máximo, no máximo é só 50! exclama Bianca.
- Também pudera... Na sua casa tem que ser tudo em dose dupla! diz Gustavo soltando uma risada Ser filho único tem as suas vantagens, não é Tiago...?!
- *Menos!*... Dessa vez o pai só me deixou *cinqüentão* mesmo! Mas... este se entusiasma de repente Por falar em dinheiro, acabei de ter uma *bolação!!!*
- Então *manda ver!...* Pela cara que está fazendo, deve ser um *lance irado!* pede o amigo já bem interessado.
 - É sobre o quê...? exclamam curiosas as irmãs Uma idéia diferente...?!
- Bem *manera!*... É que hoje pouco antes do Gustavo chegar, o Vô me emprestou um livro pra eu ler à noite. Dei só uma olhada, achei interessante, mas não *me liguei muito*... Mas agora, falando em dinheiro, acho que pode acontecer um *lance manero!*
 - Mas, então fala logo! Chega de *suspense!* reclama Fernanda.
 - Fala sério...Que livro é esse...?! insiste Bianca.
- É um livro da Casa da Moeda...Não se compra nas livrarias...Um amigo do Vô, que foi diretor da Casa da Moeda, deu de presente pra ele há alguns anos atrás. É sobre a história do dinheiro.
- Caramba, cara! Desde que ele foi inventado...?! Deve ser legal! Trouxe na mochila? pergunta Gustavo.
- Infelizmente não... *Marquei bobeira!* Como era para ler antes de dormir, deixei ao lado da minha cama... Mas... O *lance* é assim... Já que o nosso dinheiro tem mudado tanto de nome e de valor... Que tal conhecermos a primeira moeda que circulou na nossa terra...? *Topam...*?
- *Pois, pois...* Seu Cabral! Vamos lá! grita Gustavo entusiasmado, imitando o sotaque lusitano Vamos conferir de perto o seu *vil metal!!!*

As meninas acham graça e concordam animadas com a inusitada idéia. Tomados de grande curiosidade, os empolgados viajantes fazem a invocação do Portal em seguida.

E em poucos segundos eles surgem sobre uma extensa rocha adentrando o mar, em uma belíssima praia deserta. A areia, incrivelmente limpa e branca, brilhava à luz do sol.

- -Carácolis!... exclama Fernanda Até parece açúcar!
- E como tem conchas coloridas à beira mar!
- Que água mais transparente!!! *Caras!...* Vejam só o *montão* de peixes nadando no meio das ondas! se surpreende Bianca.

Gustavo observando a paisagem comenta: - Galera... Vocês não acham que esta praia se parece com o Arpoador...?

- Não sei, cara... É parecida, mas acho que não!... - retruca Tiago - Mas, se for mesmo... Caraca!... O ser humano nesses últimos quinhentos anos estragou o seu meio



ambiente, muito mais do que eu supunha!!!

- Pois eu acho que não é o Arpoador!... Esta pedra grande entrando no mar é bem mais pontuda! afirma Fernanda.
- *Podes crer!* Parece mais com Niterói! reforça a irmã Minha madrinha tem uma casa de praia num lugar bem parecido com este! Você não se lembra, Fê...?!
- Talvez... Pode ser... responde Fernanda indecisa, porém, superando a emoção e a surpresa, ela passa a analisar temerosa a nova situação: Arpoador, Niterói ou não, isso agora não importa!... O que me deixa *encanada* são as nossas roupas!... e virando-se para o primo, sugere Se nós estamos por volta de 1.500, vai ser muito estranho andar por aqui com roupas do século XXI... Não será perigoso...?!
- *Caraca*, prima... Não tinha pensado nisso! É mesmo um *lance sinistro!* e, preocupado, o menino silencia por uns instantes. Mas, em seguida, com o olhar brilhante ele exclama Quem sabe se o meu talismã não poderá fazer com que elas voltem no tempo também...?! *Vou nessa!* e rapidamente ele se prepara para invocar Ita Verá.

Mas é interrompido por Bianca que, tendo se afastado um pouco para melhor apreciar o local, corre exclamando aflita: - Pára, primo... Pára!!! Lá longe, do outro lado da pedra, eu vi um índio saindo de dentro d'água! E eu não quero ficar *pelada* igual a ele!!!

- Fica fria, Bianca!... – intervém Gustavo rindo – Se nós não somos índios, as nossas roupas certamente serão iguais as dos colonizadores! – porém, apreensivo, procurando olhar mais ao longe, se dirige ao amigo – Fala sério, cara... Não vejo nenhum sinal de portugueses por aqui... Será que caímos na época e no lugar certos...?

Tiago olha preocupado para o amigo e, puxando-o pelo braço se afasta das meninas, falando baixo: - Também estou *encanado* com isso... Acho que *marquei bobeira*... Eu pedi pra conhecermos a primeira moeda que existiu na nossa terra... Mas não falei no Brasil.

- *Sem essa, cara...* Nossa terra, país ou Brasil, tanto faz. O dinheiro só chegou aqui com o Cabral!... Portanto, você não deu *mancada* alguma!
- Antes fosse! Mas não é bem assim, *cara...* confessa Tiago sentindo-se culpado A diferença é que antes dessas terras se tornarem o Brasil, era a terra dos índios. *Sacou...?!*
 - E daí, *cara* ?! O que você quer dizer com isso...?

- Bem... Eu não cheguei a ler o livro, só folheei algumas páginas... - Porém, vi por alto alguma coisa acerca dos índios ANTES do descobrimento do Brasil. Que os portugueses ao chegarem aqui, se admiraram com um comércio existente entre as tribos. Circulava um tipo de dinheiro... *Sacou* agora...?!

Gustavo se assusta e sem querer eleva a voz: - Caramba!!! Os índios tinham dinheiro???!



- *Podes crer*... Era um búzio raro, difícil de ser encontrado, que só podia ser pescado à noite, em uma determinada fase da lua. Circulava como moeda entre eles! Entendeu agora o *furo* que eu dei...?!
- O quê...?!!! Bianca exclama assustada, chegando junto deles de repente.
- Ao ouvirem a exclamação de Gustavo as irmãs haviam se aproximado ligeiro, curiosas para saberem do que se tratava. E chegam a tempo de ouvir a preocupante explicação de Tiago.
- Fala sério... Será que viemos parar outra vez no meio de índios selvagens...? Essa não,

primo!!!!!!

- Pois eu acho que sim! grita Fernanda apontando para longe Vejam! Tem um *monte* deles saindo de dentro da mata!!!
- Então chama o Portal agora! pede Bianca Vamos voltar... Eu tenho medo de cair noutra *roubada!*
- E perder a chance de conhecer o comércio que existe entre eles...?! Nunca!!!... Afinal nós estamos pesquisando a História! responde o primo decidido a continuar *Galera*, vamos pensar numa outra solução! Mesmo porque, o Portal só pode ser invocado de três em três horas!
- Mas então pense logo antes que eles nos vejam!!! Não quero passar mais por aquele *sufoco!*
 - Cara... Será que o seu talismã pode nos deixar invisíveis...? sugere Gustavo.
- Seria um *lance irado!* Quem sabe ?!... responde Tiago Vou invocar os elementais da natureza! Se eles conseguem ser invisíveis para nós, talvez façam o mesmo conosco.

E sem perda de tempo, segurando com firmeza o talismã, ele começa a fazer a invocação aos irmãos protetores que habitam o mundo sutil, pedindo a proteção da invisibilidade. Uma brisa sopra de repente... Como estrelas, pontos de luz brilham sobre as ondas... Uma voz maviosa, vinda de algum lugar distante, se faz ouvir.

"Se a intenção é pura, o desejo é concedido!"

E uma brilhante luz alaranjada, à semelhança de uma grande labareda de fogo dourado, os envolve... No mesmo instante eles desaparecem aos próprios olhos.

- Conseguimos!!!... Que *lance legal!*... Não vemos nem a nós mesmos!... Deu certo!... *Caramba!!!*... Não é que funcionou mesmo??? – vibram emocionados.

Mas, em seguida, com receio de serem ouvidos, refreiam o entusiasmo. Combinam, então, se manterem sempre de mãos unidas, falando seguidamente em tom baixo, para não se perderem uns dos outros. E com o coração disparado pela emoção, aguardam silenciosos a aproximação dos índios.

Aquele que havia saído do mar pelo outro lado da rocha, acabava de subir nesta e se aproximava ligeiro do local aonde os viajantes se encontravam. Estes, imediatamente, como se tivessem previamente combinado, ficaram imóveis, prendendo a respiração ao máximo.

O índio realmente passa muito próximo. De repente pára, como se pressentisse algo, olhando ao seu redor. Porém, como não enxerga nada, felizmente continua caminhando, descendo em direção a praia. Acenando para os companheiros que o aguardavam, ele sacode com ar vitorioso uma pequenina rede contendo um punhado de búzios. E, ao chegar no meio da praia, é recebido com grande alarido. Porém um deles, com o corpo todo pintado e coberto por uma capa de penas, possivelmente o pajé, levanta o braço gritando... Em seguida, todos se calam e, ordenadamente, vão se dirigindo para a mata.

Mais que depressa Gustavo retira da mochila a lata de tinta e marca o local com um grande X vermelho, que parece surgir do nada. Pois, felizmente a tinta ficava visível.

Sem perda de tempo, protegidos pela invisibilidade, as crianças vão acompanhando os índios à distância. Evitando ruídos, de mãos dadas vão se embrenhando mata adentro... A emoção é tão grande que dissolve qualquer sentimento de medo. E durante o longo trajeto, Gustavo continua marcando os lugares para o retorno.



com crianças se acham sentados no chão. E, outras tantas, sobre troncos caídos.



Já bem longe da praia, a floresta se abre em uma enorme clareira. Nesta, está localizada a taba indígena. As palhoças, feitas de adobe e cobertas de palha, situam-se ao redor de uma grande praça.

Um pouco mais adiante corre um pequeno riacho, onde estão se banhando algumas crianças, em companhia de um adulto. Próximo à margem sob as árvores, alguns índios, já entrados na velhice e algumas mulheres



Mais além, jovens índios construíam uma palhoça.

Defronte a uma das ocas, mulheres amassavam mandioca em um pilão.





Mas, na medida em que o grupo que voltava da praia foi se aproximando, agora em grande algazarra, todos disparam para o centro da praça. Ali se achavam reunidos guerreiros distribuídos em dois grupos distintos. Pela diversidade existente nos enfeites e nos

desenhos que adornavam seus corpos, podia-se deduzir que eram componentes de duas tribos distintas.

Em posição de destaque, sentados sobre um grosso tronco, dois caciques confabulavam. Com altivez, ostentavam na cabeça belos cocares. E rodeando o pescoço, soltos sobre o peito, exibiam colares feitos com presas de animais. Pela pintura diferente em



seus rostos e corpos, mais os detalhes dos cocares e de suas tangas, notadamente eles eram chefes de tribos vizinhas. Em uma postura real, pareciam aguardar amigavelmente alguma situação, talvez o início de uma cerimônia ou ritual. Não demorou muito para que fosse confirmada tal suposição.

Pois tão logo o grupo liderado pelo pajé se aproximou dos chefes, os índios começaram a se inquietar, falando e gesticulando.

O pajé, posicionando-se ao lado do cacique, num gesto de comando, levanta a sua lança colorida toda enfeitada de penas e sementes pintadas. Imediatamente, todos se calam.



Os quatro amigos invisíveis, encantados com tudo o que estavam presenciando, mantêm certa distância, onde não poderiam ser ouvidos pela tribo. Contudo, com as mãos bem apertadas, ficam em posição favorável para apreciarem tudo o que ali pudesse ocorrer.

O índio que levava a pequena rede com os búzios exibe aos caciques o produto de sua colheita submarina. E obedecendo a ordem de um dos chefes, senta-se ao seu lado.

O pajé, saindo de onde se encontrava, se coloca mais à frente e, brandindo a sua lança, grita umas palavras meio cantadas, batendo com os pés marcando passo, girando ao redor do próprio corpo.

Os guerreiros se agrupam, formando um círculo no centro da praça. Outros mais velhos, portando vistosos atabaques, iniciam uma batida cadenciada, acompanhados por mulheres que, cantando, agitam uns ramos de árvores. E os índios em círculo, dão início a uma dança marcada na cadência do ritmo.



Aproveitando o alto som que eles faziam, os quatro amigos não se contêm calados, e fazem comentários entre si.

- Caraca!!!

 Deve ser dança
 de algum ritual –
 diz Fernanda.
- Que *legal* a gente poder ver tudo isso! exclama Bianca emocionada.
- Seria *bárbaro* também se nós pudéssemos saber que tribos são essas!
- Fala sério, Gustavo... diz Tiago Localizando num livro de história uma praia na região do Arpoador, Niterói ou por ali, não deve ser difícil saber quais os índios que aqui viviam.
 - Vou conferir isso quando voltarmos para casa... *Podes crer, cara!*

A dança ou ritual é executada durante um bom tempo, quando, sob as ordens do pajé, a música cessa e o grupo se desfaz, com todos os índios retornando aos seus antigos lugares em silêncio.

Em seguida, um dos chefes dá uma ordem e dois jovens surgem carregando um grande cesto tampado, feito de cipó.

Depois de alguma conversa, é retirada uma galinha de dentro do cesto. E realizada a sua troca por três búzios, que são exibidos à tribo.

Fernanda não se contém e fala bem baixinho: - Eles estão trocando uma galinha por 3 conchas...



- *Pssiu...*- faz Tiago, também em tom bem baixo - É o dinheiro deles... Mas é melhor continuarmos calados!!!

Os índios prosseguem com o comércio das aves até o cesto esvaziar... Levadas as galinhas para o interior de uma oca, são trazidas algumas índias para dentro do semicírculo. Bem jovens, recém entradas na puberdade. Temerosas, elas permanecem de olhos baixos... O índio portador dos búzios se aproxima delas e, um tanto indeciso, examina-as cuidadosamente, até que

escolhe três. Colocando-as atrás de si, dá para um dos caciques, apenas um búzio. E este aceita a troca.

Indignada com o que está acontecendo, Bianca se revolta.

Soltando as mãos de seus companheiros ela se aproxima mais dos indios. Esquecida da necessidade de silêncio, exclama indignada: Vender mulheres e, ainda por cima, valendo menos galinhas!!! aue Oue absurdo!!! Caras, vocês não podem fazer isso!!!

Tiago, aflito com a reação da prima, consegue puxá-la de volta, segurando-a com firmeza. Fernanda a essa



altura, assustada, acaba também gritando: - Caraca, Bianca!!! Cala a boca!!!

Mas já era tarde... Os índios ouvindo tais palavras desconhecidas e sem saberem de onde vinham, ficam aterrorizados, procurando ao redor...

Igualmente assustados, os visitantes se agrupam novamente e começam a sair do local, procurando não fazer nenhum barulho. Porém, um vento repentino qual um torvelinho, rodopia em volta deles e, subitamente, o encanto se desfaz... Apavorados, eles constatam que se tornaram visíveis novamente. Então começam a correr desabaladamente para o ponto de retorno, procurando seguir as marcas de tinta vermelha.

Estupefatos com a aparição de tão estranho grupo e dos gritos femininos, os índios permanecem algum tempo como que hipnotizados. Porém um deles, reagindo mais rápido, sai ao encalço dos intrusos fugitivos, que já estavam a uma boa distância... Todavia,

habituado a correr por entre a mata e sobre a areia, com melhor disposição física que os estranhos visitantes, ele foi encurtando a distância entre estes... E quando finalmente os amedrontados viajantes alcançam o local marcado, o índio já estava a poucos passos atrás.

Olhando o relógio, quase sem voz, Bianca faz um esforço enorme para gritar: - *Caraca!!!* Na hora certa!... Tiago... Invoca logo o Portal!!!

Arfando, com o coração disparado, o menino se prepara para fazer a invocação. Mas nem precisa... Apenas grita aliviado: - *Galera!*... Ele já está vindo!!!



Ao surgir a luz vibrante, o índio que já os alcançara, fica paralisado de susto e, apavorado, sente-se igualmente sugado com os outros, para dentro do túnel azul.

Em uma fração de minuto, eles chegam ao local da partida, na granja. Não se pode dizer quem estava mais estarrecido com a inesperada situação. O índio ou as crianças...

Ficam todos se entreolhando abismados, sem saber que atitude tomar...

O índio, observando o campo que se estende ao longe, levanta-se de um pulo, pensando escapar cerrado afora... Mas é apanhado num mesmo impulso rápido pelos meninos... Debate-se apavorado mas, aos poucos, é imobilizado pelas quatro crianças. Contudo, não percebendo nenhuma hostilidade no olhar de seus detentores, ele vai se acalmando. Enquanto isso, sem soltar o

prisioneiro, estes vão tentando encontrar uma solução para o terrível problema que se abatera sobre eles.

- Que *roubada!!!...* exclama Tiago.
- Que *lance sinistro!...* Como poderemos explicar de que jeito surgiu este índio por aqui...??? se apavora Bianca.
- Caramba!!!... Não podemos deixar este cara fugir... Pra onde ele poderia ir...? O coitado ficaria doido... Ou acabaria morrendo! analisa Gustavo penalizado.
- Então o que vamos fazer...??? se aflige a Fernanda Não se pode mandá-lo de volta pelo Portal ?!
- Isso é o que pretendo fazer!... afirma Tiago também aflito *Caraca!* Só que não pode ser agora!... Está se esquecendo de que o Portal só se abre de três em três horas...?!
- Fala sério, primo... Você tem certeza de que não existe um outro jeito de invocar o Portal antes disso... Agora, agora?! questiona Bianca sentindo-se terrivelmente culpada por tudo.
- *Podes crer!* Se eu soubesse já teria feito!... este responde nervoso, sem saber como resolver aquela situação esdrúxula Temos que aguardar o tempo do Portal!
- Caraca! Se ficarmos mais de três horas sem aparecer em casa, vai ser um auê!!! se angustia Fernanda A Vó é capaz de chamar até a polícia, pensando que algo de terrível aconteceu conosco!

- Talvez o melhor seja dar um jeito de esconder o *cara!* sugere Gustavo Depois vamos até a sede, como se nada tivesse acontecido e, mais tarde, voltaremos para invocar o Portal. O que acham...?!
 - Ficou *biruta* ?!... Esconder aonde...?
 - Ora... Aqui mesmo... Amarrado atrás das pedras.
- Deixar o *carinha* amarrado...? Quê judiaria! Coitado... Já está meio morto de susto!... fala Fernanda condoída.
 - Falou, mana... concorda Bianca, sorrindo timidamente para o índio.

Este, animado com o sorriso da menina e percebendo a preocupação estampada no rosto das crianças, compreende que elas estão tão angustiadas quanto ele, tentando resolver aquela situação absurdamente estranha para todos... E, um pouco mais tranqüilo, ele acaba por tomar uma atitude de expectativa.

Tiago pensativo, analisa a sugestão de Gustavo: - *Fala sério...* Até que essa idéia de escondê-lo é *manera...* Com ele escondido, não corremos o risco de alguém enxergá-lo... Mas... Três horas acho que é muito tempo pra se conseguir isso!

- Mas então o que poderemos fazer...?! Eu não vejo outra solução! reafirma Gustavo preocupadíssimo.
- É... angustia-se Bianca Se o encontrarem, vamos ter que enfrentar a família, os repórteres, a NASA, e nem sei mais o quê!
 - Carácolis... O que fazer então??? amedronta-se Fernanda.
- Infelizmente, *galera*, não vejo nenhuma saída para nos livrarmos desta *roubada!...* confessa Tiago A não ser que eu consiga a ajuda de Ita Verá.
 - É isso aí, primo! *Manda ver!!!* anima-se Fernanda.
- Fala sério! De que jeito ?! questiona Bianca com a voz quase sumida de tanto medo.
- Ora... Usando o meu talismã! Vou chamar os elementais da natureza, como fiz na mata!... Sacou...?
- Valeu, cara! entusiasma-se Gustavo Pode ser que dê certo!... Afinal, o Ita Verá é um gnomo protetor da natureza! Não vai deixar que um índio sofra fora da sua mata!
 - Então *manda ver* antes que apareça alguém! pede Fernanda.
- Carácolis... A culpa de toda essa confusão é minha! se aflige Bianca, começando a chorar.

A essa altura, o pobre do índio, por nada entender sobre o que as crianças confabulavam, volta a se angustiar... Percebe que elas estão desorientadas, tão temerosas quanto ele.

- Valeu... Vamos nessa!... Vou invocar o Ita Verá. E tratem de rezar pra que eu consiga dar volta nesta roubada! — diz Tiago tentando se acalmar interiormente e, esperançoso, segura o cristal chamando pelo gnomo.

Subitamente um rumor semelhante a um ligeiro tremor de terra, deixa-os apavorados. Mas, em seguida, uma luz violácea ilumina a pedra defronte a eles, abrindo uma fenda e criando uma passagem.

Num ímpeto, o desesperado índio tenta fugir novamente. Com dificuldade as crianças conseguem dominá-lo novamente. Porém, criando coragem, com toda força, os meninos vão puxando-o pelos braços, enquanto as gêmeas vão empurrando-o pelas costas...

Para surpresa geral, a fenda é entrada para uma caverna.

Sem hesitação o pequeno grupo vai entrando na rocha e, de tão entusiasmados não percebem que a fenda se fecha atrás deles.

- É a gruta do Ita Verá!!! – exclama alegremente Tiago, reconhecendo-a.

A beleza dos cristais, o córrego transparente, e a paz existente no local, tranquilizam o pequeno grupo que, maravilhado, se sente mais descontraído.

- Caraca, primo... Isso aqui é lindo demais!
- Muito... Muito mais do que a descrição que você fez para nós!
- Caramba... Nunca imaginei tanta beleza!... diz Gustavo boquiaberto.
- O índio, então, estava estarrecido. Com toda a certeza, jamais imaginara que existisse um local assim.
- Pois se preparem que a galeria do Gnomo é mais linda ainda! Vamos entrar de uma vez!... comanda Tiago se encaminhando para lá.
- O Gnomo os aguardava, sentado sobre o grande cristal fumê... Sua expressão era de desaprovação. E com palavras ásperas, dirige-se a Bianca.
- Menina... Você infringiu uma lei muito importante. Tentou interferir no tempo passado... O que é proibido!... E só não conseguiu seu intento de todo... O qual eu bem sei, era o de interferir diretamente na vida dos índios... Porque seus companheiros não permitiram... e ele faz uma pausa, olhando-a severamente Este seu comportamento quebrou a magia da invisibilidade... Os seus gritos e os da menina Fernanda, provocados também por sua atitude impensada, juntamente com a súbita aparição de seus corpos, deixaram as tribos atordoadas, abaladas em sua crença... Como você pode explicar tamanho desatino?!

Humildemente Bianca tenta se justificar: - Peço desculpas, senhor Ita Verá... Mas fiquei tão indignada quando vi venderem mulheres... E, ainda por cima, valendo menos que uma galinha... Minha revolta foi tão grande que não percebi o que estava provocando...

- Sim... Contudo, o tumulto que você causou, atraiu esse corajoso índio a uma dimensão, da qual ele nunca deveria ter tomado conhecimento... E agora, se ele puder voltar à sua tribo, como poderá explicar o que lhe aconteceu...?! Com certeza será exemplado como mentiroso... E o castigo para quem mente, entre os índios, é terrível!

Bianca, aflita, volta a chorar mansamente. Sem saber o que contestar sente-se muito preocupada, não mais consigo mesma, porém com o que poderá acontecer com o coitado do índio: - Não existe uma maneira de evitar que ele sofra por causa do meu erro...? Que eu seja castigada, não ele!

Mas, para sua surpresa, o gnomo sorri complacente, falando agora com suavidade: - Não precisa ficar tão angustiada, pequena Bianca... Ao lhe falar tão rispidamente, só queria ter a certeza de que você não agiu com a intenção de infringir regras, tentando mudar o passado à sua vontade... Sem se importar com a interferência inadequada, que causaria no presente e no futuro... Veja bem!... Os tempos, passado, presente e futuro são a base do grande aprendizado da Humanidade na Terra!

Bianca, apesar de estar prestando muita atenção às palavras do gnomo, não compreendeu o profundo significado destas... E, timidamente, arrisca uma pergunta: - O senhor me desculpe, mas eu não entendi direito o que falou agora... Poderia me explicar novamente...?

- Agrada-me a sua sinceridade... O que eu quis lhe dizer é que não se pode modificar o passado... É Lei Cósmica... O que passou, passou... Contudo, o Ensinamento

Cósmico permite ao ser humano, corrigir no presente, os erros do passado. Propiciando assim a sua evolução.

- Agora acho que eu compreendi... Mas então, de que maneira poderei corrigir o erro que cometi com os índios...?!
- Não cometendo novamente erros semelhantes... Esta atitude, já indica aprendizado para um futuro mais evoluído.

Silenciando por um instante, Ita Verá olha benevolente para todo o grupo: - Todavia, existe uma possibilidade de ajudá-los... Como vocês são inexperientes viajantes do Tempo, eu tenho permissão para reparar essa atitude errada!... Vou mandar de volta o seu prisioneiro, para a sua própria época.

- Mas, como ele vai poder explicar o que lhe aconteceu...? Será castigado...? angustia-se novamente a menina.
- O Gnomo sorri e chama o índio à sua frente, falando no idioma de sua tribo. Surpreso, este obedece prontamente. Estendendo a mão sobre a cabeça do corajoso guerreiro, o Ita Verá fala numa estranha língua e, como por encanto, ele desaparece ante o olhar atônito das crianças...
 - Mas o que vai acontecer quando ele chegar lá...?!
- Nada demais... As forças da natureza apagaram tudo o que aconteceu... O que vocês causaram nunca existiu naquele tempo, nenhuma lembrança ficou... E a vida daquelas tribos, continuará exatamente como sempre foi...
 - Que alívio!!! suspira Bianca com satisfação.
- Contudo vocês sofrerão uma restrição... volta a falar com expressão séria o Gnomo.
- Que restrição...? Por minha causa...?! pergunta a menina novamente angustiada, cheia de arrependimento.
- Sim, Bianca...Você foi a causadora do problema... Mas... Vocês formam um grupo! afirma, com um olhar penetrante de quem está a par dos acontecimentos Que eu saiba, são "todos por um e um por todos", não é isso...?!

As crianças se entreolham surpresas. Concordando, apenas balançam afirmativamente as cabeças e, preocupadas, aguardam o castigo com grande expectativa.

- Sendo assim... Erros ou acertos, com suas conseqüências, são ações do grupo! — e suavizando a voz, o gnomo tenta amenizar seu pronunciamento - Na lei cósmica da Vida, existe o perdão... Mas o perdão não apaga as conseqüências do erro cometido... Portanto...

Os amigos quase prendem a respiração, temerosos de não poderem mais viajar pelo tempo e pelo espaço.

Entretanto, Ita Verá, lendo o pensamento deles, continua sorrindo: - Não... Não perderão a possibilidade dessas viagens a outras dimensões... A restrição por terem violado uma regra, sem premeditação, é não poderem invocar, por uma vez apenas, a proteção que foi quebrada... Assim, durante o período de uma nova viagem, não poderão receber o auxílio da invisibilidade... Quanto ao mais, podem contar comigo!

As crianças respiram aliviadas e, profundamente agradecidas pelo auxílio recebido, comprometem-se a obedecer as regras impostas pelo gnomo.

- Então vocês querem continuar viajando pelo tempo... Assim será! Enquanto inexperientes, poderão invocar sempre o meu auxílio... Contudo, na medida em que forem

adquirindo maior segurança, menos poderão contar com isso... Portanto, prestem muita atenção em tudo que vivenciarem... Aprendam ao máximo!

Ainda tomado de curiosidade, Tiago indaga: - Só mais uma explicação... Aquela pedra então é a entrada para o mundo dos gnomos...?

Ita Verá apenas sorri... Mas o menino insiste: - Não podemos saber...?!

- Crianças, ouçam com atenção o que vou lhes dizer. Essa passagem nunca existiu e não se abrirá jamais. E ademais, vocês bem sabem que quando precisam me encontrar, eu sempre apareço... É só me chamarem!
 - Mas, se não existem entradas para o seu mundo... Como chegamos aqui?!
- Não foi por uma passagem física... Mas ultrapassando uma outra dimensão... Portanto, nunca procurem por entradas.
 - Mas, por quê...?! todos ficam curiosos em saber Como assim ?!
- Porque, à semelhança do Portal, ondas energéticas podem ocasionar entradas para mundos paralelos... Todavia, em toda a Criação, existem seres evoluídos e seres ainda em estágio primário... Sendo assim, por não conhecerem ainda as leis cósmicas, vocês poderão adentrar em um mundo de trevas... E, neste, dificilmente serão resgatados. Portanto, não procurem e nem invoquem por entradas! Nunca!!! NUNCA!

As crianças se assustam com tal explicação... E Ita Verá acrescenta mais riscos existentes em tal experiência: - E ainda poderão ficar expostos a sérios perigos físicos...

- Por quê...?!
- Porque dependendo do local aonde se meterem, talvez se defrontem com animais selvagens ou répteis perigosos. Compreendem agora que é uma experiência perigosa e desnecessária?!
 - Fala sério... O melhor mesmo é não procurarmos confusão!
 - Nossos pais estão sempre nos avisando que não devemos nos arriscar à toa.
- Eles têm razão! E acatar os conselhos dos mais velhos é o mais sensato... Pois eles estão sempre procurando protegê-los dos perigos que vocês ainda desconhecem! aconselha o gnomo Porém, agora é hora de retornarem à granja, porque tem alguém à procura de vocês!

E sem mais nenhuma palavra, nem de despedida, as crianças num relance se vêem novamente na "base de lançamento", como o local ficou batizado por Gustavo.

- Caraca... Que alívio... Escapamos por pouco! diz Tiago profundamente impressionado.
- Que *roubada!...*Vamos ter que prestar mais atenção em tudo o que fizermos! fala Gustavo arregalando os olhos.
- Fala sério!... Mas, mesmo com o medo que passamos, esta aventura foi *irada* demais! exclama Fernanda Aprendemos muito mais do que na primeira!
- *Galera*, peço mil desculpas pelo o que causei... Eu nunca mais vou desobedecer as regras!... Só de pensar no que poderia ter acontecido se o Ita Verá não pudesse nos ajudar, fico apavorada!... afirma Bianca toda arrepiada com tal possibilidade.
 - Podes crer! Até que o castigo que recebemos foi pequeno! comenta Fernanda.
- Como nossos pais costumam dizer, "dos males o menor"! concorda Gustavo É só tomarmos bastante cuidado daqui pra frente!

Olhando o relógio, Tiago se admira: - *Galera... Que lance sinistro!!!* Não dá mesmo pra entender o tempo no espaço!... Com toda aquela *zoação*, viajamos apenas doze minutos!!!

- É, cara... Precisamos estudar sobre isso, com urgência!...
- Mas de que jeito...?! Só iremos entrar na física quando formos para o 2º Grau!
- Quem sabe o Vô não pode nos explicar...?!
- Ficou *biruta*, prima ?! Se falarmos com ele sobre isso, acabaremos por quebrar o nosso juramento e aí... *Caímos noutra roubada!*

Conversando assim enquanto andavam, se deparam no meio do caminho com uma menina que já acenava alegremente à distância.

- Oi caras!... Que bom que nos encontramos! Estava procurando por vocês!

Os amigos se surpreendem com aquela menina simpática e desinibida. Dona de um sorriso lindo, falava com um sotaque denunciando origem nordestina e aparentava ser da mesma faixa etária deles.

- *Carácolis!* admira-se Fernanda De onde você surgiu...?
- Quem é você...?
- E o que faz por aqui?!
- Eu sou Marineide, filha do Januário, o granjeiro...
- Fala sério...Eu não sabia que ele tinha uma filha... surpreende-se Tiago Como não nos encontramos antes...?
 - É que eu estava num *rolê* pela Bahia com a minha avó.
 - Falou... Tá explicado!
- Meu pai me contou sobre vocês... Disse que vocês são uma *patota legal!* Então fiquei curiosa para conhecê-los!
- Mas você não é daqui... Seu sotaque é lá do nordeste, não é ? pergunta curiosa a Fernanda.
- Podes crer!... Eu nasci em Salvador. Mas meu pai é daqui do Mato Grosso. Quando ele se casou com a minha mãe, que é baiana também, ele estava trabalhando lá na Bahia... Quando viemos morar aqui, eu tinha oito anos.
 - E quantos anos você tem agora...?! pergunta Bianca.
 - Onze... Mas vou fazer doze no mês que vem.
 - Carácolis!...Eu pensei que você tivesse a nossa idade! comenta Fernanda.

Assim conversando, chegam defronte à casa de Marineide. Ela os convida a entrar, porém eles não aceitam. Estão ansiosos para saborearem, a sós, os últimos acontecimentos antes de chegarem na sede. Sem vacilar, Tiago arranja uma desculpa: - Agora não dá *carinha*, a nossa avó está nos esperando.

- Amanhã a gente *troca uma idéia!* – combina Fernanda - Você também é muito *legal!*

Já bem afastados da menina, eles se perguntam:

- E aí, galera... Será que devemos chamá-la para o grupo...?!
- Ela parece ser *legal*...Mas... Será corajosa ou cheia de *frescura*...?
- E se não souber guardar segredo...?!
- Fala sério... Acho que devemos conhecê-la melhor! resolve Tiago E também pedir permissão para Ita Verá.

Assim decididos, retornam para casa conversando animados.

5° CAPÍTULO:

O dia amanhecera chuvoso... O que era muito raro acontecer nessa época do ano em Chapada dos Guimarães.

- Vô... Você não disse que no mês de julho não chovia...?!
- Pois é, meu filho... Dizem os habitantes locais que isso é muito raro... Mas, quando acontece, também passa logo! Eu não posso afirmar, porque este é o nosso primeiro inverno aqui.
- Que *roubada*, Vô... Vamos ter que ficar em casa!... Queríamos tanto continuar *zoando* lá fora...

Querendo aliviar a frustração dos netos, Ernesto brinca com eles: - Talvez o tempo tenha agido assim para que vocês sosseguem um pouco... Para fazerem uma pausa nessas caminhadas de excursionistas!

As crianças se entreolham e Fernanda responde suspirando: - Mas o *irado* aqui, Vô, é exatamente fazermos excursões!...

- Bem... Já que não dá... Fazer o quê, né...?! resmunga Bianca.
- Ei, galera... Por que não vamos jogar baralho...? sugere Gustavo.
- Fala sério, cara! Eu prefiro ler!... afirma Tiago.
- Não seja bolha, primo. Sem você não dá pra fazer parceria...
- Jogar biriba de três não é *legal!* reclama Fernanda Bom é com dupla!
- Caraca!... Vocês sabem que eu não gosto de jogar! Prefiro continuar lendo a história do dinheiro... É mais maneiro! Por que não convidam a Marineide...?! Quem sabe ela não topa...?
- Falou, cara... Até que é uma boa pra conhecê-la melhor! lembra Bianca Não foi isso que combinamos?!

O avô, vendo que a chuva inesperada atrapalhara realmente a programação das crianças, resolve facilitar a distração dentro de casa: - Isso mesmo... Convidem a filha do Januário que deve estar sozinha em casa... Se a mãe dela deixar, ela poderá almoçar com vocês e passar o dia todo aqui. Tenho certeza de que a Vó vai concordar!

- Falou, Vô! Fui!!! e, animada, Fernanda sai ligeiro à procura de Kátia.
- Bem... Assunto resolvido eu vou agora trabalhar no escritório. Só não façam muito barulho, para não me perturbar! e Ernesto sai em direção à sala de trabalho. Porém, de repente ele pára e volta-se para as crianças Pensei em mais uma opção!

Estas olham surpresas para ele: - O quê, Vô..?!

- Tia Margarete ficou de trazer alguma fita de vídeo...?
- Não, queridos... A tia não vai voltar hoje para casa. Está empenhada no trabalho, por toda essa semana. Portanto, se a Vó não for usar o computador da sala da televisão, vocês poderão usá-lo... Para jogos ou pesquisas na Internet.
 - Sério, Vô...?!- entusiasmam-se as crianças.
 - Eu também, Dr. Ernesto...?! arrisca o hóspede.
 - É claro, Gustavo... Eu sei que você também é bom internauta!
 - Valeu, Vô... anima-se Tiago Vou perguntar agora mesmo pra Vó!
- Mas tem um porém!... Só poderão ligar a Internet na parte da tarde, porque eu vou acessá-la a manhã toda. Depois do almoço vou sair e ela ficará livre para vocês.

- Mas então é melhor deixarmos o computador pra de tarde mesmo! Sem a Internet não temos muitas opções... sugere Bianca *Podes crer*, Vôzinho! Você fez essa chuva virar um *barato!* ela agradece beijando-o com carinho.
 - Brigadão, Vô! Eu já estava com saudades de um mouse!
 - Manero! Por essa eu não esperava! fala Gustavo.

Sorrindo, Ernesto se dirige para o escritório, pensando: "É justo deixar que eles manipulem o computador... Afinal essa turma jovem faz isso bem melhor do que nós da terceira idade!"

Não demora muito e Fernanda retorna comunicando alegre, que a filha do granjeiro estava para chegar.

- Eu telefonei e a dona Josimara concordou em deixar a Marineide passar o dia todo conosco! *Legal, né* ? O *seu* Januário vai trazê-la daqui a pouco!

A manhã passou ligeira, com grande animação. Tiago mergulhou fundo no livro da Casa da Moeda enquanto os demais disputavam partidas de biriba.

Após o almoço e a saída do Ernesto, a avó se retirou para o quarto a fim de dormir um pouco, liberando o computador para as crianças.

- E aí, *galera...*? Por onde vamos começar... Pesquisa ou jogos? pergunta Gustavo ansioso para iniciar a programação.
 - Pelos jogos, é claro! se adianta Fernanda.
- Mas que jogos...?! Em computador de *coroa* só devem existir paciências, damas, xadrez e essas *baboseiras*... É o que eles gostam! deduz Tiago.
 - Você sabe *navegar*, Marineide...?! pergunta Bianca.
- Não muito bem ainda... Porque só há dois meses meu pai pode comprar um computador. Uso mais é pra fazer trabalhos do colégio... Não é dos mais modernos, e o pai não libera muito a linha do telefone pra navegação... Diz que sai muito caro!
- É verdade! Eu também não *navego* quase nada. O primo é que é *amarradão* em computação. e dando uma risada, Fernanda comenta Acho que quando ele nasceu, ao invés de bichinho de pelúcia, a tia colocou no berço dele um computador!

Marineide acha graça e pergunta interessada: - Mas afinal, o que vocês pretendem fazer...?!

Tiago, empolgado pela leitura sobre a história do dinheiro, sugere: - *Galera...* Que tal procurarmos algo sobre o comércio realizado no início da colonização do Brasil ?! Aqui no livro está escrito que circulavam muitas moedas diferentes naquela época! – e rindo ele comenta – Devia ser uma *zorra!...*

- Pode ser uma pesquisa *irada!*... – aprova Gustavo – Eu *topo!*

Com a sugestão aprovada por todos, a busca é iniciada com Tiago assumindo o controle do computador.

- *Podes crer*... Já que estamos querendo conhecer o dinheiro circulante no Brasil, desde o seu descobrimento, vou acessar Moedas do Brasil... Vamos ver o que aparece!

Para satisfação dos internautas, abriu-se uma página contendo as informações básicas, com várias fotos de moedas antigas.

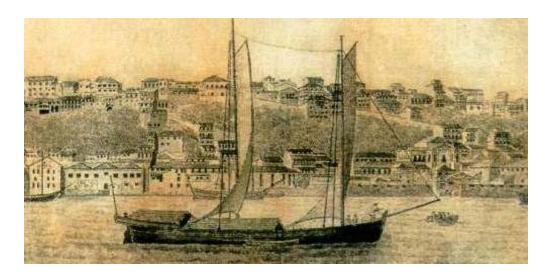
- *Valeu!...* Parece ser um bom resumo do que estamos procurando! diz Gustavo Mas será que não tem mais nada?!
 - Fala sério... concorda Tiago Vou tentar Brasil Moedas! Quem sabe ?!

Uma nova página surgiu. "Brasil em Moedas – Moedas do Brasil"

- Essa é mais *legal!* diz Fernanda.
- Mas não difere muito da anterior observa Bianca.
- Caraca, prima... A história é a mesma! critica Tiago rindo.
- Ora *seu bobalhão!* É claro que eu sei disso!!!- responde Bianca meio ofendida O que eu quis dizer foi que eu não vi, na outra página, nada sobre o comércio do Pau-Brasil! Você mesmo contou, outro dia, que essa madeira foi a primeira moeda de troca! Já esqueceu...?!
- Não... É claro que eu me lembro! Não precisa *encanar*, estava só *mexendo* com você, porque isso está implícito nessas páginas... No início da colonização, o comércio era todo feito na base da troca. Pouco se falava em dinheiro, apresar de existir o "real português". É o que está aqui!
- Bem... Existia, mas não circulava! intervém Gustavo O que estamos sabendo agora é que realmente a primeira moeda brasileira foi o açúcar. E pelo que está escrito aqui, ele só começou a valer como dinheiro em 1614, por ordem do governador Constantino Menelau. E isso eu desconhecia!
- Confesso que eu também! reconhece Tiago $Podes\ crer...$ Nem me lembro de ter estudado sobre esse governador.
- Saca essa, galera!... Somente os funcionários da administração portuguesa é que recebiam salários em moeda sonante... indigna-se Fernanda continuando a leitura do texto
- Caras... Que lance sinistro era o dinheiro daquela época! admira-se Marineide que, já tendo terminado de ler o que estava na tela, acrescenta Pelo que eu entendi, ao mesmo tempo em que circulavam o açúcar e o "real português", havia também o "real hispano- americano" e mais as moedas holandesas em Pernambuco. Que zorra total! Como será que os comerciantes se entendiam...?!
- No que diz aqui, *galera*, parece que isso não importava muito, porque o comércio interno era muito pequeno. comenta Bianca e, tomando do *mouse*, deixa rolar mais a página, continuando a ler em voz alta "A maioria da população era composta de escravos que não podiam comprar ou vender e por colonos livres que recebiam seus pagamentos em mercadoria de pouco valor..."
 - Caraca...Que exploração em cima dos coitados! comenta a irmã indignada.
- Fernanda... dirige-se Gustavo a esta, com curiosidade Por que você achou que esta página das Moedas do Brasil era mais *legal* que a anterior? O que você viu de diferente nela...?!
- Somente o *visual!* É que a foto me deixou curiosa!... responde, pedindo em seguida ao primo para rolar a página para o início, onde estava a gravura impressa no alto da mesma Olha!... Parece que é a pintura de um porto antigo...
 - Falou... Realmente é a foto de um quadro pintado naquela época!

Apontando para o quadro, ela vai observando os detalhes: - A nau ancorada deve ter acabado de chegar, pois o barco a remos está levando os passageiros para a praia... E, com certeza, ela deve estar carregada de mercadoria de troca... Não parece isso, *galera*...?

- Caraca... Que imaginação, Fê! - comenta o Gustavo rindo - Você vê a foto e já imagina uma estória!



- Fala sério... Isso não é imaginação... É dedução inteligente! responde a menina dando um sorriso de superioridade O que é uma qualidade bem feminina!
 - Falou, mana! apóia Bianca E o que mais você imagina nessa foto...?
- Ora... Nada mais! Apenas acho *legal* a vista do lugar com aquelas casas simples, subindo pelo morro... Não dá vontade de ver tudo isso de perto...? Que cidade será essa?! Aqui não tem nada escrito! e virando-se para os demais, sugere E *aí galera*... Vocês não acham que seria *uma boa* viajarmos no tempo até lá?!
 - Viajar no tempo...? admira-se Marineide Que viagem é essa?!
- Fê!!!... se apressa Bianca em corrigir a irmã Que *baboseira* é essa que você *tá* falando...?!

Percebendo que falara demais, a irmã procura consertar: - Não... Não é isso... Eu disse que gostaria de voltar no tempo...

- Ai... Meu Deus! Por que será que meninas são sempre perigosas pra guardar segredo?! diz impulsivamente Tiago, sem pensar.
- Mas eu não contei nada, *cara!* reclama a prima Você é que está falando em segredo!
- A essa altura, Marineide que não era boba, percebeu que havia algo de estranho: O que vocês estão escondendo de mim...?! Já deu pra desconfiar que está *rolando* algo de misterioso! O que é que eu não posso saber ?!
- *Dançamos!...*Será que não é hora de contarmos tudo? pondera Gustavo Senão essa *pirralha* curiosa vai ficar pensando que existe alguma coisa de errado com a gente... Algo proibido!
- *Podes crer*, primo reforça Bianca Ele *tá* certo!... O melhor é contar logo tudo de uma vez!

Tiago hesita em responder, pensando em Ita Verá: "Será que ele não vai ficar aborrecido..? *Pô... Que roubada!!!* Com o Gustavo foi diferente... Não foi nossa culpa. Aconteceu de repente..."

- *Manda ver* de uma vez, primo!... – insiste Fernanda, impaciente com a demora - Contamos ou não contamos...?!

Tendo sido criada tal situação, Tiago não tem outro jeito senão o de explicar o fato para Marineide: "Fazer o quê...??? Já *rolou* quase tudo! Agora *vou em frente!*" – pensa decidido e acaba convidando a menina para participar do grupo.

- Caras... Que lance mais irado!!! exclama esta impressionada Mas, por que vocês não queriam me contar...?! Acham que eu poderia atrapalhar...?
- Não... De jeito nenhum! afirma Tiago Apenas queríamos conhecê-la melhor. Ter certeza de que você não é medrosa ou cheia de *frescura*. E também se saberia guardar esse segredo bem guardado!
- Medrosa, eu...?! Nem um pouco! *Fresca*, nem pensar!!!... cruzando os dedos indicadores sobre os lábios, afirma *Sou um túmulo!!!* e, com os olhos brilhando de empolgação, exclama O que é preciso fazer pra *bombar* numa aventura dessas...?
- Primeiro um juramento solene de que nunca irá contar nada do que acontecer para ninguém!!! afirma Fernanda.
 - Eu juro!
- Mas é uma *jura* de verdade!!! reforça Bianca NINGUÉM pode saber disso! NUNCA!!!

A menina promete e eles fazem novo juramento igual ao primeiro: "Todos por um e um por todos neste grande segredo!"

- Você agora é caloura no grupo! diz Gustavo rindo E como *bixo* tem que obedecer aos veteranos!
- *Valeu*... Eu aceito! Porém estou muito curiosa... Até agora vocês não contaram como *rola* essa tal invocação ao Portal do Tempo! Como é que tudo acontece...?

Os quatro amigos se entreolham rindo e Tiago pergunta fazendo uma cara séria: - Devo contar agora ou deixá-la curiosa até quando a chuva parar...?!

Os outros fazem suspense: - Talvez...

- Não sei não!
- Quem sabe, uma votação?!

Marineide ansiosa de tanta curiosidade insiste: - *Fala sério, galera!* Não somos todos por um e um por todos...?! Então, *manda ver* de uma vez!!!

Tiago solta uma risada: - *Falou!* Você passou no teste, *carinha...* É persistente. Não desiste nunca!!! – e retira o talismã do bolso, exibindo-o – Esta é a pedra encantada.

Marineide estende a mão querendo pegar o cristal, porém Tiago o afasta dela: - Não pode pegar... Apenas olhar, porque somente o dono da pedra pode segurá-la! - e percebendo que a menina pensa que é brincadeira, fala com seriedade dessa vez - *Podes crer!* Está escrito no livro "O Poder dos Cristais". Não pode haver troca de energias.

- Então deixa, pelo menos, eu ver de perto! e se admira *Carácolis!* É diferente! Muito *legal!* E é com ela que você faz essa tal invocação ao Portal...?
- Falou... Segurando-a com firmeza e fé!... Depois, juntamente com a galera, é feita uma concentração... Longe da visão de qualquer pessoa estranha... Num local bem isolado... Aí se mentaliza o lugar que se deseja conhecer...
 - De que maneira...?!
- Como se estivesse olhando para ele... Por exemplo... Faz de conta que é para aquele lugar da foto que queremos ir. Aí fechamos os olhos e pensamos nele... E quando o pensamento está firme, iniciamos a invocação bem assim:

"Cosmos Infinito, onde tudo existe eternamente e onde inexistem barreiras ou fronteiras... Leve-nos através do Portal do Tempo, ao lugar que queremos!"

Mal Tiago acabara de falar uma luz violeta, vibrante, surge de repente na sala. A tela do computador pisca tremeluzindo... Uma rajada de vento passa envolvendo a todos e, numa fração de segundo, as cinco crianças se encontram sobre a areia de uma praia deserta. Bem próxima à cidade que viram na foto antiga...

- Jesus!!!... exclama Marineide assustada Olhem para lá! É o lugar da fotografia!!! Com a mesma nau ancorada e o barco a remos levando o pessoal pra praia!!!
- Então a invocação funciona dentro de casa também...??? questiona Bianca espantadíssima.
- Caraca!... Por essa eu não esperava! diz Tiago olhando surpreso para o cristal ainda em sua mão Ita Verá não falou "dentro de casa" quando me ensinou a invocar o Portal!
- Pensando bem... *Caramba!* analisa Gustavo Local isolado, longe da curiosidade dos outros, não quer dizer que seja apenas em campo aberto... Não estávamos bem isolados na sala da TV ?!
- Galera... O que vamos fazer agora para nos protegermos...? Como vamos enfrentar a curiosidade desse *povão* antigo? pergunta Fernanda preocupada com o momento atual Nem temos as nossas mochilas milagrosas!

Olhando ao redor, Tiago começa a analisar a situação: - *Caraca*... Ao que tudo indica, é mesmo o lugar da foto... Mas... Não parece a época logo depois do descobrimento. Já existem muitas construções...

- Então devemos estar por volta de 1550 ou talvez 1600... palpita Gustavo.
- *Podes crer!* concorda Bianca.
- Então... *Caraca!!!* Já existia a escravidão negra! e, olhando para o amigo, Tiago se preocupa É um *lance* perigoso pra você, *cara!* Pode passar por escravo fugitivo!
 - Caramba!... Como não pensei nisso...?!
- E será que eu também não *tô nessa roubada...*? diz Marineide exibindo os braços, apavorada com tal possibilidade Morena desse jeito...? Vão pensar que eu sou mulata mestiça... Ai, Jesus!... Por que eu fui olhar praquela *droga* de foto?!
 - Calma, galera! Não vamos encanar... Vamos pensar numa saída! diz Tiago.
 - Fala sério... Por que não ficamos invisíveis ? pergunta Fernanda.
- Já se esqueceu que Ita Verá nos avisou que estamos impedidos de receber a invisibilidade...?! lembra Gustavo ansioso.

Tiago raciocina ligeiro: - *Caraca!...* Já sei o que vou fazer!!! Vou pedir a Ita Verá o que nós queríamos na nossa última viagem... Lembram...? Que as nossas roupas sofressem a transformação do tempo!... *Sacaram ?!* Assim poderemos andar disfarçados!

- Valeu, cara! Se o Gnomo puder fazer isso, beleza!!!

Sem perda de tempo, Tiago invoca o gnomo, fazendo o pedido. Em seguida uma voz se faz ouvir:

"A irresponsabilidade traz sempre graves prejuízos... Entretanto, como a intenção não foi de desobediência, vou ajudá-los mais uma vez. Serão estrangeiros no meio do povo. Usem da sua imaginação!"

Ainda não tinham se recuperado do susto causado por esta inesperada reprimenda de Ita Verá, quando um forte e repentino vento os fez rodar como num

redemoinho, deixando-os apavorados. Contudo, girando por alguns segundos apenas, tão rápido como chegou, este sumiu no tempo deixando realizada a mágica da transformação.

Ainda meio zonzos, os viajantes do espaço se entreolham, surpreendendo-se sobremaneira.

- Carácolis!!! Que legal!!! Eu pareço uma dama da corte imperial! exclama radiante a Bianca.
 - Vocês duas!... Eu não!!! reclama Marineide Sou uma mucama!!!
- E eu um criado de libré!!! exclama indignado o Gustavo Só porque eu sou negro...?! Você é um lorde, *cara!* Será que o Ita Verá é racista...?

Tiago coloca a mão no ombro do amigo consolando-o: - *Se liga*, *cara!*... Estamos vestidos de acordo com a época! Infelizmente, pra ficarmos seguros temos que ficar na *onda* deste tempo! - e rindo reforça o consolo - Pelo menos, *cara*, não vai passar por escravo fugitivo. Aí sim é que a *barra ia rolar!!!*

- Eu sei, *cara*, que você tá certo... Mas é *duro* ter que vivenciar o tempo da escravidão!
- É uma *droga* mesmo! reclama Marineide Só por que sou morena, virei mucama escrava!
- *Liga* não, Marineide! Você está uma mucama *gatíssima!!!* se apressa Tiago a consolá-la, voltando a se preocupar em seguida Agora precisamos *bolar* uma estória *maneiríssima* para enganar os nossos antepassados lusitanos!
 - Do jeito que estamos fantasiados...
- Quê isso, Fê...? interrompe Bianca rindo Fantasiados...? Nós estamos num *teatro ao vivo!* Representando a nobreza!

Os amigos caem na risada, mas a menina não perde a pose: - Mas era exatamente isso que eu ia dizer. Do jeito que estamos VESTIDOS, estamos parecidos com personagens de um filme dos tempos da Inquisição... *Sacaram...*?

- Podes crer, prima... E como será a nossa estória... Alguém já bolou?
- Eu tenho uma idéia! exclama Bianca Somos nobres da corte européia, acompanhados de nossos escravos. Que tal ?!
- Escravos de vocês... Que injustiça! reclama meio ofendida a amiga nordestina.
- Ora, deixe de *babaquice*, Marineide... Já estamos vestidos para representarmos o nosso papel nesse teatro *irado!* intervém Gustavo Não podemos esconder a nossa cor!... porém em seguida ele acrescenta Mas somente nesta viagem, porque escravo nunca mais! Tenho muito orgulho da minha raça!
- No que você está muito certo, *cara!* retruca Tiago A raça negra é parte importante na formação da nossa raça brasileira! Da mesma forma que os imigrantes europeus.
- Fala sério... E nós três, com cabelos louros e vermelhos tá na cara que não somos portugueses! preocupa-se Fernanda Qual a nossa raça ?!
- E nem sotaque lusitano nós temos! concorda Bianca Os habitantes daqui vão achar que somos italianos, ingleses ou irlandeses... O que faremos?!
- Seremos filhos de um lorde inglês, acompanhando o pai numa viagem de negócios! Não é uma idéia genial...? sugere rapidamente o Tiago.

Gustavo cai na risada: - Viagem de negócios, *cara...*? Em 1500 e *lá vai fumaça...*?! Numa "rápida viagem" de vários meses pelo mar desconhecido?!

- *Caraca*...Tiago... Ele está certo! Esse *lance* não poderia existir naquele tempo! Melhor arranjar outra coisa! diz Bianca.
- E bem ligeiro, primo, porque o tempo *tá* correndo! Já se passaram quase vinte minutos nessa *encanação!*

Marineide que até então nada opinara, resolve fazer uma sugestão: - Pois eu acho, *galera*, que a idéia dele não é ruim! Só não está bem *armada!*

- Como assim...? interessa-se Fernanda.
- Eu li meses atrás, um romance bem parecido com o que ele está *bolando!* Um *cara*, navegante inglês do século dezesseis, tinha que levar um carregamento de gêneros para a América. Porém, ficou viúvo de repente e sem ninguém pra cuidar de seus dois filhos, resolveu levá-los na viagem. Aí acontece um *monte* de aventuras... *Sacaram*...?! Não deixa de ser uma viagem de negócios!...
- Podes crer! exclama Tiago entusiasmado Valeu, Marineide! Se todos toparem, podemos armar a nossa estória em cima do que você contou!
 - Então, primo... Troca logo a sua idéia!!!
- Vocês duas serão as minhas irmãs... Gustavo e Marineide serão escravos alforriados. O navio do nosso pai, que é um nobre mercador, ancorou ao largo, em uma outra enseada mais distante. Ele trouxe gêneros diversos para negociar com açúcar ou paubrasil. O que acham...?!
- Se os *caras* forem *trouxas* o bastante pra *engolirem* o nosso sotaque brasileiro, até pode dar certo! fala Gustavo sem muita animação.
- O sotaque...? Quem falou em sotaque...?! Pois bem, *cara*... Nós vamos falar em inglês e ponto final! Não somos ingleses...?!
 - Fala sério, primo... Será que os portugueses aqui conhecem a língua inglesa...?!
- Acho que não! Aí é que está o *barato* da trama! Conversaremos entre nós somente em inglês... Eles nada entenderão e nós seremos estrangeiros de verdade.
 - Mas eu falo muito pouquinho... diz Marineide. E você Gustavo?!
 - Falo *legal!* Sou um dos primeiros da minha turma no Curso de Língua Inglesa.
- Beleza! Então, somente eu e Marineide falaremos com quem encontrarmos, no "dialeto de uma colônia da Coroa Portuguêsa", ou seja, o nosso português! decide Tiago confiante. Vai dar certo... Eles vão engolir!!! E acho que Ita Verá vai ficar satisfeito com a nossa imaginação!
- *Caraca!* Esta é uma aventura *irada!* entusiasma-se Gustavo, contagiando os demais com a sua animação Vamos *zoar* demais!

E após fazerem um agradecimento aos protetores cósmicos, eles começam a observar detalhadamente o local onde estavam, para não se perderem na volta.

Era uma linda praia com inúmeros coqueiros na larga extensão de areia. Ao término desta, o mato fechado subia pelas encostas de um morro, cobrindo-o totalmente. Uma bela paisagem ainda intocada pela mão do homem...

- *Caraca!*... São muitos coqueiros e não temos tinta milagrosa pra indicar o ponto onde descemos... – observa Bianca muito preocupada - Como vamos fazer...?!

Antes que qualquer outro opinasse, Marineide vai de encontro ao coqueiro mais próximo e, desamarrando o avental que levava preso à cintura, deixa-o amarrado ali: - *Galera*... Eis a nossa bandeira!

- Valeu, pirralha!... Mais chamativo que isso, impossível! diz Gustavo sorrindo.
- Mas... Por falar em chamativo, precisamos esconder nossos relógios, bem escondidos, sob as mangas. Se essa *patota* antiga descobre, *entramos numa roubada!* alerta Tiago E é melhor que todos acertemos a hora!... Assim teremos o tempo correto para a nossa volta!

E confiantes, eles em vão em direção à vila.

Andando pelas estreitas ruas de terra onde transitavam pessoas de aparência rude, o pequeno grupo inglês chamava a atenção. Principalmente as gêmeas tão iguais, de raríssimos cabelos ruivos, desconhecidos da grande maioria daqueles habitantes... E o negro escravo, impecavelmente vestido de um modo estranho, que contrastava de maneira gritante com os demais negros existentes no local. Estes, com roupas de algodão grosseiro, circulavam transportando pesados fardos, tocando animais ou levando grandes e carregados cestos à cabeça.

As casas eram alinhadas assimetricamente, umas de moradia familiar, outras de comércio. Construídas em adobe, cobertas por telhas de barro manufaturadas por mãos escravas.



Algumas térreas e outras de dois pisos formavam um pequeno centro na parte baixa da vila, defronte ao mar, onde estava localizado o cais. Mais para dentro, ao longe, as construções subiam ladeiras de estreitas calçadas, cortando morro acima em meio ao arvoredo.

Em voz baixa e emocionada Marineide arrisca, num inglês primário, um comentário: - I suppose, this place is my city... Salvador!

- Yes... concorda Gustavo surpreendido But you speak english!
- *Moore or less*...- responde a menina envaidecida.

E assim, conversando em inglês, eles vão explorando a cidade sob o olhar espantado dos habitantes. Pelas ruas de terra, um mau cheiro exalava das fezes da animália de carga e de alguns monturos de lixo espalhados ao longo do caminho, que alguns escravos iam recolhendo num grande cesto de palha.

- Caraca!... Que sujeira!
- Parece que as pessoas dessa época não têm muita higiene!...

Os comentários se sucedem...

Atravessando o que supunham ser o centro da vila, eles chegam próximo ao cais



onde, de um pequeno barco, um comerciante desembarcava mercadorias. Estas iam sendo levadas pelos escravos, em direção a um largo, onde um agitado grupo de pessoas ali se encontrava reunido. Era o mercado da barganha.

Havia uma variedade de produtos expostos para venda. Ovos, frutas, legumes e verduras. Galinhas vivas, amarradas pelos pés, agitavam as asas numa vã tentativa de se

libertarem. Peixes de vários tamanhos, recém pescados, ainda se debatiam dentro de enormes cestos de palha, saltando por vezes sobre o chão de terra arenosa. Porcos grunhiam, confinados em caixotes feitos com ripas de madeira. E a todo este barulho se misturavam as vozes dos vendedores anunciando suas mercadorias...

Transitando pelo local, umas poucas carroças puxadas a burros e algumas montarias

de tropeiros. Negros escravos carregavam aos ombros grossas varas de bambu pendendo redes onde seus senhores, instalados confortavelmente, especulavam o comércio.

Neste ambiente confuso e barulhento, circulava a moeda oficial. O açúcar!

- Caraca!... Qual será o valor dessa moeda doce...?! comenta Gustavo.
- Pelo pouco que nós podemos ver, não dá pra calcular!



- Mas eles trocam também umas coisas por outras – observa Bianca.

Inesperadamente, Fernanda fala exaltada, esquecida do inglês, pela indignação de que está acometida: - *Galera*...Que absurdo!!! Que maldade!!! Aquele idiota *grandão*, que deve ser o dono da mercadoria, está batendo de rebenque naquele garotinho só porque ele derrubou um saco de batatas no chão!

Igualmente indignado com cena tão absurda, mas, ao mesmo tempo receoso de alguma reação por parte da prima, Tiago adverte também em português: - É uma terrível desumanidade, Fê!... Mas por favor, prima... Nem pense em se meter!... Este *lance*, por mais que nos faça sofrer, faz parte da história desta época!

O pequeno escravo negro chorava de mansinho, sentado no chão. De suas costas desnudas, marcadas pelo rebenque, escorria um filete de sangue. As crianças de tão revoltadas, esqueceram-se de que deveriam se comunicar apenas em inglês.

- É uma barbaridade!!! Tenho gana de avançar nele!!! Covarde!!! esbraveja Gustavo.
 - A vontade que dá é de quebrar ele todinho!!! exclama Bianca.
 - Eu sinto como se fosse comigo! diz Marineide quase chorando.
- Galera... Precisamos nos acalmar! pondera Tiago apreensivo Ita Verá recomendou muito que não interferíssemos no passado. Seria quebrar uma severa lei e aí corremos o risco de ficarmos perdidos no espaço!
- *Podes crer*...O melhor então é sairmos logo daqui!... Não dá pra olhar um *lance* desses e ficar quieto!!! fala Gustavo revoltado.

De tão indignados, esquecidos completamente do inglês, eles custaram a perceber que as pessoas que se achavam próximas, os olhavam muito espantadas, cochichando umas com as outras...

- *Vamos vazar ligeiro daqui!...* – alerta Tiago, novamente em inglês, ao se dar conta de que eles haviam chamado mais atenção do que deveriam.

Fazendo esforço para demonstrarem naturalidade e aparência de tranquilidade, foram se afastando em seguida daquele local. Mantendo agora o diálogo em inglês.

- Acho melhor voltarmos logo para aquela praia...- sugere Gustavo.
- Mas vamos esperar um bom tempo por lá!...- desaprova Bianca.
- Não faz mal, mana...Estou ficando com medo... Já chamamos atenção demais!
- Eu concordo! apóia Marineide
- É uma pena voltarmos tão cedo... Não vimos quase nada!... Mas, já que vocês querem assim, então vamos! concorda Tiago a contragosto.

Porém a praia ainda estava distante... Logo, tiveram que passar pelo centro da vila, se deparando com outras pessoas. Umas se admiravam quando eles passavam junto a elas, porém para outras mais distraídas, passavam desapercebidos. Mas eles a tudo observavam atentamente, para não desperdiçarem nenhum detalhe daquela rápida passagem pela história brasileira...

- É um barato poder vivenciar tudo isso!
- Estudar a história do Brasil ao vivo é demais!!!
- Se contássemos no colégio, ninguém acreditaria!

E eles iam observando ao máximo... Registrando na memória.

Poucas mulheres circulavam pelas ruas de terra, arrastando seus longos vestidos na poeira solta, que denunciava a falta de chuva. A maioria dos homens vestia-se rusticamente, contrastando com uns poucos bem vestidos. Estes assim exibiam sua alta posição na precária sociedade daquela época. Uns, talvez latifundiários plantadores de açúcar, outros, gerentes do monopólio português ou mesmo funcionários do governo.

De repente eles foram interceptados por um destes aparentes burgueses. Com uma voz carregada de sotaque português arcaico, ele os interpela: - Oi, moiçolos! O que fazem por essas terras...? Donde vieram e donde se alojam...?!

Apesar da dificuldade para entender direito um sotaque tão carregado, Tiago sem vacilar, desenvolve a estória que combinara com os companheiros. Fala normal e pausadamente, em português, para que o homem pudesse compreender o que dizia: - Na nau inglesa pertencente ao nosso pai, Charles Cooperfield.

O homem, com expressão severa, pergunta desconfiado: - Desconheço qualquer nau vinda da Gália, aportada nos dias de agora... E igualmente desconheço a linguagem que me falas, de dificil captação!

- É a língua portuguesa que se fala na Colônia da Coroa Real Lusitana... Foi lá que aprendi, em companhia de meu pai, nas suas inúmeras viagens ali realizadas.
- Desconheço esta colônia e quero que me mostre onde está ancorada a nau inglesa! diz o homem segurando o braço do Tiago.

Este, entretanto não se intimida e, apesar do coração estar batendo disparado, fala com convição: - Bem longe daqui, do outro lado da enseada... Ainda em alto mar, porque o senhor meu pai tinha receio de não ser bem recebido nestas terras coloniais de Portugal - e lembrando-se da foto mentalizada na invocação, ele arremata - Viemos de barco até a praia...

- Ora, pois-pois... Não me cheira bem o que dizes! O que deseja vosso pai por aqui e por onde ele anda?!

E a fértil imaginação de Tiago vai se expandindo: - O senhor meu pai é nobre mercador da Coroa Inglesa. Veio trazer gêneros diversos pra trocar por açúcar. Ele está à procura do Governador!

- Mas tal comerciação é monopólio da Coroa Portuguesa e eu sou agente funcionário deste real monopólio! Estou mais a pensar que vosso pai é um pirata disfarçado!!! — e apontando para Gustavo pergunta irritado — E este negro escravo o que faz vestido assim de modo rico tão estranho?!

Gustavo ao ouvir isso, engole em seco para refrear o desejo de revidar às palavras depreciativas do português. Porém Tiago, investido de uma aparente calma genuinamente inglesa, continua a explicar: - É um escravo alforriado pelo senhor meu pai. Zumbi é um pajem tipicamente inglês que me acompanha! - e antes que o agente se manifestasse novamente, ele continua - O mesmo acontece com Luana, a mucama de minhas irmãs. Ela é uma mestiça nativa da Colônia da Coroa Real Lusitana.

- E que nome tens tu e estas duas moiçolas, quem são...?!
- Minhas irmãs, Elizabeth e Margareth...E meu nome é Peter Coperfield!
- O português continua olhando com desconfiança para os viajantes que, se esforçando ao máximo, procuram aparentar uma calma que estão longe de sentir.
- Mas uma outra cousa me faz pasmo... Por que um navegador traz a família em uma viagem tão perigosa...? Vossa mãe onde se acha...? Está aportada na nau...? Ou acompanhou vosso pai?

Tiago faz uma cara compungida e, com voz entristecida, esclarece: - A senhora nossa mãe... Mary Jane... Eis o triste motivo porque estamos aqui, acompanhando o senhor nosso pai nessa viagem tão longa... A senhora nossa mãe faleceu repentinamente dias antes da data marcada para essa viagem...

A expressão de tristeza do menino parecia tão real, que o rude agente meio que se comove. E Tiago com a imaginação acelerada, continua com sua estória.

- O senhor nosso pai não tinha nenhum tutor a tomar conta de nós... Não querendo nos deixar sozinhos, apenas com os criados, resolveu nos trazer na viagem.

A essa altura, as meninas começam a choramingar baixinho e o primo comenta com muita tristeza: - Minhas irmãs e a mucama não podem ouvir falar na senhora nossa mãe, que começam a chorar... Sentem uma enorme falta de sua amada presença! - e dirigindo-se às primas, com receio de que o português entendesse a língua inglesa, ele as consola como se fosse verdade - Não chorem, minhas irmãs... Nossa querida mãe ficará triste e chorosa, aos pés da Virgem Maria. Não foi isso que o Frei Bernard nos afirmou?!... Por favor, sequem suas lágrimas!

- O que estais a dizere...?! Repita para mim!!!

Sem vacilar, Tiago traduz o que dissera. Em seguida, libertando-se do português, ele se abraça com as primas para consolá-las. Estas, em comovente atitude, enxugam os olhos com as costas das mãos...

O português se deixa abalar com tal cena tristonha: - Pois... Ora vejam, moiçolas! Não fiquem tão tristes assim... A senhora vossa mãe está no Céu!... - e com a expressão mais suavizada, ele ordena - Estejam aqui à minha espera! Vou em busca de vosso pai na Casa da Governadoria... É logo ali! - e aponta para um sobrado distante apenas uns trinta metros de onde se encontravam, dirigindo-se para lá.

Assim que o agente entra na casa, Tiago comanda: - Galera, vamos nessa!!!

E as crianças iniciam uma louca disparada... Uns homens que ali se achavam observando o grupo ficam espantados com tal correria e se apressam a procurar o agente na Casa do Governo.

Com as saias arregaçadas, as meninas correm reclamando: - *Droga!...* Por que essas roupas precisavam ser tão compridas e complicadas...?

- Caramba!!!... Não diminuam a marcha!... exclama Gustavo, olhando para trás Lá longe parece que vêm alguns caras correndo em nossa direção!
 - Ai, meu Deus! Que *sufoco!* fala Fernanda já arquejante.
- Mais força!!! Estamos quase chegando! grita Tiago avistando o avental da mucama balançando ao vento.

Assim que chegam no local, Bianca vai direto para o coqueiro que marcava o ponto de partida: - Não podemos quebrar nenhuma regra! Esse avental não pode ficar aqui!!! - e o desamarra rapidamente.

- Será que chegamos a tempo de invocar o Portal...? – se apavora Fernanda.

Gustavo puxando a manga da camisa, verifica o relógio escondido, e se desespera: - Ainda faltam três minutos para completar três horas! E agora...? *Galera*... Os *caras* estão cada vez mais perto!

Tiago retirando do bolso o seu talismã, faz um novo apelo:- Ita Verá! Ita Verá! Ajude-nos... Precisamos do Portal AGORA!!! Uns *caras* furiosos estão vindo pra nos pegar!!!

Mal ele acabara de formular tal pedido, uma densa névoa desceu de repente ocultando tudo. Nada se enxergava e os homens aturdidos, perdem a direção. Assim, no tempo certo o Portal se abre e os viajantes do espaço são sugados arquejantes, com os

corações palpitando disparados. Alguns segundos depois se encontram novamente em seus lugares, ao redor do computador. As roupas antigas sumiram... Tudo voltara ao normal.

Zonzos, se entreolham ainda sem ânimo de comentar qualquer coisa. Porém, sobressaltam-se novamente ao ouvirem a voz de Kátia, abrindo a porta da sala: - Ora, crianças!... Vocês estavam tão silenciosas que eu cheguei a pensar que estavam dormindo ou que haviam escapado para fora!

Recuperando-se do susto, Tiago responde prontamente: - É que o programa que estávamos assistindo era tão *irado*, Vó, que chegamos a perder a fala!...

- Ainda bem, queridos... Porque se tivessem saído para andar na chuva eu ia ficar aborrecida! Vocês correriam o risco de se resfriarem!

Olhando para os outros, o neto volta a responder sorrindo: - Andar na chuva...? Não, Vó... Nem pensamos nisso... Seria perigoso!

- Assim é que eu gosto! Turminha ajuizada! Vou preparar um lanche para vocês. Estão com cara de famintos! – e satisfeita a avó se retira da sala, deixando-os a sós novamente.

Aliviados eles caem na risada.

- O que ela faria se soubesse da nossa "programação tranquila"...?!
- Fala sério!... E por falar nisso, cara, com que rapidez bolou um nome inglês! se admira Gustavo.
- *Podes crer, cara...* Foi fácil! explica Tiago rindo Afinal, já que estávamos vivendo uma estória mágica, o primeiro nome que eu *saquei*, foi o do grande mágico David Copperfield.
- Caramba! continua o amigo impressionado, aplaudindo Você e as meninas poderiam ganhar o Oscar pela cena triste, com choradeira e tudo! Foi tão real que encanou o português durão!
 - O Tiago pode ser... fala Fernanda Mas, nós três... *Hum...Hum!*
- Como "hum-hum"?! Por quê ?! perguntam os dois meninos ao mesmo tempo.
 - *Podes crer...* Foi uma cena real! responde Bianca rindo.
 - Real...???
- Falou... confirma Marineide Nós estávamos com medo de não dar tempo de voltarmos pra casa!
- E quando você falou em "nossa mãe" continua Fernanda Aí foi *zebra!* Lembramos das nossas mães...
 - Não deu *pra segurar!...*
 - Cara... Eu não digo que meninas são sempre "frouxas"...?
 - Fazem de conta que são corajosas e aí... Desabam e enrolam tudo!

As meninas reagem ofendidas: - Mas se não fosse pela nossa *enrolação*, o português não teria *caído* na estória!

- Cena real assim, *caras*, perfeita para a ocasião, vocês meninos não são capazes de fazer... *Podes crer!!!*
- Fala sério... Merecemos mesmo um prêmio!!! O Oscar é NOSSO!!! conclui Fernanda orgulhosamente, rindo da cara espantada dos meninos.

6° CAPÍTULO:

O sol despontara num céu sem nuvens, prometendo um dia radioso. Os primeiros raios penetrando pela janela aberta, despertaram Tiago e Gustavo, que se levantaram rápido da cama, ansiosos por mais uma aventura. Porém, impacientes, tiveram que aguardar as meninas que custaram a acordar. Já passava das nove horas da manhã, quando finalmente se reuniram na varanda. Olhando ao redor para se certificarem de que ninguém poderia escutálos, eles começam a conversar animadamente.

- Caraca!... Estávamos desde cedo querendo acordar vocês... A Vó é que não deixou!
- Se ainda não repararam, o dia amanheceu lindo! Ideal para *bombarmos* por aí! comenta Gustavo cheio de ansiedade.
- *Hum...* responde Bianca bocejando Ainda bem que a Vó não deixou vocês nos chamarem... Ainda estou com sono!
- Podes crer... confirma Fernanda Afinal, a viagem de ontem me deixou cansada! Vamos dar um tempo, né?!

O primo olha para o amigo reclamando: - Eu não tenho razão quando digo que elas são *frouxas...*?

- Frouxas coisa nenhuma!!! já se exalta Bianca Apenas acho que devemos escolher o que pretendemos fazer, para não acontecer outra surpresa como a de ontem!
- Falou, mana... Meninos são assim mesmo... Não pensam como nós! reforça Fernanda São muito infantis!!!
- *Menos*, Fê!!! Tiago responde igualmente exaltado O que aconteceu ontem, nenhum de nós poderia adivinhar! Por acaso, *sua fedelha sabichona*, você imaginou que o Portal se abriria dentro da sala do computador...?!
- Ora... diz Fernanda meio sem graça e, dando de ombros, se dirige à irmã: Você imaginava isso, Bia...?!

Bianca cai na risada: - Nem de longe... Mas que foi um *lance irado*, foi!!! Na verdade eu *adorei* a aventura!

- Valeu... Foi pura adrenalina!!! concorda Gustavo também rindo.
- Pois bem... Eu também confesso... Foi *bombástico!!!* Parecíamos heróis vencendo aquela situação perigosa! Foi, ou não foi??? Se tivesse sido fácil, não teria graça nenhuma!!! se entusiasma Tiago novamente *E aí*, Fê... Diz alguma coisa!
- Valeu mesmo! reconhece Fernanda Porém... Continuo achando que é melhor bolarmos antes para não entrarmos em nenhuma roubada!
 - Podes crer!... Você venceu!!! aceita Tiago.
 - Então vamos chamar a Marineide pra trocarmos idéias até a hora do almoço!
- É isso aí, *galera*... A menina provou que é *legal!* diz Gustavo saindo da varanda para o jardim.
- Fala sério... concorda Tiago acompanhando o amigo Mas, quanto ao novo rolé... O que vocês acham da idéia de continuarmos atrás da história do dinheiro...? No livro da Casa da Moeda tem umas histórias bem maneras! sugere entusiasmado.
 - Pode ser... apóia Bianca.
- Espera aí! intervém a irmã, segurando o braço do primo, impedindo-o de andar Só vendo o livro!... Assim no *papo* não dá pra decidir!

- *Tá legal*, prima!... Acho melhor mesmo ir buscá-lo! Assim poderemos *bolar* juntos o que fazer, sem confusão! – concorda Tiago saindo em disparada rumo ao seu quarto – Esperem por mim... *Fui!*

Quando Tiago está saindo do quarto com o livro na mão, se encontra com o avô. Este, sorridente, observa: - Já de manhã e empenhado na leitura ?! Hum... Pelo visto gostou mesmo de conhecer a história do dinheiro!

- É muito *manera* mesmo, Vô! Quero mostrá-la pra *galera*! Não tem problema levar o livro lá pra fora, tem...?!
- Claro que não, filho! Fico satisfeito de que vocês se interessem por novos conhecimentos. e num tom de suspense, Ernesto pergunta Que tal, depois do almoço conhecer a minha coleção de moedas...?

Surpreso, com os olhos já brilhando de curiosidade, o menino exclama: - *Caraca*, Vô! Uma coleção de moedas ???! Mas, por que não olhar agora mesmo?! Eu chamo a *galera* correndo!!!

Mas Ernesto contesta: - Agora não. Eu tenho que trabalhar... Só depois do almoco!

- Tá valendo mesmo, Vô...?!
- Ora, ora, meu rapaz!... Não existe nada mais certo que promessa de avô! e rindo, dá uma leve palmada no neto, empurrando-o para sair Vai... Vai ligeiro que eu tenho muito o que fazer agora!

Tiago, animado com a nova perspectiva, corre ao encontro dos amigos contando a novidade e, empolgados com a promessa do avô, chegam em pouco tempo defronte à casa de Marineide.

Entretanto, acabam por não tocar no assunto, porque a amiga os recebe com uma saraivada de comentários sobre a incrível aventura da véspera.

- Caraca, galera... Que aventura mais *irada!*...Eu nem consegui dormir direito... Só lembrando, lembrando... Era como se tivesse sido um sonho!!! Foi uma *bombada!* ADORE!!!! vai falando animadíssima enquanto caminha ao lado deles.
- Comigo aconteceu igualzinho da primeira vez! diz Fernanda rindo Aliás, acho que com todos nós... Não é, verdade, *galera* ?
- Podes crer! concordam os companheiros Aventuras iradas são o maior barato!
 - E pra hoje, já *bolaram* algum plano...?!
- Ainda não... Mas o primo está *encanado* com uma idéia que pode ser *legal!* responde Bianca Pesquisar "ao vivo" a história do dinheiro!
- Então vou levar vocês para o "meu esconderijo". Lá ninguém vai nos atrapalhar! diz Marineide se adiantando e apontando para um lugar distante É lá que eu vou quando quero estudar ou ficar sozinha!

Acatando a sugestão, o pequeno grupo se dirige para um laranjal situado a uns cinqüenta metros da casa do granjeiro. Convencidos de que ninguém poderia escutar a conversa deles, os viajantes do espaço se acomodam à sombra das laranjeiras.

Abrindo o livro, Tiago explica: - *Galera*... Se vocês quiserem ler o livro todo, teremos que ficar o dia inteiro por aqui...

- O dia todo lendo esse livro grosso...?! *Tô fora!* – interrompe Fernanda, sendo imediatamente apoiada pelos outros.

- Eu já calculava isso!... Portanto, à medida que eu ia lendo, fui selecionando o que poderia nos interessar para uma "pesquisa ao vivo"! diz orgulhosamente Tiago, mostrando várias páginas marcadas com tiras de papel.
 - *Valeu, cara...* aprova Gustavo *Manda ver!*
 - Então vou resumir pra vocês os trechos que selecionei...
 - Fala sério... Assim fica mais rápido! concorda Bianca ligeiro.
 - Mas manda logo, primo, que o tempo tá passando! se impacienta Fernanda.
- *Ok.* Vamos lá!... É tudo sobre o dinheiro no período do Brasil Colonial... Bem... Pelo que já aprendemos "ao vivo" o açúcar circulava como moeda oficial na Capitania do Rio de Janeiro. Porém... e, animado, começa a ler o texto em voz alta Outros produtos eram também usados para o comércio da troca. Como o fumo, a aguardente, couros, madeira, cravo, cacau e principalmente o pano de algodão.
- *Menos, cara*... Isso não é novidade! Já aprendemos pela Internet! interrompe Fernanda.
 - Mas não tão detalhado como aqui no livro retruca Tiago impaciente.
- Fala sério, primo! intervém Bianca Segue em frente!...Existiam ou não moedas naquela época colonial ?
- Existiam sim, mas eram poucas e não circulavam entre o povo. Só os "senhores donos da terra" e os altos funcionários do governo as possuíam.
- Pobre do povo... Sempre "levando na cabeça"! comenta Marineide entristecida.
- Tem razão... concorda Gustavo, sacudindo de leve a cabeça da amiga, num gesto de camaradagem Mas, vamos deixar a tristeza de lado e ouvir as explicações do Tiago! e virando-se para o amigo pergunta interessado *Cara*... Aí no livro também tem todos os nomes dessas moedas antigas...?
- Sim... Mas sem mostrar as datas correspondentes. Foi o dinheiro europeu que circulou desde o início da colonização até as invasões francesa e holandesa. *Caraca*, era um *monte* delas!... Escutem só!... e ele retoma a leitura Eram as moedas portuguesas o Escudo e Cruzado de ouro... Real grosso e Chinfrim, de prata... Espadim, Real branco e Cotrim... Justo de ouro... Português, Quarto de Cruzado de ouro e Cinquinho de prata... Tostão e Índio de prata... São Vicente de Ouro e o Real Português em prata... A Moeda, Dobrões, Dobras, Escudos e Cruzadinhos Novos".
- Que *rolo!*... interrompe a Bianca rindo Então essa estória de trocar o nome do dinheiro é coisa antiga... Herança dos antepassados!
- *Podes crer*... Desse jeito, o comércio naqueles tempos devia ser uma *zorra total!* comenta também rindo a Marineide.
- Caramba! Pelo menos, enquanto eram moedas vindas somente de Portugal, a enrolação não era tanta! Mas circulou também dinheiro de outros países. Não é isso, cara...?!
- Exatamente... continua Tiago a leitura "No período do domínio da Espanha sobre Portugal, existiram as *patacas* de prata castelhana, que foi a moeda de maior aceitação. E, na ocasião da invasão francesa, as tropas de Vilegaignon trouxeram uma grande quantidade de Cruzados. Os demi-henri d'or!"

Ouvindo isso Fernanda dá uma risada: - *Carácolis!...*Já imaginaram uma compra com essa moeda francesa...? "Quanto custa...? Três *demi-henri d'or!..*". Muito *tcham!!!*

- Fala sério, Fê... Que baboseira! retruca Tiago rindo também Eles com certeza deviam trocar tudo pelo dinheiro português! Senão, devia ser um rolo total!
- *Podes crer...* Pois durante o domínio dos holandeses... Está escrito aqui... aponta Bianca lendo mais adiante no livro "As moedas que circulavam no Maranhão eram os Soldos e os Florins."
- Porém...- Tiago retoma a leitura mais adiante "Devido a pouca quantidade dessas moedas, o Conselho de Finanças decidiu em 1645 cunhar no Recife, com ouro trazido da Guiné, umas moedas de formato quadrado, que receberam o nome de Ducado Brasileiro." Vejam, aqui tem a foto de uma delas!
- Caramba!... Se o seu valor naquele tempo não era muito, hoje ela deve valer uma nota preta! observa Gustavo.
 - Podes crer... Resistir a todos esses séculos!...
 - Ela é meio malfeita, apesar de bem *legal!* opina Fernanda.
- *Caraca*, Fê!... As moedas daquele tempo, não podiam ser perfeitas. Eram feitas uma a uma pelas mãos dos escravos explica Tiago.



- Então este Ducado foi a primeira moeda brasileira! conclui Bianca.
- Não, *carinha* contesta Tiago Esta foi apenas a primeira moeda CUNHADA no Brasil. Mas, era feita com ouro estrangeiro e com circulação somente no Maranhão, durante a ocupação holandesa.
- Caraça!... comenta Gustavo Por essa variação de dinheiro, dá pra se imaginar como deve ter sido complicado desenvolver a colonização aqui no Brasil!
- Podes crer... apóia Marineide Numa época em que não existiam a TV, o rádio, o computador e etc... etc... Não sei como os caras conseguiam se entender!
- Mas... Ainda tem mais uns *lances* interessantes, *galera!* exclama Tiago Eu não mostrei tudo.
 - Que *lances*...?!
 - Interessantes como...?! questionam os

companheiros bem curiosos sobre o assunto.

Estimulado com o interesse destes, o menino continua lendo: - "Por volta de 1650, era grande também a falta de moedas nas capitanias do Ceará, Maranhão e Grão-Pará, o que causava muita miséria entre o povo. Porém, com o aumento da produção de algodão, este passou a circular como dinheiro de troca, na forma de pano e em novelos"... *Fala sério!* – ele interrompe de repente a leitura, soltando uma risada – *Galera*... A *safadeza* já existia naquele tempo!

- Como assim..?!
- O que faziam de malandragem...?!
- Sinistro!... Colocavam dentro desses novelos pequenos pedaços de pau, para aumentar seu peso.

- Caraca!... Isto é roubo! exclama Fernanda indignada.
- Claro que é!... Então... ele continua "Para impedir isso, o governo do Maranhão oficializou o algodão como moeda. E esta somente poderia valer em forma de meadas e contendo o nome do fabricante".
- Valeu... Esse lance deve ter acabado com a safadeza da galera! comenta Bianca.
- Aqui não diz se essa lei teve sucesso ou não... Mas, com certeza deve ter atrapalhado bastante o *barato* dos ladrões! comenta Tiago.
- Cara... Eu sei que o ouro bruto, extraído no Brasil, também circulou como moeda... Mas, como e quando isso aconteceu ? quer saber Gustavo. É uma época que eu gostaria de ver de perto!
- Bem... Acho que deve ter sido um período bem confuso... De muita briga pelo domínio das minas! expõe Tiago Porque ninguém precisava de licença para a exploração de metais. Qualquer pessoa podia explorar uma mina, desde que fosse com seus próprios recursos.
- Caraca!... Quantas lutas e quantas mortes não devem ter acontecido entre os garimpeiros... fala Bianca com tristeza.
- E eu imagino o quanto não devem ter sofrido os escravos ligados a estes!... Mas, não vamos falar sobre isso agora! Afinal... insiste Gustavo mudando de assunto O que tem aí no livro sobre a circulação do ouro?!
- O que diz aqui... volta Tiago com a leitura do texto "Com a descoberta das minas em 1597, o ouro começou a ganhar a preferência dos comerciantes. Mas ainda não circulava na forma de moeda. Era em pó, grão ou folhetas. E o seu valor variava muito".
- Fala sério!... Devia ser então uma big confusão no comércio! interrompe Marineide.
- *Podes crer*... Porque... continua ele "O governo criou um decreto obrigando a fundição do ouro em barras. E dando a ele um único valor, por onça, que era a medida de peso daquela época."
- *Que rolo!...* Como era possível obrigar os *caras* a fundirem o ouro que eles mesmos extraíam das minas...?! indaga Bianca Se eles eram os donos, poderiam vendêlo da maneira que quisessem!
- *Falou*, prima... Mas o governo foi esperto... Achou uma solução bem simples! Proibiu a circulação do ouro em pó e etc... Passando a valer no comércio somente as barras de ouro.
 - Caraca... Qualquer pessoa podia fundir essas barras...?!
 - De início sim... É o que está escrito aqui.
- *Ei galera*... Olha só que *lance sinistro!* exclama Bianca examinando as fotos no livro Os formatos das barras eram diferentes uns dos outros!
- É que não existia um modelo oficial explica Tiago Assim cada barra era fundida de acordo com a vontade dos donos das oficinas.
 - Então cada uma, com certeza, tinha um valor diferente...
 - Podes crer... Dependendo do peso do ouro.
 - Caraca!... Que encanação!
- Mas, pra controlar esta *zorra*, o governo instalou as Casas de Fundição. continua Tiago, lendo o texto "Todo ouro extraído das minas era ali fundido em barras,

marcadas com as armas do Reino, e com os nomes da oficina e do chefe da cunhagem. Depois as barras eram registradas e seus donos só podiam retirá-las da Casa de Fundição, pagando uma quinta parte de seu valor para a Fazenda Real."

- Ahummm... O leão do IR colonial!!!... diz Fernanda imitando o rugido do felino e fazendo rir seus companheiros.
 - E onde ficavam essas Casas de Fundição...?!
 - Nas regiões do Rio, São Paulo, Minas, Goiás e no Nordeste.
- Falou... Mas, afinal, quando surgiram as primeiras moedas...? pergunta Gustavo mais interessado nessa questão O que diz aí...?!
- Bem... De acordo com o que está escrito aqui, as moedas realmente brasileiras só surgiram no final do século XVII. "D.Pedro II, rei de Portugal, reconhecendo que a falta de dinheiro circulante na Colônia estava causando miséria, determinou que fosse instalada a primeira Casa da Moeda, na Bahia, em 1694."
- Na minha terra! Que *legal!!!* Eu não sabia disso! interrompe Marineide.
- Pois a sua cidade, *carinha*, foi escolhida por D.Pedro porque Salvador, além de ser a capital da Colônia, era o mais importante centro de negócios daquela época.
- *Caraca!...* Eu nasci num lugar muito importante para a nossa história!
- *Podes crer*, Marineide... Foi onde o Brasil começou. Mas... insiste Gustavo com o interesse voltado para a história do dinheiro O que eu quero saber é quando foram cunhadas as primeiras moedas!
- Falou, cara... Está aqui!... lê Tiago, mudando de página "Em ouro, foi a Moeda e seus múltiplos, Meia Moeda e Quarto de Moeda. As de prata conservaram o nome das castelhanas. Eram chamadas de Duas Patacas, Uma Pataca e Quarto de Pataca, com subdivisão para 4 Vinténs, 2 Vinténs e 1 Vintém. Estas últimas em cobre... Mas, por ser um



dinheiro de Colônia, era conhecido como "moeda provincial". Porém, continuavam a circular pelas capitanias as moedas portuguesas e outras tantas estrangeiras."

REGIMENTO

S MAGESTADE

manda obfervar na Cafa

DA

MOEDA.

- Caraca!
Então continuava a mesma zorra! - volta a comentar rindo a Marineide.

- Mas não

por muito tempo... Podes crer...- continua Tiago - "O Rei de Portugal exigiu que todas as

moedas estrangeiras, inclusive as portuguesas, fossem recolhidas em todas as províncias e enviadas para a Casa da Moeda, na Bahia, a fim de serem recunhadas e transformadas em moedas provinciais."

- Fala sério!... exclama Fernanda Sem existirem os transportes que temos hoje... Caraca! Não dá nem pra imaginar o trabalhão que era!!
- E ainda tinham que transportarem das minas, o ouro e a prata para a cunhagem das moedas! acrescenta Gustavo lendo no livro *Pô*, *galera*... Vocês já imaginaram a dificuldade que devia ser esse transporte?!
- *Podes crer*... Está aqui no texto.... "D.Pedro então determinou que a Casa da Moeda funcionasse por tempo limitado na Bahia, até que fosse concluído o trabalho feito



Vista do Largo do Paço, no Rio de Janeiro, vendo-se, à esquerda, o "Paço Real", mais tarde, Palácio Imperial; ao fundo o Convento e a Igreja do Carmo e a Igreja da Ordem Terceira (então Capela Real e depois Imperial); à direita casas particulares, notando-se o "Arco do Telles". Em primeiro plano e no centro do cais o chafariz do Mestre Valentim (Jean Baptiste Debret — Voyage Pittoresque et Historique au Brésil — Paris — Firmin Didot Frères)

nesta província. Depois ela foi transferida para o Rio de Janeiro e, mais tarde, para Pernambuco."

- Transferir de que jeito...? *Fala sério!*... A Casa da Moeda não era uma espécie de fábrica? espanta-se Marineide.
- *Podes crer*... Deve ter sido um trabalho pesado e muito complicado! Com certeza tudo era desmontado e transportado para as embarcações, pelos escravos... comenta tristemente Gustavo Imagino a quantidade de antepassados meus que perderam a vida nesse *sufoco!*
- Infelizmente deve ter sido assim mesmo... concorda Tiago, continuando em seguida com a leitura Pelo que diz aqui... "Era um transporte além de difícil, muito caro. Esse processo de cunhagem e recunhagem, com a transferência da oficina de uma capitania para outra, demorou uns oito anos."
- Até que não foi tanto tempo assim, *cara...* comenta Fernanda Montar, desmontar e tornar a montar toda aquela carga pesada, de um lado para outro!

- Podes crer... – volta Tiago com o texto – "No final desses oito anos, terminou o trabalho em Pernambuco. Então a Casa da Moeda foi transferida definitivamente para o Rio de Janeiro, em 1702, para atender a grande quantidade de ouro que estava sendo extraído das Minas Gerais. E na medida em que o Brasil Colonial foi se desenvolvendo, várias Casas da Moeda foram sendo instaladas e outras tantas moedas diferentes sendo colocadas em

circulação"... E agora, *fim de papo!*... Foi dessa maneira que surgiu o dinheiro brasileiro!

- Bem *legal* a história! diz Bianca.
- *Caraca!...* Eu não tinha idéia que fosse assim! fala Marineide.

Tiago então se dirige a todos perguntando: - Então, *galera...* Já que ficamos conhecendo tanta coisa... Que época vamos escolher para a nossa próxima viagem..?!



- Caramba! Por mim, nós vamos ao tempo da descoberta das minas de ouro. Deve ser muito irado! – se apressa a dizer Gustavo.

Imediatamente Tiago apóia a sugestão: -Podes crer, cara!... Deve



Eddico do Real Eritio, depoir Terrem Nacional - Nele foncessore a Casa da Monda, de 1854 a 1808 (antiga "Casa dos Pissuros"), Foso: Gibon Kosta

ser *pura adrenalina* andar ao lado daqueles garimpeiros... Ver como os *caras* se *viravam* naquela época com um mínimo de recursos.

Quase ao mesmo tempo as meninas protestam: - Ficou *biruta*, primo...?! Mata fechada, bicho selvagem, e um *monte* de *caras grosseirões* que, com certeza, nem tomavam banho...? *Tô fora!*

- Falou, Bianca! concorda Marineide Eu prefiro ver a Corte Imperial!
- Tô com vocês! exclama Fernanda E proponho uma votação. Topam, meninos...?
- Você é muito engraçadinha, prima!!! diz Tiago com ar de deboche, em tom de briga Que votação é essa, se vocês já se decidiram e são três contra dois...?! Assim nem adianta votar!!!
- Podes crer, cara... resmunga Gustavo Não adianta encanar. Somos minoria, temos que aceitar a vontade delas! Mas só por hoje!... Isso porque já está ficando tarde e não podemos perder tempo com discussão. Depois nós dois iremos sozinhos explorar as minas, não é cara...? Vai ser até melhor!
- Disse bem, cara!... Nas minas elas só poderão nos atrapalhar! Naquele lance sinistro, elas só causarão problemas!
- *Valeu, cara!* exclama o amigo, dirigindo-se em seguida às meninas, com ar benevolente Então... Aonde vocês querem *bombar*...?!
- Fala sério, carinhas!... reforça Tiago, assumindo o controle do grupo Afinal, em que época vocês querem zoar...?!

As três, sentindo-se vitoriosas, confabulam entre si, sem no entanto chegarem a um acordo.

- Que tal a vida de D.Pedro I... ? Dona Domitila, etc...?!
- Não... Estes dois nós já conhecemos *de sobra! Podes crer*... Além de estudar, já assistimos filme sobre eles DUAS vezes. Cinema e TV. Daí que...
- Então vamos saber mais sobre D. Pedro II. Poderíamos ir ao início do seu império!
 - Não sei, não... Talvez a época da Lei Áurea seja mais irada...
 - Ou será melhor no início da República...?

Tiago, impaciente, resolve interrompê-las: — *Carinhas...* Já que vocês não conseguem concluir nada, vamos deixar pra mais tarde!... Meu estômago está roncando! - e olhando o relógio ele se levanta num pulo exclamando — *Vazou, galera!* Já passa do meiodia!!! A Vó deve estar nos procurando!

As meninas se assustam: - *Caraca!!!* Mais de meio-dia...? Então vamos voltar ligeiro senão a *bronca* vai ser grande! *Galera*, depois do almoço decidiremos aonde vamos zoar!

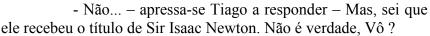
- Mas, na próxima vez, vou logo avisando!... fala Tiago irritado *Podes crer*, a escolha será minha e do Gustavo, sem direito a reclamação!!!
 - O que acham...? pergunta Bianca para as outras *Topamos...*?
 - Se não temos escolha... *Fazer o quê ?* responde Marineide dando de ombros. Famintas, as crianças disparam para as suas casas.

7° CAPITULO:

Após o almoço, Ernesto cumpre a promessa que fizera de mostrar a sua coleção de moedas antigas, de vários países.

- Caraca!...É demais!!!.... Que legal! as crianças vão exclamando entusiasmadas, enquanto o avô vai espalhando sobre a mesa uma quantidade razoável de peças envelhecidas, de diversos tamanhos e metais. Ao mesmo tempo ele vai relatando histórias referentes às mesmas.
- Vejam, crianças, esta aqui! É uma raridade. Foi cunhada no início do século dezoito.
- E quem é este na cara da moeda, vô...? quer saber a Fernanda.
- É Isaac Newton. Vocês sabiam que além de cientista brilhante, ele exerceu por mais de trinta anos o

cargo de administrador da Casa da Moeda Real da Inglaterra...?



- Sim. Por todo o seu magnífico e importante trabalho científico e como leal servidor na Casa da Moeda. Foi a rainha Ana quem lhe deu o título de Cavaleiro.

Apesar desta e de outras histórias interessantes que Ernesto contou, as moedas que mais atraíram as crianças foram as

do Brasil Colonial, da época do Império e do início da República, que elas já haviam conhecido no livro da Casa da Moeda.

O avô, satisfeito com a alegria demonstrada, separa cinco moedas diferentes que possuía em duplicatas. Segurando-as na mão fechada, vai retirando uma a uma sem escolher, entregando-as primeiro para as meninas e a seguir para os meninos.

A surpresa é geral, com efusivos agradecimentos.

- *Carácolis*, Vô! Por esta eu não esperava! entusiasma-se Bianca.
- *Caramba*, doutor Ernesto! *Valeu!!!* agradece Gustavo admirado.

Com um largo sorriso, finalmente Ernesto mostra a última moeda, recomendando: -

Esta é para a Marineide, pois dá para se ver que ela já está integrada no grupo! Estou certo...?

- Podes crer, Vô! – responde imediatamente Tiago – Ela faz parte da galera!



- Bem... Agora chega! diz este recolhendo a coleção Vou tirar a minha sesta!
- Isso mesmo, Ernesto!... intervém a avó Eu também vou cochilar um pouco... Mas, não se afastem muito daqui, crianças. Eu fico preocupada com o que vocês possam aprontar longe de nós!
- Vó... Não se preocupe... Não vamos sair da granja! Vamos nos encontrar com a Marineide e andar por aqui mesmo!

Já afastados, preocupa-se Fernanda: - Mas será que não estamos mentindo pra Vó...?

Tiago, responde rindo: - *Fala sério*, prima! Não estamos mentindo, pois não vamos *zoar* fora da granja. Só pelo espaço!

- Mas não é a mesma coisa...?! insiste a menina.
- Acho que não... retruca Gustavo Não vamos *nos mandar* daqui... Somente do tempo presente!
- Caraca!... Isso é uma coisa complicada de explicar. Os adultos não acreditariam se contássemos! fala Bianca com expressão séria.
- Mas é *bombástico!* exclama Tiago rindo E *vamos nessa, galera*, que já estamos atrasados com a Marineide!

E correndo eles foram para a casa da amiga.

Esta, tão logo recebeu o inesperado presente, propôs entusiasmada: - *Carácolis!...* E o que vocês acham de darmos um *rolé* na época dessas moedas...?

- Podes crer... Eu topo! - concorda Tiago - E vocês, galera...?!

Todos aderem de imediato à idéia.

- Então começaremos pela moeda mais antiga!... Assim vamos acompanhando de perto o desenvolvimento do Brasil! ele determina rapidamente *Galera*... Vamos ver quem tem a moeda mais antiga!...
 - É a minha! exclama Fernanda 1695. "Petrus"
- 1695...? Então Petrus não deve ser Pedro I nem II. Pois nessa época eles não existiam! Quem foi ?! pergunta Bianca.
- *Caraca*, prima! repreende Tiago *Se liga!!!* Parece até que não estudou a história do Brasil!
- Estudei sim, *bobalhão*!... Só que não me lembro desse Pedro! E daí...?!

Gustavo rindo, sai em auxílio da amiga : - Carinha...

Quem não esquece alguma coisa...? Encana não, Bianca! Pedro II
era o rei de Portugal no tempo do Brasil Colônia. Foi ele quem implantou as Casas da Moeda. Sacou agora...?!

- Caraca!... Estão vamos outra vez naquela época terrível...? resmunga Fernanda.
- Pois eu acho que pode ser *irado!...* palpita Marineide Podemos *bombar* uma outra estória emocionante!
- Valeu! Vamos nessa! concorda Tiago, acompanhado pela maioria Vamos zoar numa região diferente!
 - Fala sério, chega de ser escravo! diz Gustavo Arranja outra coisa.
 - Então seremos invisíveis, pois assim poderemos olhar tudo.



Tão logo chegam na "base de lançamento", após acertarem os relógios, Tiago segura a moeda na palma da mão, fazendo a invocação ao Portal do Tempo: - "... e que esta moeda nos leve a conhecer uma data importante nesta época!"

E, por último, pede a invisibilidade para o grupo: - "... porque, assim invisíveis estaremos protegidos!"

Mal ele acabara de falar, surge a luz vibrante transformando-se no Portal. Sugados por este, chegam no centro de uma cidade colonial.



Era maior que uma vila, já com ares de uma cidade pequena. Construções de dois andares e uma imponente catedral ladeavam um largo de terra batida. Neste, vários transeuntes passavam, uns apressados, outros parados, conversando em pequenos grupos.

- Beleza!... 1695!!! Mais de trezentos anos! exclama Tiago.
- Caraca!...Que cidadezinha será esta..?! indaga Fernanda apreensiva.
- Como vamos saber se não podemos falar com ninguém...? comenta Marineide igualmente preocupada.
 - Se liga, carinha... retruca a amiga Não podemos falar, mas podemos ouvir!

Gustavo solta uma sonora gargalhada: - \acute{E} isso ai, galera... Pois \acute{e} hora de aproveitarmos o nosso visual transparente! Mas sempre juntos uns dos outros!

Com uma expressão séria, Tiago comanda: - *Vamos nessa!* Seremos um grande *orelhão!...* Mas um *orelhão* silencioso, senão entraremos numa *roubada...*

- E se algum de nós se perder... ?! O que faremos! pergunta Bianca.
- Caso isso aconteça, o nosso ponto de encontro será na porta da igreja. Dentro de duas horas e meia... Tá *legal...*?
- *Valeu!*... E, já que não podemos falar, nos comunicaremos assoviando bem baixinho! sugere Fernanda.
- *Podes crer*, prima... Uns assovios curtos e em tom bem baixo mesmo, talvez não causem surpresa. A *galera* lusitana pode pensar que é algum passarinho que passou perto.
 - Falou! concorda Gustavo Mas vamos tentar nos manter bem ligados, OK?!

- Então acho que devemos ter um código! propõe Marineide.
- Um código... ?! *Podes crer, cara!* concorda Tiago rapidamente criando um bem simples -Um assovio é para indicar nossa posição. Dois para irmos a outro lugar e três é para nos *mandarmos ligeiro*. *Certo...?*

Juntos uns dos outros para não se perderem, os viajantes do tempo começam a circular por entre os habitantes, parando próximos a um grupo de senhores que conversavam acaloradamente. Pela roupagem, aparentavam ser donos de engenho.

"Finalmente acabaram com aquele negro degenerado!" – dizia um homem de meia idade.

"Agora só falta arrasar o quilombo de Palmares! – exclamou um mais jovem, num tom inflamado – Só assim colocaremos um fim nessa pátria dos negros que é a origem de todos os males brasileiros!"



"Por certo!!! Esse nêgo atrevido, desgraçado, com sua fama de salvador causou bastante prejuízo à nossa economia! Sem Zumbi será mais fácil colocar os demais negros em seus devidos lugares!"

"Nego não é gente, é animal! – fala o mais velho do grupo – Nasceu pra ser escravo!"

"E têm que levar muito relho no lombo pra aprender a não sair de seu lugar!"

Revoltadíssimo, Gustavo aperta os dentes e cerra os punhos, fazendo força para não investir contra eles, pensando com raiva: -

"Miseráveis!... Degenerados e animais são vocês! Se eu pudesse, acabaria agora mesmo com toda essa tua raça nojenta!!!"

Num tom de triunfo, o mais velho exclama em voz alta: "Escutem o que eu vou dizer! O dia 20 de novembro de 1695 ficará na história como a vitória dos donos de engenho!"

"Isso é o que você pensa, seu babaca criminoso! A vitória foi dos negros! – pensa Gustavo cada vez mais enraivecido – Agora Zumbi é reconhecido como um grande herói da raça negra, com data histórica brasileira comemorada em todo o país!"

Tiago pressentido a revolta do amigo, procura um contato com este. Às cegas, encontra-o a uns dois passos atrás. Em seguida, com um assovio curto, contata os demais companheiros que, sob o comando de mais dois assovios, os acompanham adiante.

Os senhores, de tão animados com o acontecimento, nem sequer prestaram atenção ao sinal do grupo viajante.

Ligeiro, de mãos dadas, os cinco amigos foram para bem mais distante, aproximando-se de um estabelecimento comercial. Alguns empregados iam recolhendo uns cestos que certamente haviam sido levados, com mercadoria para venda, por um senhor que se encontrava junto à porta do armazém. Vestido de maneira rústica, este dava a impressão de ser um cidadão modesto.

Neste momento surge de dentro do prédio um outro homem, parecendo ser o dono do estabelecimento, e entrega uns papéis para o senhor: "Pronto!... Anotei tudo aqui, Euzébio. Pode entregar pra Dom Joaquim." Em seguida, encostando-se junto à porta, fala como se estivesse reatando uma conversa interrompida:



"Então a milícia só conseguiu matar o Zumbi, porque ele foi traído por um dos chefes de seus bandos...?! E quem te contou isso...?!"

"Foi meu amigo compadre, o Ambrósio, que faz entrega de alimentos pra milícia... Parece que o traidor se chama Antônio Soares!"

"E como foi o acontecido...? Ele disse ?!"

"Sim... Que esse tal de Soares era de muita confiança do Zumbi... E de combinação com a milícia, Soares marcou um encontro com Zumbi... E quando Zumbi chegou, sem desconfiar de nada, abrindo os braços pra dar um abraço no companheiro, o nêgo traidor lhe meteu uma faca na barriga!"

"Mas os comparsas do Zumbi não fizeram nada pra impedir...?"

"Nem podiam... Parece que só tinham seis homens com ele e a fuzilaria do governo surgiu de repente do meio da mata, atirando e matando todos..."

"Olha, gente... Eu posso odiar esses nêgos do quilombo e muito mais esse atrevido Zumbi que agia como se fosse um chefe poderoso... Com tamanha pretensão de achar que essa negrada escrava podia vencer as nossas tropas!... Mas... Reconheço que ele foi um nêgo valente que deu muito trabalho e perda pra nossa milícia."

"Isso lá é verdade!... O Ambrósio disse que ele ainda sangrando reagiu ao ataque, matando um e ferindo vários."

"E quando foi isso...?!"

"Parece que foi na semana passada... O dia eu não sei ao certo, mas foi numa madrugada, nas brenhas da serra Dois Irmãos."

Tão logo os empregados terminaram o serviço, Euzébio se despediu e saiu caminhando no correr da rua. Pelo caminho encontrou-se com um amigo e, conversando, os dois chegaram defronte a um imponente sobrado.

"Vamos continuar com a nossa prosa lá no meu canto!" – convida Euzébio – "Tomar um café com rapadura que a minha patroa faz!"

"Não posso, amigo... Dom Joaquim pode não gostar de ver a minha presença."

"Mas não é pra entrar na casa do patrão... É na minha casa!"

"Mas eu não sou morador dela... Eu sei o meu lugar! O administrador dele é você, não eu!"

"Qual essa, Manuel...? Tu não tá sempre trabalhando pro velho, uma vez que outra...?!"

"Mas não sou nenhum empregado dele!... Uma coisa é trabalho, outra é bisbilhotice!...Vou tomando meu rumo.... Preciso falar com o Padre Antônio!" – e despedindo-se, toma a direção da igreja.

Tão logo ele se afasta e o Euzébio some no pátio do sobrado, o grupo observando que não havia mais ninguém por perto, se comunica num murmúrio.

- Galera...

Que *papo* mais incrível!...

- Caraca! Vivenciar um pouco da história do Zumbi, na época de morte, com todos os detalhes... É muito irado!!! Apesar de estar revoltado com o papo daqueles caras nojentos, senhores de engenho e todos os odientos donos



de escravos... O elogio que o *cara* do armazém fez à coragem do nosso herói, me deixou mais orgulhoso ainda de minha raça! – fala Gustavo com a voz emocionada.

- É isso ai, *cara!* – diz Tiago abraçando o amigo – O *cara era dez!!!*

Nesse momento surge apressada no pátio uma jovem senhora. Usava um longo vestido a arrastar pelo chão e os cabelos estavam presos em um coque. Trazia na mão direita um rebenque, cujo cabo era de prata incrustado de pedras coloridas, certamente preciosas. Com a mão esquerda se abanava com um grande leque para aliviar o calor que fazia.

"Nica!!!... Por onde anda você, sua neguinha atrevida?! – gritava raivosa. Logo atrás apareceu afobado um jovem escravo.

"Benjamim, nêgo preguiçoso!!! – esbraveja a Sinhá Dona – Quero a Nica AGORA!... Vá procurá-la!"

Impaciente, ela se senta num banco do estreito jardim, se abanando com rapidez. Não demora muito e o escravo trás pela mão uma menina de apenas uns nove anos de idade. Com a carinha assustada esta pára defronte da jovem, com os olhos baixos.

"Então foi essa peste, quem derrubou o copo de leite no tapete da sala...? Minha filha contou que você fez isso de propósito!"

Tremendo, a menina fala quase gaguejando: "Não foi pru querê, Sinhá!... Eu tava levando o copo pra sinhazinha e tropiquei no pé da cadera dela. Aí eu caí..."

"Mentira! Você é uma nega mentirosa... Com modos desastrados que nem uma macaca! Não minta pra mim! – e levantando-se do banco, a jovem senhora dá uma chibatada nas nádegas da menina – Isso é pra você aprender a não mentir pra mim!"

Dos olhos da pequena escrava começam a brotar as lágrimas da dor, fazendo com que a Dona se irrite mais ainda: "E nem pense em chorar, senão leva mais uma!" – e dirigindo-se ao escravo, que de cabeça baixa procurava não demonstrar o que sentia, ela ordena: "Prenda-a na cafúa até amanhã de manhã... A pão e água, entendeu?! É para que ela aprenda a se comportar direito!"

"Mas, Sinhá... Pru amô de Deus Nosso Sinhô, perdoa ela... Num fez pur querê!..." – intercede o jovem escravo.

"Nêgo atrevido!!!... Como ousa falar assim comigo...?! – e levantando com rapidez o rebenque chicoteia com toda força as costas do rapaz – E agradeça a Deus Nosso Senhor por eu não te mandar pro tronco! – e com a voz mais irritada ainda, grita – Vai... Vai logo antes que eu me arrependa!"

Este cerra os dentes para superar o ódio e a dor da chibatada e, disfarçadamente, num gesto de carinho ampara a menina de encontro a si. E mais que depressa sai vai levando a pobre escravinha que a custo segura o pranto.

E como nada demais tivesse acontecido, a jovem sinhá retorna para dentro de casa, se abanado: "Esses negros me dão um cansaço... Que calor horrível! Não agüento mais me abanar... Vou mandar a Rosa fazer isso!"

Além da revolta, o sentimento de tristeza e piedade envolve os cinco viajantes do tempo, que se comunicam apertando mãos e braços com firmeza. Num murmúrio quase inaudível, Tiago chama os companheiros para irem atrás do escravo.

Procurando não fazer ruído algum, eles chegam à entrada de uma espaçosa cozinha rústica, com um grande fogão de lenha aceso, onde fumegavam algumas panelas de pedra. Legumes e verduras colocadas em cestos de palha, e alguns tabuleiros com pães recém assados, estavam sobre uma larga mesa de madeira. Lenha empilhada próximo ao fogão e duas galinhas amarradas, presas a esta, certamente esperando o abate. Ao lado de um enorme armário entreaberto, que deixava entrever grande quantidade de utensílios, uma porta se abria para uma pequena peça sem nenhuma janela para fora. Apenas uns furos pequenos no alto da porta indicava que um pouco de ar entrava por ali. Era a cafúa.

A pequena escrava chorava forte agora e relutava em entrar na peça.

"Eu num quero ficá... Tô cum medo... E tá muito quente aqui!"

Uma negra gorda, de pele luzidia, também com as lágrimas rolando pelo rosto sofrido, abraçava a menina, confinando-a na cafúa. "Fia... Eu fazia quarqué côsa pra fica aquí nu lugá de ocê... Mas se nóis num obedece... Ela manda nóis tudo pru tronco!... Maizi tarde, eu vô dá um jeito de colocá uns bolinho pr'ocê, viu...?!"

Condoída com a dor da menina, Fernanda não se agüenta e pega umas bananas que estavam em uma fruteira com a intenção de colocá-las junto da escravinha. Ao toque das mãos de Fernanda, as frutas tornam-se imediatamente invisíveis e, ligeiro, procurando não fazer ruído algum, tão logo a gorda escrava sai da cafúa, ela entra.

A pequena prisioneira, assustada, olha para esta gaguejando: Quim é ocê...?!

Fernanda leva um enorme susto ao ver que a menina podia enxergá-la. Porém, agindo com rapidez, ainda com as bananas nas mãos, faz sinal para que esta não falasse mais nada. O escravo que estava se preparando para fechar a porta, se assusta também: "Com quem tu tá falando, Nica...?!

"É a Sinhazinha..."

"U quê...? Endoidô?!" – pergunta este segurando a porta e inclinando o corpo para dentro da cafúa, inspecionando curioso o lugar. Dificultao assim a saída de Fernanda.

Mal ele acabara de falar, a escrava cozinheira percebe que a Sinhá está se aproximando da cozinha e o empurra para fechar a porta, o que ele faz rapidamente. Só que Fernanda não teve tempo de sair e louca de medo deixa escapar um grito para avisar aos companheiros de que ela havia ficado presa: - Ai, Meu Deus!!!

Ouvindo isso, os quatro amigos se apavoram e ficam momentaneamente sem saber o que fazer. Enquanto os dois escravos, aturdidos com o grito desconhecido, ficam se benzendo: "Ai, Virge Santa, nos acuda! É côsa du ôtro mundo!"

Pouco depois, a sinhá chega junto da cafúa, falando com arrogante autoridade: "Hum... Vejo que cumpriram as minhas ordens!... Agora quero a chave! — e soltando uma risada irônica, acrescenta - Não pensem que eu vou deixá-la com vocês para que soltem esta diabinha do capeta enquanto eu estiver dormindo!... E além disso, Anastácia, trate logo de matar essas galinhas para o jantar! Se elas não estiverem bem macias, você também vai parar na cafúa!"

E, colocando a chave no decote do vestido, se retira com toda empáfia, sempre acompanhada da mucama que, atrás dela, vai abanando o pesado leque sem parar.

"Só tô pensando na mãe da Nica comu vai sofrê, quandu ficá sabendo!" – fala angustiado o escravo.

"É meu fio... Nego só faiz na vida é sofrê!... Nóis toma conta dus fios dos branco e us nossus, qundo eles não vendem qui nem bicho, eles martrata!"

"Num dá prá entendê, mãe Nastácia, tanta mardade nu coração de uma muié tão bunita!" – exclama o jovem, cheio de revolta.

"Cala essa boca pra lá! Num tem juízo, seu peste...?!" – fala baixo a gorda escrava – "Se a sinhá escuita, põe ocê no tronco! Xispa daqui... Simbora duma veiz que nóis num pode murcegá na lida!"

Apavorados com a prisão da Fernanda os amigos tomam das mãos uns dos outros. Procurando não dar nenhum encontrão na escrava, eles se aproximam da cafúa. Tiago então assovia duas vezes bem alto para tranquilizar a prima.

A escrava olha assustada à sua volta e fazendo o sinal da cruz, exclama: "Qui foi isso...?! Mi proteje, Meu Sinhô! Isso só pode sê cosa do demo andando por aqui!"

Fernanda responde com uma batida forte na porta. Pensando ser a menina, a escrava fala para a prisioneira: "Num faiz baruio, fia... Fica aquietada qui eu tô aqui!"

Prontamente a pequena escrava responde: "Num fui eu, mãe Nastácia... É a sinhazinha do céu que tá aqui cumigo!"

"Ai, Virge Santa!... Nica tá endoidando!" – e, desconsolada, Anastácia senta num banco, rezando e chorando de mansinho.

Tiago então, murmura no ouvido de Gustavo: - Fica aqui de mãos dadas com as meninas. Eu vou buscar a chave!... Se eu demorar muito, corram pra igreja! - e, pé ante pé, sai em seguida para dentro da casa à procura da Sinhá Dona.

Enquanto isso, Fernanda aprisionada entra em desespero, entretanto, condoída com a triste situação da pequena escrava, acaba por se esquecer de si mesma e procura consolá-la. Senta no chão ao seu lado e retirando um lenço do bolso, vai enxugando com carinho as lágrimas que ainda corriam mansamente pelo rostinho assustado, enquanto fala baixinho: - Não tenha medo, queridinha, eu estou aqui pra ajudar você... Uma noite passa depressa...

No escuro da cafúa, somente o branco dos olhos arregalados da menina e o bater descompassado de seu coraçãozinho, denotavam o medo que esta sentia. Porém, na medida em que Fernanda falava, ela ia se aquietando.

- Se você dormir, Nica, o tempo vai passar ligeirinho!... – falando bem baixo, ao ouvido da pequena escrava, carinhosamente procura acomodá-la em seu colo. Alisando a cabecinha atormentada pela maldade, Fernanda acaba por fazê-la adormecer. Tão logo isso acontece, o medo de permanecer prisioneira até o dia seguinte retorna, tomando conta dela.

"Ai, meu Deus... Jesus... Minha Nossa Senhora ... Ajudem-me a sair daqui!" – e lembrando-se do gnomo, ela pede aflita – "Itaverá... Itaverá... Socorro!"

Não obtendo nenhuma resposta, permanece rezando aflita.

Tiago, tendo se esgueirado cuidadosamente pelos aposentos, acaba por encontrar a Sinhá Dona, no andar de cima da casa. Em um grande quarto de casal, recostada em um canapé, além da escrava que continuava ininterruptamente abanando-a, outra jovem fazia cafuné em seus cabelos. Embalada por este, a sinhá começa a cochilar...

Com o olhar fixo no decote desta, Tiago pensa como se aproximar dela, sem se encostar nas escravas... Com o coração disparado ele resolve esperar um pouco mais: "É melhor deixar que ela durma profundamente... Aí eu poderei retirar a chave".

Ansioso com a demora de tempo, ele passa a mão no relógio em seu pulso a fim de verificar a hora. Aflito, se dá conta de que este não se encontra visível.

"Caraca!... Eu tinha me esquecido!... Só quando eu me tornar visível é que poderei ver as horas!"

Felizmente não demora muito para que a Sinhá se apague num sono profundo. Aliviadas, as escravas param o abano e o cafuné, deitando-se no chão para descansar.

"É agora ou nunca! Só não quero causar pancadaria nas pobres escravas... Que Deus me ajude!" – resolve Tiago com o coração acelerado e, bem devagar, ele se acerca. Cautelosamente vai aproximando a mão sobre o colo da Sinhá. Criando coragem, enfia um dedo no decote do vestido e vai puxando de leve, bem devagarzinho, a chave. Ela apenas estremece ao seu toque, abanando a mão por sobre o peito como para espantar algum inseto. Aliviado, Tiago sai ligeiro.

Momentos depois, ansioso, ele chega na cozinha. Felizmente a escrava Anastácia estava ocupada matando as galinhas, que faziam grande barulho. Com facilidade ele abre a porta, libertando Fernanda. Esta, com cuidado, acomoda no chão a menina Nica adormecida e, num impulso pega as bananas que levara, colocando-as de volta na fruteira.

Abraçando-se ao primo, murmura bem baixinho ao seu ouvido: - Lembrei-me de Ita Verá! Nada de mudar as coisas no passado!

Este, segurando-a pela mão, responde também num murmúrio: - Por isso tenho que devolver a chave pra Sinhá antes de irmos embora!... Vou chamar os outros! - e assovia duas vezes. Não obtendo resposta alguma, torna a assoviar. Nada escuta... Somente o comentário de mãe Anastácia que assustada torna a se benzer:

"Virge Santa! Faiz sumi esse demo daqui!!!"

Tiago pensa assustado: "Ó Jesus!!! Aonde estarão eles...? O que será que aconteceu...?!"

Nisso ele escuta o som de um pêndulo de relógio, batendo três vezes... "Caraca!.. Pelo tempo que chegamos, temos apenas quinze minutos para encontrarmos o Portal! Por isso a galera não está mais aqui!... Devem ter visto o relógio e já se mandaram pra igreja!"

Fernanda tendo também calculado o horário, aperta a mão do primo, angustiada.

E, ligeiro, com a maior cautela, eles se dirigem para dentro da casa... Quando chegam próximo da escada que leva aos dormitórios no andar de cima, eles param de supetão. Com a maior tranquilidade, um gordo senhor, possivelmente o dono da casa, está subindo os degraus pausadamente.

Os corações dos dois fugitivos se aceleram... Têm que aguardar que o homem saia do caminho. Acompanhando-o cautelosamente, a aflição torna-se maior, pois ele entra no quarto da Sinhá Dona.

"E agora... – pensa Tiago, suando frio – Como vou fazer com a chave...?"

O senhor ao ver as escravas cochilando aos pés do canapé, brada sem rancor: "Que estão fazendo, suas preguiçosas...? Dormindo sem cuidar a sua dona...?" E em seguida, sob o ardor de leves chibatadas, faz com que elas se levantem . Assustadas, as duas se aprumam ligeiro e o enorme leque passa a funcionar.

Com todo esse barulho a Sinhá desperta um tanto zonza: "Ah... É o senhor, meu pai...? O que aconteceu...?"

"Vim avisar vosmecê que sua sogra está pra chegar com as encomendas que vosmicê fez a ela!"

"Agora...??? Ela não chegaria só para a janta...?!" – ainda sonolenta, senta-se gritando para as escravas – "Xispam!... Vão preparar imediatamente o meu vestido azul!"

Aproveitando este momento de distração, Tiago contorna o canapé e coloca a chave bem no lugar onde a Sinhá estava recostada. Foi no momento certo!



Apalpando os seios, ela procura por esta e, não a encontrando, grita raivosa se levantando, sacudindo o vestido: "Eu esfolo até morrer quem pegou a chave da cafúa!..."

Tiago e a prima aproveitam para sair pé ante pé, enquanto o senhor fala rindo: Pra quê tanta balbúrdia, filha ? Ela está caída atrás de vosmicê, bem onde estava deitada!

Descendo pela escada correndo, os dois saem porta à fora e quase se chocam na rua com uma velha senhora e sua criadagem se aproximando do sobrado.

Retomando o fôlego, voltam a correr e só param defronte a igreja. Arquejantes, cada um assovia por sua vez e, para alívio de todos, três assovios em tons diferentes respondem. E os cinco viajantes com as mãos dadas firmemente, formam uma fila indiana, correndo para o local do retorno.

Quase sem ar, eles vêm o Portal começando a se fechar. Desesperados, sem nem ao menos pestanejar, se atiram dentro dele no último instante. Sugados, em seguida chegam ao ponto de onde partiram, atrás da grande pedra nos fundos da granja.

Atirando-se ao chão, com os corações aos pulos, comentam rindo à solta.

- *Caraca!* Foi no limite!!!
- Galera... Da próxima vez, temos que tomar mais cuidado!!!
- Que bombástico!!!
- Podes crer... Eu nunca passei tanto medo na minha vida!

Porém, em tom sério, Gustavo lembra com amargura: - Terrível ver de perto o sofrimento de minha raça! Sabe, *galera*, eu sofri junto!

- É *cara*... Uma maldade imensa! Eu também sofri junto! – concorda Tiago, sendo acompanhado em coro pelas meninas.

É os comentários sobre a aventura se sucedem por quase uma hora. Bem a tempo do saboroso lanche da vó Kátia.

8° CAPÍTULO:

Na manhã seguinte, tão logo terminaram o desjejum, os quatro amigos saíram ligeiro para o jardim.

- Não sei o que andam aprontando essas crianças, que não param mais em casa...
 comenta Kátia apreensiva Nem ligam mais para o computador!
- Ora, mãe... São crianças de cidade grande que agora estão soltas! diz Margarete Preocupada você deveria ficar se elas estivessem fechadas em casa.
- Concordo contigo, minha filha! diz Ernesto Isso demonstra que elas estão gostando das férias... Mas, vamos *levantar acampamento* que já estamos um pouco atrasados!

Ambos despedindo-se de Kátia, vão para a garagem apanhar o jipe.

- É, pai... Em parte a mãe tem razão. O que será que essas crianças estão fazendo...?! Será que não deveríamos pesquisar...?

Ernesto solta uma risada: - Falou a voz da pesquisadora!... Ora, filha... A gurizada está *numa boa*, como eles mesmos dizem!

E levantando uma nuvem de poeira, o jipe segue pela estrada de terra.

Olhando o veículo se afastar, Tiago comenta: - Que bom que o Vô e a tia Margarete têm trabalhado muito... Assim ficamos mais livres!

- Sei não... A Vó é mais encanada que eles!

Fernanda, com o olhar distante fala reticente: - Olha, *galera...* Eu tive um sonho muito estranho, que eu quero contar... Foi com o Ita Verá... E você, primo, tava comigo no meu sonho!..

- Caraca, Fê! Eu também sonhei com o gnomo esta noite Que coincidência... Você também estava no meu sonho!... – admira-se Tiago - Só que eu quero contar quando a Marineide estiver com a gente, porque Ita Verá me ensinou uma coisa muito interessante!
 - Pra você também...? espanta-se Fernanda *Carácolis!!!* Pra mim também!

Ao mesmo tempo, já cheios de curiosidade, Gustavo e Bianca pedem para que eles contem logo o que sonharam.

- Fala sério! A galera tem que estar junta! – responde o menino em seguida – Vamos é chamar a Mari!

Pouco tempo depois, com o grupo reunido na "base de lançamento", Fernanda começa a contar o seu sonho: - Assim que eu dormi, não sei como, cheguei na caverna do Ita Verá! Ele me olhou muito sério, dizendo que queria falar também com o Tiago.

- Falou, prima...- interrompe Tiago No meu sonho você apareceu junto comigo!
- Caraca, primo! Não me interrompe! Afinal, eu cheguei primeiro na caverna do gnomo!
- *Podes crer*, Fê!... Se nós sonhamos juntos, o sonho deve ser o mesmo! Na verdade, acho que o Ita Verá nos chamou. Foi isso!
- Então deixa eu contar o MEU sonho primeiro!!! reclama a prima, continuando com o seu relato Eu estava com medo dele, até que ele falou bem assim:

"Menina... Parabéns por ter refletido a tempo de não interferir na História... Devolver as bananas deixou tudo intacto!... Porém, consolar a pequena Nica, não deixa de ser uma intromissão indesejável... Mas, nesse caso, você não é culpada porque desconhecia

que poderia ser vista por ela. Esse erro foi meu! Esqueci de avisá-los que as crianças às vezes podem enxergá-los... Contudo, você não deveria ter se arriscado, como aconteceu... Se o seu primo não tivesse conseguido resgatá-la, você teria ocasionado uma grave interferência na História... Aí, teria infringido uma regra muito séria! Porém... Como a sua presença na cafúa ficará na lembrança da pequena escrava apenas como um sonho, não chegou a causar nenhum problema! Mas... Aprenda a lição!!! Não torne a cometer este erro, por mais que sofra em seu íntimo com o fato que estiver presenciando! A História não pode ser modificada. É Lei Cósmica, entendeu...?!"

Galera... Quando Ita Verá disse essas coisas, eu senti um alívio tão grande de não ter levado uma *bronca*, que nem percebi que o Tiago já estava ao meu lado. Só quando o gnomo falou...

- *Menos*, Fê!... interrompe o menino Agora eu é que quero falar!... Essa parte eu escutei bem igual... Vou contar o que aconteceu comigo... Assim poderemos saber se os nossos sonhos são o mesmo!
 - Falou, primo... Então conta logo!

Os demais companheiros estavam tão admirados com tal sonho em duplicata que nem pestanejavam, sequer davam palpites... Apenas ouviam com expressão de espanto.

- Pois comigo, *galera... O papo* foi outro! e sorrindo orgulhoso, esclarece Fiquei me sentindo um herói!!!... Ita Verá elogiou o resgate da Fê pela rapidez e juízo com que salvei a prima sem modificar a História! Que tal, hein *galera...?*
 - Valeu, cara!... diz Gustavo batendo no ombro do amigo.
- É... Mas não fica se achando um super herói, senão Ita Verá *corta a sua onda!* ri Bianca imitando o jeito da mãe falar "Humildade é a maior virtude!"

Entretanto, Fernanda abraça e beija o primo, criticando a irmã: - *Podes crer*, sua boba!... Eu confirmo o que Ita Verá falou pro Tiago... Ele pode ficar convencido o quanto quiser... Ele PODE!!! Salvou a minha vida... Será sempre o meu Super Herói!

- *Qual é, bobona!...* Não vê que eu *tô* brincando com ele...? – retruca Bianca – Ele conquistou o título de grande herói da *Galera* do Espaço!!!

Marineide e Gustavo, acompanhando Bianca, aplaudem entusiasmados: *Valeu!* Ele é *Big... Big... Big!!!*

- Pô, galera!... Vamos deixar de bobeira! e rindo satisfeito, brinca com os amigos Eu sei que eu sou o máximo! Fala sério... Máximo mesmo, lance irado, é o que Ita Verá nos ensinou!
- Podes crer, primo!... Manda ver, senão conto eu! exclama Fernanda impaciente.
- *Deixa comigo!* e se apressa a explicar O Ita Verá disse que está muito satisfeito com o nosso interesse em conhecer a História... E, olhando para mim e a Fê de um jeito muito misterioso, ele falou: "Vocês todos têm passado por testes muito importantes!". Aí, eu e a prima nos olhamos *encanados*, perguntado ao mesmo tempo: Testes...? Que testes...?!
- *Caraca*, primo... Foi igualzinho no meu sonho!!! interrompe Fernanda animadíssima Agora conto eu!!! O gnomo...
- Fala sério, prima! Continua sendo a minha vez de contar! e sem dar tempo da menina falar, ele continua Ita Verá disse acompanhou as nossas viagens...
 - Como assim...?! Acompanhou como...?! interrompe Bianca assustada .

- Como não sei... Com certeza em uma outra dimensão! esclarece Tiago Mas... Continuando, ele disse que percebeu que além do desejo de aventura, nós também nos interessamos em conhecer a verdade da História! Então... Ele resolveu nos ensinar um outro poder mágico que a minha pedra possui.
 - Outro poder...??? Que poder...?! Conta logo, *cara!*... se entusiasmam todos.
- Foi isso mesmo!!! interfere Fernanda novamente, acrescentando ligeiro A pedra encantada do Tiago pode nos levar aonde quisermos!
- Podes crer, Fê... O nosso sonho é o mesmo! Que lance mais irado!!! confirma Tiago animado.
 - Cara... Isso é demais!!! exclama Gustavo.
 - Futuro, passado, qualquer lugar...?! pergunta Marineide encantada.
 - Explica direito, primo... A pedra pode nos levar como...?! espanta-se Bianca.
- Bem... É simples! Se quisermos conhecer alguém, algum fato ou coisa qualquer da História, em dias passados ou futuros da época em que estivermos, é só pedir que a minha pedra nos transportará para lá.
 - Caramba!!!
 - Que irado! Vamos poder zoar de um lado pra outro!!!
 - Carácolis!!! As nossas aventuras agora serão mais bombásticas ainda!
- Que tal experimentar isso imediatamente, *galera...?* Ainda faltam três horas pro almoço da Vó!
- Vamos nessa, cara!... empolga-se Gustavo Viajantes do Tempo em ação!!! Retirando a sua moeda do bolso, Tiago pergunta: - Fala sério, galera... Seguindo o dinheiro... Quem tem a moeda mais antiga...?!

Em seguida todos examinam suas moedas e verificam que é a do Gustavo.

- 1828! este exclama O que terá acontecido de importante nessa época...?! Que eu saiba, 1831 foi a abdicação de Pedro I. 1828 não sei o quê!
- Essa moeda é *bárbara*... diz Marineide, examinando-a E o que diz isso aqui...? Você sabe, Gustavo...?!
- Sei... O doutor Ernesto me ensinou. Esta frase está escrita em latim..."IN.HOC.SIGNO.VINCES"... e,



sua tradução quer dizer "Com Este Sinal Vencerás"... Sinistro, né?

- Então essa moeda foi cunhada no império do Pedro I... opina Fernanda.
- Podes crer! É lá que vamos zoar galera!... E vamos vencer o que der e vier!!! afirma Tiago preparando a invocação Primeiro, acertando os nossos relógios!
- Não se esqueça, *cara*, que precisamos ficar invisíveis! lembra Bianca apressadamente.
 - E o sinal de contato deve ser com os mesmos assovios! diz Marineide.
- Caraca, meninas! É claro que eu sei disso! Afinal, quem está no comando...?! Vamos nos dar as mãos agora, para não nos perdermos! e com ares de comandante, ele invoca o Portal.
 - "... e que possamos chegar a um acontecimento importante neste ano de 1828!"

Quase em seguida o Portal se abre, sugando-os rapidamente.

Um pouco zonzos com a alta velocidade, eles surgem em meio a uma multidão que, agitada, fazia comentários.



Porém, com receio de se perderem no meio do povo, eles foram se distanciando, em fila indiana, sem sequer saber sobre o que as pessoas falavam.

Chegaram a uma rua onde circulavam umas poucas carruagens. Uma delas parou defronte a um imponente sobrado, no outro lado da calçada onde eles se encontravam.

Um senhor, com aparência de importante clérigo, desceu do coche e auxiliado por um escravo bem vestido, foi ao encontro de outro sacerdote. Este, notadamente mais modesto na escala hierárquica, se encontrava junto ao pórtico da casa. Ladeando essa entrada, estavam perfilados outros escravos.

Um homem de meia idade, aparentando ser mordomo, adiantou-se retirando a cartola que usava e curvando-se respeitosamente perante o visitante, encaminha-o



juntamente com o outro sacerdote para o interior da casa.

Os viajantes do espaço continuaram imóveis, observando o que estava acontecendo. Pouco depois, outra carruagem pára e desce um senhor com ares de nobreza. Com a cabeça bem erguida e porte altaneiro, ele entra no átrio do sobrado, acompanhado de um outro senhor, cujas vestes e postura, indicavam ser um lacaio.

Com a curiosidade atiçada, as crianças apertam as mãos, tentando se comunicar. Tiago murmura quase inaudível: - Vamos lá, *galera!*

Cautelosamente, mantendo o maior silêncio possível, eles entram no pórtico. Surpreendem-se com uma rica carruagem estacionada, sem cavalos atrelados. Dois escravos se achavam preguiçosamente encostados nela, que deveria ser propriedade do dono da mansão.

O nobre fidalgo foi subindo por uma escada, sempre seguido pelo lacaio e



recebido por um forte escravo que, vestido com roupas simples e descalço, os aguardava para indicar o caminho.

Tiago volta a murmurar, porém, dessa vez bem encostado ao ouvido de Gustavo:
- Vamos logo atrás deles!

Este confirma com um aperto de mão, e

assovia baixinho duas vezes, para que as meninas entendam que vão seguir o fidalgo.

Um dos escravos ouve os assovios e olhando à sua volta, deixa as crianças apreensivas com receio de terem sido ouvidas. Mas, em seguida, ele abana o chapéu que tinha nas mãos, como para afugentar um possível mosquito.

Aliviado, o grupo espera, com a respiração quase suspensa, que o nobre termine de subir a escada, para acompanhá-lo. Não demora muito para que isso aconteça...

Sempre seguindo o senhor a uma certa distância, o grupo entra numa espaçosa sala, adornada com pesadas cortinas, quadros, bibelôs de porcelana e objetos de prata lavrada. Móveis de madeira nobre, entalhada à mão com motivos florais, davam imponência ao ambiente.

Ali se encontravam, confortavelmente instalados, os dois eclesiásticos em companhia de mais quatro senhores, também denotando fidalguia.

O escravo, em tom submisso, anuncia a chegada do nobre visitante e se retira encaminhando discretamente o lacaio para uma sala ao lado.

O mais velho dos senhores, certamente o dono da casa, levanta-se para receber o visitante, demonstrando grande satisfação.

"Meu nobre amigo... Já aguardava a sua vista com ansiedade. Soube da sua chegada ontem. Como deixou as Minas Gerais...?!"

"Com as sérias dificuldades do momento que estamos atravessando, caro Conde Joaquim José. Mas... – com um leve sorriso ele acrescenta – Pelo menos nas minhas fazendas o café continua crescendo abundante e vigoroso! – e cumprimentando os demais

senhores, ele se desculpa – Penso ter chegado em momento inoportuno! Peço desculpas se estou a interromper algum assunto importante de Vossas Eminências!"

"Em absoluto, amigo Manuel Rodrigues! Muito pelo contrário!... O assunto que estamos debatendo certamente é de seu interesse também!" - e apresentando-o aos outros, o convida a sentar-se – "A sua opinião tão abalizada, será de suma importância para nós!"

Neste momento entra na sala uma senhora com ares de governanta, acompanhada de duas mucamas levando pesadas bandejas de prata. Em uma delas, xícaras de fina porcelana e um bule também de prata lavrada, com fumegante café. Na outra, copos e jarra de cristal, contendo suco de frutas e uma bela cesta de prata carregada de bolinhos diversos.

Tão logo os visitantes são servidos, a senhora e as mucamas são dispensadas. E os senhores voltam a conversar.

"Essa desastrosa e custosa Guerra da Cisplatina, que durante dois anos fez o nosso Brasil sofrer derrotas humilhantes, é a grande causadora da terrível situação pela qual estamos passando!" – comenta o dono da casa.

"Isso sem falar no agravamento da crise econômica e financeira!" – contesta o clérigo mais importante – "Os grandes latifundiários estão sofrendo as conseqüências... E o povo está em completa miséria!"

"Este ano de 1828 será um marco na nossa história! Um marco de sérios prejuízos causados por esta guerra absurda! Nossas reservas de ouro esvaíram-se!"

"E a falência do Banco do Brasil, meus senhores, que apesar de brasileiro é administrado pelos portugueses ?! Querem absurdo maior...?!" – indigna-se outro.

"Tudo por culpa dos desmandos e o absolutismo do Imperador! Desde a morte de seu pai, quando então renunciou ao trono de Portugal, ele se envolveu na Questão Portuguesa e o resultado disso tudo está neste desgoverno que assola o nosso Império!"

"Até mesmo nossas santas Igrejas estão sofrendo restrições!" – comenta o sacerdote mais jovem – "Os donativos caíram consideravelmente!"

"Se pelo menos ele tivesse ouvido os sábios conselhos da Imperatriz Leopoldina, outra seria a situação do Brasil!" – revida o dono da casa.

"É verdade! Não se pode entender como o imperador tendo ao seu lado uma mulher de tão extraordinária cultura, deixou-se levar pela futilidade da Marquesa dos Santos!" – exclama revoltado o clérigo – "Levando a nossa Protetora a uma morte prematura!"

"É verdade... Dois anos fazem que a Imperatriz partiu e o povo continua chorando a sua morte, sentindo a sua falta!" – comenta o sacerdote entristecido.

Tal conversa despertara enorme interesse nos jovens pesquisadores da História, que a tudo ouviam com a máxima atenção. Infelizmente surge na porta, inesperadamente, o feitor dos escravos, interrompendo o esclarecedor diálogo.

Arquejante, ele pede desculpas pela intromissão, mas o que tinha a falar era urgente.

"Meu Sinhô... Escaparam de mim nessa confusão de hoje, dois negros dos mais fortes e uma mucama da Sinhá... Peço permissão pra juntar a tropa e sair no rastro deles!"

"Mas urge fazer isso de uma vez, ó homem relapso!!!" – recrimina o Sinhô – "Se não me trouxer esses negros até amanhã, irá sofrer as conseqüências do seu desleixo!"

"Não fique agastado Sinhô! Eu prometo que bem cedo amanhã eles vão estar aqui!"- afirma com voz ligeiramente trêmula o preocupado feitor.

E, desculpando-se mais uma vez, ele vai saindo cabisbaixo, quando o Sinhô dá mais uma ordem: "E coloca esses escravos atrevidos no tronco, assim que chegarem! Trinta chibatadas com ponta de ferro pros negros e dez pra negra! Na frente de toda a senzala!"

O clérigo mais antigo ouvindo isso se atreve a comentar: "Desculpa a minha intromissão. Senhor Conde... Mas será que os negros não irão ficar aleijados ou morrerem...?"

O conde, procurando disfarçar a irritação que o comentário lhe causara, responde com polidez: "Como Vossa Excelência é enviado da Igreja, devo-lhe uma satisfação. Esses negros são fortes... Ficam bons bem depressa! E eles têm que servir de exemplo pros outros! Mas, se infelizmente não agüentarem... É pouca perda. Os negros se reproduzem tão depressa quanto os coelhos!"

O clérigo nada respondeu. Apenas abaixou o olhar, escondendo seu desagrado.

Tiago receando que os amigos, principalmente o Gustavo, fizessem algum movimento brusco de indignação, puxa as mãos dos dois que estavam ao seu lado sinalizando que era hora de se retirarem. E estes, por sua vez, repetem o gesto com os demais. Assim, pé ante pé, os cinco companheiros saem da casa do Conde, o mais rápido possível.

Já bem afastados daquele local, percebendo que não havia ninguém para ouvilos, trocam comentários indignados, sofrendo com a maldade dos senhores de escravos.

- Mas agora chega! - fala Tiago - Vamos procurar um relógio pra sabermos o



tempo que ainda temos!

Andando pouco mais, eles entram em uma rua de casas mais modestas. E encontram uma pequena mercearia.

Alguns escravos fundo da venda, no amassavam pão sobre uma Uma escrava, mesa. acompanhada de dois meninos fazia compras, certamente por ordem de seus senhores.

O comerciante pergunta curioso: "Vocês sabem como está movimento na praça

central...?!"

"Pela cunversa qui escutei atraiz da porta, o Sinhô e a Sinhá falava que tá todo mundo revortado cum Dom Pedro." – assim contava a escrava – "Num sei de maisi nada!"

"É... Parece que as coisas tão ficando muito complicadas..." - comenta o vendedor.

"Maisi pra nóis escravo, tanto faiz... A nossa vida é só lida, cumê poco, durmi poco também, apanhá muicho nu lombo... É só sofrê!" – lamenta a pobre mulher – Aquela que pudia nos ajudá, Deus levô cedo! Dona Leopordina era a única qui si importava com nóis!

Apesar de penalizado, Tiago desvia o olhar dos escravos à procura de um relógio. Encontrando um de pêndulo, pendurado num canto de parede, sente-se aliviado ao ver as horas. "*Caraca!*.. Ainda temos uma hora de aventura. Vou apressar a *galera!*"

Usando de dois curtos assovios, vai puxando os companheiros para fora da mercearia. Nisso um dos pequenos escravos, o menor deles, ao ouvir os assovios, se volta para lá e, muito espantado, gagueja: "Mãe... Tem uns minino esquisito lá na porta... Parece umas armas penada!!!"

"Dexa de inventa côsa, minino! Pega logo o saco que a Sinhá tá esperando nóis!"

O pequeno escravo apanha do saco e olha de viés para a porta, no exato momento que os cinco viajantes saem correndo. "Cruis credo, mãe! Os fantasma tão fugindo!"

"Larga de invenção, minino teimoso! A Sinhá num gosta disso!... Oia que si ela ficá sabendo que ocê é inventadô de lorota, vai levá chibata nu lombo!"

Felizmente Gustavo não escutou isso, pois poderia extrapolar com o aumento da raiva que sentia...

O grupo parou arquejante em um local mais deserto. Somente dois homens de aparência intelectual, carregando grossos volumes sob os braços por ali estavam passando. Possivelmente voltando do paço central, pois comentavam em voz alta. "Pelo o que eu ouvi em meio ao povo, se o imperador não mudar o rumo do seu governo, ou ele abdica ou uma revolta lhe tira a coroa!"

"É meu pensamento também!... Esse caminho do absolutismo que ele vem trilhando desde 1823, aliado aos portugueses, choca-se com o liberalismo dos brasileiros! E pode ser a sua derrocada!"

Tão logo eles se perdem na distância, o grupo comenta entre si.

- Que época mais confusa!... Caraca... Quando eu estudei isso no colégio, não me liguei no espírito da situação!
 - Fala sério...Vivenciando tudo isso, estamos aprendendo um monte!
- *Podes crer...* Só não entendo como um imperador que foi tão aclamado na época da independência, em tão poucos anos conseguiu ficar *tão por baixo!*
 - Caramba... Será que a História não está mal contada...?!
- Fala sério!... Quem sabe se a famosa adoração do povo por D. Pedro naquela época não é coisa de historiador... ?
- Galera... Eu não saquei o que falavam sobre Dona Leopoldina Bianca comenta intrigada Conselhos sábios...?! Eu nunca estudei sobre isso.
- Nem eu... afirma Marineide E também nunca soube que ela era protetora dos escravos!
- Ei, galera! exclama Tiago entusiasmado A minha pedra pode resolver esse problema! Ta na hora de saber se ela funciona mesmo!... Fala sério... Antes de saber mais sobre a vida da Imperatriz, vamos conferir de perto o lance da independência do Brasil ?!
 - Valeu!!! Manda ver!!! apóiam os outros igualmente entusiasmados.

Rapidamente Tiago retira sua pedra do bolso e erguendo-a por sobre a cabeça conforme Ita Verá ensinou, aponta-a para trás, afirmando com conviçção: - Minha Pedra Encantada... Leve-nos ao momento preciso em que o Brasil se libertou de Portugal!!

Foi semelhante a uma rajada de vento. Como num passe de mágica, eles, admirados, chegaram no Palácio de São Cristóvão. Leopoldina dava início a uma reunião com vários nobres senhores.

Com a voz firme apesar da preocupação que se estampava no rosto ainda jovem, a Princesa comunicou:

"Acabo de receber sérias notícias de Portugal. Como todos sabem, a Coroa Portuguesa pretende chamar nosso Príncipe Regente para assumir o trono que lhe pertence, por morte de seu pai, D.João VI. Rebaixando assim o Brasil de Reino Unido a uma simples colônia! Fato que sei não ser do agrado de D.Pedro. Ele não aceitará isto em absoluto!"

"Compreendemos a sua preocupação, Digníssima Princesa Regente... Mas tão logo D.Pedro consiga apaziguar São Paulo, evitando essa guerra civil que está prestes a eclodir, ele terá as condições necessárias para não se submeter às exigências da Coroa Portuguesa!" – intervém um dos senhores.

"Meu caro General Pereira da Nóbrega, creio não ter me expressado com clareza... Certamente a missão de D.Pedro é a nossa esperança de continuarmos governando o país em paz duradoura! Entretanto, pelas notícias que acabei de receber, tomei conhecimento de que se encontra preparada uma ação contra o Brasil, caso D.Pedro não retorne a Portugal!" – afirma a Princesa.

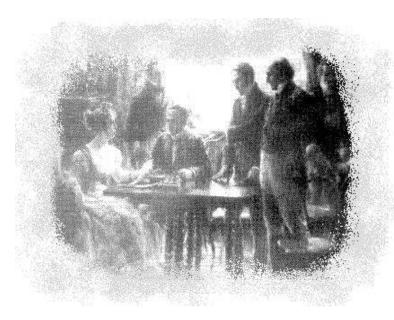
"Precisamos então chamar o Imperador com urgência!" - propõe um outro senhor.

"Mas se a ação é eminente, talvez ele não possa chegar a tempo!" – aparteia mais um dos participantes.

"Foi exatamente por esta razão, senhores Almirante Farinha e Conselheiro Obes, que convoquei o Conselho de Estado para esta reunião tão cedo pela manhã... Atendendo ao conselho do Ministro José Bonifácio, pensei muito à noite e tomei uma séria decisão!"

Os oito senhores, certamente todos eles membros do Conselho, se entreolham preocupados e, em suspenso, aguardam a comunicação da Princesa.

"Refleti profundamente e resolvi adotar a única medida capaz de tornar o nosso querido Brasil independente da Coroa Portuguesa." – e olhando com firmeza nos olhos de



cada um dos Conselheiros, ela comunica sua decisão inabalável:

"Sei que o ato que vou realizar neste momento, é o mesmo que D.Pedro faria se aqui estivesse! Imbuída dos poderes legais mim a delegados por ele governar o país durante a sua ausência, nomeando-me Chefe do Conselho de Estado e Princesa Regente, vou assinar o decreto da Independência declarando o Brasil separado de Portugal!"

E ante o olhar de respeitosa admiração de seus Conselheiros, a Princesa Regente Dona Leopoldina, sentando-se à mesa real, assinou o decreto.

Apenas um deles se manifestou: "Apoio integralmente a sua nobre decisão, Dona Leopoldina. É atitude corajosamente correta! Digna de uma Regente consciente de seus deveres para com o país. Contudo... Como Ministro das Relações Exteriores, aconselho-a deixar a cargo de D.Pedro a proclamação deste ato, quando de sua volta. Por ser a senhora de nacionalidade austríaca, poderá haver uma repercussão negativa, que poderá atrapalhar a afirmação de nossa independência."

Com serenidade e um leve sorriso, Leopoldina lhe respondeu:

"Caro Ministro José Bonifácio, o senhor interpretou corretamente o meu pensamento. Já havia decidido adotar tal atitude. Porém, não por temer uma repercussão negativa quanto à minha nacionalidade. Já dei provas suficientes do quanto considero este país como minha segunda pátria. Mas, pelo respeito e amor que dedico a meu marido D.Pedro, jamais proclamaria ato tão importante, em seu lugar. O decreto que assinei neste momento, foi para salvar o Brasil de uma ação iminente da Coroa portuguesa. Concretizando assim o desejo de D.Pedro de tornar a pátria que ele tanto ama, em um Império Independente!" — e retirando um papel da pasta real que se encontrava sobre a mesa, entrega-o ao conselheiro - "Eis aqui a carta que escrevi à noite, depois que tomei a minha decisão, para que seja enviada imediatamente a D.Pedro."

Ao que Bonifácio respondeu: "Vou igualmente escrever uma missiva em seguida e enviá-la juntamente com a vossa para Santos. Delegarei esta missão a Paulo Bregaro, oficial de minha inteira confiança, ainda hoje!."

Mal o ministro acabara de pronunciar tais palavras, inesperadamente um redemoinho envolveu os impressionados espectadores, levando-os de volta ao lugar inicial.

- Carácolis! O que foi que aconteceu...?! exclama Bianca Você pediu para voltarmos, primo...?!
- Negativo! este responde também intrigado Mas... Acho que sei o que aconteceu! Eu pedi o "momento em que o Brasil se libertou de Portugal". Portanto, assistimos apenas ao momento desta separação!
- *Podes crer*, *cara...* Estou *encanado!* fala Gustavo muito admirado Então... Na *real*, quem promoveu a independência do Brasil foi Dona Leopoldina, e não D. Pedro I.
 - Caraca... Eu não estudei nadinha sobre isso! fala Marineide espantada.
 - Fala sério!...

Acho que nenhum de nós aqui sabia disso, não é, galera...?! - diz Fernanda igualmente surpresa.

Todos concordam.

Desconheciam essa página da
História. Contudo, Tiago
preocupado com o tempo,
mas desejando vivenciar mais
coisas, comunica aos amigos:

- *Galera*... Acho melhor deixarmos o *papo* pra



depois... Vamos ver como D.Pedro recebeu as cartas...?!

Em seguida, sem esperar o consentimento dos demais, o menino pede ligeiro o auxílio de sua pedra encantada. E, mais uma vez, como num passe de mágica, eles chegam às margens do Rio Ipiranga.

Pedro acabara de receber as cartas enviadas por Bonifácio. Entre surpreso e emocionado, ele lê a carta de Leopoldina. Compreendendo a urgência do decreto, apóia a decisão da Princesa Regente. Desembainhando sua espada, ergue-a para o alto, proclamando o brado de "Independência ou Morte!" e, sem demora, retorna à Corte.

Novamente, sem que pedissem, uma lufada de vento transporta os cinco amigos para o local anterior.

- *Carácolis!...* exclama Fernanda A sua pedra encantada, Tiago, só nos deixa assistir a um momentinho mesmo! Da próxima vez vê se dá pra pedir um tempo maior!!!
- *Podes crer*, prima... Mas, pra completar essa nossa viagem tão *irada*, cheia de *adrenalina*, acho que devemos dar um *rolé* maior. Que tal assistirmos ao retorno de D.Pedro e à proclamação oficial da Independência...?!

Os companheiro concordam animadíssimos... E a pedra encantada agilizando o redemoinho, os conduz para um local onde uma multidão aplaudia delirantemente a Dom Pedro, que estava retornando de Santos.

O tumulto era tanto que os viajantes do espaço temeram se perder uns dos outros. Contudo, agarrando-se firmemente com as mãos bem apertadas, eles resolveram seguir o corteio.

Montado em seu cavalo, Dom Pedro ia passando por entre o povo, que não se cansava de aclamá-lo, cada vez mais entusiasmado.

Brandindo o chapéu, o Príncipe Regente agradecia a todos, emocionado com a calorosa manifestação que o acompanhou até ao Palácio de São Cristóvão.



Os cinco amigos, conseguindo se desembaraçar da multidão, com a respiração ofegante, afastam-se para um local sossegado.

- Galera... Que lance emocionante!... exclama Bianca.
- Fala sério... Ouvi tanto sobre esse acontecimento nas aulas de história mas, nunca imaginei tamanha movimentação! declara Marineide.
- Será, *cara*, que a sua pedra vai nos levar agora para assistirmos ao instante em que D. Pedro declarou a independência...?! indaga Gustavo entusiasmado.

- Espero que sim, cara... Foi isso que eu pedi!

Nem bem Tiago terminara de falar, eles foram levados para perto do Regente que, em voz vibrante, plena de emocionante determinação, iniciava a famosa frase que ficou na História:

"Viva a independência e a separação do Brasil! Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro promover a liberdade do Brasil. Independência ou morte!"

Ainda sob a emoção de estarem observando momento histórico tão importante, eles sentem-se retirados dali pela rajada de vento, retornando ao local da primeira invocação. Este permanecia deserto, exatamente como deixaram.

Um tanto decepcionados com a rapidez da volta, comentam: - Outra vez...?!

- Que momento mais curtinho! Não deu nem pra sacar os detalhes da época...
- Fui mal, galera... exclama Tiago após refletir por alguns segundos Não expliquei direito o que queríamos! Mas... Daqui pra frente vou invocar melhor. Já saquei o lance!
- Fala sério, cara! concorda Gustavo Afinal, os poderes da pedra ainda eram desconhecidos!
- Caraca...- acrescenta Marineide Esse lugar aqui, continua deserto, porque ficamos fora apenas uns "momentos"!
 - Tudo bem *galera*, mas *tá* na hora de conferirmos a hora!
 - Mas, como...? preocupa-se Fernanda Aonde ?!
 - No relógio daquela mercearia, sacou...? Vamos voltar lá!

Porém, uma surpresa desagradável os aguardava. O dono da mercearia estava girando os ponteiros do relógio. Irritado, gritava com um dos escravos: "Tinoco... Nêgo burro!!! Eu já não ensinei que pra dar corda não pode mexer nos ponteiros...?!"

"É que eu achei que eles tinha mudado de lugá!... Aí eu quisi acertá!"

"Pois é... Burro teimoso, filho de uma mula! Deixou marcado o dia todo com hora errada! Uma hora a menos!... Se eu não precisasse tanto de você agora, na lida do pão, quebrava teu lombo de pancada!!!"

Tiago ouvindo isso se apavora e puxa os amigos para bem longe. E tão logo se certifica de que não há ninguém por perto, fala aflito para os companheiros: - "Galera... A hora estava errada!" – e calculando novamente o limite de tempo desde a chegada, ele se apavora - "Caraca!!! Perdemos o Portal! Já se passaram quinze minutos!"

As meninas de tão aterrorizadas, nada comentam, apenas começam a rezar. Gustavo procura acalmá-las: - *Menos*... Não se apavorem... Ainda não sabemos como, mas vamos achar uma solução!...

De repente, Tiago exclama entusiasmado: - *Podes crer, galera!!!.* Já *saquei* o que fazer!... Se a minha pedra pode nos levar a "momentos" diversos, vou invocar novamente seus poderes! – e sem esperar qualquer resposta dos companheiros, ele levanta o braço com a ponta do cristal voltada para frente, proferindo as palavras certas.

"Minha Pedra Encantada... Leve-nos imediatamente ao momento preciso do Portal se abrindo, dando passagem ao nosso tempo presente!"

Nem bem acabara de pronunciar a frase, eles chegaram no local da partida, quando a intensa luz violeta começava a formar o Portal. Imediatamente são transportados para a granja.

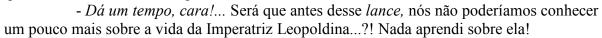
Tiago beijando o cristal, exclama aliviado e feliz: "Minha querida pedra você não é somente encantada! É mágica, é *irada...* MA-RA-VI-LHO-SA!!! - e olhando o relógio em seu pulso, se admira – *Galera...* Estamos quinze minutos atrasados para o almoço da Vó! E em disparada, eles vão correndo para a casa.

9º CAPÍTULO:

Cada vez mais entusiasmados com as aventuras vivenciadas, os cinco amigos se reúnem bem cedo na manhã seguinte, na "base de lançamento".

- Aí, *galera*... Vamos conferir logo qual a moeda mais antiga, das três que sobraram! comanda Tiago, apresentando a sua.
- É a minha! exclama Bianca E com um detalhe muito importante! fala orgulhosa O Vô me disse ontem que esta é uma moeda muito preciosa. Neste ano de 1830, foi muito reduzida a cunhagem de moedas.
- 1830...? *Caramba!* se apressa a dizer Gustavo, animadíssimo Deve ter sido por causa da crise pela qual o Brasil estava passando antes da abdicação de D.Pedro I.
- *Podes crer!* Com certeza foi um ano de muita confusão! entusiasma-se Tiago É lá que vamos *zoar!*

E sem muitas delongas, ele vai iniciar a invocação, quando Fernanda o interrompe.



- Fala sério, mana!... Parece que ela foi uma mulher especial... Eu também gostaria de saber mais sobre a vida dela.
- Idem! exclama Marineide Se ela foi mesmo importante na nossa história, será *manero* verificar isso! Ainda mais que estamos no Ano Internacional da Mulher!

Tiago e Gustavo se entreolham, analisando o pedido das meninas... E acabam por concordar.

- Valeu!... O lance é legal! Vamos pesquisar mais essa história! diz Tiago com ares condescendentes Mas não pensem vocês que é por causa dessa baboseira do Ano da Mulher... Essa homenagem é uma injustiça, uma vez que não existe o Ano do Homem!!!
- Fala sério, cara... apóia Gustavo Mas não enbola mais... Eu também estou curioso pra saber da Leopoldina!
- *Tempo aí*, primo! pede Bianca Será que podemos ficar invisíveis somente pros outros...?! Esse *lance* da gente não se enxergar é muito complicado!
 - Podes crer, prima... Vou tentar!

Porém, ligeiro, Fernanda faz outro pedido: - Além da invencibilidade, será que você pode pedir também vestimenta da época...?

- Caraca!... Por que, se nós vamos estar invisíveis...?!
- Porque pode acontecer de sermos vistos por crianças...
- Valeu! Deixa comigo! concorda ele novamente É melhor mesmo! Assim não chamaremos a atenção da pirralhada!

Em seguida ele dá início à invocação do Portal: ".... ao dia da chegada da Princesa Leopoldina no Brasil."

O Portal imediatamente surge ante aos viajantes do espaço e, num piscar de olhos, estes são sugados pela luz violeta.

Surpresos, verificam que estão na parte traseira do convés de uma nau, em cujo mastro, bem no topo, tremulava uma bandeira da Coroa Portuguesa. Num mar sereno, a



embarcação navegava acompanhada por uma esquadra. Vibrando de emoção por surgirem em local tão inusitado, eles não se contêm e trocam comentários, esquecidos da confusão que poderia ocorrer caso fossem ouvidos...

- *Galera*... Estou enxergando vocês! – exclama Bianca feliz. Animados eles se entreolham e se admiram das roupas simples que estão usando.

- Dessa vez somos gente do povo! diz Marineide.
- Nada de nobres e escravos!!! alegra-se Gustavo fazendo pose de ator de cinema Não pareço um corsário negro...?!
- Pois eu me sinto o "Senhor dos Mares", o grande herói aventureiro! – empolga-se Tiago.
- Ora seus bobos! Aventureiros... Isso, nós já somos! – retruca Bianca.
- Fala sério, carinhas!... Vamos deixar de papo furado e descobrir logo porque estamos aqui! resmunga Fê apreensiva Em meio a este marzão sem fim!... Me dá até arrepios!



- Pois eu acho que já *saquei!!!* - exclama Marineide apontando com o braço esticado - Não será a Princesa Leopoldina aquela loura, bem branca, sentada lá no meio do convés...?!

Felizmente a conversa é abafada pelo barulho do mar e, entusiasmados com tal perspectiva, eles vão se dirigindo cautelosamente para aquele local. A menina estava certa... Era Leopoldina conversando com uma nobre senhora, certamente membro da comitiva real austríaca.

A jovem arquiduquesa da Áustria, usando um belo vestido de seda branca bordado em ouro e prata, levava ao pescoço um colar de enormes diamantes. Deste pendia um camafeu com o retrato pintado de D. Pedro, ainda rapaz. Delicadamente ela alisava-o enquanto comentava com a acompanhante, num português quase sem sotaque.

"Sinto-me sufocada pela ansiedade em conhecer o meu marido! Se ele for tão belo assim pessoalmente, qual Adonis o deus grego, a paixão que despertou em minha imaginação, será então uma realidade!"

"Porém querida Princesa, não se emocione tanto... Eu tenho receio de que se decepcione ao encontrá-lo. A fama do Príncipe não faz jus à sua beleza física..." – preocupase a nobre acompanhante, falando num português perfeito, demonstrando sua origem lusitana.

"Eu bem sei, querida amiga... Dizem que Pedro não tem boa educação, que foi criado à solta e a sua cultura intelectual deixa muito a desejar... Mas..." – e ela levanta o camafeu para admirá-lo outra vez – "Suas feições enérgicas, seu olhar vivo e o bigode à mosquiteira dão-lhe um ar de incisivo atrevimento, que me faz apaixonada."

"Mas talvez seja difícil a convivência com ele... – volta a argumentar a senhora – "A sua educação, Princesa, foi primorosa! Sua esmerada cultura está muito acima do nível das demais princesas que aprendem apenas boas maneiras, a bordar, costurar e algumas aulas de piano... Certamente haverá um choque cultural com o Príncipe Pedro."

"Não tenho receio... Reconheço que eu fui preparada para governar, desde menina... Deram-me conhecimentos científicos, políticos, históricos e artísticos, e aprendi vários idiomas estrangeiros, principalmente o francês e agora, o português. Portanto... – com um sorriso procura tranquilizar a amiga - Eu penso que exatamente essas nossas diferenças culturais poderão equilibrar o nosso destino real. Poderei me relacionar bem com Pedro, auxiliando-o naquilo que ele desconhece... Não lhe parece?!"

"Espero em Deus que assim seja... Pois o meu receio é que talvez o Príncipe se sinta em posição inferior à sua e isso lhe crie dificuldades."

A princesa sorri e segurando o camafeu com mais força, rebate a opinião da nobre senhora, com o olhar distante, sonhador: "Contudo, se eu amá-lo com fervor e conseguir que ele retribua meus sentimentos com a mesma energia, estarei realizando ao mesmo tempo o meu sonho pessoal e cumprindo o que a Casa d'Áustria espera de mim no campo político!"

"Admira-me tanta coragem e determinação em uma jovem de apenas vinte anos!" – fala a senhora com verdadeira admiração – "Que Deus a abençoe e lhe dê forças para cumprir o seu Destino, minha querida Princesa!"

Novamente sorrindo, Leopoldina responde: "Obrigada, dedicada amiga... Mas creio que conseguirei o meu intento! Não se preocupe... Meu pai instruiu-me quanto aos meus deveres políticos e aconselhou-me como devo me comportar no seio de minha nova família. Recomendou-me cumprir todos os desejos de meu marido, mesmo os menores deles e procurar conquistar a confiança do Rei, meu sogro e, principalmente, evitar a minha sogra D.Carlota Joaquina".

"Sábios conselhos, querida princesa... Contudo, tenho a certeza de que esta sua maneira tão doce e gentil, conquistará a todos os membros da família real!"

Leopoldina agradecendo a amabilidade da nobre senhora, afirma com serenidade: "Farei de tudo para não decepcionar a confiança que meu pai depositou em mim, para manter unidas as duas Casas Reais... Para tanto, preparei-me assim que foi realizado o meu casamento por procuração. Sabe que durante esse período de quase um ano, além da língua portuguesa, estudei a história, a geografía, e as diversas produções do país que vou adotar?"

"Não, Princesa... Isso me era desconhecido!"

"Pois exatamente por esta razão... Por me inteirar das incríveis possibilidades dessa nova terra, é que me fiz acompanhar dos eminentes cientistas e pesquisadores, que aqui se encontram neste navio".

Neste momento aproxima-se o Comandante da nau, interrompendo a conversa para avisar que já se encontravam em águas próximas à cidade do Rio de Janeiro e que a vista era soberba de se apreciar.

Prontamente Leopoldina e sua acompanhante se dirigem para a amurada. Emocionadas, ambas tecem profusos elogios à exuberante beleza da natureza tropical, que se descortinava ante seus olhos admirados.

Igualmente emocionados, os cinco amigos, que também haviam se dirigido para a amurada, ficam boquiabertos frente à visão por eles desconhecida, daquela natureza ainda preservada.

O mar de um azul *marinho* profundo, clareando-se ao verde límpido, chocava-se contra os rochedos, indo derramar-se em cristalinas ondas nas brancas areias da orla marítima. Ante aos olhos deslumbrados das crianças, as praias que normalmente costumavam freqüentar, sempre em meio à um grande número de banhistas, iam sendo reconhecidas completamente desertas... Desde o Recreio dos Bandeirantes até ao Leme. Emolduradas pelas montanhas que se sucediam verdejantes e ainda intocadas pela mão do homem, causavam nos "viajantes do espaço" uma profunda emoção. Sem poderem externar o que sentiam, apertavam-se as mãos, entreolhando-se admirados.

E ao passarem pelo Pão de Açúcar, já se mostrava a então pequena cidade do Rio de Janeiro, berço do Império. Na enseada de Botafogo e ao longo das terras banhadas pelas águas límpidas e transparentes da Baía de Guanabara, construções coloniais, algumas imponentes, outras mais simples, destacavam-se prenunciando o início da transformação de uma terra virgem em uma grande metrópole.

"Que bela a minha futura cidade!" – exclama Leopoldina sensibilizada.

"E não parece tão pequena assim como dizem..." – comenta a acompanhante igualmente admirada.

"Certamente...Afinal, já existem nela sessenta mil habitantes. D.João VI trouxe para essas terras muito progresso! Estou ciente de que meu sogro é um homem culto e inteligente, preocupado em implantar cultura nesse novo país! Portanto, creio que vou encontrar grande afinidade com ele!"

Em meio a tais comentários e a tantas emoções, as crianças assistiram ao momento em que após a ancoragem da nau, ao largo da baía, uma galeota real vinda do cais acercava-se desta, para conduzir a Princesa à terra firme. Um enorme pálio, ostentando o brasão da Coroa Portuguesa iria proteger a passageira real do sol inclemente dos trópicos. Por ventura, este já se amainava com a proximidade da tarde que não demoraria a chegar.



Visivelmente comovida, Leopoldina, com o olhar brilhante acompanhava atenta a aproximação da pequena embarcação. Apertando contra o peito o camafeu, comenta com a voz contida pela emoção: "Mesmo ainda à distância, sinto em meu íntimo que o Príncipe Pedro é tudo o que eu sonhei... Meu coração a partir deste momento estará ligado indelevelmente ao dele para sempre!"

Ao ouvirem isso, os amigos aproveitando a movimentação no convés e o barulho das vozes agitadas, se afastam para deixarem escapar num murmúrio, os comentários que já não conseguiam conter.

- Fala sério!... exclama Fernanda Leopoldina ficou mesmo a fim do Pedro!
- *Carácolis!!!* Como é que ele pôde ter sido tão ruim com ela... ? pergunta-se Bianca Pelo menos foi isso que eu aprendi no colégio!
- Fala sério... Terá sido verdade ou invenção de historiador...? rebate Marineide.
- Caraca, meninas! Com tanta coisa pra se ver, vocês ficam pensando em romance! critica Tiago.
 - Bobalhão! responde Fernanda Romance também faz parte da história!
- Não *encana, cara!* Elas não deixam de ter razão! apóia Gustavo rindo Romance de celebridade vira até notícia de jornal!
- *Fala sério*, *galera!* resmunga este Vamos parar com esse *papo* idiota... Vejam! A barca real está atracando!
 - E estão abaixando uma rampa com uns degraus fininhos! observa Bianca.
 - E a Princesa está se preparando para descer por ela! empolga-se Marineide.

Ansiosa com a perspectiva do encontro com a Família Real que a aguardava em terra, Leopoldina apóia a mão no braço de um nobre cavalheiro que prontamente se acercara dela. Sua voz soa exultante, num português quase perfeito: "Estou pronta, senhor Marquês de Castelo Melhor. Vamos...?! Estou aflita para conhecer D.Pedro, meu marido!"

Ao que o nobre respondeu, em seu sotaque lusitano: "Com muita honra, Princesa! Sinto-me orgulhoso e grato ao Imperador seu Pai, pela honrosa confiança que em mim depositou, de trazê-la em segurança ao seio de sua nova família real."

Num tom quase inaudível, Tiago comenta animado: - Ouviu isso, *galera...*? Isso sim é que é uma aventura *bombástica!...*

- Podes crer... Assistir "ao vivo e a cores" a chegada da Leopoldina no Brasil!
- Galera... Que lance irado!!! Vamos conhecer de perto, toda a realeza!
- Fala sério, galera... Como...? Se nós não podemos entrar na barca...?! De longe não dá! decepciona-se Fernanda.

Entretanto, assim que esta termina de falar, inesperadamente uma leve lufada de vento transporta pelos ares os "viajantes do espaço", deixando-os com todo cuidado na pôpa da comprida galeota. Admiradíssimos, procurando não fazer barulho algum e em silêncio absoluto, eles permanecem atentos, com a respiração quase em suspenso, afim de não perderem nenhum detalhe daquela extraordinária oportunidade, pela qual não esperavam.

Várias gôndolas enfeitadas com coloridas lanternas acompanharam a galeota até ao Arsenal Real, onde D.João VI, D. Carlota Joaquina e as duas princesas, aguardavam com visível ansiedade o desembarque da Princesa austríaca.

Parecia um conto de fadas... Havia sido montado um grande pavilhão, cujo teto recoberto de seda branca, era apoiado sobre altas colunas com capitéis dourados. Destas, pendiam faixas bordadas com versos referentes à feliz união das duas Casas Reais.

Uma passadeira de tapete vermelho cobria o chão, desde o cais até a uma bela e ampla carruagem puxada por oito cavalos, toda ornada em ouro, que levaria a Família Real pela cidade, até ao Palácio de São Cristóvão.

O flamejante sol poente já iniciava sua descida sobre o mar, refletindo-se nas águas mansas da baía, quando a Princesa desceu da real embarcação, acompanhada pelo Marquês. Tiros de canhão anunciavam sua chegada, no momento em que a Família Real dirigia-se ao seu encontro.

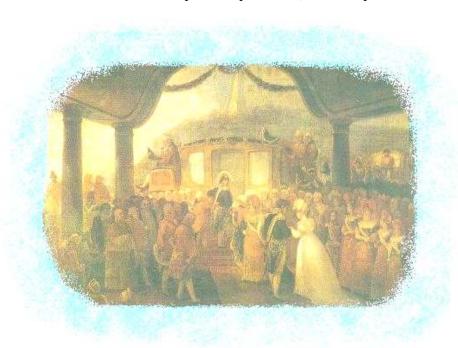
D.João VI foi o primeiro a cumprimentar a nora, entregando-lhe um rico presente. Uma caixa de ouro, cheia de faiscantes brilhantes lapidados.

"São frutos desta terra... Vossa Alteza está vindo para o país das pedras preciosas"... - explica o Rei à sua nora, abraçando-a carinhosamente.

Ao lado do pai, olhando de soslaio a esposa, Pedro procura disfarçar um sentimento de frustração pela pouca beleza da princesa e, ao mesmo tempo, sente-se receoso pela fidalguia que a imagem de Leopoldina lhe causara. Mas, ligeiro se refaz e nobremente beija-lhe a mão e com um afável sorriso, apresenta-a à sua mãe e às duas irmãs.

Num gesto de respeito, a Princesa curva-se altivamente perante os reis. D. Carlota Joaquina e as filhas abraçam-na amavelmente, dando mostras de sincera alegria.

Tomando Leoplodina pela mão, o Príncipe inicia um cortejo, seguido por sua



família, sob efusiva homenagem da Corte que formava alas no correr das colunas do pavilhão.

Aplaudidos com vibrante entusiasmo pelo povo que se aglomerava nos arredores, a Família Real encaminha-se para a carruagem.

Acompanhando o cortejo, com as mãos bem apertadas para não se perderem, "os viajantes do espaço"

assistiam com o máximo de atenção, embevecidos, tal a pompa do acontecimento. Sentiamse participantes de um conto de fadas, mais do que um fato histórico...

Todavia, quando a carruagem partiu, acompanhada por várias outras igualmente engalanadas, eles sentiram-se alijados da comemoração que certamente haveria de ocorrer dali em diante.

Frustrados, afastam-se do povo, em direção a um local meio deserto.

Certificando-se de que ninguém poderia escutá-la, Bianca pergunta insegura: - E agora... O que será que vai acontecer...? Pra onde vamos...?!

- Aonde encontraremos o Portal...?! – fala preocupada a Fernanda.

Ambas são apoiadas por Marineide, que exclama: - *Caraca!...* Não estou entendendo *nadinha...* Estamos sendo levados pra lugares diferentes sem pedirmos nada!

- *Se liga, galera!* Ainda não deu pra *sacar* que a minha pedra está nos levando aos lugares onde a princesa está passando no <u>dia da sua chegada</u>...?!
- *Cara...* Sabe que eu não tinha notado isso...? Essa sua pedra é *irada* mesmo! exclama Gustavo animado.
- Pois então, *cara...* Com certeza ela vai continuar nos levando por onde a realeza for passando... Vou pedir!!! responde Tiago se preparando para a invocação.

Mas nem precisou pedir. Num instante eles estavam em frente à Capela Real. Muitas pessoas já se achavam no local à espera da princesa, que ainda não havia chegado. Os amigos cuidadosamente entram na igreja, posicionando-se junto ao altar, para observarem melhor o acontecimento.

Totalmente em prata lavrada, o altar tinha a mesa recoberta por finíssima toalha de seda branca, bordada em fios de ouro e prata. Enfeitavam-na também em prata lavrada, contendo umas brancas e outras rosadas. Castiçais, candelabros e os lustres que pendiam do teto pintado em afresco, todos em ouro, prata e puro cristal, brilhavam à



luz da enorme quantidade de velas acesas, que realçava a beleza dos santos barrocos, patinados em puro ouro.

Os amigos ainda olhavam extasiados tamanha riqueza e beleza, quando o som vibrante do órgão anunciou a chegada da Família Real. Tão encantados eles ficaram com a pompa do ato religioso, todo cantado em latim, que nem se cansaram pelo tempo que lá permaneceram.

Tão logo terminou a cerimônia, a Família Real se retirou, retornando para a carruagem. Imediatamente os viajantes do espaço se viram transportados ao Paço Imperial, onde pessoas apressadas começavam a chegar. Tempos depois se aproximava a carruagem real seguida pela comitiva. Uma pomposa recepção aguardava a Princesa.

Animados, eles foram se esgueirando ligeiro em meio ao povo, com a intenção de entrarem no palácio antes da realeza.

Sem querer Bianca se choca com uma senhora, quase a derrubando ao chão. Assustada, segurou à custo um pedido de desculpas, continuando a correr.

A senhora, raivosa, brigou com duas crianças que se achavam ao seu lado, dando um puxão de orelha em cada uma: "Que modos são esses, meninas...?! Se vocês, não se

comportarem direito, vou mandá-las pra casa agora mesmo. E ficarão de castigo o dia todo amanhã!!!"

Surpreendidas, as meninas explicaram, sem sucesso, que a culpa não era delas.



"Não fomos nós! Foi aquela menina de cabelo vermelho! Eu vi bem direitinho!!!" exclamou uma. confirmada sendo pela outra – "E tem duas iguais!!!" "Manuel... Acho que crianças estão vendo assombração!" "Assombração coisa nenhuma, mulher... Elas estão delirando de tanto cansaco! Assim que a Princesa entrar no Palácio.

vamos voltar logo pra casa! Pra mim chega de comemoração!!!"

Bianca e os companheiros nem se deram conta do ocorrido... Já estavam longe, junto à grande porta do Palácio, ansiosos para entrar tão logo a guarda real, que ali se encontrava, deixasse livre a passagem.

Contudo, mais uma vez eles sentiram-se arrebatados pelos ares e, estonteados, foram deixados no convés da nau portuguesa. Exatamente no mesmo lugar aonde tinham surgido.

Assustados, verificaram se estavam todos ali reunidos. Antes que pudessem articular qualquer comentário, surgiu no céu, que já começava a escurecer, a bela luz violeta. Não demorou para serem sugados pelo Portal.

O sol brilhante da manhã os recebeu, um tanto aturdidos, ao retornarem à granja.

Tiago olhando o relógio, comenta rindo: - Que viagem *bombástica* a de hoje! Saímos de manhã cedo, viajamos de navio antigo no meio da tarde, conhecemos a Capela Real e chegamos no Paço Imperial ao escurecer... Tudo isso em apenas 15 minutos!!!

- Fala sério... O tempo no espaço é realmente doidão! diz Gustavo também rindo.
- Mas, por que fomos retirados antes da carruagem real chegar...?! questiona Marineide decepcionada.
 - Foi mal... Eu queria tanto ver o palácio por dentro! resmunga Bianca.
- Isso foi uma *roubada!* Eu queria ver o baile! Ver a Leopoldina dançando com o Pedro!!! lastima Fernanda.

Gustavo intrigado, comenta: - É cara... Que lance estranho esse da sua pedra! Não saquei!..

- Galera... Muito fácil! Eu pedi o dia da chegada da Leopoldina no Brasil. Vazou o dia, a noite foi chegando... Portanto, fim da viagem! O pedido foi realizado! Sacaram agora...?!

Maravilhados com aventura tão cheia de novidades e conhecimentos, os amigos passaram o resto da manhã tecendo comentários. E nem se deram conta de que nuvens escuras começavam a surgir no horizonte, prenunciando chuva forte.

10° CAPÍTULO:

Durante o almoço, o tempo mudou completamente... O céu escureceu, ameaçando chover.

Tão logo terminam de almoçar, as crianças avisam a avó que vão dar uma volta pela granja. Kátia imediatamente contesta: - Em absoluto! Não estão vendo que vai chover...? É melhor ficarem em casa!

- Mas, vózinha, é bom passearmos um pouco na chuva! argumenta Bianca.
- Muito bom mesmo para apanharem um resfriado, isso sim! retruca a avó com energia Não, não e não!
- Sem essa, Vó... Se o Vô e a tia Margarete estivessem aqui, aposto como eles iriam deixar! resmunga Tiago contrariado.
- Mas eles não estão e eu não deixo. Ponto final! afirma Kátia autoritária. Porém, vendo a expressão de tristeza e frustração das crianças, ela ameniza o tom de voz Mas vocês têm outra opção... Podem chamar a Marineide e usarem o computador a tarde toda!

Ao ouvirem tal sugestão, os quatro amigos se entreolham animados.

- Pô, galera! diz Tiago entusiasmado Já tinha me esquecido das oportunidades que o computador pode oferecer! Estou dentro!
- Eu também! concorda Fernanda indo beijar a avó *Valeu*, vózinha! Você é dez!!!

Kátia, satisfeita, dirige-se para seu quarto a fim de tirar a costumeira sesta, não sem antes recomendar que voltem em seguida.

Um trovão ressoa forte à distância e eles saem correndo para chamar a amiga, que adere imediatamente à programação.

Já instalados em frente ao computador, Tiago sugere pesquisar sobre a vida de Leopoldina.

- Ahhh... Pelo jeito, *cara*, você agora *se amarra* também num romance! brinca Gustavo, rindo do amigo.
- *Qual é, cara...?!* este retruca ligeiro Romance coisa nenhuma!!! Eu *curti* conhecer a história da Princesa... *Legal!*... E foi tudo *bombástico!*... A nau de D.João VI, a baía de Guanabara, as praias desertas, o Paço Imperial... Tudo!!!
- Valeu mesmo, cara!!! Eu me amarrei na historia toda! Até mesmo na cerimônia da igreja!... Fala sério... As meninas souberam escolher a viagem!

Animadas com o elogio, estas não perdem tempo e sugerem depressa:

- Então, o que você está esperando, primo?! Acessa o Google de uma vez!
- Queremos saber tudinho o que aconteceu com a Princesa.

Entusiasmados, descobrem três páginas de diferentes autores, relatando em minúcias a vida da Imperatriz.

- Caraca!... Depois que foi implantada a República, sumiram muitos documentos da Corte Imperial... Que babaquice!!!
- Fala sério... Só na década de 1960, num leilão em Munique, é que foram descobertas centenas de cartas que ela escreveu para sua tia D. Maria Amélia e para sua irmã, Maria Luíza, casada com Napoleão!

- E assim foi possível conhecer detalhes da vida de Leopoldina com D.Pedro! diz Tiago animadíssimo, sugerindo aos amigos: *E aí galera*... Vamos ver de perto toda essa história...?!
 - Vamos nessa, Tiago... Estamos todos muito curiosos!!!

Interessado na continuidade da história, o menino se apressa em fazer a invocação, firmando o olhar em uma das páginas da Internet.

"... desde o casamento da Princesa Leopoldina até a sua morte!"

Em instantes, os "viajantes do espaço" voltam no tempo. Como num passe de mágica, eles se viram nas proximidades de uma cascata, em meio à mata virgem. Esta era apenas cortada por uma trilha. Admirados, observam tudo ao redor.

- Caraca! diz Gustavo impressionado Aonde será que estamos...?!
- *Pô, cara!*.. Se estamos no Rio de Janeiro, na época de Pedro e Leopoldina, aqui só pode ser a Floresta da Tijuca! deduz Tiago imediatamente.
- Mas será que estamos longe da estrada, ou nessa época só existia esta trilha...?! questiona Fernanda.
- Ai, Jesus!... Será que estamos perdidos no meio da mata...?! assusta-se Marineide.
- Não encana, Mari... observa Bianca, um tanto insegura Porque tenho quase certeza de uma coisa... Foi naquela cascata ali, que o pai nos levou uma vez... O que você acha, Fê?!

Sem dar chance de resposta, Tiago interrompe a prima, rindo à solta: -



Carinhas!... Vocês meninas, são muito bobas mesmo! O que esperavam encontrar em 1817...? Estrada asfaltada...?! É claro que a estrada nessa época era essa trilha mesmo!!!

- Bobo é você, primo! Não está vendo que nós estamos fazendo "um reconhecimento de terreno"...?! retruca a menina irritada.
- *Se liga não*, mana! Estamos em local conhecido... Não estamos perdidos! Você tem razão... Foi aqui mesmo que tomamos banho no ano passado. Só não me lembro do nome dessa cascata!

Neste exato momento, um tiro ecoa pela floresta... Pássaros agitam-se alçando vôo, enquanto uma jaguatirica fugindo em disparada, passa próximo às crianças sem se deter, buscando abrigo dentro da

mata fechada. Assustadas, elas vêm se aproximar dois cavaleiros, num rápido tropel pela trilha. Ao aproximarem-se da cascata, estes refreiam suas montarias.

"Perdemos a jaguatirica!!!" – brada um deles irritado.

"Mas não importa, Pedro! Valeu a cavalgada... Foi esplêndida!" – retrucou o outro arquejante, com uma entonação de voz feminina.

As crianças se entreolham incrivelmente surpresas... Ao mesmo tempo tapam as bocas com as mãos, num esforço para conter os comentários que estavam prestes a sair...

Era a Princesa Leopoldina cavalgando com D.Pedro...

Num tom de voz mais calmo, este se dirige à esposa: - Vamos parar aqui para descansarmos um pouco, minha Princesa! - e apeando-se do cavalo, ele estende a mão para ajudá-la a desmontar.

Contudo, Leopoldina montada no cavalo à maneira masculina, não precisa de auxílio... Lépida e graciosa, salta ao chão, falando satisfeita: "Sabe, querido, estas roupas com que você me presenteou, são muito confortáveis para cavalgar! Jamais usarei outras!" – e com uma risada, acrescenta – "Porém, com toda a certeza, elas se tornarão motivo de muitos comentários maldosos na Corte!"

Ao que Pedro responde com uma sonora gargalhada: "Comentários escandalosos fazem parte da minha vida palaciana!"

A vestimenta de Leopoldina era realmente surpreendente. Trajava uma túnica de algodão, solta sobre calças compridas. À cabeça levava um masculino chapéu de palha e calçava botas de cano alto, semelhantes às do marido. Em nada se parecia com as amazonas de sua época.

Pedro, levando sua espingarda pendurada ao ombro, encaminha-se em direção à cascata, de mãos dadas com Leopoldina. Olhando-a com admiração, observa feliz - "Nunca imaginei que uma arquiduquesa da Áustria, criada e educada na mais fina fidalguia, pudesse ser uma exímia amazona, companheira tão disposta a me acompanhar em caçadas e cavalgadas!"

"Mas Pedro... Apesar de apreciar a vida que eu levava no Palácio de Schünbrunn, sempre sonhei em conhecer a América... Como naturalista curiosa que sou, esse Novo Mundo representa para mim um laboratório riquíssimo e um notável campo de experimentação!" - e com um olhar apaixonado, acrescenta um tanto encabulada – "Estou feliz nesta vida campestre, ao lado de um marido amigo que eu tanto amo!"

Pedro, envaidecido, sorri satisfeito beijando-lhe a mão.

Já beirando a cascata, Leopoldina se afasta dele e, equilibrando-se por sobre as pedras, senta-se na margem do riacho. Molhando as mãos, refresca o rosto e sacia a sede

com a água límpida e cristalina, que corre mansa por entre a mata virgem.

"Esta é uma terra abençoada, Pedro..."

– fala transbordante de alegria – "Sua natureza exuberante, é cheia de riquezas!... Tanta coisa a explorar... Sinto-me plena de felicidade por estar aqui!" – e, interessada nas plantas ao redor, ela se levanta começando a colher algumas mudas –



Veja esta aqui, querido! – exclama admirada.

D. Pedro, sem demonstrar o mínimo interesse pelo assunto, afasta-se em direção aos cavalos que, amarrados em uma árvore, tentavam pastar ao redor.

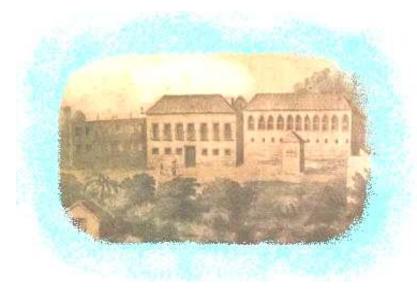
Sem saber, ele vai se aproximando das crianças e quase esbarra em Bianca. Esta, assustada, dá um pulo para o lado, assustando por sua vez os cavalos que relincham inesperadamente. Em um reflexo rápido, o príncipe puxa de sua espingarda e olhando à volta, chama pela esposa: "Venha ligeiro, Leopoldina!... Venha montar logo em seu cavalo! Pode ser a jaguatirica retornando!"

Os "viajantes do espaço" nem chegam a ver o término do passeio real. São arrebatados em seguida pela lufada de vento, que os deixou suavemente nos fundos do Palácio de São Cristóvão.

A essa altura, eles" já estavam se acostumando com tais retiradas inesperadas. E sem maiores questionamentos, entreolhando-se animados, começando a observar o local com a máxima atenção.

Verificando não haver ninguém por perto, vão tecendo inúmeros comentários, enquanto começam a rodear o palácio.

- *Carácolis!*... Nunca imaginei tanta sujeira numa residência real! exclama Fernanda Olha só quanto cocô de cavalo espalhado pelo chão!
- Fala sério!... Se meu pai estivesse aqui, já estaria limpando tudo isso!!! diz Marineide impressionada com o desleixo do enorme terreno de terra batida.



- E que fedor!!! - fala Bianca tapando o nariz - Por que será

Porém, ela se cala imediatamente ao ver um escravo jovem sair correndo de uma das portas traseiras.

"Vorta aqui, seu nêgo safado!!! Vô ti insiná a me tratá cum respeito!!!" – grita um outro, mais velho, saindo atrás do primeiro.

O rapaz pára de correr e resolve enfrentar seu perseguidor. " Só pruquê tu

foi aforriado, num qué dizê que tu num cuntinua nascido escravo qui nem eu!"

Ao que o outro retruca indignado: "Maisi o Sinhô me afforiô e me botô pra cuida d'ocês qui cuntinua escravo! É meior tu mi obedecê, seu muleque safado, sinão tenho qui chamá o feitô!"

Mal este acabara de falar, surge o feitor de chicote na mão: "Que briga é essa...?! O que está se passando aqui, Januário...? D.João não quer saber de confusão nem briga entre os escravos!" – e já levanta a mão pronta para açoitar o jovem negro.

Porém, ligeiro, Januário intercede: "Num é priciso fazê uso do relho, seu Anastácio! O Crispim já intendeu tudo... Num é Crispim ?! Nóis já ia vortá pra lida!"

O feitor abaixando o braço, ameaça com raiva: "Tu é que merecia apanhar no lombo, Januário!... Se tu não conseguir botar no trabalho firme essa tua negrada escrava... Juro, seu atrevido, que eu esqueço que tu é alforriado e faço tu sentir o peso do meu chicote!!!" – e com ares autoritários ele retorna ao palácio, falando para si mesmo – "Essa estória de alforria não dá certo!!!"

Irritado, Januário puxa Crispim pelo braço, arrastando-o de volta para o trabalho: "Si tu aprontá di novo, muleque safado, num ti livro do feitô!"

- Caraca! - comenta Gustavo muito impressionado com a cena - Que *rolo*, essa história de escravo alforriado tomar conta dos outros ainda escravos... Devia mesmo acontecer muita raiva e briga entre eles! Isso eu não sabia...

Contudo, chegando defronte ao palácio, eles estranham a fachada do mesmo.

- Caraca! Aqui não é a Quinta da Boa Vista...?! admira-se Gustavo.
- Eu acho que sim... Pois, todos nós sabemos que o palácio onde D.João VI morou, é hoje o Museu Imperial na Quinta da Boa Vista! argumenta Fernanda.
- Fala sério... Não se parece nada, nadinha, com o museu! É feio, sujo, mais parece uma fazenda velha! exclama Bianca.

Com ares de sabido, Tiago explica: *Pô, galera!...* Parece que vocês não prestam atenção nas aulas... O palácio de São Cristóvão, que é este aqui, foi...

- Reformado e mobiliado totalmente por D.Pedro II! interrompe Marineide falando vitoriosa EU presto atenção nas aulas!
 - Ai, fedelha... Valeu!!! Gustavo a cumprimenta rindo.

Mas, em seguida, a atenção do grupo é desviada para Leopoldina e Pedro que surgem, ao longe, passeando por entre as árvores. Ligeiro, os amigos se acercam deles, atentos à conversa que se desenrolava entre os dois.

"Pedro, fico satisfeita de D.João ter resolvido fazer um jardim aqui... Aflige-me essa falta de limpeza, esse mau cheiro que exala do esterco!"

"Ora Leopoldina... Isso não me incomoda! Por mim continuaria tal e qual!"

"Às vezes eu não lhe entendo, meu marido!... Não percebe que os arredores do palácio mais parecem um grande estábulo...?!

O príncipe se irrita: "Aqui é diferente do Palácio de Schünbrunn...Você acabará se acostumando!!"

"Pois creio, meu marido, que isso pode ser mudado!" – fala Leopoldina num tom de voz meigo, tentando convencê-lo – "Seu pai tem muita sensibilidade em relação à natureza... E dias atrás ele andou trocando idéias comigo sobre uma possível mudança."

"Ora, minha Princesa... Vocês têm idéias parecidas... E seus conhecimentos de botânica e mineralogia agradam-no sobremaneira!"

Leopoldina sorri feliz: "É verdade!... D.João e eu temos muita afinidade nos assuntos relativos à natureza e à cultura!"

Retribuindo seu sorriso, Pedro comenta: "E ele lhe tem grande estima e admiração... Considera-a como uma filha!"

"O mesmo sinto eu em relação à ele... Aprecio a sua sensibilidade e cultura!" – afirma a princesa com sinceridade – "Ainda ontem, enviei uma carta a meu pai contando que

encontrei em meu sogro um segundo pai, a quem amo e admiro por suas qualidades, que são muito semelhantes às dele... No que toca à bondade de coração e ao amor ao seu povo.!"

Pedro toma uma expressão séria, falando um tanto melindrado: "A despeito de apreciar tal afinidade de sentimentos que existe entre você e meu pai, por vezes sinto-me irritado com a conversa entre ambos, sobre assuntos que não me dizem respeito!"

Com maior suavidade ainda, Leopoldina responde: "Mas, no tocante à música, meu querido, ninguém se iguala a você! Consegue dominar com maestria qualquer instrumento, tocando ritmos diversos! Suas composições me encantam!"

Sorrindo envaidecido, Pedro convida-a para retornarem ao palácio: "Então vamos realizar agora, mais uma de nossas agradáveis reuniões musicais!" – e olhando à sua volta exclama entusiasmado – "O som do vento fazendo bailar as folhas dessas árvores, está formando acordes em minha mente... Vamos, querida, quero repassá-los ao piano!"

A felicidade se estampa no rosto da princesa, afogueado pelo calor da emoção: "Está vendo, meu adorado marido, você também sente a beleza da natureza!"

E ligeiro, de mãos dadas, os dois se dirigem para o palácio.

Perplexos, os "viajantes do espaço" se entreolham, comentando:

- Não foi assim que eu aprendi nas aulas de história...
- Fala sério... Parece que no início do casamento, D.Pedro estava "a fim" da Leopoldina!
- E os elogios à D.João VI...?! Nunca ouvi isso! Sempre pensei que ele fosse um cara grosso!
- Mas... Pela sujeira do palácio, acho que tanto ele, como a Família Real não curtiam muito a limpeza!
- Fala sério... Coitada da Leopoldina... Criada num meio civilizado, vir parar no Brasil Colonial!

Ainda conversando impressionados, eles começam a seguir os príncipes. Entretanto, novamente eles são retirados dali e levados a um outro lugar.

Em uma sala, tipo biblioteca, Leopoldina estava escrevendo uma carta, quando Pedro entrou com seu jeito barulhento, levando nos braços uma menina de pouco mais de um ano de idade.

"Então, acabou a carta para sua irmã...?! O emissário já está aguardando-a... A nau deve partir dentro de duas horas!"

"Estou finalizando-a... Alguns minutos apenas!" – responde a princesa apressando-se em terminá-la.

Com um jeito brincalhão, ele se dirige à filha: "O que será que a mamãe está escrevendo sobre o papai e a minha pequerrucha linda...?"

Leopoldina, sorrindo, responde por esta: "A verdade! Mas... Se meu esposo está curioso, eu posso ler um pouco do que escrevi à minha irmã!" – e, imediatamente sem hesitar, o faz com sua voz doce.

"... Posso assegurar-lhe, querida irmã, que gozo, todos os dias, de uma felicidade doméstica inexprimível, fazendo descobertas deliciosas no desenvolvimento das qualidades morais e físicas de minha querida Maria da Glória, nas excelentes qualidades de meu

Esposo, e posso afirmar-lhe, com toda a franqueza alemã e vivacidade portuguesa de sentimentos, que estou muito feliz e contenta".

Surpresos com o teor da carta de Leopoldina, os amigos sentem um desejo irreprimível de fazerem comentários, o que ocasiona um rápido retorno ao pátio do palácio.

- Fala sério, galera!!! exclama Bianca A Leopoldina era mesmo amarradona no Pedro!
- E pelo que parece, ele também se *amarrava* nela! diz Marineide impressionada.
 - *Pô!...* Nunca me falaram sobre isso na escola!!! queixa-se Fernanda.
- Caraca... Como será que entrou na história a tão badalada Marquesa dos Santos...?! questiona Gustavo.
 - Com certeza, *cara*, a minha pedra vai nos mostrar!

Nem bem Tiago terminara de falar, a lufada de vento os transporta para um dia muito tumultuado.

Porém, dessa vez, surgiram um tanto afastados de uma grande multidão que se encontrava no Paço Imperial. Bem junto a uma carruagem que acabara de estacionar defronte a um sobrado.

D.Pedro estava sendo aclamado pelo povo, que se manifestava com grande regozijo.

"Viva o nosso Imperador!" "Salve D.Pedro I, Imperador do Brasil!". Mas podiam-se ouvir também manifestações a D. Leopoldina. "Viva a nossa imperatriz!"



Da sacada do palácio, onde estava desfraldada a bandeira imperial, o casal real recebia com emoção a manifestação de júbilo pela Independência.

A emoção tomara conta da multidão. A vibração era intensa! Não mais existia um Brasil Colonial... A partir daquele momento era o Brasil Imperial que surgia... E o povo demonstrava sua felicidade, confiante no progresso de uma pátria livre...

A incrível experiência dos "viajantes do espaço", de vivenciarem momento histórico tão importante, foi acrescida de um comentário que os surpreendeu.

Na janela da carruagem debruçaram-se um senhor e um rapaz, para assistirem melhor ao espetáculo da aclamação a D.Pedro. Tão perto das crianças eles ficaram, que estas puderam ouvir com clareza o que falavam:

"Há dias atrás, meu filho, tomei conhecimento, de que o mérito da Independência, não é somente de D.Pedro. Por trás de todo o trabalho político, estão Dona Leopoldina e o Conselheiro José Bonifácio!"

"A Imperatriz...?!" – admira-se o rapaz.

"Sim! Ela além de possuir uma perfeita visão política, teve a coragem de assumir o patrocínio dessa causa... Lutou por nossa independência desde o mês de janeiro, quando D.Pedro decidiu permanecer no Brasil como Príncipe Regente. O "Dia do Fico", está lembrado...?!

"Então ela é uma mulher de cultura igual à de um homem...?!"

"Mais culta que muitos homens, filho! Pois fiquei sabendo também que é a Imperatriz quem ajuda sempre D.Pedro a redigir seus textos. Por isso, sob a assinatura do Imperador podem-se verificar suas inicias."

"Sendo assim..." – diz o rapaz vivamente impressionado – "Ela é colaboradora atuante nos assuntos do Império!"

"Em quase todos, meu jovem!... Tens naquela bela bandeira desfraldada na sacada, um exemplo disso... Foi idealizada por ela, e pintada por Debret, dias antes da proclamação. Conhecendo bem a arte dos brasões, D. Leopoldina determinou que as cores do Brasil Independente fossem o verde e o amarelo."

"Por que razão...?!"

"Porque a cor verde representa a Casa Real de Bragança e a amarela, a Casa Imperial Austríaca de Habsburgo, E, sobre o losango, ambas as Casas Unidas num único Brasão Monárquico... Além do que, o verde simboliza a exuberância da nossa natureza e o amarelo as riquezas minerais que o Brasil possui!"

Nisso, um menino de uns sete anos de idade, força um lugar na janela. "Pai... Deixa eu ficar aí também! Não tou vendo nada!!!"

Acatando o seu pedido, o senhor coloca-o à sua frente. Porém, ao invés do menino olhar para a sacada real, admira-se com o pequeno grupo junto da carruagem:

"Pai!... Olha estas meninas aqui!... Elas têm o cabelo vermelho feito fogo e são iguaizinhas, pai!!!"

Os amigos viajantes levam um susto ao ouvirem isso. Mas, felizmente são

retirados em seguida do local, sem nem ao menos ouvirem o senhor se manifestar.

Num instante seguinte, eles se encontram em uma das salas do Palácio.

D. Pedro, com sua indumentária de gala, garbosamente tocava piano para a corte, que o ouvia atentamente, com grande admiração.



"Este é o Hino da Independência, que eu mesmo compus!" - fala com orgulho para seus ouvintes.

"Seu talento para a música é extraordinário, meu esposo!" – elogia Leopoldina realmente encantada – "A música é vibrante e exalta a nossa alegria pela Liberdade do nosso querido Brasil!"

O Imperador tocava os últimos acordes do hino, quando os "viajantes do espaço" foram arrebatados dali, surgindo novamente nos arredores do palácio São Cristóvão.

- Fala sério!... A sua pedra, cara, não deixa nem a gente pedir ou pensar... É vapt-vupt!!! diz Gustavo olhando ao redor.
 - Caraca!... Até que enfim estão limpando a sujeira! exclama Marineide.

Um pouco distante, alguns escravos se achavam trabalhando no terreno. Em total silêncio, os amigos se acercam deles... Estes conversavam entre si sobre a Imperatriz.

"Dona Leopoldina tão boa, cumo pode o Imperadô sê tão crué cum ela!"

"A coitada tá presa nesse palaço, cumo si fosse uma iscrava!"

"Diz a Benedita qui fais a limpeza dus aposento, qui a pobre vivi cum todas as cosa dela incaxotada... Num pode fazê nada... Vivi só prus fios e prus livro dela!"

"I tudo pru causa daquela muié ruim qui nem uma peste!... A tar da Domitila...Ela faisi D. Pedro sê muito pior cum a gente!"

"É... A Imperatriz tão boa com nóis... Fazendo di tudo pra nus libertá e o Imperadô só tem óios e ovidos praquela cobra venenosa!"

Surpresos com tal conversa, os amigos se afastam do local, tecendo comentários.

"Caraca... Que diferença dos primeiros anos de casamento!"

"Então eu aprendi certo, no colégio... D.Pedro foi mesmo *uma peste* com a pobre da Leopoldina!"

"Coitada... Fala sério... Acho que o príncipe encantado virou um sapão venenoso!"

Entretidos com o que conversavam, não perceberam que se aproximavam dois escravos acompanhados de três cachorros... Estes, farejando a presença dos viajantes e podendo vê-los, saem latindo em disparada, ao encontro deles.

Apavorados, eles começam a correr para fugir dos animais... Os dois escravos, sem nada entenderem do que estava se passando, chamam pelos cachorros que, evidentemente, não obedecem.

Na corrida, embaraçada com a saia comprida que usava, Fernanda tropeça e cai ao chão. Sem querer ela grita, sendo acompanhada pelos demais... E fazem uma algazarra! Todos falam gritando e os cachorros acuando-os com ferozes latidos. Os escravos ouvindo isso, param apavorados... E começam a se benzer.

"Cruiz credo!!! É côsa do demo!!!

"São armas penadas qui escapuliram do inferno!!!

"Sarve nóis, Mãe do Céu!!!... Vamo simbora daqui, cumpanheros!"

Chamando novamente pelos cães, tomam a direção contrária. Então os cães avançam para atacá-los... Mas, em fração de segundos, o redemoinho de luz os arrebata, levando-os para um novo local.

Arquejante e ainda com as pernas trêmulas pelo susto passado, eles surgem em um dos cantos de uma espaçosa sala íntima, no palácio. E permanecem quietos até que suas respirações se normalizem.

Admirados vêm a Imperatriz acalentando um bebê de poucos meses de idade. Sua imagem estava completamente diferente da que os amigos viram passeando pelos jardins do palácio... Seu rosto vincado por algumas rugas precoces, pálido e rechonchudo, demonstrava profunda tristeza.

Neste momento entra na sala uma jovem senhora, vestida de maneira diferenciada das mulheres da Corte, parecendo ser de origem européia. Leopoldina a convida para sentar-se ao seu lado, enquanto chama pela ama que se encontrava por perto: "Ana, leve o pequerrucho Pedro para o berço. Ele já adormeceu..."

Assim que esta se retira para um outro aposento, a visitante se acomoda próximo à Imperatriz. Elegante e bem vestida, contrastava de forma constrangedora com as roupas modestas que Leopoldina usava.

Com uma entonação tristonha na voz, ela fala em inglês: "Vim me despedir, querida Dona Leopoldina... Serei eternamente grata por ter confiado a mim a educação de suas filhas... Pena que o Imperador tenha tido opinião diversa da sua e me dispensado... Nestes poucos meses em que aqui estive, as crianças demonstraram grande facilidade na aprendizagem!"

"Não calculas a tristeza que sinto ao vê-la partir, querida Maria Graham! Sua esmerada cultura seria de grande auxílio não somente às minhas filhas, mas também ao meu menino Pedro tão logo este alcançasse a idade necessária aos estudos!"

Demonstrando preocupação, a inglesa comenta: "Fiquei sabendo, querida Imperatriz, que a educação da menina Maria da Glória ficará entregue a Marquesa dos Santos... Tal absurdo é verdadeiro...?!

Leopoldina não consegue conter a angústia que está sentindo e, mesmo contrariando sua natural discrição, desabafa:

"Querida Maria... Durante todos esses anos após a Independência, desde que D.Pedro conheceu a Domitila, eu venho fingindo ignorar a relação amorosa entre ambos. Porém não agüento mais tanta desventura e humilhação!" - e deixando correr lágrimas de profunda tristeza sobre as faces pálidas, ela continua: "Como é de seu conhecimento e, infelizmente, já se comenta por toda a Corte, D. Pedro está me mantendo em cárcere privado, privando-me de minhas roupas e sem dar atenção a mim nem a nossos filhos, passando inúmeras noites sem dormir no Palácio... E ainda por cima, ele quer me obrigar a comparecer em todas as solenidades, na companhia desta mulher infame, que foi elevada à condição de Marquesa dos Santos e primeira Dama de Honra! E agora, que já me encontro recuperada de minha gestação, não terei motivos para contrariar sua vontade!"

"Sinto-me sinceramente condoída com sua situação, querida Imperatriz... Porém, se lhe serve de consolo, saiba que todo o povo, por quem tanto tem lutado com afeto, está ciente de tudo e sofrendo revoltado. Tenho escutado que a popularidade de D.Pedro caiu vertiginosamente, dando lugar a um sério desprezo!"

"Contudo, prezada amiga, tal situação não ameniza a minha preocupação e a minha angústia... Eu sempre desejei um Brasil justo, com um povo feliz, pois abomino a escravidão!... Todavia, meu esposo não escuta mais os meus conselhos e deixa-se dirigir por aquela mulher inculta e traiçoeira. A ponto de mandar exilar amigos devotados, acusados

por Domitila, enredados que foram na rede de intrigas por ela implantada na Corte!... Temo pelo meu Brasil, que adotei de corpo e alma!"

"Mas, o que se poderá fazer, minha Imperatriz, para impedir tamanha loucura do Imperador...?" – preocupa-se penalizada, a inglesa.

"Não sei, querida Maria... Tenho pensado muito em tudo isso... Talvez eu tenha que mudar o meu destino... Com muita tristeza, pois apesar de tudo ainda amo o meu esposo!... Contudo, se Pedro não abandonar a Domitila, honrando sua família e sua posição de Imperador, voltarei para a Áustria com meus filhos!"

"Por favor, querida Dona Leopoldina... Pelo apreço que lhe tenho e pela amizade que nasceu entre nós, peço-lhe que me escreva, enviando sempre notícias suas!"

Chocados com a natureza de tal conversa, os amigos viajantes combinam, através de gestos, seguir Maria Graham tão logo esta se despeça da Imperatriz.

Porém, são retirados inesperadamente daquele aposento cheio de tristeza, para um outro local do palácio... No corredor dos aposentos reais, defronte a um destes, cuja porta se encontrava fechada.

Subitamente, esta se abriu completamente para dar passagem à uma senhora, aparentando ser uma ama, levando ao colo o menino Pedro. Este, com pouco mais de um ano, chorava agarrado à mesma que, ligeiro, dirigiu-se com ele para um outro local.

Mas a porta do quarto ficara entreaberta... E os amigos puderam presenciar uma cena muito desagradável.

Leopoldina, ferida profundamente em seu amor próprio, indagava com a voz alterada, a um homem aparentando uns cinqüenta anos de idade.

"Senhor Chalaça, como serviçal e amigo íntimo de meu esposo, conhecedor e incentivador de todas as suas reles atitudes, deve saber aonde se encontra D.Pedro, que há dias não aparece no Palácio!"

Procurando disfarçar um sorriso maldoso, Chalaça responde olhando para o chão: "Senhora Imperatriz... Ele está acompanhando com extrema dedicação os últimos momentos de vida do Visconde de Castro, o senhor pai de Dona Domitila, que talvez não chegue à noite!"

Transtornada pela indignação, Leopoldina ordena: "Pois então vá agora mesmo colocar todos os pertences de Pedro em seus baús e leve-os imediatamente para a casa da Marquesa! É lá que deve ser sua moradia daqui para adiante!"

"Mas, senhora Dona Leopoldina, talvez eu não possa falar hoje com D.Pedro... Possivelmente até já se encontre em velório, dando consolo à Dona Domitila!"

Mais indignada ainda, Leopoldina exclama: "Não seja insolente senhor Chalaça e obedeça as minhas ordens! E entregue também a Pedro esta carta que escrevi momentos atrás! – e com um tom irônico, afirma - Não carece lacrar, pois bem sei que o senhor alcoviteiro irá lê-la igualmente... Estou avisando a Pedro que vou me retirar em seguida para o Convento .D'Ajuda para que, tão logo seja possível, eu regresse juntamente com meus filhos à minha terra natal!".

Chalaça sai apressado e Leopoldina, encostada em uma cômoda começa a chorar, alisando, por sobre as roupas folgadas que usava, o ventre desenvolvido que sugeria uma nova gestação...

"Oh Virgem Mãe... Talvez esse meu filho, que dentro alguns meses nascerá, nunca venha a conhecer o pai!" – e, soluçando começa a arrumar seus poucos pertences no baú.

Condoídos com tal cena, os amigos viajantes, impressionadíssimos, se afastam dali em busca de um local discreto, para comentarem o que presenciaram.

- Carácolis!... Como a nossa imperatriz sofreu!
- Fala sério... Oue vida horrível a coitada levou!

E os comentários se sucedem sobre tudo o que vivenciaram até àquele momento.

Entretanto, olhando o relógio, Gustavo se admira: - *Estou encanado, cara!* Já se passaram dez minutos e ainda não fomos retirados daqui...

- Estava tão *desligado com o papo*, que não me dei conta disso! – surpreende-se Tiago – Mas vou recorrer agora mesmo à minha pedra! – e imediatamente faz a invocação.

Entretanto, nada acontece. Ele refaz o pedido e novamente nada acontece... Preocupado, olha para os companheiros que também já se achavam apreensivos. Insiste mais uma vez... E nada!

- Primo... Já se passaram vinte minutos! assusta-se Fernanda Será que a Pedra cansou de tanto nos carregar pra lá e pra cá...???
 - Ou deixou de ser encantada, perdendo os poderes...?! aflige-se Bianca.

Marineide se angustia mais ainda: - Será que ficaremos perdidos por aqui para sempre...?!

Entretanto, nesse exato momento eles escutam barulho de passos pesados se aproximando pelo corredor. E correm para ver o que estava acontecendo... Era D.Pedro, irado, furioso, indo em direção ao quarto da Imperatriz. Bem mais distantes, acompanhavam-no alguns servidores, em cujos rostos estampavam-se preocupação e receio.

Mais que depressa, os amigos também seguem para lá.

D.Pedro, com o rosto transtornado pela raiva, vai entrando no aposento aos gritos: "O que significa isso...? A senhora enlouqueceu...?!!" - e com excessiva força, bate a porta, fechando-a quase em cima deles que, apesar de assustados, grudam-se nesta, na tentativa de ouvir o que se passava.

Contudo, a madeira maciça da porta, mais a grossa espessura das paredes, abafam o diálogo que se sucede em seguida... Quem estava do lado de fora, apenas ouvia a gritaria, sem distinguir o que se falava lá dentro. Porém, em dado momento ouve-se um grito de dor. Certamente era a Imperatriz...

Inesperadamente faz-se um silêncio entrecortado de murmúrios e soluços, que mal se ouviam do corredor.

Ninguém, na verdade, jamais poderia saber o que acontecera lá dentro... Se D.Pedro agredira fisicamente a Dona Leopoldina, ou se fora apenas agressão verbal. Nem mesmo os serviçais que haviam permanecidos um tanto afastados no corredor. A não ser que, posteriormente, a Imperatriz ou o Imperador relatassem o ocorrido.

Ouvindo apenas murmúrios, os amigos se afastam da porta e ficam esperando ansiosos a saída de D.Pedro, o que não acontece tão cedo.

Inquietos por não terem sido ainda retirados dali, não sabem o que fazer... A não ser esperar... Sentam-se no chão, cuidadosamente para não fazerem barulho, e aguardam

temerosos que algo lhes aconteça... Mas, decorrido um bom tempo, quando já começavam a se desesperar, eis que D. Pedro abre a porta.

Mas o Imperador hesita em sair... Seu rosto, já sem a expressão de raiva, transmitia arrependimento misto de uma grande admiração. Ele volta-se para dentro do quarto novamente, falando com carinho para a esposa, que se achava recolhida na cama:

"Antes de partir, preciso ouvir mais uma vez as suas palavras de amor e perdão, querida Leopoldina!... Sinto-me o pior dos homens por tudo o que lhe fiz!... Seu perdão tirou a venda que obstruía minha visão!" — e acercando-se dela com carinho pergunta angustiado — "Perdoaste-me realmente do fundo do seu boníssimo coração...!?"

"Por que duvidas, meu querido Pedro...? Não sabes o quanto lhe amo...!? Vai em paz, meu querido... Sei que precisas seguir para a guerra... Ficarei rezando por sua segurança!"

"Prometo que vou dedicar-me novamente aos interesses do nosso povo! Vou partir amanhã mesmo para o Sul, desligando-me de todas as minhas loucuras!"

Mal D. Pedro terminara de falar, subitamente uma lufada de vento arrebata os viajantes, transportando-os para uma outra sala, completamente vazia, no próprio Palácio.

Espantados com a rapidez da retirada, eles se entreolham em silêncio... Mas, verificando que se encontravam realmente sozinhos, se atropelam em comentários:

- Cara... Eu não estou entendendo nada, nadinha o que está acontecendo com a gente!" exclama Marineide.
- Falou, Mari... concorda Fernanda Acho que a sua pedra endoidou, primo!... Quando pedimos pra sermos levados embora, ela *furou!* Agora, que nós estávamos podendo vivenciar tudo, ela nos tira de lá!!!!
- Mas eu *saquei* o porquê!... *Pô, galera, é mole!* Minha pedra encantada não nos tirou de lá, quando pedimos, para que pudéssemos assistir a outros momentos importantes nessa história!!! *Sacaram...?!*
 - Falou, cara.. apóia Gustavo.

Entretanto eles têm que interromper os comentários, porque pessoas se aproximavam, falando em voz baixa. Eram serviçais do palácio.

"Pobre da Dona Leopoldina... Os médicos já perderam a esperança... Acham que ela não passa de amanhã!"

"Tudo pela estupidez de D.Pedro!!! Chutar o ventre dela com aquela bota pesada! Que horror!!!"

"Ora, não sabemos se realmente foi isso que aconteceu... É boato que corre na Corte... Não se fala noutra coisa!"

"É... Não podemos mesmo ter certeza... Mas, dizem que os médicos afirmam isso..."

"È difícil saber mesmo se é verdade ou lorota, porque ela chama pelo marido o tempo todo... Se refere a ele como o "meu amado Pedro"..."

"Dizem que ele se arrependeu muito de todas as maldades que fez contra ela!"

"É... Falam até que ele foi para a guerra sem se despedir da Domitila, dizendo que nunca mais queria vê-la!"

"Pobre da nossa Imperatriz... Tão boa!..."

Nesse instante, mais rápido que um relâmpago, o redemoinho de luz removeu os "viajantes do espaço" para os aposentos imperiais.

D. Pedro chorava a um tempo sofrido e furioso contra tudo e contra todos.

"Médicos incompetentes, que não souberam salvar a minha amada!!!... Maldita guerra que me impediu de estar com ela em seus últimos momentos!!!"

E soluçando abraçado ao retrato de Leopoldina, ele transborda a dor profunda e o remorso que massacra sua consciência, em uma prece dita em voz alta, entre lágrimas verdadeiramente sentidas.

"Por que, Deus eterno, me arrebataste a minha muito amada Imperatriz...? Em que vazio eu me encontro!!! Como viver sem ela, sem o seu amor...?! Meu coração está dilacerado!!!"

De súbito eles são retirados dali, sentindo-se sugados pelo redemoinho de luz, enquanto ouvem a voz de tia Margarete, falando admirada:

- O que aconteceu, crianças...? Estavam dormindo, defronte ao computador...?! Eles abrem os olhos assustados, se aprumando nas cadeiras.
- É, tia... diz Tiago recuperando sua vivacidade Esse tempo de chuva é assim mesmo... *Fala sério*, não dá uma moleza na gente ?!
- É que nós estávamos navegando, tia, procurando saber sobre a vida da Imperatriz Leopoldina e, de repente, a preguiça foi chegando... completa Bianca.
- Você conhece a vida dela, tia...?! volta a falar o menino com entusiasmo É o maior *barato!*
 - Mais ou menos... esta responde Não há muita coisa sobre ela!
- Pois olha, tia interrompe a Fernanda Descobrimos *um monte* na Internet. Três páginas contando coisas que nunca aprendemos!
- Veja aqui, dona Margarete, aponta Gustavo para a tela do computador Veja os versos que D. Pedro escreveu sobre ela!

Margarete, satisfazendo a vontade das crianças, lê no computador:

"Deus eterno, por que me arrebataste / A minha muito amada Imperatriz ?! / Tua divina bondade assim o quis. / Sabe que eu coração dilaceraste ?!"

"Tu decerto , contra mim iraste, / Eu não sei o motivo, nem que fiz, / E por isso direi como o que diz: / Tu m'a deste, Senhor, tu m'a tiraste."

"Ela me amava com o maior amor, / Eu nela admirava a sua honestidade / Sinto meu coração por fim quebrar de dor."

"O mundo nunca mais verá em outra idade / Um modelo tão perfeito e tão melhor / De honra, candura, bonhomia e caridade."

Ao terminar ela comenta impressionada: - Muito interessante, crianças... Qualquer hora eu vou ler estas páginas. Esse verso despertou em mim o desejo de saber mais sobre a nossa Imperatriz!

Porém, retirando da bolsa uma fita de vídeo, ela a exibe despertando outro interesse nas crianças: — Olha o que eu trouxe para vocês assistirem! "Contato!"... Esse filme é muito bom! Dá uma idéia muito interessante sobre a vida e o tempo no Cosmos!

- Caraca ! — exclama Tiago - Fala sério, tia... Se esse filme é sobre o tempo no espaço, é tudo o que nós gostaríamos de saber... Não é galera...?!

Olhando o relógio, Gustavo concorda: - Valeu, cara... Afinal nós ficamos meia hora amarrados no computador.

- *Vamos nessa!* – exclamam as meninas animadíssimas.

11° CAPÍTULO:

Cansadas com a emocionante aventura vivenciada junto a Princesa Leopoldina, e mais a empolgação pelo filme "Contato", as crianças dormiram até tarde. Levantaram depois das dez horas, com a manhã ainda um tanto nublada... Entretanto, pouco antes do meio dia um tímido sol infiltrou-se por entre as nuvens, prenunciando melhoria no tempo. E o grupo aproveitou esse período para uma conversa animada sobre o filme da véspera.

- Galera... A cientista fez toda aquela aventura *irada* no espaço em poucos minutos! Igual ao que acontece conosco!!! fala Bianca entusiasmada.
- Negativo, carinha!... intervém Gustavo em seguida Ela estava numa nave espacial... Uma espécie de máquina do tempo que...

Entusiasmado, Tiago interrompe exclamando: - *Falou, cara!* Nós não precisamos de nave nem de máquina!!! Temos a nossa Pedra Encantada e o Portal do Tempo se abrindo para nós!!!!!!

- E viajamos para qualquer lugar, em qualquer época!!! complementa Marineide.
- Fala sério, galera!... diz Fernanda rindo animadíssima Muito *irado* mesmo!... Só precisamos pensar e pedir!!!

E a turma, animada com a perspectiva de uma tarde ensolarada, combinam sair de casa em seguida ao almoço, para uma nova aventura.

- Crianças... Por que vão saindo assim tão ligeiro...?! preocupa-se a avó Seria bom fazerem a digestão com calma!
- Ora, querida... intervém o avô Deixa a criançada se divertir como quiser! Afinal eles devem aproveitar bem as férias!
 - Mas Ernesto... Só mais uma meia hora! insiste a avó.
- *Vozinha...* diz Fernanda se aproximando desta e beijando-a no rosto Lá no Rio a gente não tem essa granja *enoooooooorme...* É só estudo, colégio e shopping!
 - É isso aí, Vó! apóia a irmã Temos que aproveitar bastante o tempo bom!!!
- Está vendo, Kátia...? É sinal de que eles estão gostando das férias! e com um sorriso bonachão, Ernesto dá por terminada a questão Descanso pra digestão é coisa de gente velha, querida... Vai em frente criançada, que nós dois vamos tirar uma *soneca*!
- *Valeu*... Dr. Ernesto! agradece Gustavo Não precisa se preocupar conosco, Dona Kátia... Vamos ficar *numa boa!*
 - Juízo, crianças... Muito juízo!!!
- Pode deixar, Vó querida, que isso nós temos demais! afirma Tiago rindo, saindo em disparada *Galera*, *fui!*...

Pouco depois, em companhia da Marineide, chegam na "base de lançamento".

- Bem, *galera*... Vamos recomeçar a busca de fatos históricos importantes através do dinheiro... *Certo?!* comanda Tiago.
- Então está valendo a minha moeda de 10 réis que ainda não foi usada! exclama Marineide.
 - E de que ano ela é...? pergunta Gustavo.
 - Hiii... Eu errei!!! Ela é mais antiga que a da Bianca... É de 1828!

- E o que será que aconteceu de importante nessa época...? quer saber Fernanda Será que já não fomos lá...?!
 - Acho que não!... diz Bianca.
- O que aconteceu de importante em 1928, eu não sei fala Gustavo Mas, sei que em 1929 foi o casamento do Pedro I com a Princesa Amélia.
- Então será que podemos ver esse casamento...? propõe entusiasmada a Fernanda.
 - Não!! exclama Tiago ligeiro Chega de casamento!!! Eu tenho outra idéia!
 - O quê dessa vez...? pergunta meio desanimada Marineide.
 - Uma ocasião inesperada! Não será mais emocionante...?!É esta a minha idéia!
 - Fala sério... Como fazer isso com esta moeda ?! duvida Gustavo.
- Ora... É só pedir para chegarmos ao lado de uma pessoa que tenha em mãos esta mesma moeda, num momento importante da História do Brasil!"
 - Valeu, primo!... Gostei da idéia!
 - -Manda ver!!! apóiam os outros.

E assim é feita a nova invocação...

Imediatamente abre-se o Portal e eles são transportados para o Palácio de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.



Intrigados eles se vêm sob uma noite escura, no pátio fronteiriço ao Palácio, à curta distância de um grupo de soldados que estavam montando guarda naquele momento.

Num murmúrio quase inaudível, Bianca questiona preocupada: - *Caraca...* O que será que viemos fazer aqui...?!

- Carácolis!... Essa escuridão me dá medo... Será que entramos numa roubada...?! - diz a irmã sentindo um arrepio correr por seu corpo.

Mais que depressa Tiago manda que todos façam silêncio e, cautelosamente, o grupo vai se aproximando da Guarda Imperial.

"Êta... Que noite mais longa e friorenta!" – um destes comenta com o companheiro mais próximo – "O que estará acontecendo lá dentro...?"

"Com certeza são as despedidas... Pois pelo que fiquei sabendo pela mucama Marieta, há horas que D.Pedro está reunido com os ministros preparando sua abdicação!"

"Será verdade...?!" – fala um outro mais afastado.

"Tudo indica que sim!" – afirma o companheiro – "Pois se comenta que no porto, a nau já está até preparada para partir a qualquer momento!"

"Ainda bem... Só assim a turba pára de rondar o palácio, aliviando a nossa responsabilidade! Não agüento mais ouvir o *zum-zum-zum* do populacho!"

"Pois me dá pena o acontecido!" – aparteia outro soldado mais adiante – "Não entendo das cousas de governo... Mas, forçar o homem que libertou o Brasil do jugo português a se exilar na Corte de Portugal, é uma ingratidão!"

"Mas, ó homem de Deus!... Ele há muito vem cometendo desatinos!!!"

"Que causaram as dificuldades pelas quais estamos passando!" – afirma um outro.

"Aonde anda o dinheiro...? Eu quase não vejo nenhum!!!" – opina o primeiro, retirando uma moeda do bolso e exibindo-a aos demais – "Olhem só o que eu tenho comigo... Dez réis!!!"

Ouvindo isso, os viajantes do espaço se afastam, murmurando baixinho:

- Galera... É a minha moeda!!! entusiasma-se Marineide.
- Então foi ela que nos trouxe até aqui... considera Fernanda Mas, não entendo, se ela é de 1828, por que estamos aqui na abdicação de D. Pedro I...? Isso não aconteceu em 1831...?!
- Fala sério, prima... Não sacou...?! Eu pedi para encontrarmos a moeda da Marineide, na mão de alguém, num momento importante da história... Sacou agora...?!

Meio desconcertada, a menina responde sacudindo os ombros: - *Caraca... Marquei bobeira!*

- *Não encana*, Fê... Isso não faz diferença alguma! consola-a Gustavo O importante é que estamos aqui!
- E como vamos fazer para entrar no palácio...? questiona Marineide As portas estão fechadas!
- Ora, *carinha*... Já se esqueceu da nossa pedra milagrosa...?! fala rindo Tiago, já com a mesma na mão Vamos lá, *galera!*... e apontando a pedra para o palácio, pede para que sejam transportados para dentro deste.



Num ambiente de profunda tristeza, sob precária iluminação, D.Pedro I entregava sua carta de renúncia aos ministros que ali se achavam reunidos. Imperatriz Maria Amélia chorava discretamente, abraçada ao menino Pedro de Alcântara."Todos os meus atos foram realizados para o povo e não pelo povo! E, uma vez que não consigo

contornar esta grave crise, abdico de meu trono, retornando à Corte de Portugal! Deixo em meu lugar, o legítimo herdeiro do Império Brasileiro, meu filho Pedro de Alcântara!"

E sem mais delongas, D.Pedro retira-se acompanhado pela Imperatriz em direção aos seus aposentos, a fim de ultimar os preparativos para a viagem de retorno a Portugal. Não desejando transparecer a angústia que sentia, não se despediu do filho, que foi levado imediatamente para o seu quarto.

Profundamente tocados com cena tão triste, os viajantes do espaço se entreolham emocionados. E, com a maior cautela, também se retiram à procura dos aposentos do menino Pedro.

Pela porta entreaberta eles se deparam com o pequeno príncipe, de apenas seis anos de idade, sendo consolado por uma senhora da corte.

Porém, inesperadamente, antes que eles entrem no quarto, são transportados para o pátio do palácio, em um local afastado da guarda imperial que se encontrava de prontidão, frente à entrada principal.

- Essa sua pedra me deixa *encanada*, Tiago! - exclama Marineide - Você não pediu para sairmos de lá... Por que será que ela nos trouxe pra aqui...?!

Antes que este possa responder, Gustavo aponta para o parque defronte ao palácio: - *Ei galera!...* A carruagem real está chegando... Deve estar vindo para levar D.Pedro e a família para o cais!

- E logo atrás vem uma outra! exclama Marineide Deve ser para os *guarda-costas!*
- Falou, carinha!... concorda Tiago, afirmando em seguida E esta é a resposta da minha pedra! Nós viemos até aqui para assistirmos a um fato histórico. A abdicação de D.Pedro! Observar o pequeno príncipe é outro assunto! Sacou...?!
- Saquei!... mas, com o seu jeitinho teimoso, ela insiste Mas, eu acho que o menino também é parte da abdicação!...
- Fala sério, Mari... Que teimosia! critica Bianca O Pedrinho é consequência... Não foi ele quem *armou* essa *roubada!*

Distraídos, os viajantes não se deram conta de que suas vozes, apesar de fracas, ecoavam em meio ao silêncio da madrugada que já ia alta, e os guardas se alertaram.

"Ô Manuel... Não estás a ouvir uns cochichos estranhos...?" - questiona um deles.

"Também me parece... Acho bom tu e eu fazermos uma busca, porque alguém deve estar rondando por aqui!" – sugere o companheiro.

E, imediatamente os dois soldados empunhando suas armas, se encaminham em direção às vozes.

O tom enérgico com que este falara, ressoara forte, assustando os cinco amigos que ligeiro se calam, deixando-se ficar estáticos, quase prendendo a respiração.

Em marcha acelerada, os guardas foram se aproximando... Com receio de fazerem barulho, os viajantes permanecem parados e quase são colididos por estes.

Porém, felizmente os dois soldados param a poucos passos de distância, tentando divisar os intrusos à sua volta. Como nada enxergassem e não ouvissem mais nada, desistem da procura.

"Deve ter sido alguns escravos *fuçando* por aqui..." – diz um deles – "E assim que ouviram a nossa corrida, se foram pros fundos do quintal!"

"É... Tens razão!" – concorda o outro – "Mas tomara que o Alcebíades tenha visto isso e esteja dando o corretivo que eles merecem, pra aprenderem a não perturbar o nosso trabalho!"

Rindo com sarcasmo, o companheiro acrescenta: "Tomara mesmo... Pois onde já se viu *nêgo* se meter nos assuntos dos donos...?! Nada melhor que chibatada de feitor no lombo, pr'essa *negrada* se manter no seu lugar!"

Ouvindo isso, Gustavo indignado não se contém... Não podendo responder à tanta maldade e discriminação, resolve assustá-los. Imprimindo um tom fantasmagórico à sua voz, emite um longo uivo entremeado de sussurros, como se estivesse vindo do além... E consegue o seu intento.

Os soldados se apavoram: "Quê isso, Afrânio...?"

"Cruz credo!!! Isso é coisa de alma d'otro mundo!"

"Virgem Santa!... Então eram almas penadas cochichando! Acho melhor a gente se *arrancar* daqui!" – e juntando a palavra à ação, este sai correndo acompanhado pelo companheiro que, se benzendo, exclama – "Isso só pode ser coisa do Capeta!"

Animados com cena tão inesperada e hilária, os amigos em uníssono soltam risadas cavernosas que acompanham os assustados guardiões do palácio na sua disparada.

Entretanto, estes nem chegam a comentar nada do estranho acontecido, talvez por vergonha do medo que sentiram, ou pela chegada das carruagens que acabavam de estacionar defronte a porta principal.

Acobertada pela escuridão da noite sem lua, surge a família imperial em uma deprimente retirada.

Acompanhados de uma pequena comitiva, D.Pedro, a Imperatriz e a Princesa Maria da Glória, entram na carruagem, partindo rumo ao porto, seguidos de perto pela escolta da Guarda Imperial.

Terminava assim, de maneira melancólica, o reinado daquele que um dia fora o ídolo do povo, ao proclamar a independência da pátria que ele tanto idolatrava.

Fernanda é a primeira a romper o silêncio daquela noite tristonha: - Será que poderíamos ver como ficou o Pedrinho depois de abandonado pela família...?

- Fala sério, prima... Abandonado...?! Ele era o príncipe herdeiro do trono! Tinha que ficar no Brasil para dar continuidade ao Império. Portanto, não *encana...* fala Tiago em tom de gozação Ele tinha que cumprir o *tenebroso* destino de ser Imperador com todas as mordomias e etc...etc...
- Destino ou não, *seu insensível*, ele foi abandonado sim! Ficou sozinho com apenas seis anos!!!
- Falou, Fê! Você está certa! concorda a irmã Deve ser muito triste ver a família partir e se sentir largado!
- *Caraca*, meninas, pois eu *fecho* com o Tiago... diz Gustavo rindo Afinal, deve ser muito *irado* ser imperador! Quem não gostaria...?!

Marineide, colocando as mãos na cintura, fala empinando o nariz: - Pois *olha*, *galera*, eu *fecho* com a Fê! Acho que devemos ver o Pedrinho II de perto! Ele é parte importante no *enrolo* da abdicação!

-É... – admite Tiago meio sem graça - Afinal, se a pedra não nos retirou logo daqui, é porque ainda temos que ver alguma coisa! - e acatando o pedido das meninas, aciona a sua pedra encantada.

O sol da tarde iluminava o aposento, onde se encontrava o menino Pedro em companhia de um senhor. Este, numa entonação pausada, lia em voz alta uma missiva que acabara de chegar. Com expressão de tristeza, Pedro ouvia atentamente as palavras que seu pai lhe escrevera.

"... me retiro para a Europa para que o Brasil sossegue, o que Deus permita, e possa para o futuro chegar àquele grau de prosperidade de que é capaz. Adeus, meu amado filho, receba a benção de seu pai, que se retira saudoso e sem mais esperança de o ver."

Com o olhar toldado de angústia, o menino pergunta ansioso: "Então... Nunca... Nunca mais verei o meu pai...?"

"Infelizmente terá que ser assim, meu querido príncipe... Tu és o herdeiro legítimo do trono brasileiro... Coube a ti, pelo Divino Destino, a missão de dar continuidade a Coroa do Império do Brasil e, para tanto, terás que ser preparado desde cedo para que possas cumprir tão árdua tarefa!" — responde o senhor procurando não demonstrar a tristeza e a preocupação que sentia pela difícil vida daquela criança, que tendo perdido a mãe em tenra idade, agora se encontrava órfão de pai vivo.

Assustado, o menino fica calado por um momento, procurando absorver o sentido do que acabara de ouvir. Temeroso, volta a perguntar: "E quem cuidará de mim...? Quem irá me ensinar tudo o que eu preciso para fazer a vontade de meu pai...?!"

Sorrindo com ternura, o senhor volta a responder num tom a tranqüilizar o pequeno príncipe: "Serei eu... Teu pai confiou a mim os teus cuidados e educação"... – e exibindo uma outra carta, ele lê um trecho desta – "... delego ao Senhor José Bonifácio a Tutoria do meu querido filho, e espero que o educando naqueles sentimentos de honra e de patriotismo com que devem ser educados todos os soberanos... Ele venha um dia a fazer a fortuna do Brasil de quem me retiro saudoso."

Apesar de um pouco mais aliviado pelas palavras de Bonifácio, por quem já denotava estima, Pedro ainda se angustia: "Sendo tão distante a corte de Portugal, será que meu pai não irá se esquecer de mim...?!"

"Não, meu príncipe! Teu pai jamais o esquecerá! Ele foi obrigado a deixá-lo, muito a contragosto, no Brasil. Como te disse, é o teu destino ser imperador! Mas, creia, D.Pedro separou-se de ti e do solo brasileiro com profunda tristeza... Posso confirmar o que digo, lendo um trecho desta outra missiva que será entregue hoje na Assembléia..." - e, abrindo-a o tutor transmite parte do teor da escrita.

"... À Augusta Assembléia Geral que se digne a confirmar esta minha nomeação. Eu assim o espero, confiado nos serviços que de todo o meu coração fiz ao Brasil, e em que a Augusta Assembléia Geral não deixará de querer aliviar-me desta maneira, um pouco as saudades, que me atormentam, motivadas pela separação de meus caros filhos e da Pátria que adoro!"

Firmando em José Bonifácio o olhar brilhante pelas lágrimas que ameaçavam correr no rostinho tristonho, o pequeno Príncipe deixa escapar um suspiro, ao afirmar:

"Senhor Bonifácio... Serei sempre obediente, em todos os estudos, para que seja feita a vontade de meu pai!"

Uma repentina lufada de vento retira daquele local os viajantes do tempo, transportando-os ao encontro do Portal do Tempo, que os devolveu à "base de lançamento".

Ainda sob forte emoção, eles comentam os últimos acontecimentos.

- Retiro o que eu disse sobre o abandono do Pedrinho II diz Tiago pensativo Deve ter sido uma *tremenda roubada* ter ficado lá sozinho, longe da família!
- Fala sério, cara... concorda também o Gustavo É... Todas as dificuldades e tristezas de uma infância sem família, não compensam as mordomias de uma Coroa Imperial!
- Ouviram isso, meninas...? vangloria-se Bianca Nós meninas entendemos muito mais da vida que vocês, seus *bobalhões!*
 - Sem essa, prima!... Pára de encanar com a gente!!! reclama o menino.

Soltando uma risada, Marineide relembra os fatos amenos: - *Galera...* Nunca mais vou me esquecer do *medão* que aqueles guardas passaram!... Você foi *dez*, Gustavo! Foi *irado* demais!!!

Porém Fernanda, desligada da conversa que rolava entre eles, olhando o relógio exclama: - *Galera*... Olha só a *doideira* do tempo cósmico! Essa aventura tão *irada* só levou 12 minutos!!!!!!! - animada com isso, ela sugere mais que depressa: - Então *galera*, nós temos ainda quase duas horas disponíveis até o lanche... Que tal assistirmos a Maioridade e a Coroação de Pedro II...?! *Topam...*?!

- Valeu, carinha... Tô nessa!!! concorda de imediato o Gustavo.
- Pois eu não *topo, galera!* exclama Bianca Acho melhor conhecermos antes um pouco da nossa segunda Imperatriz!
- Por que essa curiosidade agora...? *Fala sério,mana*... Ela foi imperatriz somente por três anos! rebate Fernanda irritada com a discordância da irmã à sua sugestão.
 - Exatamente por isso! O que sabemos sobre ela...?!

Marineide, mais interessada na juventude de Pedro II, resolve opinar: - *Caraca, Bianca...* Aprendemos no colégio que ela se casou com D.Pedro I aos 17 anos... Era bonita e bem educada, exatamente como ele queria... E era neta da Imperatriz Josephine, esposa de Napoleão e se chamava Amélia de Leut...... Não sei o quê!

Bianca solta uma risada: - Sacou, carinha...? Nem o nome dela você se lembra direito!

- Leuchtenberg! apressa-se Tiago a esclarecer, rindo também A Bianca tem razão, *galera*... Nossos estudos a respeito da Imperatriz Amélia, não esclarecem nada sobre ela! Gostei da idéia!
- Pensando melhor...Também *tô nessa, cara!* Afinal ela foi a Imperatriz presente à abdicação! diz Gustavo, apoiando a nova sugestão.

Fernanda muito a contra gosto acaba por concordar: - Já que eu sou minoria... Fazer o quê...? Vamos nessa!!!

Sem mais perda de tempo, Tiago invoca o Portal. E o túnel de luz violeta os transporta mais uma vez ao Palácio da Quinta da Boa Vista, deixando-os em uma espaçosa sala. Uma imponente biblioteca, com altas estantes repletas de livros luxuosamente encadernados.

O aposento encontrava-se ainda na penumbra. As pesadas cortinas cerradas impediam a entrada do sol da manhã que, teimosamente, tentava penetrar por entre algumas frestas. Admirados com a beleza do lugar, os viajantes foram se aproximando da grande escrivaninha de madeira trabalhada. Um belo tinteiro de prata lavrada, tendo ao centro um pequeno depósito em puro cristal, repleto de tinta, ostentava uma pena de pavão com um bico de ouro.

- Caraca... murmura Marineide Será que era esta a caneta de D.Pedro I...?!
- Fala sério, carinha... Até pode ser que ele tenha escrito com ela a carta de abdicação!...
- *Ei, galera!...* Vamos olhar os quadros na parede!... São das Imperatrizes e de D.Pedro! fala Bianca entusiasmada, indo em direção a estes Tem também do D.João VI e da Carlota Joaquina, juntos!
- Mas, acho que este só pode ter sido do casamento deles! exclama Fernanda Estão muito jovens!
- Até que D.João não era feio! comenta Marineide rindo - Mas, a Carlota... Coitado do D.João!... Era horrorosa!!!
- Ainda bem que Pedro I não saiu parecido com ela! diz Bianca apontando para o retrato deste.
- Sei não... analisa Fernanda – Acho que ele se parece um pouquinho com ela. Não posso entender como a Leopoldina podia achá-lo bonito!
- Ora... Não dizem que o amor é cego...?! brinca Gustavo Mas a Leopoldina até que era *gatinha* quando nova... Olha o retrato dela aqui!
- Falou!... concorda Marineide – Por que será que diziam que ela era feia...?!







- Talvez porque ela tenha ficado muito gorda com o nascimento dos filhos! opina Bianca.
- Mas, também... Fala sério... retruca Fernanda Foi um montão de filhos!
- Coitada... E só dois viveram, pelo o que sei! O Pedro e a princesa Maria da Glória! arremata Gustavo penalizado.
- Caraca! exclama Tiago Olhem só!... Gatinha era a Amélia!!!

- Que *cara sortudo* esse Pedro! Depois de tanto aprontar, ainda *ganhou* uma princesinha *com tudo em cima!* confirma o amigo.
- Mas será que ela foi uma Imperatriz *legal...?!* questiona Marineide.
- Ora *galera*... Não foi pra descobrir isso, que vocês quiseram vir aqui...?! diz Fernanda com um jeito irônico Só não sei como, se até agora só encontramos retratos. E no escuro!!!

Mal ela acaba de falar, entram no aposento dois escravos, acompanhados de uma mucama, carregando apetrechos para limpeza.

Descerrando as cortinas, eles vão conversando:

"Cum esse solão tão bunito, o que eu mais queria era deitá nu jardim e esquecê du mundo!"

"É... Ambrósio... Esquecê dessa vida disgraçada di escravo! Ficá bem longe das chicotada do feitô!... O Alcebídes, de tão cosa ruim, maisi parece fio du Demo!"

Passando o espanador de penas sobre os quadros, a mucama pára em frente da Imperatriz Leopoldina: "Ó Virge Mãe... Pru quê o qui é bão num dura nada...? Essa aqui foi simbora tão cedo... I nus deixou dibaxo do chicote do marvado Pedro!... Coitada, sufria munto!... Ela sempre fazia de um tudo pra nus defendê!"

"Mas a Sinhá Dona Amélia, também tava sempre prercupada cum a gente! Iguarzinha a Dona Leopordina!" – fala um dos escravos.

"Maisi eu num disse qui quem é bão num dura nada...?! Ela cunseguia até munto maisi ajuda pra nóis tudo! Entonce cum as criança, ela cunseguiu fazê um montão de cosas boas!"

"É... Se ela tivesse cuntinuado aqui, a vida da gente ia melhorá!!!"

"Ela cunseguiu até que o Imperadô ficasse maisi bão pra nóis!" – e soltando uma risada, o escravo continua falando enquanto olha para o retrato de Dona Amélia – "Foi a buniteza dela qui amansô o Capeta du marido. Que ele tava cheio de amô pur ela, é verdade!"

"Poisi num foi pru causa dela que D.Pedro mandou fazê essa tar de Cumenda da Rosa...?!" - diz a mucama apontando para um pequeno quadro onde estava emoldurada uma réplica da mesma, sobre um fundo de veludo azul-rei.

"Foi sim! Eu ouvi uma cunversa nu salão falando disso!" – confirma um dos escravos – "Foi pra mostrá pra todo mundo o amô bem grande que ele tava sintindo pur

ela!... Oia... Lá, bem nu meio da roda, aquelas duas letra, são du nome deles!"

- E ela era também munto boa pras criança... Tratava que nem mãe! Era cumo se fosse pru minino Pedro a mãe que ele num chegô a conhecê direito!" – afirma a mucama – "O coitadinho deve tá sintindo muicho a farta dela!... Maisi ainda bem que a minina Maria da Glória foi junto cum ela lá pras banda de Portugá!

"Oia aí, minha gente... Pru falá nu nosso futuro imperadô, vamu corrê cum o sirviço, pruquê num demora e ele vai





tá chegandu cum o Marquês de Itanhaém! Tá na hora dus estudo dele!"

Com tal expectativa, os viajantes permanecem na biblioteca, aguardando a chegada do estudante Pedro e seu professor. Não demorou muito para que estes aparecessem. E os escravos, tendo terminado o serviço, se retiraram em seguida.

O futuro imperador, com a fisionomia concentrada, sentou-se frente a grande escrivaninha, na pomposa cadeira de espaldar alto. Seus pequenos pés não chegavam a tocar o chão e o Marquês, colocando sob os mesmos um pequeno banco acolchoado, deixou-o bem acomodado para que ele pudesse ler o pesado livro que fora aberto sobre a mesa.

Sentando-se ao lado do menino, ele deu inicio a aula, num tom de voz tranquilo: "Vamos recordar agora, meu pequeno Imperador, o texto que lhe ensinei ontem".

Interessadíssimos em apreciar essa histórica aula, os amigos apuram os ouvidos. Contudo, sentem-se arrebatados inopinadamente pelo redemoinho que os leva de volta à granja.

Decepcionados, comentam: - Caraca!!! Não deu nem pra se ouvir a voz do Pedrinho!

- E aí, Tiago... Dá pra explicar o que foi dessa vez ?! reclama Marineide.
- *Pô*, *carinha!*... Ainda não aprendeu que permanecemos num lugar somente pelo tempo necessário ao fato que pedimos...?!

Empinando o nariz, esta contesta: - Então, *cara...* Não entendo, porque você não pede logo um *monte* de lugares diferentes!

Irritado, ele retruca de mau humor, tomando ares de comandante: - Porque tem que ser assim! E é assim que eu faço!

- *Caraca!* interveio Gustavo rindo Quê isso, *caras*, vão ficar se *encanando* a toa...?! Pois o grande *barato* dessas aventuras é exatamente o inesperado!
- Falou, Gus! apóia Fernanda Eles queriam tanto saber sobre a segunda Imperatriz e agora, em vez de comentar sobre ela, ficam de bobeira!...

Os dois, ao ouvirem isso param de falar e, entreolhando-se, acabam por cair na risada

- *Valeu, valeu...* Desculpa, Tiago, foi outra aventura muito *irada!* Adorei saber um pouco sobre a Amélia!
 - Eu também mandei errado, carinha... Liga não, tá?!

Bianca, que se achava afastada da conversa em atitude pensativa, se manifesta: - *Galera*, sabe o que eu estava pensando...? Quem sabe, que se o Pedro não tivesse *mandado tão errado*, e continuasse governando... Talvez, apaixonado pela Maria Amélia ele criasse juízo e aí... O nosso império teria sido diferente!

- Fala sério, mana! História é história e não tem essa de <u>se</u>... Já aprendemos sobre o que nos interessava. A Maria Amélia era uma imperatriz *legal!*
- Falou, prima!... E acontece, galera, que os meus poderes mágicos, nesse preciso momento, estão me dizendo que a Vó está retirando do forno aqueeele bolo de chocolate pro lanche! Não vou deixá-lo esfriar! Fui...

Tiago sai em disparada, sendo acompanhado pelos demais. E ele estava quase certo... O bolo era de coco e o lanche uma delícia.

Eles ainda estavam saboreando as guloseimas preparadas por Kátia, quando Margarete chegou de surpresa.

- Oi, turma! Trouxe novidades pra vocês!
- Tia, que bom que você apareceu! Nós estávamos sentindo a sua falta!
- Três dias *sumida*, tia... Estava aonde...?!
- Estudando as cavernas!... E preciso estar amanhã bem cedo no Instituto. Só vim buscar um material e carregar o Vô comigo por mais dois dias!
 - Não quer cinco ajudantes nessa pesquisas...?! pergunta Tiago esperançoso.

Rindo, Margarete responde: - Para atrapalharem o meu trabalho...?! Mas... Falando sério... Promessa é dívida. Quando seus pais retornarem, iremos acampar no cerrado por três dias. Já tenho tudo programado para isso!

- Caraca, tia... Vai ser o máximo! - começam a falar todos ao mesmo tempo.

Interrompendo-os, a tia pergunta fazendo suspense: - Mas não querem saber das novidades...?! - e retira da bolsa quatro fitas de vídeo.

- Fala sério, dona Margarete! exclama Gustavo É demais!!!
- Tia... Você é a melhor tia do mundo! exclama Fernanda, beijando-a efusivamente.

Rindo, esta contesta: - Um momento, turma! Não é bem assim!... É que a previsão do tempo informa a chegada nesta noite de uma frente fria vinda do sul. O tempo vai mudar e certamente teremos chuva por uns dois dias. Com as fitas, vocês ficarão sossegados dentro de casa e a Vó não precisará se preocupar!

- Então, tia...?! Preocupada com a gente, é ou não é a melhor tia do mundo?! reafirma a sobrinha
- Galera!... Tem Shreck!... Eu me amarrrei nesse filme! Dá pra ver agora, Vó ?! entusiasma-se Bianca.

Kátia concorda e as crianças alegres se dirigem de imediato para a TV, carregando-a juntamente com elas.

- Vem, Vó! Tenho certeza que você vai se amarrar também!

12° CAPÍTULO:

Durante a noite, confirmando a previsão do tempo, a frente fria chegou trazendo uma chuvinha fina.

Ernesto e Kátia saíram cedo para Cuiabá, porém, com o mau tempo, as crianças dormiram até mais tarde.

- Caraca... Êta tempinho ruim!!! A tia Margarete mandou bem com as fitas!
- Fala sério... Não é nenhum temporal, mas a Vó não iria nos deixar zoar lá fora!
 - Será que a mãe da Marineide vai deixá-la vir...?!

E antes mesmo do desjejum, Fernanda ligou para a amiga. Esta, que desde cedo já se encontrava pronta aguardando o chamado da turma, com a permissão da mãe, saiu correndo porta afora sob a proteção de um enorme guarda-chuva.

E até a hora do almoço, a turma assistiu sossegada a um outro filme bem interessante. Contudo, tão logo terminaram de almoçar, Tiago surpreende a avó, pedindo permissão para usar o computador.

- Mas vocês já assistiram todos os filmes...?! esta pergunta espantada.
- Não, vozinha!... Mas estamos querendo fazer uma pesquisa. Pode ser...?!
- Claro!... Desde que não tentem escapar na chuva, podem fazer de tudo!
- Vó... Você *é dez!* diz o menino beijando-a Pode tirar sua sesta descansada. Não vamos sair daqui!

E tão logo Kátia se retira para o costumeiro sono após o almoço, ele corre para a sala do computador, acompanhado da turma.

- Cara... Valeu! exclama Gustavo entusiasmado Vamos zoar pelo tempo... Mergulhar no espaço sideral!!!
 - Fala sério... Não é mais irado do que ficar vendo filme, galera...?!
 - Manda ver, primo! Liga logo esse computador!
 - Será que vai dar certo novamente...? duvida Marineide.
- Só experimentando, *carinha!...* diz o menino um tanto impaciente, aguardando a abertura da tela inicial.
- Mas daquela vez, nós estávamos com o site do Brasil Império aberto! analisa Bianca Como vai ser agora ?!
- *Caraca!...*Vamos abrir o site da Maioridade de Pedro II, *sacou...*?! Não fiquem me atrapalhado!- e juntando a palavra à ação, Tiago acessa a página.
 - Mas esta não tem nenhum retrato... Só texto! decepciona-se Fernanda.
- *Se liga, prima!* É só pedir para assistirmos ao que está descrito aqui! Não vamos perder tempo com *babaquices!* e, sem mais demora, ele comanda Fechem a porta pra ninguém ouvir nada. E vamos nos concentrar! e, apressado, dá início à invocação.
 - Mas não se esqueça da nossa transparência!!! interrompe Bianca.

Tiago, agora resmunga irritado, elevando a voz: - *Caraca, carinhas...* Vocês três hoje estão umas *malas!* E quando foi que eu me esqueci de coisas importantes...?! Eu sou um *chefia dez!!!* Não dá pra *sacar...!?*

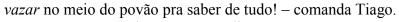
- Caraca... Não precisa gritar!!! responde a prima, ofendida.
- *Menos, carinhas... Menos...* intervém Gustavo apaziguando os dois *Manda ver* de uma vez, Tiago, antes que Dona Kátia apareça por aqui!...

Finalmente todos concentrados, a invocação é realizada. Imediatamente a luz violeta inunda o ambiente e um portal se abre por trás do computador e eles sentem-se sugados para dentro da tela.

Rápido como um pensamento os viajantes do tempo chegam ao centro do Rio de Janeiro, distantes de um majestoso prédio. Carruagens começavam a chegar e pessoas apressadamente entravam no prédio, enquanto uma pequena multidão ia se formando ao redor.

Falando bem baixo, eles tecem os comentários.

- *Caraca*...Onde será que estamos...?!
- Não tenho a menor idéia, *cara*... O que dá pra se ter certeza é de que estamos no centro do Rio Antigo.
- Olha lá, galera!... Vem vindo um grupo agitando uns papéis e gritando.
- E mais outro também chegando... O que será que estão gritando...?
 - Pois vamos



Apontando para a o prédio, Gustavo sugere: - Que tal ouvirmos o *papo* daqueles *caras*, próximo da entrada...? Parece que eles estão esperando alguém.

- *Valeu, cara...* Pelo *visual* parecem ricos comerciantes *trocando idéias*. Cautelosamente eles se aproximam, apurando os ouvidos.

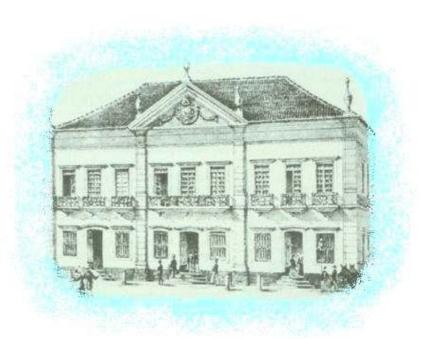
"Espero que hoje essa Assembléia Legislativa vote finalmente esse assunto que já está se arrastando por demais!" – diz o mais idoso deles.

"O tempo vai passando e essa discussão infindável vai atrapalhando a nossa vida sócio-econômica!" – fala irritado o mais jovem.

"Certamente!... Mas, acredito que a Maioridade irá encerrar esse longo processo de confrontos regenciais!" – aparteia um outro.

"Pois para mim, esse ato é somente a reafirmação do pragmatismo parlamentar e da força das Câmaras..." – afirma o segundo com expressão de dúvida - Pura manobra política! É o golpe parlamentar da Maioridade, que certamente não trará nenhuma mudança benéfica na vida sócio-econômica brasileira!"

"Porém o mais grave, a meu ver, é que esse golpe é o resultado da interferência inglesa por questões financeiras no Brasil!"



"Sim, isso é a pura verdade!... Os ingleses dominam o cenário mundial! E o Brasil já está devendo para a Inglaterra vultuosa soma de milhares de contos de réis... Que dificilmente poderá ser resgatada em curto tempo!"

"Mas não sejamos tão pessimistas assim!... Vamos esperar que o ato da Maioridade, se concretizado, traga tranquilidade à Nação, da qual ela está tão necessitada!" – se expressa o senhor mais velho, num tom conciliador – "E acho que devemos entrar agora no salão. Não deve demorar o início da votação!"

Os viajantes então resolvem se misturar à multidão, que agora se fazia presente num número maior, ao redor do prédio.

- Agora vamos ouvir a *zoação* do povo, que está bem animada! – exclama Tiago entusiasmado.

Alguns grupos se manifestavam exaltados, repetindo versos aos brados, numa cantilena interminável.

"Queremos Pedro II / Ainda que não tenha idade / A nação dispensa a Lei! / Viva a maioridade!!!" – era o refrão daqueles que apoiavam a Regência.

Com igual empolgação, outros se manifestavam em oposição: "Por subir Pedrinho ao trono / Não fique o povo contente / Não pode ser boa coisa / Servindo com a mesma gente!!!"

Entretanto, mais moderados, pequenos grupos trocavam opiniões. E os viajantes do tempo, andando cautelosamente por entre a multidão, iam colhendo as mais diversas opiniões.

Até que num determinado momento, foram saindo de dentro do prédio vários homens gesticulando exaltados. Vendo isso, os amigos se dirigiram ligeiro para lá, entrando no recinto para saber o que estava acontecendo.

Em pé, defronte à mesa da assembléia, um senhor que deveria ser o presidente da mesma, agitava os braços e com voz estridente tentava acalmar os ânimos da platéia.

"Senhores deputados!... Procurem compreender que o Governo Regencial acha melhor, para a Nação, que esta Casa adie tal votação para o mês de novembro!... Faz-se necessário pesar com maior cuidado a séria decisão de realizar a Maioridade do Príncipe Herdeiro! 14 anos é uma idade insuficiente para tantas responsabilidades!"

As vozes exaltadas vindas da platéia quase abafavam as palavras do orador... Um grupo de deputados bradava suas reivindicações.

"Nós temos o apoio do Senado para que seja votada imediatamente a maioridade do Príncipe Pedro!"

Contudo, o Governo Regencial consegue adiar a votação... Inconformados, esses deputados se afastam para um canto do salão, confabulando.

"Nossa Câmara não pode sofrer tal humilhação!... Temos a maioria, aqui na nossa Casa, favorável à Maioridade! É um abuso de poder do Governo Regencial tentar impedir a votação!"

"A desculpa da idade do Príncipe Regente é absurda! É de conhecimento geral a precocidade do jovem Pedro!"

"Realmente! Todos sabem que ele é dotado de inteligência privilegiada e de uma maturidade muito acima da sua idade cronológica!"

"E que se encontra bem mais preparado do que muitos adultos que rodeiam o Poder!... Sua educação ministrada pelos melhores professores do império, foi notável nas ciências, arte e cultura!"

"Além de uma natural convicção religiosa na Santa Igreja Católica!"

"O que também é deveras importante para a nossa pátria!."

"Pois devemos formar uma comissão para ir ao Palácio de São Cristóvão e pedir diretamente ao jovem Pedro para que assuma o Governo!"

"Afinal temos o apoio do Senado... Os senadores se juntarão a nós nessa empreitada!"

"Assim creio!... Tenho certeza de que alcançaremos nosso objetivo!"

Eles ainda confabulavam ardorosamente, quando os viajantes do tempo são retirados dali, repentinamente e levados ao interior do Palácio de São Cristóvão, num outro tempo adiante.



Na austera sala imperial, o jovem Pedro ouvia atento as reivindicações da comissão parlamentar.

Ao término desta, com expressão séria e decidida, ele decide que já se encontra preparado para assumir o seu destino.

Em atitude digna de um imperador, ele aceita sua maioridade, prestando solene juramento.

"Eu, Pedro de Alcântara, Príncipe Regente, neste dia glorioso de Nosso Senhor Jesus Cristo, 23 de Julho do ano de 1840, juro manter a religião Católica, Apostólica, Romana, a integridade e a indivisibilidade do Império,

observar e fazer observar a Constituição Política da Nação Brasileira, e mais leis do Império, e prover ao bem geral do Brasil, quanto em mim couber!"

Ainda sob a aclamação de todos os presentes a esse ato solene, novamente os viajantes são retirados do local.

Porém, para enorme surpresa destes, retornam ao mesmo local, em uma data mais adiante, com a presença de uma nova comissão se dirigindo ao jovem Príncipe.

"D. Pedro... Quase um ano já se passou desde que foi firmada a vossa maioridade... Entretanto, a Nação Brasileira continua conturbada politicamente... Consideramos, portanto, que somente com o Príncipe Regente assumindo o Trono Imperial,

o Brasil poderá ingressar em uma era de paz, união e prosperidade! Desejamos saber de Vossa Alteza se é chegado o momento oportuno de vossa coroação... Quando gostaria de assumir o seu real destino...?!"

O jovem Pedro, com olhar firme e decidido não titubeia na resposta, afirmando em poucas palavras: "Quero já!!!"

"Sendo assim, estimado Príncipe D.Pedro, sua coroação poderá ser realizada no dia 18 de Julho deste mesmo ano de 1841, quando achamos ser possível aprontar condignamente todos os preparativos necessários a tão honroso e magnífico ato!"

Tão logo D.Pedro concorda, mais uma vez os viajantes são transportados a outro local.

E, no interior da majestosa Catedral, eles assistem deslumbrados à cerimônia de



coroação do jovem Pedro II, que completaria 15 anos no dia 2 de dezembro do mesmo ano.

Ainda empolgados com tudo o que estavam assistindo, eles sentem ressoar em seus ouvidos a voz de dona Kátia: - Crianças...

Num relance, qual um corisco, tudo se apaga e eles retornam à sala do computador, no instante preciso em que a avó abre a porta, completando seu chamado e exibindo uma grande tigela: — Chega de tanta pesquisa!... Vamos dar uma trégua nesse computador!... Olhem o que eu trouxe para vocês!

- Carácolis, vozinha!... exclama Fernanda Bolinhos de chuva!!!
- Um tanto zonzo com o brusco retorno, Tiago pergunta admirado: Mas já é hora do lanche, Vó...?!
- Não, querido... É que eu hoje não dormi, somente cochilei... Assim quis fazer esta surpresa para vocês... Afinal, tempo de chuva abre o apetite, não é mesmo...?!

- Dona Kátia... - fala Gustavo animado - A senhora é *dez ao cubo!* Eu adoro bolinho frito!

Com o apetite estimulado, as crianças avançam na tigela.

- Calma!... diz a avó rindo Não precisam comer de uma só vez! e, curiosa, ela quer saber qual o assunto que prendera tanto a atenção daquela turma irrequieta O que de tão interessante vocês pesquisavam, para ficarem tão silenciosos...?!
- Vó... fala Bianca com dois bolinhos na mão Não imagina o quanto aprendemos!!! Uma aventura de alta adrenalina!
- Muito *irada*, *vozinha*, a história da maioridade e coroação de Pedro II... Ele não parecia um garoto de 14 anos... Parecia *muiiiito* mais velho!
- Era um *gatinho*, Vó! afirma a irmã, empolgada Um *visual* de imperador mesmo!
 - Ora... esta se admira Como vocês viram tudo isso...?!

Mais que depressa Marineide intervém: - O site tinha um *monte* de retratos!

- É isso mesmo, Vó! apóia Tiago Aprende-se muito navegando na Internet! Mais do que na escola, porque mostra tudo como num filme!
- *Menos, cara!...* fala Gustavo soltando uma risada Também não precisa exagerar!
- Muito interessante... diz Kátia impressionada Depois, num outro dia, quero que vocês me ensinem a navegar assim! porém, vendo a tigela quase vazia, ela desvia o assunto, advertindo: Hum... Vejo que vocês gostaram da minha surpresa!... Mas, assim que acabarem com tudo, lavem as mãos para não engordurarem o teclado e o mouse... Eu vou voltar agora para a cozinha!

Num ímpeto, Fernanda se manifesta: - *Ei, galera!*... Que tal desligarmos o computador...? Já pesquisamos tudo o que queríamos!... Vamos assistir a um filme com a Vó...?!

- *Valeu, carinha!...* – concorda Tiago em seguida – Vamos *zoar* agora junto com a Vovó! Vamos assistir o resto das fitas com ela!!!

E sem dar tempo de Kátia opinar qualquer coisa, a turma desliga o computador, apanha a tigela vazia e envolve a senhora, carregando-a para fora da sala. Esta rindo, vai falando:

- *OK*, criançada... Tudo bem... Eu aceito, mas antes vocês vão lavar as mãos e escovar os dentes!

13° CAPÍTULO:

O dia amanhecera radiante. Cedo as crianças foram saindo animadas, pensando em uma nova aventura, quando o telefone tocou. Eram os pais avisando que chegariam na noite seguinte para buscá-los. E não poderiam ficar além de dois dias na granja, porque novos compromissos de trabalho não permitiriam cumprir a promessa de permanecerem lá até o final do mês.

Fim das férias... A decepção foi geral!

Entristecidas com a notícia, elas foram se dirigindo para o seu esconderijo e pelo caminho trocavam idéias sobre qual a viagem de despedida que deveriam fazer.

Em dado momento Tiago se lembra de que sua moeda ainda não fora usada: - *Dá um tempo, galera!* A minha moeda por ser a menos antiga ficou por último e já estávamos nos esquecendo dela... Precisamos ver o que ela pode nos mostrar!

- Tem razão, *primo!* - concorda Bianca - E qual é o ano dela...?!

Procurando nos bolsos da calça jeans, Tiago apanha a moeda, exclamando: - 500 réis de 1865! Não tenho a menor idéia do que se passou nessa data... Vamos *zoar* por lá, *galera..*?!

Todos concordam e mais uma invocação é feita ao Portal do Tempo.

Num abrir e fechar de olhos, eles chegam a uma fazenda colonial, em um local bem afastado da grande sede.

- Outra vez essa história de escravidão! — exclama Gustavo irritado ao ver os escravos trabalhando ao longe. Uns cuidavam da lavoura, outros dos estábulos e das cocheiras. O gado pastava afastado da

plantação de cana de açúcar, aonde duas carroças iam sendo carregadas...

- Fala sério, cara... Estamos num tempo antes da abolição, já esqueceu...?! lembra Tiago.
- Falou, cara... Mas é que eu fico indignado toda vez que vejo a minha raça escrava, maltratada, pisoteada!... explica o menino com tristeza.
- A gente entende isso, *amigão...* diz Fernanda à guisa de consolo Mas... Vamos ver o que acontece por aqui... Afinal, estamos vivenciando a nossa História!
- Valeu, carinha... Vou deixar de lado a mágoa... Vamos ver o porquê de estarmos aqui!
- É isso aí, *cara!* apóia Tiago Vamos agir como das outras vezes. Vamos pedir a invisibilidade e nos comunicarmos por assobios para não nos perdermos uns dos outros. *Fechado...?!*

E assim, tão logo ficam invisíveis, eles vão caminhando em direção ao sobrado colonial. Escravos andavam pelos arredores, cuidando do jardim e do pomar.

- De quem será esta fazenda...? murmura Bianca.
- Não tem nenhuma indicação...
- Mas vamos acabar descobrindo, podes crer!

Nesse momento eles avistam, surgindo de dentro da casa, um menino seguido por uma gorda mucama que, esbaforida, tentava alcançá-lo.

- Galera... – surpreende-se Marineide, falando baixinho – Ele deve ser filho de branco com escrava... É mulato!!!

No mesmo tom bem baixo comentários se sucedem: - Mas ele tá bem vestido!

- É... Não deve viver na senzala!
- Será que é filho do dono da fazenda...?! questiona Bianca A Vó nos contou que era muito comum os fazendeiros terem filhos com escravas...
- Psiiuu!... faz Tiago pedindo silêncio Eles estão vindo pra cá! Vamos nos esconder atrás das moitas, porque o menino pode nos enxergar! Já se esqueceram que as crianças podem nos ver...?

Rapidamente eles se escondem, porém atentos a tudo.

- E não demora muito o menino chega próximo aonde eles se encontravam. Atirando-se ao chão, aguarda a mucama que, bem distante ainda, continuava arfante a sua perseguição.
 - Cuidado, Bá... Pra seu coração não sair pela boca!!! ele grita rindo.
- Seu muleque malcriado... esta fala arquejante ao se aproximar Tu num pode fugi das aulas do professô!
- Por que não...?! Aquela aula é muito enjoada!... Eu não quero saber onde fica a China, o Japão e tudo aquilo lá... É do outro lado do mundo!!!
- É... Maise tu já fez nove ano, tem que sabê de tudo! e passando a mão na cabeça do menino, fala medrosa E se tu não vortá, quem vai levá a curpa vai sê eu! E aí o rebenque vai dançá é no meu lombo!!!
- Oh, Bá Expedita... Eu não tinha pensado nisso... Me desculpa! fala agora sério o menino, abraçando-se a esta.
- É, meu fio... Mêmo tu sendo fio de branco, tu continua nêgo também... Mais crarinho, maise é nêgo também!
 - Mas o meu pai é muito importante! ele retruca É dono dessa fazenda!
- É... Fio... Maise tu tem que te acustumá com uma cosa... Por maise que ele faça tudo pr'ocê, tu não pode esquecê que ele é o vigário da paróquia imperiá e padre num pode casá... E a tua mãe Justina é nega, quitandeira...
- Mas ele é importante! rebate o menino com os olhos cheios de água Já me disseram que ele é... e faz uma pausa pensativo "Orador sacro muito famoso da capela imperial", eu decorei... É isso! e com olhar interrogativo pergunta em seguida O que isso quer dizer, Bá...?!
- E eu sei, fio...?! Só sei que dizem que a famía imperiá gosta muito de ouví ele falá lá na igreja! e olhando o menino com tristeza ela diz de um jeito carinhoso É, meu fio... Tu tem que entendê que tu é fio naturá e fio naturá num tem lugá bão nesse mundão dos rico, não! Pur isso que tu tem que estudá muito! Pra sê gente nu meio deles!

Cabisbaixo, ele olha para as mãos e concorda em voltar: - Tá bem, Bá... Eu vou voltar pra aula... Não quero que você apanhe... Mas... Posso ficar só mais um pouquinho aqui...?!

- Se fô só um poquinho, tá bem... Pruquê eu mandei dá um lanche muito do bom, bem divagarinho, pru professô, pra dá tempo d'eu te apanhá... – e levantando-se com dificuldade, Expedita retorna ao sobrado, recomendando mais uma vez: - Num demora sinão eu vô apanhá de ficá lanhada!!!

- Eu vou, Bá... Já vou... - e murmurando fala para si mesmo - Só não quero chegar lá chorando! - e, silenciosamente, ele deixa as lágrimas sentidas rolarem pelo rosto.

Os viajantes do tempo, cheios de pena do menino permanecem imóveis, sem fazer qualquer ruído, esperando que ele se retire.

Repentinamente, levantando-se de um pulo, o menino enxuga as lágrimas com as mãos, e com novo ânimo, olhando para o céu, fala bem alto, com uma postura muito acima da sua idade cronológica:

- Ó Meu Deus!!! Eu não sou negro nem branco... E por que os negros sofrem tanto...?! O que têm de diferente dos brancos...?! São gente que nem eles!!! — e com os pequenos olhos enchendo-se novamente de lágrimas, ele continua a falar para Deus - E por que os negros são vendidos como escravos? Por que estão sempre sendo castigados, apanhando de seus donos, que nem uns bichos...?!

Passando as mãos pelo rosto e pela cabeça, ele torna a falar decidido: - Não importa se sou filho natural, diferente... Agora sei o que eu quero fazer quando crescer!!! - e abrindo os braços em direção ao alto ele faz uma promessa - Não sou negro nem branco, mas vou estudar muito mais que qualquer branco e... não sei como... vou lutar muito pra libertar todos os negros!!!

E correndo, sai em disparada tomando a direção da casa.

Tão logo ele se afasta, Bianca quebra o silêncio: - Quem será esse *carinha...*? Gostaria de saber pelo menos o nome dele.

- Fala sério... É o que eu mais quero! Vamos entrar na casa para descobrirmos quem é ele...?! sugere Gustavo tomado de ansiedade.
 - Eu tô nessa! já se manifesta Fernanda entusiasmada.

Todos concordam imediatamente. E, de mãos dadas, formando uma fila indiana, seguem ligeiro para o sobrado... Entram cuidadosamente, desviando-se de duas mucamas que ali trabalhavam na limpeza da casa quando, inadvertidamente, Marineide esbarra de leve em uma delas. Esta, assustada, fala para a outra: - Ai, Jovina... Uma arma penada passô juntinho de eu!... Tô toda repiada!!!

- Cruzi credo!!! – diz a outra assustada se benzendo - Também... Com tanto nêgo morrendo judiado longe das nossa terra, as armas acaba pur ficá penando pur aí!!!

Gustavo, ao ouvir isso, pára de repente com o coração doído... E sua parada brusca desequilibra os amigos fazendo com que Bianca, sem querer, derrube a vassoura encostada na parede.

As mucamas, assustadas, saem ligeiro da sala, falando medrosas: - Virge Maria!!!

- Vamu dá um tempo pr'essas armas penada desaparecê pru lugá delas!!!.

Assustados também pelo barulho que fizeram, os viajantes do tempo tornam a andar com maior cautela ainda. E, atravessando a espaçosa sala, acabam descobrindo onde o menino está estudando com o professor.

Porém, temendo serem vistos pelo menino, posicionam-se atrás dele, protegidos pelas espessas cortinas.

Respeitosamente este está pedindo ao professor: - Mas... Será que eu poderia saber sobre a África... A terra de onde vieram os negros...? A minha mãe veio de lá!

Um tanto a contragosto, o professor concorda: - Bem, menino José... Não sei se o senhor João Monteiro vai gostar que eu fale sobre isso... Mas... Afinal, você tem sangue africano.

E por algum tempo, o professor descreve, o pouco que ele sabia, sobre a vida que os negros levavam em sua terra de origem. Pois, na verdade, em sua grande maioria, a população branca desconhecia os costumes da vida no continente africano. Isto não interessava aos vendedores e, muito menos, aos compradores dos africanos seqüestrados de sua terra natal. Estes eram considerados apenas como mercadoria... A diferença entre os escravos e os animais, para os senhores escravagistas, era que os negros falavam.

Ao término da aula, tão logo o professor se retirou, José guardou seus livros e saiu de mansinho para fora, escondido de Expedita. Os amigos, puxados de leve por Tiago, foram seguindo-o cuidadosamente.

Olhando para o céu, José fala baixinho: - Se eu quero conhecer a verdade sobre a vida de meus avós na África, é na senzala que eu posso saber de tudo!

Apesar dos viajantes sentirem uma enorme curiosidade com o que acontecia por lá, Tiago achou por bem se afastarem, pois as crianças escravas poderiam enxergá-los, o que causaria um grande tumulto.

- Mas... Afinal, quem é esse José...?! fala um tanto decepcionada a Marineide Ficamos sem saber nadinha!
- Fala sério carinha... Não vê que só pode ser o José do Patrocínio...?! afirma ligeiro o Gustavo Que eu saiba, nenhuma criança negra, naquela época, era alfabetizada e tratada igual aos brancos... Só pode ser ele!!!
 - Creio que sim! arrisca Tiago Mas vamos pedir ao meu talismã para irmos a

um tempo um pouco mais para frente... Assim saberemos logo!

E tão rápido quanto o som, eles chegam, ainda invisíveis, defronte a um imponente prédio no Rio de Janeiro.

- Galera!
- exclama BiancaEstamos na Urca,
na Praia
Vermelha! Como
era lindo aqui!!!



- Mas

este prédio não é a UNIRIO...? – pergunta Fernanda.

- Fala sério, prima... exclama ligeiro Tiago Estamos no ano de 1868... Acha que nesse tempo existia aqui a Universidade do Rio de Janeiro?! Se liga, Fê!
 - Então vamos ver o que é agora e o porquê de estarmos aqui! rebate Marineide.

- Se é pra ver o tal José, talvez ele seja um daqueles *carinhas* que estão saindo apressados do prédio! — aponta Fernanda para dois jovens que desciam os degraus da entrada principal.

Ao ganharem a calçada, estes param para falar com dois senhores que estavam chegando.

Imediatamente os viajantes do tempo seguem em direção a eles com a intenção de ouvir o que falavam. Ao se aproximarem, vêem surpresos o nome do prédio escrito em letras de bronze "Santa Casa da Misericórdia".

- Carácolis!... fala Bianca baixinho É um hospital!!!
- Psiiiuu!... adverte Tiago Já estamos muito perto dos *caras*...
- E, com muita cautela, eles se aproximam a tempo de escutar a conversa. Um dos jovens era mulato, quase negro.
- Então, meu jovem José... diz um dos senhores, dirigindo-se a este Está se adaptando bem ao seu trabalho...?!
- Sim, senhor Diretor!...Estou gostando imensamente das tarefas que me incumbiram... Obrigado por seu interesse para comigo.
 - Qual é a sua idade, meu jovem...?! interessasse o outro senhor.
 - Estou para completar 15 anos, senhor.
- Mas, apesar deste jovem ter apenas 14 anos e ser oriundo de uma fazenda no interior de Campos, já está bem entrosado num serviço até então desconhecido por ele. explica o Diretor Além de ser muito dedicado... Assim tenho sido informado!
 - Parabéns, rapaz! comenta o outro senhor.

Encabulado, José argumenta: - É que em Lagoa de Cima, a vida era tão tranquila que possibilitou dedicar-me bastante aos estudos.

- E você, jovem... diz o Diretor dirigindo-se ao outro rapaz Também é oriundo de Campos?!
- Não, senhor... responde este educadamente Sou daqui mesmo, do Rio de Janeiro. É que nós dois somos colegas do Externato de João Pedro de Aquino... Eu vim me encontrar com o José a fim de seguirmos juntos para lá.
 - E o que estão cursando...?! interessa-se o mesmo senhor.
- Estamos fazendo os preparatórios do curso de Farmácia, para ingressarmos na Faculdade. explica José.
- Excelente, rapazes... Excelente! Então não percam mais tempo, senão poderão chegar atrasados.

Assim os senhores se despedem, entrando em seguida para o prédio. E os dois jovens se afastam, caminhando ligeiro pela calçada.

Curiosos, os viajantes do tempo vão atrás deles. Porém, mesmo sem querer fazer barulho e apesar de estarem calçando tênis, não conseguiam abafar totalmente o ruído de seus passos. Fazendo com que José por vezes se voltasse para trás.

- Estranho... este comenta Parece que estamos sendo seguidos!
- Credo! exclama o amigo Até parece que você escuta almas d'outro mundo passeando! e rindo, coloca a mão sobre o ombro do amigo José do Patrocínio, o homem misterioso!

Ouvindo isso, Gustavo não se contém e murmura para os companheiros: - É ele mesmo... O José do Patrocínio que lutou para libertar os escravos!!!

- O que disse...??? este pergunta surpreso para o amigo Que eu vou ajudar a libertar os escravos...?!
- Credo em cruz!!! Eu não disse isso! Disse que você é o homem misterioso que escuta as almas d'outro mundo!
- Que coisa estranha... Eu ouvi nitidamente que eu vou ajudar a libertar os escravos! E isto é o que mais desejo fazer neste mundo!
- Ora, deixa de sonhar, meu amigo!... A realidade é que você, agora, deve direcionar todas as suas forças para se formar!
- Isso eu juro que vou fazer!... Mesmo sendo negro eu vou conseguir!!! Em 1874 estarei formado!

Temendo criar alguma confusão, Tiago faz os companheiros pararem de andar. E quando se vêm bem distantes de José, dão largas aos comentários, esquecidos de que outras pessoas transitavam por ali.

Duas jovens senhoras, acompanhadas de uma criança pequena, param espantadas ao ouvirem risos e conversa tão estranha.

- Escutou gente falando, Ernestina...?!
- Credo, Cremilda... responde a outra se benzendo Ouvi sim... Falavam de um jeito esquisito... Ai meu Deus!... Acho que são almas penadas!

A criança, um menino de uns cinco ou seis anos, exclama assustado: - Mãe... Tem ali uma gente diferente!!! - e aponta em direção aos viajantes do tempo.

- Menino terrível! – repreende a mãe puxando a orelha deste – Inventando estória pra assustar mais a gente!!!

Em vista disso, os amigos disparam contendo o riso e somem da visão do menino que, chorando, afirmava que a gente esquisita estava fugindo.

Em local bem afastado eles param de correr e após rirem bastante da situação, se dão conta de que precisavam tomar mais cuidado durante aquelas viagens... Não deveriam criar situações dificeis que perturbassem os habitantes das épocas passadas.

- Mas... Fala sério... Não foi de propósito... Não nos demos conta de que estávamos falando alto! pondera Gustavo.
- É... Mas precisamos ficar mais *ligados*... Senão o Ita Verá pode acabar com a nossa *zoação*! preocupa-se Tiago.
- Carácolis!... interrompe Fernanda Vamos ficar parados, jogando conversa fora, sem aproveitar o tempo pra conhecer mais sobre o José do Patrocínio...?
- Tem razão, mana! e Bianca dirigindo-se ao primo reclama também Vamos *vazar desse cenário* e buscar outros lugares!...
- Daqui a pouco vai estar na hora de voltar avisa Marineide aborrecida E eu vou ficar sem saber se o José, no meio dos brancos, conseguiu se casar ou não!
 - Caraca, Mari... Lá vem você com romance de novo!
- Fala sério, primo... Nós meninas gostamos de romance... Eu também quero descobrir o que a Marineide falou!
- *Tá legal...* concorda Tiago *Vamos vazar*, *galera*! e usando novamente da sua pedra encantada, ele pede um tempo mais adiante.

José e seu amigo conversavam sentados num banco de praça, no Campo de São Cristóvão.

- Mas João Rodrigues, meu caro amigo... Eu não posso aceitar este seu convite! Não tem cabimento morar em sua casa!
- Mas como não...? A pensão onde você está morando não vai fechar...? Então para que procurar outro local se a minha casa é grande e tem um quarto só para você...?
- Mas eu não me sinto à vontade... Sinto-me mal em viver às expensas do senhor seu padrasto e da senhora sua mãe.
- Ora, ora... Meu caro José. Eles fazem o maior gosto de que você venha morar conosco! – e com um sorriso sincero o amigo acrescenta Meu padrasto já desconfiava que você iria relutar aceitar o em nosso convite, portanto pediume que eu lhe fizesse uma proposta.



- Proposta...? admira-se Patrocínio O que eu posso fazer para compensar hospedagem tão amiga...?!
- Você poderia lecionar para os meus irmãos. O que acha...? Sente-se bem assim...?!
 - Bem... Nesse caso... Eu aceito com o maior prazer! Você é um grande amigo!!!
- Afinal, estudamos juntos todo o curso preparatório no Externato, agora poderemos cursar juntos também a Faculdade de Medicina! Vamos até em casa falar com o meu padrasto e dar a boa nova à minha mãe!...

Ambos levantam-se e, animados com a perspectiva da mudança de vida, trocam um fraternal abraço. Atravessando a praça, seguem em direção à casa de João Rodrigues, desaparecendo do campo de visão dos viajantes do tempo...

Um tanto decepcionada, Marineide comenta: - *Fala sério...* Continuo sem saber se o José conseguiu se casar ou não, no meio da sociedade branca!

Mal ela acaba de falar, os cinco amigos são levados de roldão para um tempo mais adiante. Contudo, permanecem no mesmo lugar aonde se encontravam. Apenas o tempo mudara... A tarde já estava começando a cair.

Na mesma praça, um pouco mais afastado de João Rodrigues e seus irmãos, José do Patrocínio, mais adulto, passeava ao lado de Bibi, irmã do amigo.

O grupo viajante, ainda de mãos dadas permanecia parado, olhando o que se passava. Entretanto, sem nada combinar com os companheiros, Marineide que se achava na ponta, puxou-os repentinamente para seguirem atrás do jovem casal. Caminhando próximo aos dois jovens, os cinco amigos passaram a ouvir a conversa deles.

- Não posso mais esconder de seus pais o grande amor que sinto por você! Sintome sufocado com este sentimento tão profundo!...
 - Oh, José... Eu sinto o mesmo!...
- Mas eu já percebi que o capitão Emiliano Sena desconfia que existe algo entre nós dois e não aprova isso. Sinto em seu olhar um sentimento de revolta aninhado em seu coração!
- Porém, desde que você ingressou no "Clube Republicano", ele passou a lhe ver com outros olhos... Suas idéias, cultura e inteligência sendo apreciadas por parte de Quintino Bocaiúva, Lopes Trovão entre outros, fez com que ele passasse a admirar sua capacidade de conquistar um futuro brilhante... Ele comenta sobre isso com a minha mãe!
- Mas não a ponto de me aceitar como genro!... Pois, a resistência quanto à minha origem, continua patente.
- Porém... O amor que sinto por você é tão forte que irá fazer com que ele reconheça como é eterno o sentimento que nos une! Que nada e ninguém irá nos separar!

Emocionado, Patrocínio fala determinado: - Sendo assim, minha amada, irei enfrentar sobejamente o preconceito racial do mundo inteiro!!!

- Meu amado... Não imagina o quanto me enchem de felicidade as suas palavras! Sorrindo, igualmente feliz, Patrocínio faz uma revelação inesperada - Ademais, agora eu já posso pensar em pedir sua mão em casamento ao Capitão Sena! E sabe por quê...?
 - Diz de uma vez, José!!! Bibi exclama entusiasmada com tal perspectiva.
 - Hoje eu fui aceito para trabalhar na "Gazeta de Notícias"!
- José... Isso é maravilhoso!!! Era tudo o que você almejava! ela se entusiasma, porém preocupa-se Mas... E a carreira farmacêutica, para a qual você estudou tanto?!

Sorrindo com otimismo, ele explica: - Esta eu estou encerrando hoje... Inicio agora a carreira de jornalista, onde tenho certeza de que alcançarei um futuro mais promissor... E, assim, poderei realizar o meu grande sonho de colaborar para a abolição da escravatura!

- E quando você vai falar com o meu pai...?!
- Daqui a uns meses, tão logo eu esteja seguro nesta nova profissão... E, superando o preconceito racial junto ao Capitão Sena, poderemos firmar o compromisso de nosso noivado!

Neste momento João Rodrigues se aproxima deles, avisando que era hora de retornarem à casa: - A tarde já caiu e logo vai escurecer. A noite não deve nos surpreender passeando pela praça... Não fica de bom tom para minha irmã!

Tal comentário faz com que Tiago se lembre da hora do retorno e, seguindo depressa em direção contrária aos personagens da História, fala apressado: - *Galera*... Faltam apenas dois minutos para a abertura do Portal!!! Vamos *vazar* agora!!!

- Já de volta à "plataforma de lançamento" na granja, Marineide comenta emocionada: Que romance maravilhoso!!! Parece até estória de cinema!!!
- *Carácolis...* avisa Fernanda Faltam cinco minutos para o almoço! A vó Kátia deve estar nos procurando. *Vazando, galera!* e sai correndo na frente dos outros.

Chegam esbaforidos em casa, no momento exato em que a avó ia chamá-los. Não tiveram tempo sequer de trocarem comentários...

- Crianças... Temos novidades!!!- fala Kátia alegremente - O Vô me telefonou a pouco avisando que ele e a tia Margarete vão chegar por volta das três horas e estão trazendo uns vídeos muito interessantes para vocês assistirem... Sobre o trabalho que fizeram na Chapada dos Guimarães.

Animadas as crianças exclamam:

- Que bom que eles estão de volta!
- Estávamos com saudade deles!
- Uma semana durante as férias é muiiiiiiito, muito tempo!!!
- O que será que eles querem nos mostrar, Vó...?!
- Não sei, queridos... Só sei que eles querem muito que vocês vejam os vídeos!

Mal acabaram de almoçar, Marineide chegou... E, assim que Dona Kátia se retirou para a costumeira sesta eles foram descansar deitados nas redes da varanda.

E a conversa versou animadíssima sobre a recente aventura.

- Mas que paixão, hein...?! diz Bianca.
- É... E como devia ser difícil naquela época para um negro, filho de escrava, se impor na sociedade dos brancos racistas... comenta Gustavo Pois se ainda hoje tem gente que olha atravessado para um casal de negro e branca... Já pensou, *galera*, o que o José deve ter enfrentado a vida toda...?!
 - Não só ele como a Bibi também... acrescenta Fernanda, pensativa.
- E a sua vida de jornalista... Terá sido muito difícil também...? questiona Marineide Que tal viajarmos até lá...?!
 - Não... Hoje é impossível zoar! fala Tiago pesaroso.
 - Por quê...?! surpreende-se a menina.
- Porque o Vô e a tia querem nos mostrar uns vídeos. Eles vão chegar lá pelas três horas!- explica Fernanda.

Porém Tiago, vendo a decepção dos amigos, tem uma idéia: - *Fala sério, galera...* Eu vou procurar na biblioteca do Vô um livro sobre o Patrocínio... Aí a gente fica sabendo tudo o que aconteceu com ele!

- Falou, cara... – concorda Gustavo – Porque nas aulas de História, muito pouco aprendi sobre a vida dele.

Tiago dispara para dentro de casa.

- Mas não é a mesma coisa! resmunga Marineide O *barato* é a gente poder VER!!! E amanhã não dá...?!
 - Já se esqueceu de que amanhã meus pais chegam à noite...?! lembra Bianca.
 - É... As férias estão terminando... Que *droga!...* fala Fernanda tristonha.

Animado, Tiago chega trazendo um grosso livro: - Achei, *galera*! Está tudo aqui! – e sentando-se no chão, abre o livro no colo. Os outros o rodeiam, aguardando curiosos a leitura esclarecedora sobre a vida de José do Patrocínio.

Virando as páginas, procurando onde deveria começar, Tiago se empolga: - Pronto meninas... Achei! Mas, primeiro, vamos tomar conhecimento dos fatos que antecederam ao casamento dele com a Bibi! - e tomando ares de professor, ele dá início à leitura:

- "Após ingressar na "Gazeta de Notícias", a estrela de José do Patrocínio começou a aparecer. Com Demerval da Fonseca publicava "Os Ferrões" quinzenário que saiu de 1° de Junho a 15 de outubro de 1875, formando um volume de dez números, sob os pseudônimos Notus Ferrão e Euros Ferrão."
- Mas que nomes mais engraçados eles foram escolher!... interrompe rindo a Fernanda.

Aborrecido com o comentário inconveniente, Tiago reclama: - Se é pra fazer gracinhas, eu *tô vazando*!

- Fala sério, primo... Não tive a intenção de atrapalhar... Só achei graça, nada demais! Continua... Tá legal a história!
- *Tá falado...* Como eu ia lendo... "Um ano depois, quando José do Patrocínio comunicou ao Capitão Emiliano Rosa Sena suas intenções de casar com sua filha Bibi, este se sentiu revoltado e opôs-se tenazmente a tal pretensão, achando-a absurda. Contudo, com o decidido apoio de seu enteado João Rodrigues Pacheco Vilanova e a forte aprovação de sua esposa, mãe de Bibi, o capitão acabou por aceitar o pedido de casamento e assim, José do Patrocínio e Bibi finalmente se casaram."
 - Caraca... Legal... Eles conseguiram! exclama satisfeita a Marineide.
- Foi um amor lindo!... aprova Bianca *Fala sério*... Enfrentar o preconceito, naquela época, no meio da sociedade branca, não deve ter sido fácil!
- *Legal* sim, prima... Tiago concorda meio irritado com os comentários Mas vamos deixar de romance bobo e continuar com a leitura!!!
 - Fala sério, cara... apóia Gustavo Vamos conhecer o lado sério da História!

Ligeiro Tiago continua: - "Mais tarde, Patrocínio obteve a seu cargo a "Semana Parlamentar", que assinava com o pseudônimo Prudhome e, em 1879 iniciou a campanha pela Abolição. Em torno dele formou-se um grande coro de jornalistas e oradores, entre os quais, Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubaldino do Amaral, Teodoro Sampaio, Paula Nei, Ferreira de Menezes, este da "Gazeta da Tarde", constituindo a "Associação Central Emancipadora"... Em 1881, com o falecimento de Ferreira de Menezes, José do Patrocínio passou para a "Gazeta da Tarde", assumindo o seu lugar. E, pouco depois, com a ajuda do sogro, comprou a gazeta e fundou a "Confederação Abolicionista", redigindo seu manifesto assinado também por André Rebouças e Aristides Lobo.

- Carácolis interrompe Fernanda Então o sogro acabou gostando dele!
- Outra vez...?! Não!!! Pára de me interromper, prima! exclama Tiago Vou continuar pela última vez, meninas!.
- *Caraca*, primo! Você parece até meu professor de História... *Falou*... Continua porque nós também estamos querendo saber tudo!!!
- Fazer o quê, Tiago...? Meninas são assim mesmo, não conseguem ficar com a boca fechada!... fala rindo Gustavo Manda ver!
- Bem... Continuando: "Assim, de 1879 a 1888 José do Patrocínio lutou incansavelmente pela libertação dos escravos. Em 1887 deixou a Gazeta da Tarde fundando a "Cidade do Rio", favorecendo e incentivando os maiores nomes do jornalismo brasileiro,

na luta contra a escravidão. E foi da tribuna da "Cidade do Rio" que ele saudou o advento da Abolição em 13 de maio de 1888, pelo qual ele tanto lutara."

- Bárbaro... Legal mesmo uma pessoa conseguir realizar o sonho de sua vida! comenta Gustavo E o quanto nós, da raça negra, devemos a ele!!!
- E depois desse sonho, o que mais ele conseguiu fazer...? quer saber Marineide Lutou pela República...?!
- Não... responde Tiago O que diz aqui é o seguinte: "Em 1889 Patrocínio não teve parte na República e por se opor tenazmente contra Floriano Peixoto, foi desterrado para Cucuí, sendo suspensa a publicação da "Cidade do Rio". Para evitar agressões, ele teve que se refugiar, participando pouquíssimo da política.
- Coitado dele!... diz Fernanda penalizada *Fala sério*... Deixaram o *cara* de lado depois do muito que ele fez!
- É verdade, prima... concorda Tiago, olhando o final do texto E pelo que está escrito aqui, não teve um fim de vida feliz...
 - Por que...? O que aconteceu...?! todos se interessam em saber.
- Aqui diz que ele era "um grande admirador de Santos Dumont e que nutria o desejo de um dia também poder voar. Assim, construiu um balão, ao qual deu o nome de "Santa Cruz" com a intenção de realizar seu novo sonho..."
 - E ele conseguiu voar...?! interrompe Bianca.
- Não... finaliza Tiago a leitura "Desafortunadamente, em meio a um discurso que ele fazia em homenagem a Santos Dumont, foi acometido de uma hemoptise, morrendo pouco depois aos 51 anos de idade, vítima da tuberculose. José do Patrocínio é considerado o maior de todos os jornalistas da Abolição."
- Que história incrível!!! comenta Gustavo emocionado Ele não merecia sofrer o que sofreu por causa do Floriano Peixoto. Uma grande injustiça!!!
- *Falou, cara...* ia dizendo Tiago, quando eles foram alertados da chegada de Ernesto e Margarete pelo som da buzina que se fazia ouvir ao longe...
- E a parte da tarde até o anoitecer foi exclusivamente dedicada aos vídeos mostrando as maravilhas da Chapada dos Guimarães.

Marineide que também havia sido convidada para a exibição dos mesmos, acabou por dormir junto com as gêmeas, em seu quarto. Seria a despedida dos cinco amigos.

Porém, olhar toda beleza daquela região, ao invés de alegrar os meninos e as meninas, os deixou tristes e acabrunhados...

- Mas... Vocês não gostaram dos vídeos...?! perguntou decepcionado o avô.
- Não gostaram de conhecer o trabalho que realizamos aqui na Chapada...? quer saber Margarete igualmente decepcionada.
- Fala sério, Vô... Gostamos muito!!! exclamou ligeiro Tiago, sendo acompanhado em coro pelos demais Adoramos, tia!!!
 - Mas então... surpreende-se Margarete Por que a tristeza...?!

Mais uma vez em coro eles responderam: - Porque estão acabando as férias mais maravilhosas de nossas vidas!!!

- Então eu acertei! Mandei fazer uma cópia dos vídeos para cada um de vocês levarem para casa! - diz o avô agora sorridente.

- Carácolis, Vô... Você é demais! — e com alegria, Bianca atira-se nos braços deste. Assim felizes com a surpresa, todos seguiram para a varanda. Em meio a comentários sobre o que acabaram de assistir, foram se despedindo da noite exuberantemente estrelada da Chapada dos Guimarães...

ÚLTIMO CAPÍTULO:

Na manhã seguinte os amigos se levantaram bem cedo de suas camas, com o intuito de se despedirem também da granja que tantas aventuras proporcionara a eles.

Ao chegarem no esconderijo sentiram-se envoltos numa onda de tristeza, tomados de enorme desejo de se lançarem mais uma vez ao desconhecido, através da pedra encantada.

- Não podemos nos despedir do Ita Verá...?! pergunta Bianca.
- Fala sério, prima... E se a Vó nos chamar para arrumarmos as nossas coisas...? preocupa-se Tiago.
- Ela não vai chamar, *cara*... Nós só vamos embora depois de amanhã! contesta Gustavo.
 - Será que não dá para uma última viagem...?! Fernanda sugere ansiosa.
 - Eu também gostaria de uma última viagem! insiste Marineide.
- Com as meninas pedindo o mesmo com tanta insistência, Tiago acaba por concordar: *Tá legal...* Vamos arriscar!... E onde vocês querem *zoar...*? Tem que ser uma viagem curtinha!

Cada um opinou sem que chegassem a nenhuma decisão. De repente, o próprio Tiago tem uma idéia diferente: - *Galera*... Se a maior parte das nossas viagens foi através do dinheiro... Que tal conhecermos a origem do cifrão...?!

- Cifrão...?!!! espantam-se as meninas Fala sério... Que coisa mais sem graça!!!
- Pois fiquem sabendo *suas bobonas*, que a história, pelo pouco que eu li no livro, é bem interessante!...
 - Tem certeza, cara...? duvida Gustavo.
 - Fala sério... Só viajando... Não posso afirmar nada! confessa Tiago.
 - Então vamos *vazar* duma vez, porque o tempo tá correndo! avisa Fernanda.
 - Falou, prima... Vamos fazer a nossa última invocação!

E o Portal do Tempo se abriu novamente para eles...

Assustados, perceberam que se encontravam num lugar completamente estranho... Tranqüilas águas azuis, de um mar desconhecido, deslizavam entre duas montanhas rochosas, que brilhavam à luz de um sol radiante. O céu de um azul bem profundo, despido de nuvens, emoldurava a bela paisagem surpreendente...

Eles estavam ao pé de uma das montanhas... E, pela primeira vez, sentiram medo... O lugar era muito diferente das paisagens brasileiras.

- Onde será que estamos...? – questiona Fernanda preocupada.

Tiago apreensivo recorda-se do que havia lido no livro da Casa das Moedas do Brasil: - *Galera... Fui mal...* Acho que estamos muito longe de casa... È o...

- Estreito de Gibraltar!!! interrompe Gustavo Acho que já vi uma foto daqui, mas não me lembro quando, nem aonde.
 - Falou, cara... São as famosas Colunas de Hércules.

As meninas se espantam:

- Colunas de Hércules...??? *Caraca*... Estamos assim tão longe...?!

- Fala sério... Acho bom voltarmos para casa!!!
- Carácolis, primo... Você tem que tirar a gente daqui bem ligeiro!!!
- Vocês já se esqueceram de que o Portal só volta a se abrir depois de três horas...?! lembra Tiago bastante preocupado.
 - Então usa da sua pedra encantada!!! lembra Bianca, cheia de medo.

Tiago nervoso confessa que deixou a pedra guardada em casa: - Desculpe, galera... Fui mal!... Coloquei a gente numa roubada!!!

- *Menos, cara...* A culpa é de todos nós... Pois não era para fazermos mais nenhuma viagem! - pondera Gustavo e, tentando desfazer o medo das meninas, sugere: - Já que estamos aqui, vamos ver o que existe nesta região! Vamos *zoar*!!! Isso aqui é muito lindo!



Mais calmos, eles começam a caminhar e, de repente, avistam uma embarcação antiga.

- Galera... Aquilo lá não é um navio!!! exclama Bianca assustada.
- É uma embarcação antiga!!! afirma Marineide *Carácolis...* Será que estamos numa época muito, muito antiga mesmo...???
- E longe do Brasil!!! *Fala sério...* O que vamos fazer agora...?! diz Fernanda com voz sumida, voltando a sentir medo.
- Se pelo menos nós pudéssemos perguntar a alguém onde estamos... preocupase Bianca.
- Galera... Menos... afirma Tiago Já sei o que vou fazer!!! Sei que vou levar uma bronca daquelas... Mas vou pedir ajuda ao Ita Verá!!!

Mal ele acaba de pronunciar o nome do gnomo, este aparece ao lado deles.

- Ita Verá!!!!!!!! exclamam alegremente as meninas ao mesmo tempo.
- Como chegou tão depressa...?! surpreende-se Tiago.

Com um sorriso misterioso, o gnomo responde: - Porque eu estava todo o tempo ao lado de vocês!

- Ao nosso lado...???
- Como assim...??? surpreendem-se todos.
- Eu ia chamá-los para se despedirem de mim lá na minha gruta... Quando ouvi vocês combinando em conhecer a história do cifrão... Calculei que iriam se assustar ao chegarem num local tão longe de seu país e tão distante no tempo... Então, resolvi acompanhá-los, sem que vocês percebessem, para levá-los de volta às suas casas...
- Ita Verá... manifesta-se Fernanda aliviada Você é igual aos nossos pais que estão sempre se preocupando com a gente!
- Falou, carinha... Mas... Gustavo questiona intrigado ao gnomo Por que não se mostrou para nós...?!

Este dá uma sonora risada: - E estragar a aventura de vocês...?! Se não houvessem problemas, a viagem não teria graça, não é verdade...?!

- Falou, amigão!!! concorda Tiago rindo também Então você não está zangado conosco e, principalmente comigo...?! Não vai me dar bronca...???
- Na verdade deveria... Mas, como já terminaram suas férias, e esta é a última aventura de vocês, vou fazer-de-conta que agiram direito!... Não estou zangado!
 - Ita Verá... Você é maravilhoso!!! exclama Bianca com genuína alegria.
- Então... Já que está conosco, poderia nos explicar que época é essa...? pede Marineide Pois a embarcação que passou por aqui, me pareceu bem antiga!

Arqueando as sobrancelhas e balançando a cabeça num gesto de quem está pensando, acaba por responder: - Tem razão, menina observadora!... Mas vou fazer algo melhor para vocês... Vou mostrar a história do cifrão, que vocês tanto desejam conhecer! — e, sentando-se no chão, encostado na montanha, convida os amigos para se sentarem da mesma maneira. Estes estranham a posição, mas obedecem ligeiro.

- Bem... Primeiro vamos nos reportar à Grécia antiga... Observem à sua frente...

Como do nada, surge uma projeção holográfica... Um homem jovem e musculoso, parecendo um deus grego, está olhando para uma grande montanha à sua frente.

- Este, crianças, é o lendário Hércules... – explica o gnomo - Conta a Mitologia Grega que para realizar um dos seus doze trabalhos, ele teria que transpor aquela enorme montanha... O que iria atrasá-lo em sua tarefa, pois seria uma grande escalada... Em virtude disso, para não perder tempo, Hércules resolveu abrir um caminho mais fácil... Vejam agora, meus pequenos amigos, o que ele fez!

Hércules, com os músculos bem retesados, estava levantando a pesadíssima e indestrutível maça, que sempre levava consigo... Em poucos momentos, com certeiros golpes ele racha a montanha ao meio, deixando as duas partes lado a lado.

Como num passe de mágica, a visão se desfaz... Os cinco espectadores, assombrados com a gigantesca força de Hércules, permanecem em silêncio ouvindo atentamente a continuação do relato de Ita Verá.

- Dessa maneira, Hércules ligou o Mar Mediterrâneo ao Oceano Atlântico, abrindo passagem para ele, a tempo de cumprir sua missão e deixando para trás estas duas montanhas que vocês estão vendo...

- Mas isso é uma lenda, não é...?! pergunta Marineide.
- Sim, minha menina... É uma história da Mitologia Grega! responde o gnomo, apreciando a atenção dos pequenos amigos Mas... Concluindo... O grande rochedo, este no qual nós estamos encostados, mais tarde tomou o nome de Gibraltar, e aquele do outro lado, ficou sendo chamado de Monte Acho. E as duas montanhas, assim separadas, ficaram conhecidas como "As Colunas de Hércules".
 - Que legal... Ver o famoso Hércules em ação!...
 - Por esta eu não esperava!
 - Fala sério... Que visual irado essa projeção holográfica!!!

Assim, entre vários comentários eles aguardam o restante da história.

- Mas... Não entendo... fala Tiago O que Hércules tem a ver com a história do cifrão?!
 - Hum... Finalmente! diz Ita Verá, com um sorriso de satisfação.
 - Finalmente...?! espanta-se o menino Por quê...???
- Porque eu estava esperando para ver se vocês iriam perceber que esta lenda grega tem relação com a origem do cifrão.
- Mas então conta para nós o que ela tem a ver com o dinheiro! pede Tiago, muito interessado.

E tomados de uma curiosidade bem maior, os amigos aguardam em silêncio que o gnomo explique como tudo aconteceu.

- Bem... Foi assim: No ano 711 da era cristã, portanto, no século VIII, um grande general árabe, Djebel, cognominado de Djebel-el-Tarik, que quer dizer "O Conquistador" desembarcou neste rochedo às nossas costas...
 - Não foi ele quem conquistou parte da Europa...? interrompe Gustavo.
 - Exatamente... confirma o gnomo Então vocês conhecem a história!
- Do cifrão não!!! apressa-se a dizer Tiago Nós aprendemos no colégio sobre a conquista árabe, sobre o grande General e nada mais!
- Pois então observem as novas projeções holográficas que vão surgir e escutem com atenção o que vou contar! diz Ita Verá entusiasmado com o interesse demonstrado pelos pequenos amigos.

E mais uma visão aparece na frente deles... Bem distante estavam os dois rochedos... Gibraltar e Monte Acho. Várias embarcações antigas iam sendo atracadas junto ao primeiro.

- Ali estava concentrado todo o exército de Tárique...
- Tárique...? interrompe Fernanda Quem era?!
- É um outro nome pelo qual também era conhecido o general árabe.

Num relance, bem próxima ao grupo, uma outra projeção acontece... Um árabe com um grosso turbante envolvendo sua cabeça e vestido com uma roupagem estranha, certamente apropriada para guerra, ordenava a alguns comandados em sua língua pátria.

Evidente que os viajantes nada poderiam entender, portanto, Ita Verá faz a tradução simultânea para o português:

"Tão logo toda a frota esteja atracada, desembarquem os comestíveis e tudo o mais que for necessário à sobrevivência em terra.... Em seguida ateiem fogo nas embarcações! Que não sobre nenhuma inteira!!!"

- General Tárique... Queimar todas as nossas embarcações...???! perguntam incrédulos os comandados.
- Façam o que estou ordenando e, tão logo restem apenas cinzas, reúna todo o meu exército. Quero falar aos meus soldados!"

Desaparecendo a visão, os viajantes do tempo se manifestam surpresos.

- Caraca!!! Por que o Tárique mandou fazer isso...?!
- Fala sério... Não estou entendendo nada!!!
- Pois prestem atenção ao que vai acontecer.

Uma imensa fogueira surge em uma projeção, ao sopé do rochedo distante...

As embarcações ardiam soltando rolos de fumaça. Bem à frente dos estupefatos viajantes do tempo, uma outra projeção mostrava o exército de Djebel, em terra, amontoando-se distante do dantesco espetáculo, com grande alarido.

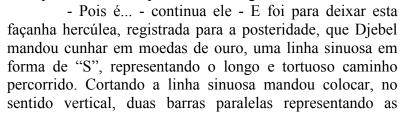
A figura do General, desembainhando sua espada, cujo punho era de ouro cravejado de pedras preciosas, se impõe sobre a turba que, em poucos instantes, se ordena num profundo silêncio. Brandindo acima da cabeça a sua espada, Tárique com voz possante se faz ouvir longe:

- "Irmãos pelo Islã!... Temos agora o inimigo pela frente e o mar profundo por detrás. Não podemos voltar para o nosso lar, porque queimamos os nossos barcos. Agora só nos resta derrotar o inimigo ou morrer de forma cobarde, afogando-nos no mar... Quem me seguirá...?!"

Após um rápido murmúrio, o exército em peso apóia seu comandante, bradando vivas a Djebel-el-Tarik.

As projeções se desfazem e os cinco amigos permanecem calados, impressionados com o que acabaram de assistir. Até que Tiago rompe o silêncio.

- Fala sério... Que incrível!!! Nunca imaginei que isso tivesse acontecido assim!
- Nenhum de nós... responde Gustavo por todos Bombástico!!!
- Mas, Ita Verá, onde entra o cifrão nessa história...? pergunta Bianca.
- Bem... responde este Antes de chegar às Colunas de Hércules, o General ao partir da Arábia, já havia passado pelo Egito, pelos desertos do Saara e da Líbia, atravessado a Tunísia, Argélia e Marrocos... Assim, tendo cruzado o Estreito das Colunas de Hércules, Tárique entrou como um tufão pelo sul da Espanha, dominando grande parte da Europa... Dando início ao conhecimento, pelo Continente Europeu, da cultura árabe. Cultura essa que mais tarde se espalhou pelo mundo, com as conquistas européias. Especialmente dos portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses.
 - Caraca!... exclama Marineide Que viagem!!!
 - Quanta volta esse general deu... Fala sério! diz Fernanda.
 - Pois é... "galera"... Como vocês costumam dizer... fala Ita Verá rindo, sendo acompanhado no riso pelos cinco amigos.





Colunas de Hércules, que significavam força, poder e perseverança...

- Fala sério... interrompe Tiago com satisfação Agora estou me lembrando!... Foi isso mesmo que eu li no livro!... O cifrão foi invenção do Tárique!
- Exatamente... confirma o gnomo, retomando a narrativa E o símbolo, gravado dessa maneira na moeda, passou a ser conhecido em todo o mundo como cifrão, representação gráfica do dinheiro.
 - Falou... Mas por que o nome cifrão...? pergunta Fernanda.
- Porque vem da etimologia árabe "cirf", assim como o nome Gibraltar que se origina também do árabe "Djebel".
 - Então o nome Estreito de Gibraltar é homenagem ao Tárique! conclui Bianca.
- Exatamente! confirma Ita Verá E o que acharam dessa viagem de despedida...?
 - O maior *barato!!!*

E, repentinamente tristes, eles lamentam.

- Pena que acabaram as férias...
- Mas será que no ano que vem poderemos *zoar* de novo pelo tempo...?

Ita Verá olha para eles em silêncio... Os amigos ficam em suspenso, esperando sua resposta...

Bem... "galera"... Foi um grande prazer para mim, conhecê-los. Cativaram a minha amizade e sempre serei amigo de vocês... Mas...

Desconfiado de uma resposta negativa, Tiago pergunta ansioso: - Mas o quê, Ita Verá...?!

- Ainda este ano vocês dois... dirigindo-se aos meninos completarão 13 anos... Não é isso ?!
 - Sim... E o que isso quer dizer...? indaga Gustavo apreensivo.

Sem responder ainda, o gnomo dirige-se às gêmeas: - E vocês duas no ano que vem... Estou certo...?

- Sim... Mas por quê...?!
- Porque 13 anos é a idade limite para o término da infância. Vocês quatro se tornarão pré-adolescentes... Apenas a mente infantil consegue imaginar o que existe além da realidade... Portanto, só a Marineide ainda poderá me enxergar... O mundo da imaginação não pertence aos adolescentes e adultos.
- Oh, Ita Verá... Isso é uma *roubada*!!! revolta-se Tiago Não poder mais ver você, nem viajar pelo tempo!!!
 - Nem voltar naquela gruta fantástica!!! acrescenta Gustavo.

Olhando desapontada para o gnomo, Bianca lamenta: - Deixar de *zoar* naquelas aventuras *bombásticas...*

- Será que vamos ficar enjoados que nem o nosso irmão adolescente...?! - questiona pensativa a Fernanda.

Ita Verá vendo a grande tristeza estampada no rosto de seus pequenos amigos proporciona um último passeio: - Sei que já está na hora de vocês retornarem, porém vou fazer a viagem de volta diferente... E chamando o Portal do Tempo, transporta inesperadamente os viajantes para a sua gruta.

- Pronto... É aqui que vamos nos despedir! – diz o gnomo, emocionado, abraçando a cada um.

- Fala sério, Ita Verá... Que despedida maravilhosa... Voltar a este lugar fantástico!!!
 - Nós nunca iremos nos esquecer de você!!!
 - Eu vou guardar bem dentro da minha memória essa gruta incrível!!!
 - Eu também!!! Você será para sempre o nosso querido amigo misterioso!...
- E será que eu poderei me encontrar um dia com você...? pergunta Marineide esperançosa.
- Talvez... Quem sabe...?! responde o gnomo comovido com a demonstração de carinho dos pequenos amigos Mas agora, está na hora de vocês irem embora! Ao saírem daqui, todas essas lembranças ficarão para trás... O mundo da realidade está esperando por vocês!

E sem permitir que eles fizessem qualquer gesto, ou dissessem qualquer palavra, o gnomo os transfere imediatamente ao local do esconderijo.

Atordoados, eles se vêem sentados, semi-adormecidos, encostados na grande pedra que ocultava a "plataforma de lançamento"...

- Que estranho... O que nós estamos fazendo encostados aqui na pedra...?! questiona Bianca.
- Fala sério... Eu também não sei... Parece que eu dormi uma eternidade! diz Gustavo se espreguiçando.
- *Galera...* concorda Tiago Eu também tenho a sensação de ter dormido um sono profundo.
- Pois eu tive um sonho maravilhoso! exclama Marineide Sonhei que era amiga de um gnomo que vivia numa gruta fantástica... E que eu viajava de um lado para o outro através do tempo!...
- Que *legal!* fala Fernanda Eu também acho que dormi bastante, mas não sonhei nada, nadinha!...

Neste momento eles se assustam com a chegada inesperada do irmão das gêmeas, falando alto: - Não acredito!!!... O que estão fazendo sentados aqui, que nem uns *bobocas*...? Com essas caras aparvalhadas, até parece que acabaram de acordar!!!

- Cara...Você aqui...?! Quando chegou...? pergunta Tiago surpreso.
- Agora mesmo!
- Mas vocês não vinham só à noite...?! admira-se Bianca.
- O pai mudou de idéia... Andem logo!!! e dirigindo-se a Gustavo participa Seus pais também estão aqui!

Preguiçosamente os cinco se levantam... E levam um susto! As moedas antigas que ganharam do avô, caem de seus colos, sem que eles as tivessem colocado ali.

- Como essas moedas vieram parar aqui...?! - assusta-se Marineide.

E Tiago, sentindo que apertava entre os dedos da mão direita a sua pedra especial, olha estarrecido para o talismã, afirmando: - *Caraca...* Não me lembro de ter trazido a minha pedra, nem a moeda... Tenho certeza de que deixei as duas guardadas junto com o livro da Casa da Moeda.

- *Carácolis*, primo... A minha também estava na gaveta da cabeceira!!! diz Fernanda sentindo-se confusa.
 - E junto com a minha!!! confirma Bianca.

Eles se entreolham intrigados...

- Aliás, na verdade, nem sei o que estávamos fazendo sentados aqui!... - fala Gustavo, balançando a cabeça.

Arnaldo olha surpreso para eles, caindo na risada: - *Fala sério*, criançada... Estão querendo fazer uma cena teatral...? Que ridículo!!! Vamos deixar de *gozação* com o meu teatro e *vazar* ligeiro pra casa... Porque todos estão doidos de saudades de vocês!

- Não é *gozação* com você, não... afirma séria a irmã Só me lembro de que viemos fazer uma excursão de despedida!...
- Excursão de despedida...? exclama Arnaldo rindo ainda mais Vocês faziam excursões aonde...?!
 - Caraca, mano... responde Fernanda Exploramos a granja toda!
- Seu primo inventou *um monte* brincadeiras... *Zoamos* bastante! acrescenta Marineide.
- Vou fazer que acredito, seus preguiçosos... Mas, quero uma prova!... Se for verdade que são excursionistas, quero ver se me alcançam! e sem esperar que as crianças se recuperem da confusão que estavam sentindo, Arnaldo sai disparado na frente.

Não demora muito ele enxerga os pais que vinham à procura deles e, ofegante pela corrida, grita avisando: - Eu os encontrei escondidos lá atrás!

- E por que toda essa correria...?!
- É um teste para excursionistas! fala o adolescente parando ofegante em frente ao grupo e, soltando uma risada, conta o que vira: Com toda esta granja pra brincar, sabem o que os *bobocas* estavam fazendo...?!
 - O quê...?! perguntam curiosas as mães.
 - Dor-min-do!!! Encostados na pedra grande!

FIM

Mariza Bandarra